

Carnide e as práticas culturais.

O Teatro como estudo de caso.

Pedro Miguel Estima Fernandes

Trabalho de Projecto

de Mestrado em Práticas Culturais para os Municípios

[Versão corrigida e melhorada após defesa pública]

Setembro 2018

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Práticas Culturais para os Municípios realizado sob a orientação científica de Carlos Vargas.

O presente trabalho não respeita o Novo Acordo Ortográfico.
Este trabalho toma como referência a Norma Portuguesa (NP405).

AGRADECIMENTOS

O meu profundo agradecimento a todos que amavelmente reconheceram a importância de se fazer um trabalho que tentasse ser uma mais-valia na atenção dada ao teatro e à cultura. Em primeiro lugar ao meu orientador, Professor Carlos Vargas, o qual sempre se mostrou disponível e preparado para ir à luta. Ao Professor António Camões Gouveia, que me orientou nos primórdios da minha imaginação de vir a fazer um trabalho desta natureza.

À minha família que é de extrema importância e sempre me apoiou nas minhas escolhas.

Agradeço ao Ricardo Costa. E aos meus amigos.

Agradeço a amabilidade também dos principais interlocutores deste trabalho Rita Martins, João Borges de Oliveira, Paulo Quaresma, Paula Granja, Maria João Trindade , Ana Pestana, Maria Gil, Paolo Gorgoni e Ana Enes.

Aqui deixo o meu pequeno contributo.

Carnide e as práticas culturais.

O Teatro como estudo de caso.

Pedro Miguel Estima Fernandes

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Carnide, Teatro, democracia cultural, freguesia, práticas culturais, democratização, públicos, comunidade, cultura.

Este trabalho procura analisar as formas de dinamização e valorização do Teatro pelo poder autárquico no contexto da freguesia de Carnide, no tempo compreendido entre 2011 e 2017. As práticas culturais promovidas pelas autarquias locais desenvolvem-se na tentativa de encontrar resposta(s) às aspirações e necessidades da comunidade(s) envolvente(s). Esta investigação procura reunir exemplos práticos dessas movimentações sociais que coincidem: responsáveis autárquicos, representantes associativos e diferentes públicos. Na relação entre teatro e comunidade, são representadas lógicas de democratização e democracia cultural.

ABSTRACT

KEYWORDS: Carnide, Theater, cultural democracy, parish, cultural practices, democratization, publics, community, culture.

This investigation aims to analyze ways of stimulation and enhancement of Theater by the local parish between 2011 and 2017. The cultural practices promoted by the local parishes are developed in an attempt to meet the community aspirations and needs. This research seeks to gather practical examples of these social movements which match: local parishes, associations representatives and different types of public. The democratization and cultural democracy are explored in the relationship between theatre and the community.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	3
Resumo	4
Índice	5
Lista de Abreviaturas	10
Introdução	11
Metodologia de Investigação	12
1 A freguesia de Carnide	14
1.1 História local: a freguesia de Carnide e o movimento associativo.....	14
1.2 O poder local: a Junta de Freguesia de Carnide	17
1.2.1 Políticas públicas para a Cultura.....	17
1.2.2 Exemplos de práticas culturais	18
1.2.3 O movimento associativo ligado às artes do espectáculo	26
2 Teatro de Carnide.....	28
2.1 História da associação.....	28
2.2 Missão, visão e estratégias	30
2.3 Programação [entre 2011-2017]	31
2.4 Perfis dos públicos/ oferta por público-alvo	35
2.5 Financiamentos.....	36
3 Carnide e o teatro	37
3.1 A importância da cultura	37
3.2 Da democratização à programação cultural.....	40
3.3 O teatro ao serviço da democracia cultural	50
3.4 Os poderes públicos e o teatro local	53
3.4.1 As expectativas, as experiências e envolvimento.....	53

3.4.2	Projectos educativos	55
3.4.3	O Centro Cultural de Carnide	57
	Considerações Finais	60
	Bibliografia activa	64
	Bibliografia passiva	73
	Legislação.....	77
	Webgrafia	77
	Índice de Anexo	79
	Anexo 1 – Tabelas de programação teatral da freguesia de Carnide (2011-2017)....	79
	Anexo 1.1. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2011)	80
	Anexo 1.2. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2012)	82
	Anexo 1.3. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2013)	84
	Anexo 1.4. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2014)	86
	Anexo 1.5. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2015)	88
	Anexo 1.6. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2016)	90
	Anexo 1.7. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2017)	91
	Anexo 2. Gráficos da programação localizada no espaço TC- Teatro de Carnide/Sociedade Dramática	92
	Anexo 2.1. Gráfico I - Número de Sessões e Acções de Teatro no TC por Ano (2011- 2017).....	93
	Anexo 2.2. Gráfico II - Número de Sessões no TC por Eixo (2011-2017)	94
	Anexo 2.3. Gráfico III - Percentagem de Sessões no TC por Eixo (2011-2017)	95
	Anexo 2.4. Gráfico IV - Percentagem de Sessões por Tipologia (2011-2017).....	95
	Anexo 2.5. Gráfico V - Número de Sessões no TC por Tipologia (2011)	96
	Anexo 2.6. Gráfico VI - Número de Sessões no TC por Tipologia (2012)	96

Anexo 2.7. Gráfico VII - Número de Sessões no TC por Tipologia (2013)	97
Anexo 2.8. Gráfico VIII - Número de Sessões no TC por Tipologia (2014)	97
Anexo 2.9. Gráfico IX - Número de Sessões no TC por Tipologia (2015)	98
Anexo 2.10. Gráfico X - Número de Sessões no TC por Tipologia (2016)	98
Anexo 2.11. Gráfico XI - Número de Sessões no TC por Tipologia (2017)	99
Anexo 3. Gráficos da programação teatral na freguesia de Carnide.....	100
Anexo 3.1. Gráfico XII - Número de sessões e acções de teatro na freguesia de Carnide por ano (2011-2017)	101
Anexo 3.2. Gráfico XIII - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2011)	101
Anexo 3.3. Gráfico XIV - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2012)	102
Anexo 3.4. Gráfico XV - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2013)	102
Anexo 3.5. Gráfico XVI - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2014)	103
Anexo 3.6. Gráfico XVII - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2015)	103
Anexo 3.7. Gráfico XVIII - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2016)	104
Anexo 3.8. Gráfico XIX - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2017)	104
Anexo 3.9. Gráfico XX - Número de sessões e acções de teatro do eixo acolhimento na freguesia de Carnide por ano (2011-2017)	105
Anexo 3.10. Gráfico XXI - Número de sessões e acções de teatro do eixo comunitário na freguesia de Carnide por ano (2011-2017)	106

Anexo 3.11. Gráfico XXII - Número de sessões e acções de teatro do eixo criação na freguesia de Carnide por ano (2011-2017)	107
Anexo 4. Tabelas e Gráficos do número de sessões e acções por produtor e localização exacta na freguesia de Carnide (2011-2017)	108
Anexo 4.1. Tabela I – Número de Sessões e Acções por Produtor (entre 2011-2017).....	109
Anexo 4.2. Gráfico XXIII - Percentagem de sessões por produtor na freguesia de Carnide (entre 2011 e 2017)	116
Anexo 4.3. Gráfico XXIV - Percentagem de acções por produtor na freguesia de Carnide (entre 2011 e 2017)	117
Anexo 4.4. Tabela II - Número de Sessões e Acções por Localização (entre 2011-2017).....	118
Anexo 5. Mapa das onze localizações com maior número de sessões na freguesia de Carnide	122
Anexo 6. Tabela III – Programação do CCC.....	123
Anexo 7. Lista das entrevistas realizadas no decorrer da investigação (nome, entidade,cargo, data da entrevista)	130
Anexo 8. Notas Biográficas dos Entrevistados.....	131
Anexo 9. Entrevistas e Questionários realizados.....	137
Anexo 9.1.Entrevista a Ana Pestana – Produtora e Programadora do CCC	138
Anexo 9.2. Entrevista a João Borges de Oliveira - Técnico Superior/Equipa da Boutique da Cultura	159
Anexo 9.3. Questionário a Maria Gil – Diretora artística do Teatro do Silêncio...	181
Anexo 9.4. Entrevista a Maria João Trindade – Actriz e Programadora da Associação Lua Cheia – Teatro para todos.....	190
Anexo 9.5. Questionário ao Paolo Gorgoni - Técnico da área cultural da JFC.....	214

Anexo 9.6. Entrevista a Paula Granja – Secretária com os pelouros da Cultura e gabinete do Idoso da JFC.....	220
Anexo 9.7. Entrevista a Paulo Quaresma – Presidente da Junta de Freguesia de Carnide, de 2002 a 2013.	244
Anexo 9.8. Entrevista a Rita Martins - Directora de Produção/Programadora/Actriz do TC.....	259
Anexo 10. Questionário a Gonçalo Ferreira (Coordenador da área cultural da JFC) respondido por correio electrónico a 18 de Outubro de 2017.	279
Anexo 11. Cartografia dos Equipamentos para a realização e formação teatrais ...	281

LISTA DE ABREVIATURAS

BC - Boutique da Cultura

CCC - Centro Cultural de Carnide

CCF - Centro Cultural Franciscano

CML - Câmara Municipal de Lisboa

JFC - Junta de Freguesia de Carnide

TC – Teatro de Carnide/Sociedade Dramática

TS - Teatro do Silêncio

JI's – Jardins de Infância

AEC's- Actividades de Enriquecimento Curricular

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de projecto pretende analisar as práticas culturais no envolvimento da Junta de Freguesia de Carnide (JFC) com os agentes, associações e instituições locais vocacionados para as artes cénicas. Pode uma Junta de Freguesia ser uma mais valia efectiva na produção e promoção das actividades teatrais? Como pode o teatro potenciar a válida tarefa de elevar o nível intelectual da comunidade e ser um pólo de referência no que diz respeito à fruição cultural? Que incentivos recebem os agentes locais nesta actividade dadas as dificuldades agravadas por momentos de crise económica? Perceber se as práticas teatrais estão contextualizadas com as vontades e necessidades da população envolvente e, se pode uma Junta de Freguesia construir uma comunidade, tudo isto são os principais objectivos deste trabalho de investigação.

Neste contexto, é importante perceber a relação que a Junta de Freguesia de Carnide estabelece com os criadores e promotores de teatro na freguesia e perceber que cruzamento de interesses, que expectativas e experiências concretas do tecido social ocorrem.

Pensar no conceito de «Freguesia» remete para a «sua origem, para a ligação entre as *ecclesias*, as comunidades regulares de fiéis, que sob a orientação político-administrativa de um pároco tomavam decisões alegando interesses colectivos comuns. Mas é a partir de 1978 (até aos dias de hoje) que a Freguesia configura a autarquia local de nível inferior» (Pinto, 1993, 15-16).

Concretamente, após a feitura da Constituição da República Portuguesa em 1976, com a inerente vontade de descentralizar e autonomizar o poder, refere o art.º 237º, nºs 1 e 2 que «A organização democrática do Estado compreende a existência das autarquias locais» e designa-as como «pessoas colectivas territoriais, dotadas de órgãos representativos que visam a prossecução de interesses próprios das populações respectivas» (Constituição da República Portuguesa, 1978, 111-112).

Todavia, foi pelos finais da década de 1990 do século XX que a administração central, através de um Programa Operacional de Cultura apoiado pela União Europeia e desenvolvido pelo Ministério da Cultura, implementou projectos de construção e requalificação de equipamentos culturais já existentes, no sentido de promover uma

descentralização das actividades culturais e artísticas pelo território português.¹ Na mesma perspectiva de descentralização, paulatinamente, nos últimos anos, foi possível observar a transferência de atribuições e competências das Câmaras Municipais para as Juntas de Freguesia. As últimas vêm-se na actualidade confrontadas com um conjunto maior de responsabilidades, quer ao nível da pronta resposta às dificuldades concretas do quotidiano dos indivíduos, quer ao nível de um trabalho em prol de uma sociedade justa e aprazível dada a diversidade de interesses das comunidades contemporâneas, as quais, que de forma paradoxal, se vêm revelando mais individualistas ao mesmo tempo que imersas no mundo global. Há, contudo, uma certa «não distinção entre as atribuições das freguesias e as atribuições dos municípios, de onde resulta que estes dois níveis autárquicos têm acesso às mesmas áreas de intervenção havendo por referência em relação a cada um deles a escala da sua própria dimensão geográfica, a competência dos órgãos respectivos e a diferente capacidade financeira.» (Pinto 1993, 34).

No que se refere à actividade teatral em relação com a comunidade, alguns estudos têm demonstrado que o teatro tem vindo a ganhar importância para o associativismo cultural português.² As associações que surgiram numa primeira fase ligadas à música, logo de seguida proliferaram os seus interesses por novas áreas de actividade. Contudo, muitas delas demonstram na actualidade dificuldades de subsistência, excepto aquando destinadas a práticas desportivas.

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Para a exposição analítica do estudo de caso, foi delineada uma estratégia metodológica que combina diversos instrumentos de investigação: bibliografia académica e livros de história local, documentação institucional, entrevistas e inquéritos.

¹ Cf. Carlos Vargas, *Construir Teatros e Cine – Teatros em Portugal: Novos palcos para os artistas, novos espectáculos para o público*, pp. 1-7.

² Como são exemplo os casos levantados no âmbito da obra *Associativismo Cultural em Cascais*, de João Pinheiro e Rui Telmo Gomes, pelo Observatório das Actividades Culturais.

No que se refere ao primeiro, a pesquisa de dissertações, trabalhos de projecto, artigos científicos, assim como, livros de história local e periódicos que reflectem a actividade cultural e artística da freguesia, em particular, críticas à actividade teatral.

Numa segunda fase, a leitura de fontes institucionais impressas ou digitais de boletins informativos, planos de actividades, dados estatísticos (por exemplo através do *Census*), orçamentos, legislação, protocolos assumidos entre a Junta de Freguesia de Carnide com as associações locais; nomeadamente, protocolos de cedência de espaços, relatórios de contas, entre outros.

Numa terceira fase, a consulta de arquivos documentais, em específico, pertencente ao TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática, incluindo programas e outros documentos de acesso público. Para concluir, serão realizadas entrevistas semi-directivas dirigidas aos executivos autárquicos e aos dirigentes associativos.

Para o arco temporal do trabalho delimitou-se um período que compreende os anos entre 2011 e 2017. Optou-se por balizar o trabalho tomando como marco a requalificação do antigo Auditório Natália Correia transformado no actual Centro Cultural de Carnide, inaugurado a 24 de Março de 2011, o que pela presente designação do mesmo se apresenta à população como um centro de actividade cultural efectivo e simbólico. O encerramento do período mencionado deve-se ao termo de uma legislatura e início de uma outra, no que diz respeito às últimas eleições autárquicas de 1 de Outubro de 2017, garantindo-se uma distância temporal mínima com o tempo desta investigação. Excepcionalmente para efeitos de uma reconstituição histórica do TC, revelou-se profícuo refenciar a formação da associação, o que nos remete para os primeiros sinais da actividade da associação no ano de 1913.

1 A FREGUESIA DE CARNIDE

O presente capítulo tem como objectivo a caracterização socio-geográfica da freguesia, através de um enquadramento histórico e a demonstração da evolução demográfica de Carnide desde 1900, fazendo referência às principais colectividades históricas inscritas no território e à descrição dos primeiros equipamentos destinados às práticas culturais.

De seguida, pretende-se identificar os agentes e as intenções do poder local para gestão do território no que toca às práticas culturais, mas também, identificar as principais políticas para este sector. Seguem-se exemplos das práticas culturais que estão reflectidas nos meios de comunicação da autarquia, tendo em conta momentos de oscilação. Incluindo a descrição dos principais festejos anuais, programas e referências aos polos de criação da freguesia. E, por fim, identificar lógicas de actuação na relação associativismo – poder local e a matéria dos protocolos assumidos entre eles.³

1.1 História local: a freguesia de Carnide e o movimento associativo

A freguesia de Carnide é uma divisão administrativa do território no concelho de Lisboa. Já integrou o concelho de Belém (entre 1840-1885), posteriormente foi integrada no concelho dos Olivais (durante um ano), mas foi em 1886 que passou definitivamente a fazer parte do município de Lisboa. Entre as outras 24 freguesias (desde a agregação de freguesias, fruto da reforma administrativa de 2012), representa uma considerável extensão (sexta maior da cidade) e população comparativamente, registam-se 19.140 habitantes⁴, situada no extremo norte da cidade.

A população da freguesia sofreu um forte aumento populacional na primeira metade do século XX. Não só reafirmando o êxodo rural, mas sobretudo «devido à desertificação, desde aí crescente, do centro da cidade. Em 1900 registaram-se 1813

³ Não se incluiu neste trabalho a descrição dos orçamentos para a cultura nem o organograma do sector cultural, pelo motivo de que não foram disponibilizados dados suficientemente consistentes para realizar essa análise.

⁴ Dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística: *Census 2011*.

residentes; já em 2011 foram recenseadas 18989 pessoas, sendo que o maior crescimento deu-se entre 1960 e 1981, tendo triplicado o número de residentes.⁵

Este é um território que notoriamente mistura uma construção urbana, moderna, por vezes dispersa, a qual coexiste conjuntamente com um espaço vivamente rural: largos campos cultivados, coretos, quintas agrícolas, restaurantes típicos interligados por famosas azinhagas, estradas antigas do século XIX.

Poderíamos caracterizar a freguesia por uma forte riqueza histórica: os conventos do século XVII, os vestígios da ocupação romana e árabe (como é exemplo os silos para cereais no Alto do Poço), a notória presença do comércio tradicional na zona histórica, as diversas colectividades, uma forte dinâmica cultural e recreativa representada por espaços de lazer, convívio entre agricultores, artífices, serviços e nobres, no fundo locais de concertação social e política, espaços destinados à dinamização social e cultural. Por último, são de notar as variadas quintas da nobreza, que aqui se vieram instalar desde o século XVI, nomeadamente para tentar fugir às destruições causadas pelos terramotos no centro da cidade de Lisboa.

A produção literária centrada na história de Carnide, mistura os factos com um certo lirismo. Descreve uma freguesia em que o espaço nos matiza o olhar, permite-nos reconhecer diversos níveis históricos, mistura uma cultura romântica oitocentista e uma paisagem pitoresca com as novas urbanidades posteriores aos anos 70 e, ainda assim, as vivências e as práticas culturais constroem uma paisagem que transparece organicidade. Num tempo mais recente, Paulo Quaresma⁶, descreve Carnide como um «lugar único e mágico» (JFC, 2011a, 2).

A freguesia é commumente caracterizada pelo discurso político local por ter um forte potencial humano, devido não só ao grande crescimento populacional já enunciado, mas também a uma forte dinâmica e participação cidadã.⁷ Por um lado podemos medi-la pela forte adesão ao voto pelos cardinenses nas eleições «Votaram no domingo dia 5 de Junho, 10.660 cardinenses» (JFC, 2011f, 3), por outro, verifica-se

⁵ Vd. a este respeito Paulo Figueiredo, *Freguesia de Carnide. Um lugar único e mágico*, 2005, p. 188; e, Maria Calado e Vítor Ferreira, *Lisboa: Freguesia de Carnide*. 1991. p. 23.

⁶ Paulo Quaresma foi presidente da JFC entre 2002-2013.

⁷ Cf. *Carnide, Património Vivo*, Junta de Freguesia de Carnide, 1993, p. 5.

a actividade de um grande número de colectividades (associações e cooperativas) e um grande enfoque nos projectos que envolvam a população e/ou domínios da solidariedade social. A título de exemplo, no âmbito do Programa Europeu da Cultura para 94, o TC em parceria com a JFC, realizaram uma acção teatral sob título de *400 anos da Senhora da Luz*, em colaboração com os escuteiros e a paróquia. Em 2000, é levado à cena, o espectáculo de rua *Francisco*, numa co-produção entre a JFC, o TC, os Franciscanos da Luz e a Paróquia de Carnide – este projecto envolveu mais de uma centena de pessoas da comunidade.

O século XX foi o palco do emergir de várias colectividades que ainda hoje representam uma grande importância para a freguesia. A Associação Auxiliadora de Carnide, que tem a importância histórica de ter sido um centro de educação não formal tendo em vista a alfabetização de classes sociais desfavorecidas (a Antiga Escola Nocturna); a Sociedade Dramática de Carnide (em 1913), o Agrupamento de Bandolinistas «Os Desastrados» (1916), Cooperativa de Crédito e de Consumo de Carnide (1918) e o Carnide Clube (1920), grupo que outrora organizava para além de eventos desportivos, arraiais, hoje é ainda referência nacional nomeadamente no Basquetebol.

Os relatórios de actividades da JFC de 1993, já demonstravam o reconhecimento da grande relevância do TC (formado a partir da fusão do Grupo de Teatro de Carnide oriundo dos anos 50 com a Sociedade Dramática de Carnide datada de 1913), «Ao lado da Junta de Freguesia, tem sido este o verdadeiro Centro Cultural de Carnide que paralelamente à dinamização do Teatro tem levado a cabo iniciativas várias [de cariz comunitário]» (JFC, 1993, 36).

A par da dinâmica do centro histórico de Carnide-Luz, pelos anos 60 foi criado pela CML, dois bairros camarários na freguesia: o Bairro da Horta Nova e o Bairro Padre Cruz (o maior bairro municipal da península ibérica). Criaram-se casas e valências para a promoção cultural e criativa: salão de festa (com sessões de teatro e cinema), biblioteca, escola, espaço desportivo, mercado, etc.

Apesar da elevada densidade populacional e a forte dinâmica cultural e recreativa, a freguesia não garantia aos residentes equipamentos suficientes para a fruição cultural, nomeadamente um centro cultural e das artes, biblioteca ou arquivo.

1.2 O poder local: a Junta de Freguesia de Carnide

1.2.1 Políticas públicas para a Cultura

Tomando por base a informação das entrevistas realizadas a Paulo Quarema e Paula Granja⁸, ambos manifestaram como prioritárias as seguintes medidas para o sector cultural: democratizar o acesso à cultura, desenvolver um papel facilitador face ao associativismo local e envolver um maior número de parceiros na Rede Cultural de Carnide.

A par destas intenções políticas, seria necessário primeiramente dotar a freguesia de um auditório com dimensões médias para a realização de propostas culturais. Entre todos os espaços de gestão privada instalados no território, restava o Auditório Municipal Natália Correia, no Bairro Padre Cruz, com aproximadamente 170 lugares, que estava sob gestão da CML e praticamente sem programação. Daí resulta a transformação daquele equipamento no actual Centro Cultural de Carnide, inaugurado a 24 de Março de 2011. Ao mesmo tempo considerou-se imperativo incentivar as colectividades locais, tal como atrair outras para Carnide, de forma a que a oferta cultural local fosse competitiva no contexto de uma cidade como Lisboa.

Como forma de incentivo, uma das principais medidas, passou por ceder espaços aos agentes culturais para escritório, produção ou arrumação no próprio edifício da sede da JFC. Estabeleciam-se protocolos de cooperação que pressupunham a partilha de privilégios, ou seja, era assumido que o trabalho desenvolvido pelas colectividades beneficiaria a comunidade.

Concretamente, como principais exemplos a JFC propôs à associação cultural Teatro do Silêncio para desenvolver o seu trabalho de criação e pesquisa teatral no Lavadouro Público da Rua da Correia. De igual modo, promoveu a dinamização de uma antiga serralharia no Largo do Coreto, um espaço devoluto, convidando a associação Lua Cheia – Teatro para todos a se instalar e consequentemente, dedicar-se à gestão e programação do actual equipamento cultural Casa do Coreto. Continuadamente, procederam à transformação de uma antiga escola primária no Espaço para a

⁸ Paula Granja é membro do executivo da JFC. É reponsável pelo Pelouro da Cultura desde Outubro 2012 até à actualidade.

Juventude, espaço esse cedido à Associação Azimute Radical.⁹ E, cederam o Espaço Bento Martins à Boutique da Cultura para a dinamização do mesmo.

Outra das estratégias assumidas pelo executivo da JFC (entre 2011-2013) passava por atribuir aos vereadores da instituição dois sectores de actividade: educação e acção social; ambiente e cultura; segurança e sustentabilidade; etc, para que houvesse partilha de informação e para que se influenciassem mutuamente.

As políticas culturais também se reflectem na importância dada ao sector no calendário comemorativo da freguesia: nos boletins de Março, com profissionais do teatro homenageados nas capas, em Abril com as comemorações do 25 de Abril e em Setembro com o destaque dado à programação cultural da Feira da Luz.

1.2.2 Exemplos de práticas culturais

Partindo da análise dos boletins da JFC, no que diz respeito ao número de iniciativas culturais, regista-se que uma das grandes prioridades se relacionava com a dinamização de propostas culturais para a terceira idade. Tal facto, era visível nos inúmeros passeios culturais; homenagens anuais com propósito comensal aos maiores de 85 anos; saídas culturais para assistir a produções teatrais, maioritariamente espectáculos de teatro de revista; acantonamentos para idosos; a promoção anual da «Marcha dos Avós»; encontros na JFC para «Chás e Conversas»; passeios para maiores de 55 anos; criação e dinamização do projecto Academia Sénior de Carnide, as viagens (internacionais) de finalistas e o programa «Quinzena do Idoso»¹⁰.

Eventos pontuais como arraiais com idosos, bailes de verão na Casa do Artista e animações de verão, ou parcerias com a Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos de Carnide e o Grupo de Solidariedade de Gerações (grupo dirigido aos idosos

⁹ A Azimute Radical (criada em 2001) com larga experiência na dinamização de actividades desportivas e artísticas, variadas vezes envolvendo a comunidade e alertando para as questões de cidadania e preocupação social.

¹⁰ Segundo o sítio electrónico da JFC, a Academia Sénior de Carnide foi criada pela autarquia em 2007. Actualmente está sediada no Espassus 3Gerações – o espaço foi adquirido pela JFC em 2015. O programa «Quinzena do Idoso», envolve passeios, idas ao teatro, tertúlias, entre outras actividades.

que apela a caminhadas, ginástica, dança, teatro e folclore) reforçam a importância dada à terceira idade¹¹.

A título de exemplo, fez parte da programação do CCC em 2011, a festa de natal da Academia Sénior (realizada anualmente); o 10º Fórum «Ser Idoso», o programa que incluiu uma tarde de fados, teatro, ateliers, jogos tradicionais, entre outros. No mesmo ano, os alunos da Academia Sénior de Carnide são modelos de calendário, 200 idosos participam num passeio de natal (a Vila Franca de Xira e Alenquer) e um almoço de reis, no pavilhão desportivo Bairro Padre Cruz (450 participantes).

Outras acções e projectos vieram reafirmar esta tendência. Tal pode ler-se nas Grandes Opções do Plano para 2012, que anunciaram um reforço de verbas e trabalho na área social no âmbito do Gabinete do Idoso. Concretamente, foi criado um transporte solidário para maiores de 55 anos (acesso ao centro de saúde); ou o Projecto Nós+Vós-Sós: sinalização de idosos em situação de risco.¹²

Posteriormente, em Setembro de 2014, Carnide celebrou o Dia dos Avós. Centenas de pessoas visitaram o Centro Histórico de Carnide; em Novembro do mesmo ano, no Dia Internacional do Idoso, a JFC promoveu uma visita das crianças dos Jardins de Infância (JI's) da freguesia e foram visitar a Academia Sénior; e em Dezembro, a realização do jantar de Natal foi precedida por actividades de sinalização de idosos solitários. De salientar, o Projecto Lata 65, constituído por idosos com pelo menos 65 anos, integrados num projecto de arte urbana; o projecto de fotografia «Photovoice», pela Academia Sénior; e a distinção da Associação Nacional de Gerontólogos como «Freguesia Amiga do Idoso», no decorrer de 2017.

Outra área com primazia reflectida nos boletins informativos é a educação. Tal como referido no Boletim de Junho de 2013: « A JF encara a educação como uma das suas grandes prioridades e tem apostado nas expressões artísticas como uma das ferramentas de aprendizagem» (JFC 2013c, 2-3).

¹¹ A Academia Sénior de Carnide é um projecto que dinamiza mais de duas centenas de idosos (210 em 2014), com o mote de «crescimento saudável». Estes alunos têm disciplinas como história, alfabetização, artes criativas, costura, bijuteria, inglês, coro, dança social, iniciação à pintura em porcelana, francês, espanhol e teatro.

¹² Cf. Junta de Freguesia de Carnide, *Fevereiro 2014* (j), 14.

Efectivamente desenvolveram-se projectos de educação informal, com ligação às práticas criativas. De realçar o Projecto 4X4=Carnide, que consistia em quatro domínios artísticos que eram disponibilizados ao público escolar, sendo eles a música, a expressão plástica, o movimento e o teatro.¹³

Portanto, é frequente haver referências nos boletins da JFC que remetem para uma sobrevalorização da área da educação:

«A JFC é, aliás, pioneira no tempo extra de acompanhamento às crianças para além das actividades lectivas no 1º e 2º ciclo [em 2011]» (JFC, 2015e, 5); «Desde 2007 é a JF que assegura em toda a freguesia as AEC's. Foi a primeira freguesia de Lisboa a desenvolver este trabalho. Foi um projecto que envolveu cerca de 700 crianças e único no país, sendo a sua qualidade várias vezes referida pelo Ministério da Educação. Todas as actividades são de frequência gratuita e foram dinamizadas por parceiros locais como o TC, a Associação Tenda ou o Clube Atlético e Cultural» (JFC, 2013e, 18).

Deste modo, as associações ligadas às áreas culturais e desportivas têm participado neste processo, que resulta numa calendarização anual para os alunos dos JI's, 1º, 2º e 3º ciclo da freguesia. Dessas actividades fazem parte as Férias Artísticas, ocupações nas férias do Verão, Natal e Páscoa; os Clubes de Interesses¹⁴; programas como «À Descoberta de Carnide», em que se organizam visitas às associações, ao centro histórico, ou para assistirem espectáculos, nomeadamente da Lua Cheia, TC, Teatro do Silêncio, entre outros – o projecto «visa promover o conhecimento do património histórico, cultural e institucional, que é tão rico na nossa freguesia» (JFC, 2013c, 17).

No entanto, a partir de 2014, pelo número de publicações concentradas nos boletins informativos da JFC, detecta-se uma menor atenção dada ao sector cultural, e uma maior atenção à acção social. Inúmeros projectos de âmbito terapêutico para pessoas com necessidades especiais, apoio aos jovens carenciados, prevenção do

¹³ Segundo Paulo Quaresma, 4x4=Carnide tratou-se de um projecto que surgindo em 2002, foi a génese de uma série de outros projectos educativos e artísticos que apareceram *à posteriori*.

¹⁴ No âmbito dos Clubes de Interesses, as crianças têm a oportunidade de optar por desenvolver capacidades na área artística ou no desporto. Dança, teatro, actividade física, basquetebol. Realizam-se espectáculos, ateliers, leituras encenadas, tendo como parceiros para além dos já mencionados, a Umbigo – Companhia de teatro, Associação Conjuga Resultados, o Carnide Clube, alunos da Escola Superior de Educação, entre outros.

absentismo escolar, problemas de exclusão social e um maior enfoque também em programas relacionados com saúde, e especificamente, saúde mental.¹⁵

Tal como confirmado nas palavras de Paula Granja «nós queremos ser o mais transversais possível nas diversas áreas e queremos também que isso esteja espelhado nos boletins. E há duas áreas que ao longo destes anos todos, não se falava muito delas, sempre houve trabalho, mas nunca se falou muito, a questão da accção social e da saúde» (Anexo 9.6, 220). Tal afirmação pode levar-nos a questionar se o plano de actividades assumido pela autarquia será reflexo da identidade dos dirigentes associativos, visto que Paulo Quaresma é professor primário de formação e Fábio Sousa é psicólogo.

Feira de Expressões Artísticas de Carnide

Esta feira surgiu em 1999. Localiza-se no espaço público que envolve o Jardim da Luz, sendo organizada e promovida pela JFC. É sobretudo pensada para o público infantil, convocando os parceiros da Rede da Cultura para a realização de actividades. Está inserida nas comemorações do Dia Mundial da Criança. Tal como o nome do evento indica são promovidas expressões artísticas, mas não só. Fazem também parte da programação, actividades que promovam a cidadania activa. A título de exemplos as crianças experimentam «ser polícias por um dia», é-lhes incutida uma maior preocupação com o ambiente e a ecologia, e, por exemplo, o TC desenvolveu em 2013, um atelier de expressão plástica e reutilização de materiais, com o mote «Todos juntos somos as estrelas da reutilização». Este é um evento que envolve uma grande percentagem de crianças da freguesia, tal como comprovado em 2011 em que «2000 crianças visitaram a XII Feira de Expressões» (JFC, 2011f, 16).

Festival Aplauso – Festival de Artes para a Infância

A primeira edição do festival realizou-se no ano de 2012, localizado no CCC e com todas as actividades gratuitas. Apresentava-se como uma mostra de teatro

¹⁵ A título de exemplo referimo-nos à criação do Gabinete de Psicologia; o Gabinete de Atendimento Social Integrado; o destaque da associação de cariz social «Crescer a Cores»; Projecto «Quero Vida»; a promoção do Projecto UPKEEP, pela Cooperativa Horas de Sonho mais parceiros; o projecto «Raízes sem Fronteiras (Apoio a Imigrantes não-Europeus); apoio a doentes ou familiares com diferentes doenças mentais; «Consultório Activamente»; Sensibilização para a saúde Cardiovascular; «Carnide assinala dia Mundial da Saúde Mental», entre outros);

infantil em que durante um fim-de semana os eventos eram para todas as idades e durante a semana eram dirigidos às escolas da freguesia. Segundo a informação disponibilizada nos boletins da JFC, a primeira edição teve mais de 2000 espectadores, em 2013 mais de 3300 e em 2014 à volta de 3700. Apesar da notável adesão, o festival foi descontinuado em 2015.

A Grande Marcha de Carnide

A Grande Marcha de Carnide é apoiada pela CML e pela JFC e desde 1966, é organizada pelo TC.¹⁶ Envolve aproximadamente 50 marchantes. Em concreto, em 2013, o tema da Marcha de Carnide era «Cem anos a criar teatro», representando uma homenagem à história da Sociedade Dramática de Carnide. Este foi um evento que despertou um enorme interesse da população, que se uniu para apoiar «a sua» marcha. A Grande Marcha tem como principal objectivo descer a Avenida da Liberdade com o intuito de ser galardoada com o primeiro prémio, tornando-se destaque na cidade de Lisboa. Paralelamente a este grupo principal de marchantes, têm sido ainda dinamizadas a Marcha dos Avós e vários grupos de Marchas Infantis, as quais também têm direito a desfilar num marchódromo criado no Jardim da Luz.

Dia do Vizinho

A celebração do Dia do Vizinho é uma iniciativa anual da JFC, que tem lugar em três bairros distintos: no Centro Histórico, no Bairro Padre Cruz e no Bairro da Horta Nova. Tenta coincidir com o Dia Internacional do Vizinho a 27 de Maio. Aqui, a comunidade é solicitada a participar com um propósito comensal, para baile e convívio. Algumas associações culturais como o TC, a Lua Cheia e a Estórias de se tirar o Chapéu, assim como associações de cariz social e desportivo, localizadas nestes três pontos da freguesia, dinamizam actividades desportivas, musicais, animações e leituras para a população.

Feira da Luz

Esta feira secular realiza-se todos os anos e ocupa todo o mês de Setembro. A partir de 2014 a JFC passou a assumir a organização da feira, ao invés de ser a CML como anteriormente acontecia. O pressuposto, agora, é que com o dinheiro do aluguer

¹⁶ Na actualidade, o TC é a única companhia de teatro lisboeta a encenar uma marcha.

dos feirantes a autarquia produz cultura, permitindo desta forma convidar várias associações a integrarem a programação cultural intitulada «Olhar Carnide», que acontece todos os últimos fins-de-semanas da Feira, com propostas predefinidas. O evento tem um grande destaque para os músicos de reconhecimento nacional, pois esse é um factor de grande atracção da população em geral, mas garante ao longo de todo o dia animações e espectáculos de rua, encontros dos agentes educativos de Carnide, entre outras actividades. A Feira da Luz funciona como uma mostra de trabalho que está a ser desenvolvido na freguesia pelos parceiros locais.

Comemorações do Dia Mundial do Teatro

Os relatórios de actividades da JFC (de 1993) já mencionavam a importância dada a este dia, prestando homenagem nesse mesmo ano a Natália Correia. Os critérios e a escolha do profissional do teatro que é homenageado parte da Rede da Cultura. Em 2008, foi feita homenagem ao actor e encenador João Mota, à actriz Adelaide João (2009), à actriz Mariema (2010), ao actor João D'Ávila (2011), à actriz Carmen Santos (2012), à actriz Margarida Carpinteiro (2013), ao actor João Lagarto (2014), à actriz Fernanda Lapa (2015), ao dramaturgo António Torrado (2016) e à actriz Maria do Céu Guerra (2017). Simultaneamente ao espectáculo de homenagem, é convidado um artista plástico para conceber uma cadeira. O objecto apresenta-se como símbolo das artes performativas (JFC, 2011c, 17), remetendo para a plateia das salas de espectáculos, ou seja, neste contexto, é o símbolo da vida e do percurso artístico da personalidade homenageada.

Dia Internacional da Mulher

O Dia Internacional da Mulher (celebrado a 8 de Março) tem sido motivo de destaque na programação local. Neste dia têm feito parte actividades de desporto feminino, concertos e exposições no Espaço Bento Martins e actos simbólicos como a entrega de flores, jantares e encontros de mulheres.

Comemorações do 25 de Abril

Durante todos os meses de Abril a palavra «Cultura» é destacada nas publicações da JFC. «Carnide é Abril; E Abril é Cultura» (JFC, 2014c, 7). Pretende-se demonstrar que a actividade cultural na freguesia tem grande frequência e relevância

e que é na cultura que reside o maior factor de afirmação da freguesia, uma freguesia *de todos para todos*. Apela-se aos princípios da Revolução do 25 de Abril, partindo da premissa de Paulo Quaresma em que «o tal espírito de consciência de bairro, comunidade que era necessário ter para se partirem para outros patamares de desenvolvimento.» (Anexo 9.7, 244)

No que se refere às comemorações do 25 de Abril, a programação é discriminada nos boletins e implica uma série de espectáculos, concertos, exposições, entre outros. O programa é inteiramente financiado pela JFC.

Projecto BIP/ZIP

Este é um programa operacional criado e financiado pela CML, que tem por objectivo dotar as colectividades e organizações não-governamentais de capacidade financeira para intervir em bairros ou zonas de intervenção (que se consideram) prioritárias, num reforço aos *habitats* e às malhas socio-territoriais.¹⁷

«Carnide conseguiu através das suas propostas 20% da quantia total disponibilizada ao município de Lisboa (...) um reforço ao associativismo local na ordem dos 60.000 euros» (JFC, 2012d, 9)

Concretamente, conseguiram-se apoios para dar resposta às propostas de legalização de duas Áreas Urbanas de Génese Ilegal: a Azinhaga dos Lameiros e a Torre do Fato; um reforço na reabilitação do Centro Histórico; e aquilo a que se apelidou o «Apadrinhamento de Lotes». O projecto consistiu em conceder às associações da freguesia entre 2 a 6 lotes de apartamentos dos bairros sociais da freguesia: BºPadre Cruz e o Bº da Horta Nova¹⁸. O mesmo pressupunha um maior conhecimento da população pelas instituições locais, mas sobretudo em atribuir apoio face às principais carências dos moradores daqueles bairros, nomeadamente na reabilitação dos lotes.

Projecto Pulsar

Apareceu, de certa forma, em substituição do programa BIP ZIP, promovido pela CML, o qual perdeu financiamento após três anos de actividade. Em substituição,

¹⁷ Para informação mais detalhada aceder a http://bipzip.cm-lisboa.pt/imgs/ciclo_regras.pdf

¹⁸ As associações ligadas às artes performativas que beneficiaram dos quatro programas BIP-ZIP foram: a Associação Tenda (3450€), a Umbigo (3450€), a Lua Cheia (3450€) e o TC (2500€).

a JFC criou este projecto com maior número de parceiros, mas com uma capacidade financeira menor. Através deste programa têm sido desenvolvidas propostas que envolvem o Bº Padre Cruz, o Bº da Horta Nova e o Centro Histórico. Em reunião com a contadora de histórias Sílvia Romero, do grupo «Estórias de se tirar o Chapéu», a mesma distinguiu uma experiência concreta passada no Centro Histórico. Pequenas animações e leituras misturavam-se com os protagonistas do comércio tradicional (a farmácia, o alfaiate, a mercearia, a peixaria, entre outros), onde os clientes eram ao mesmo tempo público e onde a comunidade se instalava. Tal como presenciado pela mesma interlocutora «as pessoas levavam comida e o evento terminou com uma sardinhada».

Intercâmbios Internacionais de Jovens - Voluntariado –Associação Spin

«Gostaria que Carnide ganhasse uma dimensão mais internacional, acolhendo projectos e pessoas que possam enriquecer a vida de quem cá mora e/ou passa.» (Maria Gil *in* JFC, 2013a, 5)

No que se refere mais à área da Juventude e da participação cidadã, a Associação Spin tem vindo a promover, em parceria com a JFC, intercâmbios internacionais, no âmbito do programa Erasmus+. Daí surgiram projectos que passavam por criar cursos de formação internacional, nomeadamente «o projecto Composing Multiculturalism com jovens líderes de 24 países» (JFC, 2015f, 12). No âmbito deste programa fizeram parte acções de reabilitação do espaço urbano e intervenções de melhoramento em casas camárias. Estes jovens são alojados e integrados num hostel do Bairro Padre Cruz.

Faz ainda parte deste intercâmbio o acolhimento de jovens voluntários em serviços da própria JFC. Nomeadamente no apoio à área cultural e no próprio CCC¹⁹. A título de exemplo, ao nível cultural e artístico foi preparada uma exposição no CCC, no âmbito das comemorações do 25 de Abril intitulada «Democracy & Revolutions».

Natal Comunitário

¹⁹ Paolo Gorgoni, um dos entrevistados no âmbito deste trabalho, veio para Portugal associado ao programa Erasmus+.

O Natal Comunitário é uma iniciativa da JFC, que convida à participação por parte da população e das instituições locais a contribuirem com um trabalho de estilização de um objecto particular, predefinido pela equipa da cultura da autarquia. O projecto foi criado em 2008, com regularidade anual e tem envolvido centenas de instituições, grupos formais e informais.²⁰

O projecto apela à participação comunitária, à criatividade e à cidadania, a custos muito reduzidos, pois amiudamente os objectos são reutilizados ou recolhidos da via pública.

Em 2016, por exemplo, a convite da JFC, 150 instituições a partir do trabalho plástico sobre um objecto comum, o abat-jour, inauguraram a exposição comunitária «Juntos brilhamos mais», no Largo das Pimenteiras e, em paralelo, teve lugar uma animação de rua a cargo do grupo Trupilariante (JFC, 2017a, 9).

Centro de Criação

Dentro do período temporal tido em conta neste trabalho há dois projectos que definimos como centros de criação (no sentido lato do termo). O primeiro, está relacionado com as obras de recuperação da Escola da Luz. Durante o tempo de negociação do projecto com a CML, entre 2013-2014, a JFC aproveitou o espaço para gerar um *cluster criativo* com a ambição específica de estabelecer parcerias criativas. E mais tarde, em Julho de 2017, a inauguração da Incubadora das Artes. Foi um projecto da BC, vencedor do Orçamento Participativo de Lisboa 2015/2016, com a epígrafe «Carnide, somos nós!». Funciona em co-gestão com a CML/ Cultura e em parceria com a JFC.²¹

1.2.3 O movimento associativo ligado às artes do espectáculo

O poder local apoia em recursos humanos, logísticos, divulgação e cedência de espaços (para ensaios, produção e/ou espectáculos) as seguintes colectividades: Armazém Aér[i]o; Companhia da Esquina; Teatro do Silêncio; Umbigo; Tenda Produções; Boutique da Cultura; ContraPalco Produções; Estórias de se tirar o Chapéu;

²⁰ Em 2008 o objecto escolhido foi a tela, depois o sapato, porta, caixa, escadote, abat-jour... O boletim de Dezembro de 2011 reporta que mais de cem instituições colaboraram com o projecto.

²¹ Cf. Informação recolhida no sítio electrónico da Boutique da Cultura,
<URL:<https://www.boutiquedacultura.org/incubadora-de-artes>>

Lua Cheia – Teatro para todos; também a TIL e a empresa Yellow Star Company; e, tem um protocolo especial, com mais de quarenta anos com o TC. (Anexo 10, 279)

Em Setembro de 2011, a JFC assinou com quinze associações locais protocolos de cooperação. Esta, capacitava as colectividades com espaços físicos para o desenvolvimento das suas actividades e, em troca, as associações para além das suas criações habituais (com possibilidades de digressões), parte da sua programação teria de alguma forma envolver ou favorecer a comunidade local. Estes protocolos estendem-se a outras associações, mediante a apresentação de propostas e relatórios de actividades, sempre sujeitos à avaliação pela autarquia. Sempre nesta perspectiva da dinamização da comunidade onde se inserem.²² E, em 2013, foram celebrados novos protocolos de cooperação com associações que passam a fazer parte da Rede Cultural de Carnide.²³

²² Em Outubro de 2012 a JFC anunciou (através do boletim informativo) um reforço ao panorama associativo local no valor de mais de 100.000€. Destaque para as associações: Armazém Aér(i)o; a Tenda; Associação Auxiliadora de Instrução em Carnide; Estórias de se tirar o chapéu; TC; Ler por aí; Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa; Lua Cheia; Teatro do Silêncio; e, a Companhia de Teatro Umbigo.

²³ Em concreto, as colectividades: Kind of Black Box; Os Inadaptados; Wakessed; ContraPalco Produções e Plataforma 285.

2 TEATRO DE CARNIDE

Este capítulo aborda a criação do TC - Grupo de Teatro de Carnide/ Sociedade Dramática. E é através da história e de exemplos de uma programação que é reflectida a missão do grupo, remetendo para a data de 1913 com o aparecimento da Sociedade Dramática de Carnide. Pretende-se elaborar um enquadramento da sua actividade, em que se demonstra necessário perceber a visão e as estratégias da companhia na projecção local e supralocal, assim como na tentativa da definição de uma identidade.

Segue-se uma análise exaustiva da programação da companhia num tempo mais recente (2011-2017), tendo em conta diversos eixos e tipologias teatrais. Assim como um levantamento estatístico de públicos, com o intuito de perceber a sua sectorização pelas diversas actividades. Antes de encerrar, propomos retratar as várias formas de financiamento.

2.1 História da associação

O TC – Teatro de Carnide/Sociedade Dramática é lembrado como o grupo de teatro amador mais antigo do país (com actividade continuada), «O mais antigo grupo de teatro amador português ainda em actividade (...) A Junta de Freguesia tem sido o grande suporte financeiro desde projecto amador» (JFC, 2013e, 55). A sua criação remete para a segunda década do século XX (precisamente em 1913), com o aparecimento da Sociedade Dramática de Carnide. Esta organização sem fins lucrativos promovia récitas, juntava o Grupo dos Bandolinistas, Os Desastrados, bailes (principalmente na década de 60), tertúlias, exposições, dramatizações, a edição do jornal *Proscénio* (entre 1917 e 1919) e, também geria o espaço do teatro, o qual ainda hoje permanece. Já nos anos 50, surgiu um grupo fundado pelo encenador e actor Bento Martins chamado de Grupo de Teatro de Carnide, grupo que se veio a fundir com o primeiro, dando-lhe visibilidade e projecção ao então TC – Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

Desde o início da actividade do Grupo de Teatro de Carnide que se evidencia um espírito de missão com um teatro *para e com* a comunidade, ancorando elementos de classes sociais desfavorecidas e permitindo o acesso à actividade teatral de tónica

social e política às populações da periferia de Lisboa²⁴. Nesse contexto, tem mantido uma programação regular desde 1960, numa primeira fase muito centrada em textos clássicos, hoje com maior incidência em textos contemporâneos, adaptações (contemporâneas) dos clássicos ou mesmo em textos inéditos. Tem estabelecido parcerias nomeadamente com o poder local, os Franciscanos da Luz, a Paróquia de Carnide e escolas da periferia.

Desde 1981 até 1990, promoveram as *Jornadas Culturais de Carnide*, tratando-se de uma primeira concepção daquilo que frequentemente hoje se designa por festival, com regularidade anual ou bienal, com uma estreita ligação entre as práticas teatrais, a reflexão sobre a cidadania, educação e democracia, num propósito de inquietar potenciais públicos para o desenvolvimento das várias comunidades inseridas na cidade.²⁵

O TC tem um protocolo com a JFC com mais de 40 anos, sendo a sua principal parceira. «A JFC e a Associação comprometem-se a cooperar tendo em vista o desenvolvimento de projectos e de acções em prol da população de Carnide.» (JFC/TC, 2017, 1). A JFC atribui ao grupo um financiamento anual, com algumas contrapartidas, nomeadamente a obrigatoriedade da companhia realizar três produções anuais. O poder local tem ainda um papel importante no destacamento de técnicos ou voluntários para trabalhos pontuais da companhia e também em apoio logístico.

Sofia Ângelo²⁶, em entrevista para o Boletim Nov/Dez de 2015, empreende uma retrospectiva histórica do TC:

«[O TC] que hoje se acenta já na sua 100ª produção coloca-me na situação de manter a vontade em honrar o que o icónico encenador Bento Martins implementou. Não se prende com as suas convicções artísticas mas sim com o privilegiar de um todo processo que a longo prazo tem-nos dado a possibilidade de identificarmos novas abordagens cénicas que nascem da fruição artística e que se foram construindo em todas as produções, que só têm resultado e sido possíveis pela fomentação da

²⁴ Cf. A obra de Paulo Figueiredo - *Grupo Teatro Carnide*, 2007, 25

²⁵ Idem, p.31.

²⁶ Actual Directora Artística do TC.

educação à implementação de redes culturais, que tornam o Teatro num lugar vivido.» (JFC, 2015i, 5).

2.2 Missão, visão e estratégias

O TC não tem qualquer documentação sob qualquer meio que reflecta expressamente os conceitos de missão ou visão. Detém, contudo, de singular documento que define os estatutos da associação. Pode ler-se no artigo nº2 o seu «Fim, Promover e desenvolver actividades artísticas socioculturais e educativas.» (TC, 2013, 2)

Após minuciosa investigação e análise dos relatórios programáticos da companhia acrescentamos que a missão passa por acolher/apoiar artistas e dramaturgias emergentes, projectos de grupos formais/informais do centro e da periferia da cidade de Lisboa, sensibilizar, formar e dinamizar públicos para as artes e promover novas concepções artísticas, que através de textos clássicos ou inéditos, pretendam desenvolver estéticas inovadoras.

O TC organiza a marcha de Carnide (com o apoio da JF, era organizada pela SDC desde 1966); desenvolve cursos de formação para jovens e adultos; pratica o aluguer de guarda-roupa; dinamiza o bar TC; produz espectáculos de teatro; e envolve-se em eventos temáticos promovidos pela JFC, como é o caso do curso de carnaval, colónias de férias, exposições, festivais, convívios, cafés-concertos, mostras culturais e visitas ao património histórico, cultural e institucional de Lisboa.

«O Teatro de Carnide considera que este tipo de eventos comunitários e que têm como base a criação e fomentação de artistas emergentes, são uma “rampa de lançamento” para a criação também de novos públicos.» (TC, 2012, 1)

Em concreto, as estratégias passam por colaborar com instituições de ensino, nomeadamente, o Instituto de Desenvolvimento Social ou a Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, acolhendo alunos para apresentarem/integrarem projectos gratuitamente; passam também por realizar apresentações-finais dos cursos de teatro do TC; animações no âmbito da Feira da Luz e da Feira de Expressões Artísticas; participação nas Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC's) em parceria com a JFC; envolvimento dos professores das escolas de Carnide, técnicos da JFC e das

associações culturais; e a integração de elementos de relevância no meio teatral, não só da freguesia, mas de Lisboa.

Actualmente, o maior enfoque da companhia, é uma programação teatral para adultos, sobretudo para maiores de 12 ou 16 anos, defendendo uma linguagem estética contemporânea (mesmo quando representam peças clássicas), muito interessados nas representações *non-sense*.

2.3 Programação [entre 2011-2017]

Para analisar a programação do TC há que ter em consideração os três eixos: Criação, Comunitário e Acolhimento. Ao nível do primeiro, entende-se criação por todas as acções produzidas e interpretadas pela equipa do TC. Este é o eixo que representa uma maior percentagem de sessões, em concreto 42% (184 sessões entre 2011-2017) localizadas no espaço da companhia.²⁷ O segundo eixo de maior representatividade é o Comunitário, com uma percentagem de 39% (169 sessões no mesmo período temporal). Compreende-se por um projecto comunitário toda a acção que é gratuita para os públicos (ou com bilhetes de valor simbólico - inferiores a três euros), ou é de carácter formativo, pois tal como é mencionado nos relatórios de actividades do TC, consideramos que os ateliers, workshops e cursos de formação propiciam a formação de novos públicos. Ou são acções que se consideram de âmbito comunitário porque integram uma quantidade considerável de elementos não profissionalizados, como é o caso da comunidade local, estudantes de escolas de teatro, entre outros. Por último, com menor representatividade no que se refere ao número de sessões, incluímos os Acolhimentos com 84 sessões (14% do número total). São acolhimentos, todas as acções de teatro produzidas por agentes teatrais externos ao TC.

A leitura do gráfico II (Anexo 2.2, 95) indica que a Criação teve o maior número de sessões nos anos 2011 e 2013. Por outro lado, nos restantes anos, nomeadamente 2012, 2014, 2015, 2016 e 2017, o eixo Comunitário é o que apresenta maior

²⁷ É igualmente importante saber claramente distinguir os conceitos de acções e sessões. Para efeitos deste trabalho, considera-se uma acção, toda e qualquer produção teatral (a criação de uma animação, de um espectáculo de teatro ou de uma formação). As sessões podem representar um número superior a uma acção. Reflectem-se portanto, no número de vezes que uma acção decorre.

representatividade. Quanto aos Acolhimentos, sendo este o eixo de menor representatividade em termos absolutos, também restringindo a actividade por ano, é sempre o menos representativo, com excepção do ano de 2012, com 27 sessões (seguindo-se a criação com 15 e o Comunitário com 4). Em 2012/2013, há uma certa regularidade no número de sessões ‘acolhidas’, isto é, um número sempre superior a 20 sessões. Inversamente, em 2011 e 2014, o número é sempre inferior a 10 sessões. Em 2016 e 2017 deixam de existir.

Analisando a programação do TC, verifica-se uma distinção: um maior número de acções em 2014 (só neste ano realizaram-se 20% do valor total) e ainda no mesmo ano, com maior destaque o número de sessões correspondentes a 25% do valor total. Por outro lado, uma menor incidência nos anos de 2016 e 2017, no que concerne às acções (8 em 2016 e 13 em 2017) e sessões (39 em 2016 e 42 em 2017).

Entre todas as tipologias utilizadas neste trabalho para analisar as práticas teatrais na freguesia, o TC demonstra interesse somente em três: Teatro - generalista (72%), Infantil (23%) e Formação (5%)²⁸. As formações neste balizamento temporal são constantes, oscilando entre 2 e 5 acções por ano.²⁹ O Infantil é inexistente em 2011 e 2016, tendo a sua maior representatividade em 2014 (com 52 sessões, enquanto o Teatro teve 53). Quanto ao Teatro, tem uma representatividade regular, entre 2011-2015 onde apresenta sempre um número igual ou superior a 40 sessões, ao mesmo tempo que em 2016 e 2017, um número igual ou inferior a 35 sessões.

Abordando especificamente as acções do TC que se inserem dentro do eixo da Criação, tendo em conta as intenções referidas por Sofia Ângelo de «pesquisa, exposição e fomentação de novas abordagens e linguagens teatrais»,³⁰ podemos referir que todas elas são pensadas para um público adulto, pois todas elas foram classificadas para maiores de 12 e 16 anos.³¹ De realçar que também todas as acções se inserem na tipologia Teatro.

²⁸ As outras tipologias são: Marionetas, Rua, Musical, Revista e Leituras.

²⁹ A formação tem efectivamente substancial representatividade na programação do TC. Contudo, não se considerou pertinente contabilizar o número de sessões de cada formação.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ À excepção da acção *Qué Frô* que era para maiores de 6 anos.

Já no que concerne à actividade que a companhia promove para e com a comunidade, são exemplos a participação no curso do carnaval, a celebração do Dia Mundial da Criança, no âmbito da Feira das Expressões, as animações na Feira da Luz, a organização da marcha de Carnide, a colaboração com a JFC nas férias artísticas com crianças, orientação das AEC's no Bairro Padre Cruz e no Agrupamento de Escolas de S. Vicente de Telheiras, através da participação no programa COM ARTE financiado pela CML.³²

Várias produções do TC eram concebidas no sentido de aproximar e propiciar a criatividade da comunidade local, onde os jovens experienciavam formas artísticas, directamente a provocação e fruição através da prática teatral. Como exemplos, as primeiras acções teatrais do TC em 2011, a saber *Um Bem Precioso*, um projecto que envolvia os alunos dos cursos de interpretação (nível intermédio) da companhia, ou *Dentro de mim fora daqui*, um espectáculo integrado no Festival Panos/Culturgest 2011, com os alunos do Curso de Teatro para Adolescentes e, ainda, *Eis Posição*, uma acção que partia de uma criação colectiva pelos alunos do Curso de Interpretação (nível iniciados).

Também a acção teatral de Rua *Acorda a Noite*, de Setembro 2011, concebida no âmbito de um projecto *BIP ZIP* (bairros de intervenção prioritária), e em colaboração com a Lua Cheia, tratava-se de um evento comunitário da Rede da Cultura de Carnide, que envolvendo várias associações da rede local e ainda alunos dos cursos de formação do TC, formadores, actores e pessoas da comunidade, realizavam um percurso pelo Centro Histórico. Dentro do espectro temporal analisado, 2011 foi um ano em que o eixo comunitário teve representatividade intermédia.

Os anos de 2012 e 2013 não foram particularmente relevantes na tipologia Comunitário, mas já 2014 foi a tipologia com maior representatividade. Em Janeiro/Fevereiro foi altura da nova produção *Quanto é que apostas?*, uma criação colectiva do Grupo Jovem do TC, integrado no festival gratuito para a infância e juventude *Aplauso*, promovido pela JFC. Também entre Abril e Junho do mesmo ano, estreou-se a produção Infantil *Rei Artur*, novamente outro projecto que pretendia dar oportunidade

³² Dentro deste programa criaram a acção teatral formativa Pinpinello (em 2015), a qual envolveu um total de 1766 crianças.

aos alunos do TC integrarem produções teatrais mais exigentes, profissionalizantes, entre outras produções da mesma natureza, as acções teatrais *Common People* e *Quem matou a avozinha?*

Entre 2015 e 2017 esta tipologia continuou a manter a maior representatividade. Continuou-se, durante este período a apostar na componente formativa, que terminava com produções teatrais. A título de exemplos, o exercício - final do curso de Teatro Jovem apresentou *Selfie – Estou nervosa!*; a oficina de interpretação | *Adultos Fora da Caixa*; as Oficinas de Teatro *Electrocardiograma*; a produção teatral *Aparição*, em parceria com o Agrupamento de Escolas Vergílio Ferreira; e, *O Senhor Foguete*, por sua vez em parceria com a Escola Profissional de Artes António Arroio, ao nível da concepção de figurinos e cenografia.³³

No que se refere aos acolhimentos, é possível identificar-se nos relatórios de actividades do TC a valorização de uma política de acolhimentos: «[este tipo de programação] valoria as entidades da Rede Cultural de Carnide» (TC, 2011, 4). Pese embora, esta é a tipologia de menor representatividade dentro do balizamento temporal estudado (19%). Em 2011 e 2014, o número de sessões/ano foi sempre inferior a 10 sessões; em 2012 e 2013, inversamente corresponde a um número sempre superior a 20 sessões, já nos últimos anos de 2016 e 2017 deixaram de acontecer.

Rita Martins argumenta que os acolhimentos faziam parte de uma visão estratégica:

«Porque quando nós pegámos no TC ele estava desaparecido do panorama e nós quisemos trazer aqui todas as companhias e todos os projectos que nos foram apresentados, nós aceitámos porque sabíamos que essas pessoas iam trazer outras (...) Esse ano [2012] foi uma opção estratégica de tentar recolocar o TC dentro dos percursos culturais e de o colocar na cabeça das pessoas». (Anexo 9.8, 259)

Por um lado, esse tipo de programação permitia desenvolver uma rede de parceiros com intenções semelhantes, isto é, criadores emergentes interessados em

³³ Várias outras produções se incluem no eixo Comunitário: *Do Alto da Ponte*; *Todos eram meus filhos*; *O Jantar dos Feios, Porcos e Maus*; *Arlequim*; *É urgente*; *Sem nó nem piedade*; e, *A Tempo*.

novas dramaturgias e novas linguagens cénicas, e por outro, representava uma maior probabilidade de atingir a via da internacionalização. Posteriormente, os acolhimentos deixam de acontecer pela falta de recursos humanos, especificamente um técnico que pudesse acompanhar os grupos.

«O TC considera que este tipo de eventos comunitários que têm como base a fomentação de artistas emergentes, são uma “rampa de lançamento” para a criação também de novos públicos.» (TC, 2012, 1)

2.4 Perfis dos públicos/ oferta por público alvo

A companhia nunca fez um levantamento estatístico dos públicos das acções teatrais que programam, que minuciosamente nos pudesse identificar perfis, nomeadamente o sexo, idade, origem, escolaridade ou actividade profissional dos indivíduos que assistem aos espectáculos da companhia. Todavia, Rita Martins considera que a partir da sua observação e experiência neste contexto, existe uma diferença entre os públicos que assistem aos acolhimentos, às criações do núcleo da companhia e aos exercícios finais dos cursos.

Os Acolhimentos normalmente trazem pessoas de fora da freguesia, passa muito pela capacidade que os grupos têm em mover seguidores. Dados fornecidos pelo TC, demonstram que, de facto, o número de espectadores é muito variável. Os números variam (em média) de 5 espectadores/sessão na acção *Sou-Poema* e 79 espectadores/sessão em *Filhos de Assassinos*. Em 2011, em média 59 espectadores/sessão, em 2014 – 34 espectadores/sessão e em 2017 deixaram de acontecer.³⁴

As criações próprias incluem professores das escolas de Carnide, técnicos da JFC e das associações locais, agentes teatrais de Lisboa, mas poucos habitantes de Carnide. Estatisticamente, em valores médios em 2011 (43 pessoas/sessão), em 2014 (41 pessoas/sessão) e em 2017 (38 pessoas/sessão) - neste espaço temporal há portanto, uma descida do número de espectadores.

³⁴ Neste contexto, não são referidos os anos de 2012, 2013, 2015 e 2016, pelo motivo de que não fornecem dados suficientes para comparação.

No que concerne ao eixo comunitário, nomeadamente referente às apresentações dos cursos do TC, os exercícios de representação pública dos alunos movem os pais e familiares das crianças/jovens/adultos e os amigos. Logo, existe, um maior número presente da população local. Os valores médios (por sessão) registados em 2011 -100 espectadores, em 2014 - 45 espectadores e em 2017 - 81 espectadores.

2.5 Financiamentos

O protocolo assumido entre a JFC e a associação estabelece o compromisso do TC realizar pelo menos três produções por ano, assim como, deverá a companhia participar ativamente na Rede Comunitária de Carnide. Por sua vez, a JFC atribui um apoio anual regular de 2500€.

Através dos relatórios de actividades é possível perceber que a companhia tem concorrido aos apoios da administração central, todavia a DGArtes não tem atribuído qualquer apoio com a justificação de que «são um grupo de amadores», já a CML justifica-se com o argumento de que este «é um grupo de profissionais».

Outras fontes de rendimento resultam das cotas dos sócios da associação, das formações e das AEC's nas escolas (financiadas pela CML).

Maioritariamente os actores recebem à bilheteira [financiamento incerto]; recebem apoios pontuais de instituições, como é exemplo a Inatel (parceiros informais), ou o Com Arte (projecto financiado pela CML); mantêm parceria com o Centro Social e Paroquial de Carnide, que por sua vez apoiam com carrinhas para digressão; e, com o Metro para publicidade dos espectáculos nas carruagens.

Em 2013, foi aprovado um apoio financeiro da CML à comemoração dos 100 anos da Sociedade Dramática de Carnide e do Programa BIP/ZIP. Em 2017, venceram o Orçamento Participativo de Lisboa, para a construção de novo equipamento para a companhia.

3 CARNIDE E O TEATRO

O terceiro capítulo procura definir os conceitos de cultura e de teatro, como veículos de aproximação entre o estado e a população. São apresentados exemplos dessa proximidade e das potencialidades do sector cultural para o desenvolvimento de um território, neste caso, especificamente, a freguesia de Carnide. Nesse contexto importará reconhecer os maiores produtores de teatro na freguesia.

Seguidamente, são destacados os agentes teatrais que actuam no território e os equipamentos disponíveis para a realização e formação teatrais. A programação teatral da freguesia é retratada através de um levantamento exaustivo das localizações com maior actividade teatral e através do número de sessões e acções de teatro na freguesia por eixo e tipologia. Uma vez mais procurar-se-à encontrar tipologias de públicos e retratar a oferta artística da freguesia. Por último, a análise concreta da história e da programação do CCC.

3.1 A importância da cultura

Terry Eagleton (2000) destaca que: «A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política através da libertação do eu ideal ou colectivo sepultado em cada um de nós, um eu que encontra a sua suprema representação no domínio universal do Estado.» (Eagleton, 2000, 18)

A recente descentralização de competências dos municípios para as juntas de freguesia, continha na sua génese esta ideia de proximidade maior entre o Estado e as pessoas, apesar da JFC não ter assinado essa carta de intenções, pois considerava (e considera) uma sobrecarga de competências para as juntas, as quais não detêm das mesmas capacidades financeiras e humanas do que as câmaras.

Não obstante, justamente essa proximidade com a população e a participação activa têm sido os grandes motes da JFC que são repetidos inúmeras vezes no discurso político e transcritos nos boletins informativos. Esta junta amiudamente refere-se a um trabalho autárquico «com e para as pessoas». Nesta expressão está adjacente uma designação hierárquica em que as forças de poder não são autoritárias, nem inacessíveis, pressupõe-se uma relação Estado–cidadãos que se alimenta reciprocamente.

Sucessivos executivos que têm passado pela autarquia falam na importância de produzir um trabalho em parceria com a comunidade. Ideias e projectos que nasçam da população e que são de alguma forma filtrados pela junta. Estamos portanto a falar de uma lógica de poder *de baixo para cima*. Pese embora, esta ideia da participação cívica, não existem disponíveis neste território canais (alternativos) de produção literária, como periódicos, blogs, portanto outras superfícies de informação local, para além do veículo de carácter mais formal representado pelos boletins informativos que a junta faz chegar a uma substancial percentagem da população.³⁵

Ao mesmo tempo é promovida a articulação de várias redes comunitárias, reuniões descentralizadas e o cruzamento entre os vários sectores no cerne dos projectos. A Rede Cultural de Carnide, por exemplo, apesar dos seus melhores e piores momentos, alturas com maior ou menor adesão, com maior ou menor frequência, é um bom exemplo de como se podem otimizar recursos através do concílio das diversas entidades culturais locais. Assim como se denota a fomentação do trabalho associativo, nomeadamente associações culturais, recreativas, desportivas, mas também as associações de moradores, associações de pais, uma vez mais articulando diferentes sectores de actividade, em que, neste contexto todos eles são agentes activos de concertação social.

Há efectivamente um número considerável de associações na freguesia direccionadas para as artes e em específico a importância dada ao teatro, a um conjunto de actores, encenadores, programadores, técnicos, produtores, etc. De facto, as artes representam não só possibilidade de fruição cultural, como contribuem para um progresso espiritual e intelectual da(s) comunidade(s). Um bom exemplo que reflecte esta horizontalidade nas dinâmicas sociais, é o caso da celebração anual que a junta promove do Dia Internacional do Vizinho:

«No "Cozinhar histórias", fomos buscar as cozinheiras aos restaurantes (...) e pusemo-las a cozinhar na rua, no Largo do Coreto, enquanto havia uma contadora de histórias a contar histórias sobre a cozinha, contos tradicionais ligados a esta tradição,

³⁵ Há excepções, porém com pouco impacto no panorama da freguesia, como por exemplo o *Em Família - Jornal de experiências*, produzido pela equipa da cultura da JFC com a colaboração de um grupo de leitores.

que antes havia muito mais esta tradição que movimentava quase a família à volta da cozinha. Com uma animação também feita por nós, havia um palhaço que desmanchava aquilo tudo (...) E vamos para a rua e tentamos levar os vizinhos. Fazemos o jantar comunitário (...) , levamos as pessoas que estão aqui à volta, muitas delas estão envelhecidas e muito solitárias.» (Anexo 9.8, 259)

Neste excerto encontra-se reflectida a definição tripartida de Terry Eagleton, para o conceito de Cultura: cultura, como forma de vida (a mobilização da população e as práticas de sociabilização); a cultura enquanto arte (a programação de histórias e animações); e cultura como crítica à civilização (o palhaço que pela sua essência inocente e pela sua falta de memória desconhece a tradição e os costumes e que por isso desconstrói uma série de coisas pré-estabelecidas).

Carnide tem de facto um grande potencial para um reconhecimento maior para além das fronteiras da freguesia, efectivamente pelo factor cultural, pela sua história, património histórico, restaurantes típicos, forte actividade associativa, o reconhecimento de um teatro centenário [o TC], a Feira da Luz (a feira mais antiga da cidade de Lisboa que ainda se encontra em actividade), as pinturas do retábulo da Igreja da Nossa Senhora da Luz, «uma das melhores obras do maneirismo na pintura portuguesa» (Carvalho, 1987, 8), consideramos que com os efeitos da massificação turística e consequente desertificação de um modo de vida tipicamente local no centro da Cidade, Carnide irá destacar-se (ainda mais) pela sua qualidade paisagística simbiótica entre a ruralidade e a modernidade.

Voltando à definição de cultura enquanto arte, existe uma pluralidade de produtores teatrais que trabalham em Carnide, sendo esta uma freguesia que não detém qualquer teatro de âmbito nacional ou municipal, reaproveitaram-se uma série de espaços devolutos para as actividades teatrais. Não obstante, a freguesia tem uma programação teatral (ainda que com algumas flutuações) permanente.

Todavia, não podemos deixar de ressaltar que nos últimos anos (2016 e 2017), as práticas culturais deixaram de ser uma das prioridades e isso é claramente comprovado pelo conjunto de dados levantados neste trabalho, quer seja pela programação teatral da freguesia, quer pela programação das artes do espectáculo no CCC ou pela capacidade de actuação do TC.

3.2 Da democratização à programação cultural

Na primeira década do presente século, tornou-se premente para a política local uma verdadeira democratização cultural. Havia uma enorme dificuldade em chamar a atenção da CML para zonas periféricas da cidade. Tal como expresso por Paulo Quaresma:

«Porque há uma ideia muito centralista, nomeadamente desta questão cultural em que a periferia da cidade é sempre vista de forma diferente. Ou seja, tudo aquilo que se passa da segunda circular para cá, a oferta cultural é menor, a atenção e a disponibilidade é menor (...) haver quem dentro da câmara achar que promover actividade cultural, nesta zona da cidade não era trazer dinâmica cultural para dentro dos bairros, para dentro destas freguesias, mas era alugar autocarros e vir buscar as pessoas a estes bairros para irem assistir a espectáculos de teatro no centro da cidade» (Anexo 9.7, 244)

Por outro lado, a política local anunciava uma estratégia inversa. Segundo o mesmo interlocutor, seria necessário dotar a freguesia de equipamentos e entidades culturais, «sobretudo, na afirmação deste território, no trabalhar o sentimento de pertença e comunidade» (*ibidem.*). A JFC começou por convidar uma série de grupos a sediar-se em Carnide, e a ceder espaços para escritório e ensaios. Em concreto, estamos a falar da Lua Cheia, que primeiro fez um trabalho comunitário intenso no Bº Padre Cruz e que depois, a convite da junta, ficou responsável pela programação da Casa do Coreto; assim como o TS passou a ocupar o Lavadouro Público para o seu trabalho caracterizado por uma corrente de criação contemporânea, performativa e ligada ao lugar - *site specific*; depois também os Contrapalco, os Umbigo, a Tenda. Noutros casos, as propostas partiam das próprias associações e criavam-se sinergias, nomeadamente, a BC propôs à junta ficar responsável pelo Espaço Bento Martins.

O poder local estabeleceu protocolos com estas e outras associações, que vieram a fazer parte da Rede da Cultura, em que lhes eram oferecidas oportunidades logísticas, espaços e apoios financeiros pontuais, sempre com a mesma contrapartida que passava por comprometer estas associações a desenvolver um trabalho, paralelamente a outro tipo de actividades, em prol da comunidade.

Todavia, era premente dotar a freguesia de equipamentos culturais para que os grupos (essencialmente ligados às práticas teatrais) pudessem apresentar os seus espectáculos a baixos custos. Os teatros da freguesia na generalidade pertenciam à gestão privada, o Teatro Armando Cortez pela Apoiarte, o Centro Cultural Franciscano³⁶ pelos Franciscanos da Luz, o Teatro D. Luiz Filipe pertencia à associação do Colégio Militar, portanto sobrava o Auditório Municipal Natália Correia, com escassa programação, que tal como uma série de equipamentos espalhados pelo resto do país, ou seja, com características semelhantes aos Cine-teatros, resumidamente mais preparados para colóquios e reuniões municipais do que propriamente projectados para as práticas artísticas: com teia, *black box*, camarins razoáveis, etc.

«Aquele espaço não foi pensado, por exemplo, para ser uma sala de espectáculos, ele foi adaptado de um auditório para se tornar sala de espectáculos, mas com condicionantes técnicos que não permitia receber determinados espectáculos, pelas características do espaço». (Anexo 9.6, 220)

A 24 de Março de 2011 é inaugurado o recém requalificado (e agora com uma nova designação) Centro Cultural de Carnide. Desde logo seria necessário encontrar uma programação que fomentasse o gosto pelas práticas culturais da população circunscrita na freguesia, ao mesmo tempo que se procurava criar uma cultura local chamativa das atenções do centro da cidade e dos municípios envolventes: Amadora, Odivelas, entre outros.

Contudo, não é só no CCC que se concentram as actividades culturais e artísticas da freguesia. Através do site electrónico da JFC e através dos relatórios de actividades do TC, paralelamente, fiz um levantamento de sessões e acções que aconteceram na freguesia de Carnide (entre 2011 e 2017).³⁷ Optou-se por aproximar o

³⁶ A descrição e programação do CCF não foi tida em conta neste trabalho, pois em questionário via electrónica a Manuel Amaro Ferreira (Gestor Cultural do CCF a 14 de Maio de 2018), o mesmo responde que: «O Centro Cultural Franciscano não tem produção própria nem agenda regular de eventos. Recebemos apenas alguns eventos já produzidos que apenas necessitam de local a ser apresentados, realizados.»

³⁷ Não foi possível fazer um levantamento de toda a actividade em Carnide, tendo em conta todas as associações, o que se deve ao facto de que não se obtiveram respostas da parte de algumas delas e os próprios sítios electrónicos das companhias, caso existam, estão muitas vezes desactualizados ou incompletos.

trabalho à realidade do TC pelo motivo de que é a companhia mais antiga deste território e a que tem maior representatividade no orçamento do poder local.

A partir das fontes atrás mencionadas, foi possível constatar que as localizações onde há maior actividade teatral são o TC [com maior número de sessões: 437] e o CCC [com o maior número de acções 147]. Para além disso se se tiver em conta em conta as onze primeiras localizações pode-se constatar que todas elas se dividem pela área circundante do Bº Padre Cruz e Carnide-centro.

Curiosamente, tanto a programação localizada no TC, como a programação geral da freguesia, têm números mais baixos nos últimos anos de 2016 e 2017. Apesar de Ana Pestana, técnica do CCC, afirmar que não existiu um declínio na programação do CCC nos últimos anos, «há eventos que não nos faz sentido colocar na agenda da junta tendo em conta a quantidade de eventos que já existem por causa de toda a freguesia. (...) portanto, estamos mais vocacionados para a página do facebook». (Anexo 9.1, 138)

Depois de ouvir argumentos contraditórios, no âmbito das entrevistas, propusemo-nos a fazer um levantamento de publicações na página facebook do CCC, o que permitiu comprovar que existe efectivamente um declínio de actividades artísticas nos últimos anos. Foram pesquisados dados referentes a dois casos: a programação focada nas artes performativas (circo, dança, música, teatro e cinema) e a programação de teatro, especificamente.³⁸

Ano	Artes Performativas		Teatro	
	Sessões	Acções	Sessões	Acções
2015	64	49	32	21
2016	42	38	17	14

³⁸ Não foi considerado relevante contabilizar o número de sessões do Festival Monstrinha pois ele esteve presente na programação dos três anos analisados. Já o Clap Festival de Cinema de Carnide, não teve regularidade anual, portanto cada dia foi contabilizado como uma sessão.

Ano	Artes Performativas		Teatro	
	Sessões	Acções	Sessões	Acções
2017	56	38	30	21

Tabela. 1. Número de sessões e acções das artes performativas e teatro no CCC entre 2015-2017

(fonte: publicações na página facebook do CCC)

Nas entrevistas realizadas aos responsáveis associativos, conseguimos identificar uma série de dificuldades em comum, nomeadamente, em realizar novas criações; no acesso a apoios; uma responsabilidade acrescida ao nível da produção e, há ausência de recursos humanos, em especial na área técnica e da comunicação. Por outro lado, de um modo geral, os problemas técnicos do CCC reflectem-se em diversas áreas artísticas: não dispõem de linóleo para os espectáculos de dança, não há orçamento para a compra de microfones de lapela para programar musicais, dificuldades para acolher músicos devido à desadequação do actual sistema de som, limitadas condições para a plateia. Enfim, este é um equipamento que apresenta poucas capacidades competitivas para os dias que correm.

Relativamente ao «número de acções e sessões de teatro do eixo criação na freguesia de Carnide», está claramente reflectida uma tendência regressiva entre 2011 e 2017. (Anexo 3.11, 107) Apesar de Maria João Trindade afirmar que aquilo que aparece nos boletins não ser o reflexo de toda a actividade da Lua Cheia - teatro para todos, reconhece que têm vindo a fazer-se menos criações de raiz. Podemos encontrar a mesma opinião nas palavras de Rita Martins (directora de produção do TC) quando expressa que «a partir de 2014 houve, de facto, uma baixa de investimento e programação, porque uma programação nossa sai-nos mais caro do que acolher projectos, por exemplo.» (Anexo 9.8. 259)

Se focarmos a atenção para o eixo Acolhimento, por exemplo, é possível perceber que tem baixa representatividade no ano de 2014. Mas, a capacidade de criação dos grupos locais ou de produzir projectos de âmbito comunitário é elevada, o que nos leva a compreender a elevada capacidade dos agentes teatrais locais a produzirem eventos no território, isto devido aos apoios que vinham a receber

nomeadamente do município (a título de exemplo, concretamente os financiamentos para a celebração do centenário do TC e os projectos BIP/ZIP). No entanto, em 2017, o número de acolhimentos é o mais reduzido deste espectro temporal, não sendo colmatada essa depressão nem pelo eixo comunitário, nem pela criação.

De facto, e segundo Rita Martins: «Enquanto nos anos anteriores tivemos projectos que se financiavam por si só, como o Coração de Pedra, que foi um projecto no Castelo S.Jorge, teve o seu próprio orçamento. Houve imensos projectos que tiveram financiamento próprio, o que nos dava uma lufada de ar fresco e um alívio em termos financeiros. Em 2016 e 2017, nós de facto não recebemos nenhum apoio. Em 2017 e 2018 então, foi mesmo muito pobre em termos de apoio e, portanto, tem a ver com isso (...) neste momento ter um acolhimento implica ter um técnico a acompanhar, nós não temos um técnico residente, já tivemos, mas deixamos de ter, implica ter pessoas a fazer bilheteira, ou seja, a nossa equipa fixa são 3 ou 4 pessoas.» (*Ibidem.*)

Se, em 2015 houve 87 sessões de «teatro» (generalista), em 2017 houve uma regressão de 50% aproximadamente, com 44 sessões.³⁹

Uma situação idêntica para a tipologia «formação»: em 2011 e 2012, aumenta duas sessões, variam entre 19 e 21 sessões, a partir desse ano detecta-se um decréscimo progressivamente, tendo os valores mais baixos em 2016 e 2017: 12 e 4 sessões concretamente.

Quanto à tipologia «infantil» tem números mais elevados em 2014 e 2015, 72 e 62 sessões, e números mais baixos em 2012 e 2017, 24 e 11 sessões.

As «leituras» têm os valores mais elevados em 2013 e 2015, com 52 e 106 sessões, e uma forte redução em 2016 e 2017, com 10 e 27 sessões, respectivamente.

³⁹ Tomemos como exemplo o ano de 2017. Este foi um ano em que não foram editados os boletins com a periodicidade expectável, isto é, mensal. E foi um ano de eleições autárquicas, o que certamente representa certa instabilidade política, nomeadamente por motivos de preparação de campanha. E essas falhas de comunicação têm influência nos resultados, quer por não serem contabilizadas as sessões e acções, quer pela falta de informação passada aqueles que poderiam vir a usufruir das actividades (os potenciais públicos). Todavia, 2013 também foi um ano em que não foram publicados boletins todos os meses, e igualmente foi um ano de eleições, tendo neste caso ocorrido uma alteração de presidência e ainda assim tem média representatividade no espectro geral. Portanto, não são estes os factores decisivos.

O teatro de «marionetas» tem a sua maior expressão em 2011, com 56 sessões. Por outro lado, em 2014 e 2017 é praticamente inexistente.

Já, a tipologia de teatro «musical» tem pouca representatividade de um modo geral. Este é um género teatral que não é muito produzido em Portugal, porque acarreta grandes responsabilidades financeiras, na contratação de grandes elencos, grandes capacidades de execução, pois envolve música, dança e representação, para além das exigências técnicas inerentes. Ana Pestana, técnica do CCC, lamenta que «Infelizmente não temos tido propostas para tal, mas se recebêssemos era uma aposta que iríamos agarrar e que iríamos experimentar, também para nós percebermos o que nos seria possível, e que tipo de públicos nos traria aqui ao centro cultural.» (Anexo 9.1, 138)

No que concerne ao teatro de «revista», é uma tipologia de baixa representatividade em termos gerais, ainda assim ressalva-se que teve o seu expoente máximo em 2011, com 12 sessões, a partir de 2015 deixou de existir.

Teatro de «rua» é talvez a tipologia que mais variações expressa neste período temporal: tem os valores mais elevados em 2014 e 2015, 27 e 17 sessões; números médios em 2013, 2016 e 2017 - 10, 12 e 10 sessões; e mais baixos em 2011 e 2012, 0 e 1 sessão.

Ao nível das sessões e acções de teatro de nível comunitário, não podemos deixar de constatar que há um trabalho que constantemente é assegurado na freguesia. Como afirma Paulo Quaresma, «também poder participar como papel activo na área da cultura fosse uma realidade para a população». (Anexo 9.7, 244) Este eixo tem números mais elevados nos anos de 2013 (140 sessões), 2014 (167) e 2015 (188).

A este respeito, Paula Granja sublinha a importância dos eventos de carácter comunitário, pelo motivo de que «permitem conhecer a população da freguesia, incluindo os novos residentes e, sobretudo envolver as pessoas nestas acções». (Anexo 9.6, 220) Este tipo de trabalho parece ter efeitos benéficos para os dois lados da actividade. Para a população que tem a oportunidade de participar activamente na produção teatral da freguesia e para as colectividades representa um maior conhecimento da população, tal como expresso nas palavras de Maria Gil, «prever as

expectativas do espectador quando se dirige a uma das nossas actividades, e ainda aferir o seu grau de satisfação ou insatisfação nesse encontro». No mesmo sentido a componente formativa torna possível, inclusivamente, aproximar públicos 'não habituais' do teatro e nesse cruzamento de pessoas, de forma mais ou menos consciente despertam-se aptências para novas formas artísticas.

A generalidade das acções teatrais que se realizam por toda a freguesia, evidenciam um grupo de produtores com actividade continuada, por norma protocolados com o poder local, fazem parte da Rede da Cultura de Carnide, usufruem de benefícios logísticos e/ou de espaços, apoio na divulgação dos trabalhos, contribuem para a freguesia com formações e ofertas em actividades da junta e participações em eventos comunitários.

Apesar do extenso número de produtores com actividade teatral na freguesia, proponho destacar os treze maiores produtores que concentram o maior número de sessões de teatro na freguesia.

Em primeiro lugar, o TC, que tem o seu próprio espaço mas tem uma atenção especial da Junta [concentram 35% da actividade total dos treze maiores produtores].

A Lua Cheia -Teatro para todos [15%], que também encontram na formação e num contacto próximo da população envolvente formas de subsistir.

A Biblioteca Natália Correia [10%], após ter sido transferida para a gestão da junta (em 2014), começou a desenvolver um maior número de actividades, ou pelo menos uma maior presença na informação cultural local, formações e leituras gratuitas (ou a preços reduzidos) principalmente para os públicos infantil e juvenil.

A Companhia da Esquina [9%], que a convite do Armazém Aér[i]o (uma academia e companhia de novo circo) passaram a desenvolver os seus projectos, nomeadamente, no Teatro D. Luiz Filipe, conciliando formações, teatro para a infância, adultos e musicais.

A Umbigo - Companhia de teatro [8%], um dos grupos que apesar de promover maioritariamente teatro infantil, mantêm uma actividade teatral diversificada: produzem formações, teatro infantil, para adultos, teatro musical, teatro de rua e

leituras.⁴⁰ Da mesma forma dividem actividade por diversos espaços: CCC, Espaço Bento Martins, Largo das Pimenteiras, Jardim da Luz e na Biblioteca Natália Correia - este é um grupo com muita actividade de âmbito comunitário, porque produzem teatro de rua na Feira da Luz, na Feira de Expressões Artísticas, participações no projecto Pulsar e formações com preços muito reduzidos no CCC.

A BC [4%], é outra das colectividades com grande variedade de programação, mistura projectos tanto do eixo comunitário como criação, que inclui leituras, teatro de rua, formação, teatro infantil e para adultos. Apresentam actividade em grande parte no Espaço Bento Martins e algumas vezes em espaço público, nomeadamente no Largo das Pimenteiras e no Jardim da Luz⁴¹.

A associação cultural Os Inadaptados [3%], uma associação que surgiu na freguesia em 2011, determinados a desenvolver projectos de teatro, cinema e narração oral em Carnide. Impulsionados pelos eixos criação e comunitário, concentram as suas sessões teatrais maioritariamente no CCC e no Jardim da Luz.

A Tenda Produções [3%], que paralelamente às suas criações, têm uma participação comunitária activa nos projectos da freguesia, orienta actividades de expressão dramática inseridas nas AEC's em diferentes escolas da freguesia, coordena o Grupo de Teatro Sénior de Carnide, assim como tem desenvolvido formações para diversas faixas etárias. Estabeleceram parcerias com o TC, a Fundação Inatel, a Ntheias - Mascot Costumes Production, a Lua Cheia, entre outros parceiros da Rede da Cultura de Carnide. Apresentam uma programação diversa também ao nível das tipologias, dividindo-se entre a área do teatro e o circo.

A associação Estórias de se tirar o chapéu [3%], está muito envolvida com a comunidade do Bairro Padre Cruz, que para além da tarefa de contar histórias, vêm-

⁴⁰ A Umbigo – Companhia de teatro, um projecto criado pela entidade Resto de Nada Associação Cultural, nasceu em 2007, em Vila do Conde, mas cedo vieram para a freguesia de Carnide onde obtiveram a sua primeira sede no edifício sede da Junta; hoje estão sediados no espaço Juntarte. Para além da produção de espectáculos, estão focados na formação e envolvimento comunitário. Um dos seus projectos mais emblemáticos e conectados com a comunidade carnidense é o Familiarte.

⁴¹ A Boutique da Cultura(BC), é uma associação cultural com sede na freguesia de Carnide. As suas principais actividades passam pela actividade teatral, concertos, exposições e edição de livros, e também, organiza vários passeios culturais anualmente a localidades nacionais e internacionais, entre outros projectos. Esta associação formada por um grupo de voluntários, de várias áreas profissionais, assumiu um protocolo de cooperação com a JF, pelos finais de 2014, onde assume a programação regular do Espaço Bento Martins.

se incumbidos muitas vezes de elevar o nível cultural da população envolvente, tal afirmação surgiu em reunião com directora do grupo, Sílvia Romero ao expressar: «Como se pode contar uma história de uma menina italiana, se os ouvintes, normalmente crianças, não sabem onde fica Itália?». Este é mais um grupo em que a sua produção incide sobretudo no eixo comunitário: são acções gratuitas ou com preços simbólicos. Grande parte da sua actividade é produzida no Espaço Bento Martins, na Biblioteca Natália Correia, no CCC e no Espaço Estórias do Chapéu (antigo espaço Lua Cheia – Bº Padre Cruz).⁴²

O Teatro do Silêncio [3%], desenvolvem a sua programação sobretudo no lavadouro público da Rua da Correia, e pontualmente no CCC. A maior parte das acções que produzem são para um público adulto, para maiores de 12 e 16 anos. Ainda que o seu maior foco seja a criação, também têm realizado trabalho a nível comunitário e acolhimentos habituais, pois tal como Maria Gil afirma: «É bom comunicar e partilhar o nosso trabalho, expandindo a comunidade local para a comunidade global. Aprende-se e trazem-se novas ideias». (Anexo 9.3, 181)

A Azimute Radical [2%], é uma associação que é mais vocacionada para a juventude na promoção de desportos radicais, mas que, ainda assim, têm demonstrado interesse e importância na parceria entre as artes e o desporto. Principalmente no CCC produziram acções de teatro para adultos, revistas e, em conjunto com a BC, realizaram um espectáculo de rua, intitulado *Com quantos pontos se constrói uma comunidade?!*, em 2014.

A ContraPalco Produções [2%], são maioritariamente vocacionados para digressões com teatro para escolas, mas, ainda assim, têm uma programação diversificada que inclui leituras, teatro para adultos e teatro musical, localizadas no CCC.

⁴² Esta associação cultural integra a Rede de Cultura desde o Verão de 2011. Não têm propriamente um sítio electrónico, mas é possível acompanhar o historial do grupo através de um blog online. Identificam-se como mediadores de leitura; produzem serões de contos; acções de formação; e programam e divulgam o trabalho de narradores nacionais e internacionais. Como objectivos, apesar de obterem uma maior adesão do público infantil, as várias camadas sociais, profissionais, públicos de diferentes faixas etárias ou com necessidades especiais, fazem parte das suas motivações.

Por último, o grupo Vicenteatro [2%], que a partir de grandes clássicos da dramaturgia portuguesa criaram diversas acções teatrais, centradas no trabalho do actor com a construção e manipulação da marioneta, teatro para diferentes faixas etárias e leituras. Por norma, eram eventos que se realizavam no CCC, e na maior parte das vezes reflectiam um trabalho de grande proximidade com a comunidade.

Quanto à programação teatral por tipologia na freguesia de Carnide, Paulo Quaresma, refere que se programava «de acordo com os agentes culturais que cá tínhamos na altura». (Anexo 9.7, 244)

Partindo da análise realizada, em termos de programação, entre 2011 e 2017, podemos verificar que a tipologia «Teatro» aparece em primeiro lugar com 566 sessões – 37% do número total. E, que dentro desta tipologia, as associações com maior actividade são o TC (279 sessões), a Companhia da Esquina (29 sessões), a BC e o TS (com 20 sessões cada). A nível de localização, estas acções são realizadas no espaço do TC, no Teatro D. Luiz Filipe, no Lavadouro Público e no Espaço Bento Martins.

Em segundo lugar, surgem as «Leituras» com 310 sessões – 20% do total. Os maiores produtores são a Biblioteca Natália Correia Carnide (116 sessões), a Lua Cheia (67 sessões), a Santa Casa da Misericórdia (36) e a associação Estórias de se tirar o chapéu (28). A localização destas acções é no Jardim da Luz, na Biblioteca Natália Correia, no Espaço Lua Cheia e no Espaço Bento Martins.

Em terceiro lugar, realce para o teatro «Infantil» com 303 sessões – 20% do número total de sessões. Os maiores produtores nesta área são o TC (com 76 sessões), a Companhia da Esquina (54), a Umbigo (42) e A Tenda (18). Localizaram-se em maior número sobretudo no CCC.

Em quarto lugar, temos as «Formações» com 107 acções⁴³ – corresponde a 7% do total de sessões teatrais na freguesia. Esta é uma das tipologias que abrange um maior número de produtores e localizações das acções. Sendo que os maiores produtores são o TC (23 formações), a JFC – como produtora, ou co-produtora (15), a A

⁴³ Esta é uma excepção à regra, porque neste caso não se considerou pertinente contabilizar o número de sessões de cada formação.

Tenda e a Umbigo (8 formações cada). As localizações com maior frequência são o CCC, o TC, o Jardim da Luz e o Teatro D. Luiz Filipe.

Em quinto lugar, aparece o Teatro de «Marionetas» com 104 sessões – 6.8% do valor total e, era sobretudo assegurado pela Lua Cheia. Estas acções tinham lugar nos espaços por onde a companhia passava, ou seja no Espaço Lua Cheia, com apresentações no CCC, na Casa do Coreto, mas também no Espaço Bento Martins, em espaços públicos como o Jardim da Luz e o Largo das Pimenteiras.

Em sexto lugar, surge o Teatro de «Rua» com 77 sessões – 5% do valor total. Os produtores com maior actividade eram a companhia Umbigo (23 sessões), a BC (12), o TC (11) e a Lua Cheia (8). Resultava em animações ou espectáculos de maior duração, que aconteciam no espaço público, com maior incidência no Jardim da Luz, no Largo das Pimenteiras e no Bairro Padre Cruz.

Em sétimo lugar, os espectáculos de «Revista» com 29 sessões – 2% do valor total. Curiosamente, os dois maiores produtores são a Azimute Radical e o Grupo Recreativo Escorpiões Futebol Clube, duas associações mais vocacionadas para a área do desporto. As totalidades destas sessões tiveram lugar no CCC.

E por último, em oitavo lugar, temos Teatro «Musical» com 28 sessões – 1,9% do número total de sessões. É a tipologia com menor expressão no panorama geral. Tiveram lugar sobretudo no Teatro D. Luiz Filipe (com a acção *Conto de Natal* -14 sessões), pontualmente no CCC, no Jardim da Luz e na Casa do Coreto.

3.3 O teatro ao serviço da democracia cultural

«Le plus beau de l'Art c'est qu'à chaque nouvelle étape on se sent élève.»
(Meyerhold *in* Manual de Teatro, 2003, 9)

A origem da palavra teatro remete-nos para a Grécia antiga, para o conceito «De *theatron*, (...) o lugar de onde o público via» (Chorão, 1999, 1095). Daí se percebe, em primeiro lugar, que a actividade teatral pressupõe o deslocamento e a concentração dos sujeitos num determinado espaço e, em segundo, uma atenção privilegiada a uma manifestação que foi planeada previamente. Não obstante, a história do teatro tem provado que as práticas teatrais comportam uma dimensão lúdica, meditativa e catárquica.

Assunções mais recentes do conceito, como é exemplo o Teatro do Oprimido⁴⁴, uma concepção teatral em que os públicos são ao mesmo tempo espectadores e actores, demonstra a importância de envolver as comunidades em assuntos de carácter eminentemente político, isto é, permitir que desenvolvam capacidades de resistência face à injustiça social, à desigualdade dos cidadãos e à marginalização. Aqui reside a génese do teatro comunitário. Através do concílio e exposição pública dos interesses individuais e colectivos, viria a discutir-se e experienciar-se uma série de problemas que estão no seio das sociedades.

Os agentes teatrais da freguesia de Carnide, assim como o poder local, têm vindo a demonstrar que esta é a solução (ou pelo menos o mecanismo) desejável, possível de combater a extrema individualização das práticas culturais do capitalismo e distanciar-se do esvaziamento do hiperconsumismo. Citando Paula Granja, a actual secretária e responsável pelo pelouro da cultura da JFC, «é necessário envolver as pessoas para motivá-las, sem impor nada». (Anexo 9.6, 220) Ou passando a citar Paulo Quaresma «trabalhar com a comunidade é mais complexo, mas garante a continuidade do trabalho». (Anexo 9.7, 244) E, ainda, Rita Martins, «[Eu acredito] que o trabalho comunitário pode mesmo contrariar os constrangimentos sociais que às vezes existem em determinados bairros e determinados contextos.» (Anexo 9.8, 259)

No cerne destas preocupações está a crença de que é necessário através das artes, desenvolver um sentimento de pertença e fomentar as culturas locais e sensibilizar as pessoas para as artes. No entanto, Paolo Gorgoni⁴⁵, alerta para os riscos da superficialidade da animação socio-cultural, descrevendo uma situação concreta: «Dez pessoas preparam uma música que necessita de ser cantada durante um espectáculo, mas em vez de contratar um director de coro e/ou professor de canto que lhe ensine «os básicos» e trabalhe a música com eles, basta o animador cultural disponível, mesmo que não tenha competências musicais específicas. Leia-se: os velhotes vão divertir-se e é o que interessa». (Anexo 9.5, 214) Por outro lado, poderá haver projectos estratégicos que ultrapassem a dimensão lúdica, que promovam um maior conhecimento das instituições por parte da população. A título de exemplo, no

⁴⁴ Método teatral desenvolvido por Augusto Boal (1931-2009).

⁴⁵ Foi técnico no sector cultural da JFC, entre Setembro 2015 e Maio de 2016.

âmbito do projecto da CML, Carnide ganhou um considerável número de projectos BIP ZIP, entre eles o programa de «apadrinhamento de lotes», nomeadamente de lotes de apartamentos dos bairros camarários locais, o qual permitiu não só a melhoria do estado físico dos *habitats*, assim como, permitiu a possibilidade de criar afinidades entre os habitantes e associações de várias áreas, entre elas, companhias de teatro que levavam estas pessoas a assistir a espectáculos de teatro. Portanto, falamos de uma verdadeira rede que actua no território, que funciona de forma menos tecnocrata e mais holística, através de verdadeiras trocas benévolas.

É possível identificar aqui uma visão economicista da cultura e das práticas culturais uma visão económica da cultura. Também relativamente a estes projectos financiados e promovidos pela CML, foi possível para a BC, como descreve João Borges de Oliveira, implantar uma livraria solidária na freguesia. A inovação e a sustentabilidade estavam subjacentes ao projecto, não só porque «não existia nenhuma livraria na parte norte da cidade de Lisboa, assim como a aquisição destes livros [usados] serve para a concretização de projectos culturais e artísticos na própria freguesia». (Anexo 9.2, 159)

O mesmo interlocutor dá-nos outro exemplo. A BC lançou um livro com «100 participações», 100 rostos e o mesmo número de histórias pessoais de pessoas que habitam a freguesia. O mote para este trabalho sociológico, tinha como premissas questões como viver em comunidade e participação cívica. Este trabalho fotográfico permitiu a realização de uma exposição pública e uma viagem ao Vaticano a pedido do representante máximo da Igreja Católica, o Papa. Este exemplo ilustra as potencialidades da arte na consumação do reconhecimento público e da auto-estima das comunidades.

No que concerne à Rede Cultural de Carnide, que efectivamente concentra um substancial número de agentes teatrais da freguesia, o poder local parece ter aqui um papel facilitador na dinamização dos vários grupos, a junta teve um papel importante no sentido de captar as colectividades e promover um trabalho em prol da comunidade. Pelas várias entrevistas realizadas no âmbito deste trabalho, dá para perceber que dificilmente seria feito este trabalho sem este vínculo institucional e, também por isso, no âmbito desta investigação foi possível comprovar que, de facto, o

poder local pode ser uma mais-valia para as práticas teatrais apesar que, por si só, não é suficiente para a subsistência dos mesmos, nomeadamente por razões financeiras, pouca capacidade de projecção para o exterior. Tal papel de mediação está reflectido nas palavras de Maria João Trindade, quando afirma:

«E por isso surgiram mais projectos, projectos também com a comunidade, de envolvimento, projectos mais sociais, porque nós como Lua Cheia não tínhamos assim tanto essa missão inicialmente, quando nos constituímos como associação (...) Isso aconteceu porque nós de repente, a convite da junta, ficamos ali num espaço para uma necessidade também que era nossa, ficámos inseridos num bairro social». (Anexo 9.4, 190)

Perante isto, podemos tirar a ilação da influência que o poder local exerce nas práticas culturais da freguesia de Carnide.

3.4 Os poderes públicos e o teatro local

Dentro do balizamento temporal analisado, não se encontraram grandes alterações às políticas culturais da JFC para a produção e promoção das acções teatrais da freguesia. Mantêm-se, o apoio às associações locais, a continuidade da rede da cultura, os mesmos meios de comunicação, a permanência dos eventos emblemáticos e a preocupação por dotar a freguesia com equipamentos culturais.⁴⁶ Não posso deixar de reparar, no entanto, que a atenção dada ao sector cultural tenha perdido terreno nos últimos anos.

Segundo Paulo Quaresma, um dos maiores desafios em definir uma estratégia cultural passa por conciliar os interesses de classes sociais distintas: «temos casos em que 80% dos habitantes da freguesia residem em bairros municipais e uma outra população da classe média e média alta. Portanto há uma grande dificuldade em conciliar os diferentes públicos quando se faz programação cultural» (Anexo 9.7, 244)

3.4.1 As expectativas, as experiências e envolvimento

O poder local tem vindo a demonstrar que a cultura e as práticas culturais podem ser um veículo de diferenciação no mapa da cidade e, que isso, possa funcionar

⁴⁶ Por exemplo, a requalificação do Auditório Municipal Natália Correia, ou o actual interesse por criar um novo espaço para o TC. Projecto que, aliás, teve a sua génese num Orçamento Participativo.

como forma de cativar as rotas turísticas da cidade de Lisboa. Nesse sentido, a diversidade de propostas artísticas é importante para dotar a freguesia de uma vasta oferta no campo das artes.

Apesar de não existirem estudos de público, ainda assim, as experiências e envolvimento demonstram pontos de vista comuns. Quando questionados sobre o assunto, os dirigentes autárquicos falam da dificuldade em despertar o interesse pela actividade cultural e artística da freguesia da população adulta. Ou porque têm vidas mais preenchidas, ou porque não se interessam, ou porque têm uma maior capacidade de deslocação para consumirem arte fora da freguesia. Já, as crianças e os séniores são mais fáceis de reunir. As primeiras porque são incentivadas ou pelos pais, que reconhecem a importância das artes no desenvolvimento cultural dos filhos, ou então são motivadas pelos projectos das próprias escolas. Os segundos, por já não terem uma vida profissional activa, têm naturalmente mais disponibilidade para participar nas actividades. Nesse sentido, subentende-se a questão: como captar a atenção da população jovem e adulta que usa a freguesia como dormitório? Paolo Gorgoni, refere-se à programação como rígida, de certa forma desadequada para a multiplicidade de pessoas e vertentes artísticas contemporâneas, conforme descrito:

«Numa freguesia em que há população de qualquer tipo, não vi empenho ao tratar assuntos complexos e atuais como racismo, homofobia, assuntos queer, saúde pública, direitos laborais. Existem imensos artistas em Lisboa a trabalhar estes temas (...) parece que Carnide gostasse mais de contos de fadas, música pimba, panem et circenses». (Anexo 9.5, 214)

A generalidade dos entrevistados apontam para as dificuldades em atrair novos públicos quando questionados sobre os grandes desafios contemporâneos no acto de programar. Partindo do pressuposto de que, ainda sem estudos concretos, estes agentes locais possam identificar os públicos através das suas capacidades de observação e pelo contacto directo com as pessoas, diríamos que no âmbito dos exercícios finais dos cursos concentram-se sobretudo os familiares locais, indivíduos que não são obrigatoriamente públicos de teatro; o teatro infantil consegue criar mais impacto na população de outras freguesias; a diversidade de projectos congregados no mesmo evento/espço pode suscitar a atenção dos públicos que se cruzam entre as

diversas actividades; a presença de um actor da televisão no cartaz é um facilitador de públicos; também as capacidades que as companhias têm em deslocar pessoas, fidelizarem públicos, no fundo a percepção dos públicos de que não serão sabotados nessas escolhas; o estabelecimento de projectos que congreguem várias áreas, como a área social, ou comunidades específicas, como é o caso dos eventos promovidos pela Associação dos Antigos Alunos de Cabo Verde; a seguir os títulos mais chamativos ou o reconhecimento da importância dos dramaturgos clássicos; fora um outro aspecto o da perfeita imprevisibilidade.

Simultaneamente, parece existir uma opinião generalizada quanto à origem dos públicos, conforme expresso nas palavras de Maria Gil:

«Curiosamente, em Carnide, temos mais pessoas que vêm de fora da freguesia assistir aos espectáculos do que de dentro, mas é um aspecto comum aos vários grupos em Carnide, e já debatido nas reuniões da Rede de Cultura. Actualmente, a Rede está a ponderar criar um cartão da cultura para os habitantes de Carnide». (Anexo 9.3, 181)

3.4.2 Projectos educativos

No seguimento da reorganização administrativa da cidade de Lisboa, segundo a Lei nº56/2012, do artigo 161.º da Constituição, as juntas de freguesia ganharam novas competências, nomeadamente a atribuição da gestão dos Jardins de Infância, escolas do 1ºciclo e a contratação do pessoal não docente, designadamente auxiliares de educação. A JFC foi mais além e criou espaços e condições para acolher os alunos durante os 12 meses do ano, promoveu as AEC's e os clubes de interesses (nas áreas optadas pelas próprias crianças: a dança, o teatro, a actividade física, o basquetebol e o hip-hop), e ainda, ATL's nas escolas de 2ºciclo (com início em Setembro de 2011), no Bairro Padre Cruz e em Telheiras, com três monitores por cada sala.

«Desde 2007 é a JF que assegura em toda a freguesia as Actividades de Enriquecimento Curricular. Foi a 1ª freguesia de Lisboa a desenvolver este trabalho. Foi um projecto que envolveu cerca de 700 crianças e único no país, sendo a sua qualidade várias vezes referida pelo Ministério da Educação. Todas as actividades são

de frequência gratuita e foram dinamizadas por parceiros locais como o TC, a Associação Tenda ou o Clube Atlético e Cultural (CAC).» (JFC, 2013e, 18)

A JFC tem demonstrado uma constante preocupação na oferta artística para a comunidade educativa, tomando por base o depoimento de Paula Granja: «As pessoas estão muito despertas para ir às actividades culturais, porque isso foi desde sempre fomentado pela autarquia. Aqui, arrisco-me a dizer, que nenhum menino que passou pelas escolas de Carnide de 1ºciclo pode dizer que nunca foi ao teatro». (Anexo 9.6, 220)

Desde cedo, desenvolveram-se projectos em que se colocava a relação aproximada entre a área da educação e cultura. Desde o projecto 4x4, em 2002, que posteriormente deu lugar às AEC's, com a possibilidade de demonstrar o trabalho realizado em sala de aula na Feira de Expressões Artísticas de Carnide, aos Clubes de Interesses, Às Férias Artísticas e às Visitas Culturais às instituições

Em relação ao teatro para escolas, podemos constatar a vantagem em ter uma maior garantia de adesão de público, porque este retrata temas ou textos que coincidem com o calendário escolar. Não obstante, é sem dúvida mais relevante levar as crianças ao teatro e não o contrário. A identificação com o espaço Teatro, o conhecimento de todas as particularidades da maquinaria, do número de pessoas envolvidas e demais funções, a adequação do meio para propiciar a mundo ficcional é, naturalmente, muito maior. Apesar que, como refere Maria João Trindade:

«Acontece que a determinada altura, primeiro com a situação do transporte escolar em que as crianças não podem ir de qualquer maneira, são exigidas condições mínimas de deslocação, seguido com a crise em que as pessoas tinham pouco dinheiro para pagar os autocarros mais caros e, no seguimento disso, pelo motivo de que muitas companhias começaram a ir às escolas, as escolas começaram a sair menos» (Anexo 9.4, 190)

Também no sentido de reflectir a importância de um serviço público, criando maiores condições de acessibilidade às instituições, é representada nas palavras de João Borges de Oliveira quando exemplifica:

«Quando nós conseguimos o auditório dentro do Bairro Padre Cruz, logo foi quase aqui um plano estratégico porque íamos resolver vários problemas, o problema dos grupos, o problema de abrir o bairro a novos públicos e depois do próprio público do bairro poder consumir e usufruir cultura. Isto foi um projecto fantástico porque após a abertura do centro cultural e, ele está todo com o vidro na parte do foyer, fizemos também um espaço expositivo e as pessoas do Bairro ficaram a ver as exposições do lado de fora do edifício. (...) Isto foi um fenómeno... mudar este paradigma». (Anexo 9.2, 159)

Partindo deste exemplo, verifica-se que a arte pode ser um veículo de aproximação entre a população do bairro a outras comunidades.

3.4.3 O Centro Cultural de Carnide

«[O Bairro Padre Cruz] é um bairro agradável, com problemas como todos os outros, mas com grandes qualidades e potencialidades» (JFC, 2011h, 12)

O Centro Cultural de Carnide (CCC) foi inaugurado no dia 24 de Março de 2011, durante a legislatura de Paulo Quaresma. Para o executivo da JFC, considerou-se imperativo democratizar o acesso à cultura, e para isso era necessário ter uma sala de espectáculos com relativa capacidade para acolher os públicos. Denotou-se necessário requalificar o único auditório (o antigo Auditório Natália Correia), que estava sob a gestão do departamento da Acção Social da CML e praticamente inactivo e dar-lhe uma nova cara e condições para receber os diversos agentes locais e acolher outros. Notoriamente, o poder local pretendia ter um papel facilitador/promotor dos principais agentes culturais.

Tal como a designação do equipamento indica, este seria um projecto estruturante, representativo de um centro de difusão, fruição, formação e criação de identidades culturais de Carnide, apesar de toda a controversia relacionada com a sua localização no Bairro Padre Cruz

Segundo o regulamento do equipamento, o auditório tem uma capacidade para 172 pessoas, e é composto por 1 sala estúdio, foyer/espço para exposições, *régie*, 2 camarins, 1 palco com 4 metros de profundidade vezes 9 metros de largura, 1 bar e 1

posto dos correios (instalado em Setembro de 2012).⁴⁷ (JFC, 2012, 2) Segundo os boletins da JFC só no primeiro ano o CCC recebeu mais de 15000 espectadores.

Este é um equipamento cultural que é gerido directamente pela JFC (programação, apoio técnico, bilheteira e limpeza), é cedido gratuitamente às estruturas associativas locais protocoladas com a JFC e, ainda, para causas comunitárias. Relativamente a outro tipo de acolhimentos, as colectividades contribuem com pequenas percentagens de bilheteira. E tal como o nome de Centro Cultural indica, este é um espaço de convergência de diferentes domínios artísticos e culturais. A programação incide sob os diferentes eixos: dança, teatro, música, exposições, formação, reuniões e congressos.

Ao contrário do que se poderia esperar, no que diz respeito às acções de teatro, o CCC representa a segunda localização da freguesia com maior actividade, logo após ao TC. (Anexo 4.4. Tabela II) Numa primeira fase (entre 2011-2014), por ano, a programação assegurava um número de sessões superior a 40; e numa segunda fase (entre 2015-2017) o número encontra-se sempre abaixo das 40 sessões.

Já quanto ao número de espectadores também revela uma tendência regressiva. Depreende-se através dos boletins informativos que nos primeiros oito meses da actividade do CCC registaram-se 6131 espectadores. Já no ano de 2017 registaram-se 5644 espectadores (no mesmo período temporal).⁴⁸

Relativamente às formações podemos destacar diferentes cenários. Em 2011, eram dinamizados 10 workshops⁴⁹, 2 deles na área da dança, 3 com enfoque na música, 2 no teatro, 2 no circo, 1 para artes visuais/artes plásticas. Havia neste caso um equilíbrio entre os diversos domínios artísticos. Segue-se 2012, em que das 11

⁴⁷ Segundo a informação recolhida através dos boletins e das entrevistas, um posto dos correios local era já uma antiga aspiração dos habitantes do bairro, porque o posto mais próximo ficava fora da cidade e, sendo estrategicamente colocado no CCC, com certeza levaria mais público a entrar num equipamento cultural, a criar familiaridade com o espaço e provavelmente mais facilmente poderia vir a participar na criação e criatividades locais.

⁴⁸ Dado fornecido por Ana Pestana, técnica do CCC, em questionário respondido por correio electrónico a 9 de Agosto de 2018.

⁴⁹ Os boletins entre Julho e Dezembro de 2011, mencionam: aulas de Hip Hop, aulas de música/dança com o Grupo Etnográfico de Carnide, Cenas de Circo, Percussão, O circo do meu bairro, Familiarte – Teatro Comunitário, Junta-te ao Batuk, Oficina de Pintura, Oficina Teatral e Oficina de Pinturas Faciais.

formações reportadas nesse ano, 6 eram destinadas à área da dança.⁵⁰ Nos três anos seguintes, a mesma situação mantém-se no que respeita à predominância da área da dança. No entanto em 2015, o teatro, o circo e a música deixam de existir e surgem algumas novidades, tais como: Academia de filosofia, aulas de italiano e pilates. Já em 2016, das 9 formações desenvolvidas, 4 dizem respeito à área da dança, 2 para a música, 1 para teatro e 2 para as artes visuais (fotografia e maquilhagem). Para finalizar, em 2017, em comparação com os anos anteriores, o número de formações foi reduzido para 4: 2 na área da dança (*ballet* e *hip hop*), 1 na área da música/teatro (aulas de canto/voz) e 1 na área das artes visuais (fotografia).

No que concerne aos espectáculos de teatro também se verifica um decréscimo entre 2011-2017. Se em 2011 constata-se 140 sessões, em 2017 registam-se somente 6 sessões. Relativamente ao tipo de evento, por um lado as tipologias mais representativas do Teatro são: Infantil (156 sessões), “Generalista” (114) e Marionetas (48). Por outro lado, de menor representatividade são: Revista (29), Leituras (24) e Musical (9).

⁵⁰ Seis workshops na área da dança: «Diz-me como danças, dir-te-ei quem és»; danças tradicionais búlgaras; Grupo de Hip-Hop; Grupo etnográfico de Carnide; O nosso arco-íris; e, Capoeira. De seguida, o teatro com três acções: Familiarte - teatro comunitário; o nosso arco íris (teatro/dança); e, Oficina do mundo faz de conta; e dois workshops ligados à música (Junta-te ao Batuk e o grupo etnográfico de Carnide – música/dança).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Teatro pode ser um veículo de desenvolvimento social. As práticas teatrais fortalecem sentimentos de comunhão entre as pessoas. Na intersecção da actividade da JFC com os agentes teatrais da freguesia, resultam estratégias para um plano cultural. Demonstra-se que as práticas culturais promovem as culturas locais e fomentam o(s) sentido(s) de pertença; elevam o nível cultural da população; estimulam a criação cultural; fortalecem um tecido sociocultural e promovem a participação da sociedade civil nas medidas de política cultural; ajudam a confrontar positivamente culturas e línguas minoritárias; e garantem uma dimensão lúdica da fruição cultural.

Neste trabalho encontram-se exemplos de como o teatro e as práticas culturais podem contribuir na tarefa de elevar o nível intelectual da comunidade. A título de exemplos, a leitura de histórias adaptadas aos públicos do Bairro Padre Cruz; as práticas formativas que desenvolvem as acções teatrais, as quais contribuem para um maior conhecimento de peças clássicas ou, de forma diversa, praticam criações colectivas e constroem adaptações ou peças inéditas. Comprova-se também que o teatro tem a vantagem benévola de reunir um grande número de pessoas, permitir a fruição cultural e ao mesmo tempo permitir maior acessibilidade ao meio associativo, ao poder local, na sua potencialidade de contribuir para a consolidação da coesão social.

No que diz respeito às vontades e necessidades das comunidades residentes, através das entrevistas realizadas, podemos concluir que há realidades distintas. A actividade associativa participa em diversas actividades dirigidas à população local, apesar de o seu principal enfoque passa por atrair públicos de uma forma mais alargada do que a freguesia e, especificamente, o enfoque manifesta-se na procura de um maior reconhecimento no meio teatral português. Não obstante, realizam-se uma série de actividades, tais como: as AEC's, teatro para escolas, visitas às instituições, dinamização da marcha ou do curso do carnaval e teatro de âmbito comunitário.

No que concerne às potenciais capacidades da Junta de Freguesia em constituir uma comunidade, pela ambivalência demonstrada no conjunto de entrevistas realizadas durante este trabalho, não é possível assumir uma resposta conclusiva.

No primeiro capítulo pode-se concluir que efectivamente a freguesia de Carnide demonstrava carências ao nível infraestrutural, com dimensões apropriadas para as práticas culturais e teatrais. Desde cedo detecta-se um elevado número de produtores que actuam no território, os quais têm encontrado (com o apoio do poder local) soluções práticas e profícuas para a dinamização das práticas culturais, tanto a nível comunitário, conciliando a co-existência da população, de técnicos, voluntários e profissionais do meio artístico, assim como formas de apoiar as colectividades, através da cedência de espaços, apoio humano, logístico e financeiro. A existência de uma Rede Cultural, igualmente tem demonstrado ser possível unir esforços e encontrar soluções optimizando recursos.

No segundo capítulo pretendemos fazer uma análise exaustiva da programação daquela que é uma das associações culturais com maior relevo na freguesia de Carnide, o TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática. Através dessa análise foi possível concluir que o grupo vem a demonstrar dificuldades de subsistência, menos apoios nos anos mais recentes e menos programação. Entre 2011 e 2017, ao nível do número de sessões registam-se números mais baixos nos anos de 2016 e 2017, verificando-se o mesmo cenário ao nível do número de espectadores (no mesmo espaçamento temporal, com uma descida de 41%).

A partir do terceiro capítulo, pode-se concluir que há um grande número de produtores teatrais na freguesia, sendo que apenas treze apresentam uma actividade regular (com um número de acções superior a 7 sessões). As tipologias teatrais detectadas na programação da freguesia são: musical, teatro de rua, revista, marionetas, infantil, teatro «generalista», formações e leituras. A tipologia com maior expressão é o teatro «generalista» (561 sessões), a seguir o teatro «infantil» (308), as «leituras» (310), e formação (107). A componente formativa tem grande relevância para as associações, pois representa uma parte considerável dos seus orçamentos. Já as tipologias de menor expressividade são a revista (com 29 sessões) e o musical (28)

que, especificamente demonstra ser um tipo de espectáculo difícil de programar. A maioria destas tipologias têm menor expressividade em 2016 e 2017.

Pode-se ainda concluir que os equipamentos culturais disponíveis, em especial o CCC, em termos de infraestruturas e capacidades técnicas, não oferece as condições apropriadas para as exigências do sector, ao mesmo tempo menos programação – se entre 2011-2014, a programação assegurava um número de sessões superior a 40/ano, entre 2015-2017, o número encontra-se sempre abaixo das 40 sessões/ano – e talvez deverão ser repensados os meios de comunicação, pois há menor adesão de públicos nos últimos anos.

Há um trabalho que vem a ser feito na área do teatro comunitário. Podemos reafirmar que a freguesia de Carnide tem uma actividade teatral permanente. Contudo, com uma tendência regressiva. Menos apoios, menor capacidade financeira, menos programação, mediação mais reduzida e menos público.

Ao longo deste trabalho são fornecidos alguns exemplos de práticas culturais e projectos educativos. É demonstrado o valor pedagógico da cultura, quer através de modelos de educação formal ou informal. A criação de hábitos para as actividades culturais é uma premissa da actuação das escolas e das autarquias. Através da criação de espaços complementares às escolas, são desenvolvidas práticas artísticas e desportivas.

Mas a educação não formal também se deve manifestar através de programas que façam os alunos sair do espaço escolar. No entanto, no que concerne às práticas teatrais, as escolas têm cada vez mais dificuldades em fazê-lo, quer pelas escassas possibilidades financeiras de alguns pais, quer porque uma série de grupos de teatro passou a ir representar às escolas. Pelo conjunto de práticas culturais examinadas neste trabalho e na tentativa de tentar perceber a origem dos públicos, pode concluir-se que há uma sobrevalorização do grupo estudantes-professores e do público sénior. Por outro lado, este trabalho vem reforçar a ideia de que é difícil abarcar os jovens adultos casados, trabalhadores e com condição parental.

No decorrer deste trabalho foi possível comprovar que efectivamente uma Junta de Freguesia pode ser uma mais valia para a produção e promoção das práticas

teatrais, nomeadamente a partir dos privilégios inerentes à instituição, tais como: facilidade de reunir a população, a intersecção de diferentes áreas através de projectos multidisciplinares, alguma capacidade financeira. Na verdade, e nesta perspectiva, uma Junta de Freguesia, e a de Carnide em particular, pode ser entendida como um centro simbólico e efectivo dos interesses colectivos, em que é possível dar resposta a uma parte das dificuldades sentidas pelas entidades teatrais.

BIBLIOGRAFIA ACTIVA

CALADO, Maria; Ferreira, Vítor Matias - **Lisboa: freguesia de Carnide**. Lisboa: Contexto, 1991. 60, [1] p. ISBN 972-575-114-0.

CHORÃO, João Bigotte, dir. – Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa|São Paulo: Editorial Verbo, 1999.

FIGUEIREDO, Paulo - **Freguesia de Carnide. Um lugar único e mágico**. Lisboa: Junta de Freguesia de Carnide, 2005. 188 p.

INE – **Censos 2011: resultados definitivos – Portugal**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2012. 560 p. ISBN 978-989-25-0181-9..

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Agenda Cultural Carnide – Ano 2 – Número 4** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. Disponível em <URL:https://www.jf-carnide.pt/xms/files/PARA_A_POPULACAO/INICIATIVAS/AGENDA_FEV_MAR_2015.pdf>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide . Janeiro 2011(a), Número 101, Ano X** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=70>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Fevereiro 2011(b), Número 102, Ano X** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Março 2011(c), Número 103, Ano X** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Abril 2011(d), Número 104, Ano X** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Junho 2011(e), Número 105, Ano X** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Julho 2011(f), Número 106, Ano X** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Setembro 2011(g), Número 107, Ano X** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Outubro 2011(h), Número 108, Ano X** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018].24p. Disponível em <URL: <https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Dezembro 2011(i), Número 109, Ano X** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Janeiro 2012(a), Número 110, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Fevereiro 2012(b), Número 111, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Março 2012(c), Número 112, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set.

2018]. 24p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Abril 2012(d), Número 113, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Maio 2012(e), Número 114, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>:

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Julho 2012(f), Número 115, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=56>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Setembro 2012(g), Número 116, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Outubro 2012(h), Número 117, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL :<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Novembro 2012(i), Número 118, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Dezembro 2012(j), Número 119, Ano XI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Fevereiro 2013(a), Número 120, Ano XII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Abril 2013(b), Número 122, Ano XII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Junho 2013(c), Número 123, Ano XII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 32 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Julho 2013(d), Número 124, Ano XII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Setembro 2013(e), Número 125, Ano XII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 60 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Fevereiro 2014(a), Número 126, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Março 2014(b), Número 128, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Abril 2014(c), Número 129, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set.

2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=42>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Maio 2014(d), Número 130, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Junho 2014(e), Número 131, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Julho 2014(f), Número 132, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Setembro 2014(g), Número 134, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Outubro 2014(h), Número 135, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Novembro 2014(i), Número 136, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Dezembro 2014(j), Número 137, Ano XIII** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Janeiro 2015(a), Número 138, Ano XIV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 24 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Fevereiro 2015(b), Número 139, Ano XIV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Abril 2015(c), Número 140, Ano XIV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Maio 2015(d), Número 141, Ano XIV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Junho 2015(e), Número 142, Ano XIV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Julho 2015(f), Número 143, Ano XIV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=28>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Setembro 2015(g), Número 144, Ano XIV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Outubro 2015(h), Número 145, Ano XIV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27

Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Nov/Dez 2015(i), Número 146, Ano XIV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Janeiro 2016(a), Número 147, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Fevereiro 2016(b), Número 148, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Março 2016(c), Número 149, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Abril 2016(d), Número 150, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Maio 2016(e), Número 151, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Junho 2016(f), Número 152, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Julho 2016(g), Número 153, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Agosto 2016(h), Número 154, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Setembro 2016(i), Número 155, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Outubro 2016(j), Número 156, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Novembro 2016(k), Número 157, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?offset=14>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Dezembro 2016(l), Número 158, Ano XV** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Janeiro 2017(a), Número 159, Ano XVI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Fevereiro 2017(b), Número 160, Ano XVI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult.

27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Março 2017(c), Número 161, Ano XVI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Abril/Maio 2017(d), Número 162, Ano XVI** [em linha]. Lisboa [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE - **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide. Julho/ Agosto 2017(e), Número 163, Ano XVI** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 Set. 2018]. 20 p. Disponível em <URL:<https://www.jf-carnide.pt/para-a-populacao/publicacoes/boletins/?>>

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE – **Carnide: Património Vivo 1993**. Lisboa: JFC, 1993. 72 p.

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE – **Regulamento do Centro Cultural de Carnide** [em linha]. Lisboa: [s.n]. [Consult. 27 de Setembro 2018]. 20p. Disponível em <URL:https://www.jf-carnide.pt/xms/files/PARA_A_POPULACAO/CENTRO_CULTURAL_CARNIDE/REGULAMENTO_DO_CENTRO_CULTURAL_DE_CARNIDE.pdf>

PINHEIRO, João; GOMES, Rui Telmo - **Associativismo Cultural em Cascais**. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2005.118 p. ISBN 972-8488-30-0.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Relatório intermédio de atividades**. 2011a. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Relatório final de atividades**. 2011b. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Relatório final de atividades**. 2012. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Relatório intermédio de atividades**. 2013a. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Relatório final de atividades**. 2013b. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Relatório de atividades**. 2014. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Resumo atividades e contas**. 2015. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Relatório de atividades**. 2016. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Relatório de atividades**. 2017. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA/ JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE – **Protocolo de cooperação**. 2017. Acessível no TC - Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

TC-TEATRO DE CARNIDE-SOCIEDADE DRAMÁTICA – **Proposta de redação dos novos estatutos**. 2013. Acessível no TC – Teatro de Carnide – Sociedade Dramática.

Vargas, C. (2011^a). **Construir Teatros e Cine – Teatros em Portugal: Novos palcos para os artistas, novos espetáculos para o público**. [em linha] Lisboa: S/I: Observatório Político. Working Paper 2. [Consult. 19 Set. 2018]. Disponível em <URL:<http://www.observatoriopolitico.pt/wp-content/uploads/2011/12/wp-2.pdf>>

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

AA. VV. (2009) Carta Estratégica Lisboa 2010/2024, Lisboa, CML.

AA. VV. - **O Sector da Cultura nas Câmaras Municipais da Região Norte**. Porto: Ministério do Equipamento do Planeamento e da Administração do Território/ Comissão da Coordenação da Região Norte, 1999.

ANDERSON, Benedict (1991) Comunidades Imaginadas Trad. Denise Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras (ed Orig.: Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism, 1983).

BRUÇÓ, Samya - **O que é um teatro municipal? Estudo de caso: O Teatro Municipal Joaquim Benite em Almada (2007-2012)**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015. 111p. Trabalho de Projecto de Mestrado.

Câmara Municipal de Lisboa - **Carnide-Luz: Reflexões sobre as alterações da ocupação do território e a sua incidência na vivência dos habitantes**. Lisboa: Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, 1991.

CAPUCHA, Luís (1990), “Associativismo e modos de vida”, Sociologia – Problemas e Práticas nº8, Lisboa, CIES-ISCTE.

Consiglieri, Carlos [et al.] 1993. - **O termo de Lisboa, Pelas Freguesias de Lisboa: Benfica, Carnide, Ameixoeira, Charneca, Lumiar**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993.

Costa, Pedro. 2007. **A cultura em Lisboa: competitividade e desenvolvimento territorial**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

EAGLETON, Terry (2003) A ideia de Cultura. Trad. Sofia Rodrigues, Lisboa, Temas e Debates (ed Orig.: The idea of Culture, 2000).

FAZENDEIRO, Sílvia Raquel Mendes - **A educação na freguesia: o caso da Junta de Freguesia de Carnide**. Lisboa: Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, 2011. 115 p. Relatório de estágio de mestrado.

FIGUEIREDO, Paulo - **Grupo Teatro Carnide**. Lisboa: Junta de Freguesia de Carnide, 2007. 83 p.

FIGUEIREDO, Paulo - **Movimento Associativo Carnide**. Lisboa: Junta de Freguesia de Carnide, 2006. 121 p.

FREITAS, Fátima - **História e Memórias do Bairro Padre Cruz. Construir cidade à escala humana**. Lisboa: Junta de Freguesia de Carnide, 2013. 146 p.

GOMES, Rui Telmo; Vanda Lourenço - **Democratização Cultural e Formação de Públicos – Inquérito aos ‘Serviços Educativos’ em Portugal**. Col. OBS-Pesquisas. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2009.

LOPES, E. R. - **Programação Cultural Enquanto Exercício de Poder**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade de Lisboa, 2010. 526 p. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Comunicação.

LOPES, João Teixeira - **A Cidade e a Cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas**. Porto: Edições Afrontamento, 2000. 392 p. ISBN 9789723605297.

LOPES, João Teixeira - **Da democratização à democracia cultural: Uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público**. Porto: Profedições, Lda./Jornal a Página, 2007. 119 p. 978-972-8562-40-3.

Madeira, C. - **Novos Notáveis. Os programadores culturais**. Oeiras: Celta Editora, 2002. 185 p. ISBN 9727741479.

MARTINHO, Teresa D.; GOMES, Rui T. - **O Centro Cultural de Cascais: Estudo de um Equipamento Cultural**. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2005. 134 p. ISBN 972-8488-31-9.

Martins, G. O. - **Património, Herança e Memória: A Cultura como criação**. Lisboa: Gradiva, 2009, 196 p. ISBN 978-972-616-305-1.

MENDES, Tiago Miguel Tavares - **Política Cultural de Cidade. Um estudo de caso: A cidade de Guimarães (1985-2015)**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2016. 135 p. Trabalho de Projecto de Mestrado.

NEVES, José Soares; SANTOS, Jorge Alves dos (colab.) - Despesas dos Municípios com Cultura. In Gomes, Rui Telmo [et al.] – **Entidades Culturais e Artísticas em Portugal**. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2006. ISBN 972-8488-37-8. P.163.

PINTO, Aires Ferreira - **A Freguesia**. Lisboa: Edição de Autor, 1993, 52 p.

PUIG, Toni - **Se acabó la diversión: Ideas y gestión para la cultura que crea y sostiene ciudadanía**, Buenos Aires: Paidós, 2004. 317 p. ISBN 9789501245288.

Rubim, António. 2010. “Políticas culturais e novos desafios”. In *Novos Trilhos Culturais*, Maria de Lourdes Lima Santos e José Machado Pais (org.). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais: 249-270.

SANTOS, Helena - Públicos culturais: algumas notas com museus em fundo - *Museologia.pt*.Lisboa. 1646-6705 Ano II: 2 (2008) páginas 78-89.

Santos, M.L.L. *et al* - **Cartografia Cultural do Concelho de Cascais**. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2005. 381 p. ISBN 972-8488-36-X.

SANTOS, Maria Lourdes Lima dos; PAIS, José Machado (org.) - **Novos trilhos culturais: Práticas e Políticas**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010. 273 p. ISBN 978-972-671-264-0.

SANTOS, M. L. - **O Valor da Cultura nas Autarquias em Portugal**. Lisboa: Universidade de Aveiro, 2007. 175 p. Dissertação de mestrado.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos [et al.] - **As Políticas Culturais em Portugal: relatório nacional**. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 1998. 501 p. ISBN 9728488025.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (2000), “Políticas culturais europeias (1)” in *Obs* nº 8, Julho, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp.2-6.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos – **Sociologia da Cultura**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012. 511 p. ISBN 9789726712992.

SANTOS, Sofia – *Imagens da Cidade Planeada: A diversidade cultural e o pensamento estratégico urbano de Lisboa*, **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS** [Em linha]. Nº57:6 (2008) 131-151. Maio. [Consult. 27 Set. 2018]. Disponível em WWW:> URL: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n57/n57a07.pdf>.

SILVA, Augusto Santos, BABO, Elisa Perez, SANTOS, Helena e Guerra, Paula, (1998), “Agentes culturais e públicos para a cultura: Alguns casos ilustrativos de uma difícil relação”, *Cadernos de Ciências Sociais* nº18, Porto, Afrontamento.

SILVA, Augusto Santos - Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro - *Sociologia, Problemas e Práticas*. Lisboa. Nº54 (2007), páginas 11-33.

SOLMER, António [et al.] – **Manual de Teatro**. 3ª ed. Lisboa: Temas e Debates, 2003. 396 p. ISBN 972-759-602-9.

SOUSA, Maria Filomena C. V - **O Município de Odivelas e as Práticas de Cultura. Um Estudo de Caso: O Centro Cultural da Malaposta (2007-2012)**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014. 165 p. Trabalho de Projecto de Mestrado.

TEIXEIRA, Maria - **Áreas Metropolitanas e Comunidades Urbanas: Que descentralização?** Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007. Dissertação de Mestrado.

VARGAS, Carlos [et al.] – **Cultura Política e Práticas de Cultura**, Lisboa: Fonte da Palavra, 2012. 168 p. ISBN 978-989-667-125-9.

Veiga, Calor Margaça [et al.] – **Quadros da história de Lisboa: a freguesia de Carnide**, Lisboa: Academia Portuguesa da História/Junta de Freguesia de Carnide, 2014. 145p. ISBN 978-972-624-206-2.

VIEIRA, Rafael Figueiredo - **Programação de Teatros Municipais. Três estudos de caso no distrito de Aveiro: Cineteatro Alba, Cineteatro de Estarreja e Centro Cultural de Ílhavo**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015. 277 p. Trabalho de Projecto de Mestrado.

LEGISLAÇÃO

Constituição da República Portuguesa, 1978 Art.º 237, nº s 1 e 2, : 111-112.

Diário da República nº216/2012, Série I de 2012-11-08, Art.º 161, alínea c) : 6454-6460

WEBGRAFIA

[https://www.jf-](https://www.jf-carnide.pt/xms/files/PARA_A_POPULACAO/CENTRO_CULTURAL_CARNIDE/REGULAMENTO_DO_CENTRO_CULTURAL_DE_CARNIDE.pdf)

[carnide.pt/xms/files/PARA_A_POPULACAO/CENTRO_CULTURAL_CARNIDE/REGULAMENTO_DO_CENTRO_CULTURAL_DE_CARNIDE.pdf](https://www.jf-carnide.pt/xms/files/PARA_A_POPULACAO/CENTRO_CULTURAL_CARNIDE/REGULAMENTO_DO_CENTRO_CULTURAL_DE_CARNIDE.pdf)

<http://www.casadoartista.net/>

<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/teatro-da-luz-teatro-dom-luiz-filipe>

<https://www.jf-carnide.pt/>

<http://www.luacheia.pt/acompanhia.html>

<http://estoriasdochapeu.blogspot.com/>

<https://ecarnide.hypotheses.org/>

http://bipzip.cm-lisboa.pt/imgs/ciclo_regras.pdf

ÍNDICE DE ANEXO

Anexo 1 – Tabelas de programação teatral da freguesia de Carnide (2011-2017)

(Dados recolhidos e tratados por Pedro Estima, 2018)

Anexo 1.1. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2011)

Ano	Designação da Acção	Sessões	Classificação	Tipologia	Produtor	Localização das Acções	Eixo
2011	Workshop de Caracterização Cenográfica	1	>16	Formação	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2011	Curso para Adultos	1	>16	Formação	TC	TC	Comunitário
2011	Curso de Teatro Jovem	1	>14	Formação	TC	TC	Comunitário
2011	Estórias, chá e bolinhos em...Noites de Lua Cheia - Teatro para todos	12	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2011	K-cenas	1	>12	Formação	A Tenda	Espassus 3G	Comunitário
2011	Curso para Adultos	1	>16	Formação	A Tenda	Instituto do Desenvolvimento Social	Comunitário
2011	Cenas	1	>3	Formação	A Tenda	Espassus 3G	Comunitário
2011	Estórias para contar	12	>3	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Criação
2011	Performance com textos de Natália Correia	1	>0	Teatro	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2011	O Senhor de la Fontaine em Lisboa	9	>4	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Criação
2011	A Menina do Mar	11	>4	Leituras	ContraPalco Produções	CCC	Criação
2011	A-Corda a Noite	1	>3	Teatro	Lua Cheia - Teatro para todos/Teatro de Carnide	Percurso pelas ruas	Comunitário
2011	Cerejeira da Lua	15	>4	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Criação
2011	Pequenas Fábulas	2	>4	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Criação
2011	Workshop de Construção de Máscaras	1	>16	Formação	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Comunitário
2011	Da minha janela	1	>3	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Biblioteca Natália Correia Carnide	Criação
2011	Closer	1	>16	Teatro	A Tenda/Teatro de Carnide	CCC	Criação
2011	Cenas de Circo	1	>1	Formação	A Tenda	CCC	Comunitário
2011	Carta com Resposta	2	>12	Teatro	A Tenda	CCC	Criação
2011	Baldecas	6	>4	Infantil	A Tenda	CCC	Criação
2011	Cenas de Páscoa	1	>3	Formação	A Tenda	CCC	Comunitário
2011	Teatro Fórum em Carnide	1	>14	Teatro	GTO-LX/ Rede Cultural de Carnide	CCC	Comunitário
2011	Mostra de Teatro Sénior	5	>0	Teatro	Academia Sénior Carnide/ Centro de dia BºPadre Cruz	CCC	Comunitário
2011	Nha Fia	1	>6	Teatro	Grupo de Teatro Raiz de Cabo Verde	CCC	Acolhimento
2011	Familiarte -Teatro Comunitário	1	>0	Formação	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2011	Oficina Teatral	1	>14	Formação	Valéria Carvalho - actriz	CCC	Comunitário
2011	Pindoko	2	>6	Teatro	Grupo de Teatro Raiz de Cabo Verde	CCC	Acolhimento
2011	Oficina do Mundo Faz de Conta	1	>3	Formação	Vicenteatro	CCC	Comunitário
2011	Marionetas em Esponja	1	>16	Formação	Vicenteatro	CCC	Comunitário
2011	Familiarte - Ensaio Aberto	1	>0	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2011	Workshop de Teatro Documentário	1	>12	Formação	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Comunitário
2011	Horn Ok Please	3	>12	Teatro	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Criação
2011	Rua Maria Brown	2	>16	Teatro	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Criação
2011	Glasgow 4, O Nome de Todas as Ruas	2	>12	Teatro	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Criação
2011	Procura por mim neste diário o resto não vale nada	2	>12	Teatro	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Criação
2011	Outras Escritas para Teatro	1	>12	Formação	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Comunitário
2011	A Menina que detestava livros	15	>4	Infantil	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Criação
2011	O dia em que quase não houve Natal	13	>4	Infantil	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Criação
2011	Dizendo e cantando Ary dos Santos	1	>12	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço Bento Martins	Comunitário
2011	Teatro para crianças e adultos	1	>3	Formação	Armazém Aér(i)o	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Comunitário

2011	Matiné de Estórias para pais e filhos	7	>4	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2011	A Cerejeira da Lua	20	>4	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Criação
2011	Contos Rentes ao Chão	1	>0	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2011	Espelho meu, em que conto me vejo eu?	1	>12	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	CCC	Comunitário
2011	Contar com tapetes narradores	1	>0	Formação	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2011	Um Chá no País das Maravilhas	1	>4	Formação	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2011	Contos para embalar crescidos	1	>16	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2011	Contos em Família: estórias à mão...para semear	1	>4	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2011	Ora Toma Que é do Bairro	6	>0	Revista	Azimute Radical	CCC	Comunitário
2011	Numa Casa Portuguesa	5	>12	Teatro	Azimute Radical	CCC	Criação
2011	O Sonho	1	>12	Teatro	Grupo de Teatro Imediato	CCC	Acolhimento
2011	O Urso	10	>12	Teatro	Teatro O Cubo	CCC	Acolhimento
2011	Prometeu Agrilhado	2	>16	Teatro	PLIMAP/GTL - Grupo de Teatro de Letras	CCC	Acolhimento
2011	Crimes Exemplares	2	>16	Teatro	Actin - Atelier de Desenvolvimento, Dança e Teatro	CCC	Acolhimento
2011	Vai desta p'ra melhor	6	>0	Revista	Grupo Recreativo Escorpiões - Futebol Clube	CCC	Criação
2011	Crença	1	>12	Musical	Companhia de Actores	CCC	Acolhimento
2011	Filhoses e Rabanadas	13	>6	Infantil	Vicenteatro	CCC	Acolhimento
2011	As Regras - A arte de bem viver	8	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2011	Ciclo de Histórias - «Quantas-queres?»	4	>4	Teatro	TC	TC	Comunitário
2011	Teatro de 2ª	1	>16	Formação	TC	TC	Comunitário
2011	Um Bem Precioso	11	>4	Teatro	TC	TC	Comunitário
2011	Dentro de mim fora daqui	3	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2011	Filhos de Assassinos	6	>12	Teatro	Culturgest	TC	Acolhimento
2011	Eis Posição	3	>4	Teatro	TC	TC	Comunitário
2011	Deus	3	>12	Teatro	Teatro de Queijas	TC	Acolhimento
2011	Fraque – O Amor em Tempos de Cobrança	19	>16	Teatro	TC	TC	Criação

Anexo 1.2. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2012)

Ano	Designação da Acção	Sessões	Classificação	Tipologia	Produtor	Localização das Acções	Eixo
2012	Estórias chá e bolinhos	1	>3	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2012	À procura do ó-ó perdido	6	>0	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2012	Contos da Terra	1	>0	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2012	Contos em Noites de Lua Cheia - Teatro para todos	1	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2012	Cenas Páscoa	1	>3	Formação	A Tenda	CCC	Comunitário
2012	Familiarte -Teatro Comunitário	1	>0	Formação	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2012	Curso de Teatro Jovem	1	>14	Formação	TC	TC	Comunitário
2012	Oficina de Teatro	1	>16	Formação	TC	TC	Comunitário
2012	Oficina do Mundo Faz de Conta	1	>3	Formação	Vicenteatro	CCC	Comunitário
2012	O Nosso Arco-Íris	1	>3	Formação	Teatro O Cubo	CCC	Comunitário
2012	Marionetas em Esponja	1	>16	Formação	Vicenteatro	CCC	Comunitário
2012	Familiarte - Ensaio Aberto	1	>0	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2012	Rua Maria Brown	2	>16	Teatro	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Criação
2012	Glasgow 4, O Nome de Todas as Ruas	2	>12	Teatro	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Criação
2012	Procura por mim neste diário o resto não vale nada	2	>12	Teatro	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Criação
2012	Outras Escritas para Teatro	1	>12	Formação	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Comunitário
2012	Dizendo e cantando Ary dos Santos	3	>12	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço Bento Martins	Criação
2012	Por um fio	1	>6	Teatro	Armazém Aér(i)o	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Criação
2012	Sob o olhar do outro	1	>6	Teatro	Armazém Aér(i)o	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Criação
2012	Contos em Família: estórias à mão...para semear	1	>4	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2012	Contos Clandestinos	1	>16	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Residências dos públicos	Comunitário
2012	Escola de Narração	1	>16	Formação	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2012	Curso Intermédio «Histórias para que vos quero»	1	>16	Formação	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2012	Matiné de Estórias para pais e filhos	1	>3	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2012	Um piquenique no país das Maravilhas	1	>4	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2012	Os Cozinheiros	5	>4	Infantil	Teatro O Cubo	CCC	Acolhimento
2012	A Birra do Morto	2	>6	Teatro	Actin - Atelier de Desenvolvimento, Dança e Teatro	CCC	Acolhimento
2012	Meu Bichinho Meu Amor	1	>4	Infantil	Companhia de Teatro Magia e Fantasia	CCC	Acolhimento
2012	Poeticamente Falando	1	>0	Leituras	Teatro O Cubo	CCC	Acolhimento
2012	Por amor não me despertes	1	>12	Teatro	GAC - Grupo de Acção Comunitária	CCC	Comunitário
2012	Boa noite...liberdades	2	>12	Teatro	Joana Tavares e João Borges de Oliveira	Espaço Bento Martins	Criação
2012	Fábulas dos Feijões cinzentos	3	>0	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Bento Martins	Criação
2012	As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant	3	>16	Teatro	Forever Mesmo Teatro	CCC	Criação
2012	Super Sorrisos Contra a Bactéria Inteligente	2	>4	Infantil	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Criação
2012	O Cão que comeu o Guião	4	>16	Teatro	O Cão Comeu o Guião	Teatro Armando Cortez	Criação
2012	Zé Moçambique em Busca do Berimbau Mágico	7	>0	Infantil	Ginga Brasil	CCC	Comunitário
2012	Retratinho de Joana D'Arc	1	>0	Infantil	Teatro do Silêncio	CCC	Comunitário

2012	Ricardo Castelo Branco - Teatro Performance	2	>16	Teatro	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Acolhimento
2012	Sofia Freire d'Andrade -Artes Visuais Performance	2	>16	Teatro	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Acolhimento
2012	Estórias chá e bolinhos...Noites de Lua Cheia - Teatro para todos	12	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2012	Boa Noite...Solidão	2	>12	Teatro	Joana Tavares e João Borges de Oliveira	Espaço Bento Martins	Criação
2012	Contos 4D	1	>7	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Bento Martins	Comunitário
2012	Curso de Formação à Iluminação Teatral	1	>0	Formação	TC	TC	Comunitário
2012	Booky e a Barca dos Livros	3	>4	Musical	Os Inadaptados	CCC	Criação
2012	As Fantásticas Histórias de Veritalungo - O Quadro	4	>6	Infantil	Projecto Magnólia	CCC	Acolhimento
2012	Faz de Conta que é Teatro	1	>6	Formação	Diogo Lopes e Eva Barros	CCC	Comunitário
2012	Coisas de Homem	1	>16	Teatro	A Tenda	CCC	Criação
2012	Férias Verão (Caracterização Teatro)	1	>4	Formação	Armazém Aér(i)o	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Comunitário
2012	Descobrir e Criar	1	>12	Formação	Paula Luíz	CCC	Comunitário
2012	O Corvo e a Raposa	3	>0	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Comunitário
2012	O Corvo e a Raposa	1	>0	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Largo das Pimenteiras)	Comunitário
2012	Praia de Estórias	1	>5	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	CCC	Comunitário
2012	Clube de Interesses - Teatro	1	>6	Formação	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Escolas	Comunitário
2012	Courtois d'Arras	1	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Largo das Pimenteiras)	Comunitário
2012	Deita o Babico no Lixo	2	>6	Infantil	Ditirambus - Associação Cultural e de Pesquisa	CCC	Acolhimento
2012	S.O.S MULHER	6	>16	Teatro	Os Inadaptados	CCC	Criação
2012	Histórias com Movimento	1	>4	Formação	Bárbara Ramalho e Susana Mendonça	CCC	Comunitário
2012	Boa Tarde	1	>16	Leituras	Boutique da Cultura	Espaço Bento Martins	Criação
2012	Break Point	4	>6	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Criação
2012	E tudo a Troika Levou	2	>12	Revista	Os Resistentes/ Grupo Recreativo Escorpiões-Futebol Clube	CCC	Criação
2012	O Galo e a Raposa	2	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Criação
2012	Portuguezmente	3	>16	Teatro	A Tenda	Conservatório de Lisboa	Criação
2012	Cenas de Natal	1	>6	Formação	A Tenda/Fundação Inatel/JFC	Espassus 3G	Comunitário
2012	Um Natal Especial	1	>4	Infantil	Muzumbos	CCC	Acolhimento
2012	As Imagens Contam Histórias	1	>4	Formação	Bárbara Ramalho e Susana Mendonça	CCC	Comunitário
2012	Animações de Natal	1	>4	Formação	Umbigo - Companhia de teatro	Vários	Comunitário
2012	Ana e Ynari, A História de dois Mundos	1	>4	Formação	Bárbara Ramalho e Susana Mendonça	Escolas	Comunitário
2012	Visistas Guiadas - Jogo	1	>4	Formação	Bárbara Ramalho e Susana Mendonça	Escolas	Comunitário
2012	Dragão Cor de Framboesa (Reposição - Festival Aplauso)	1	>0	Infantil	TC	TC	Comunitário
2012	Inferno	15	>16	Teatro	TC	TC	Criação
2012	Mostra TEATRO à MARGEM – mostra de curtas , promoção de teatro, ciclo e criadores emergentes	11	>12	Teatro	TC	TC	Acolhimento
2012	Sou–Poema	6	>3	Leituras	Sou	TC	Acolhimento
2012	As angústias do Sr. Trinity – estória de um miúdo	1	>14	Teatro	ExQuorum	TC	Acolhimento
2012	O Guarda-Sopros	9	>14	Teatro	Acho-te Graça	TC	Acolhimento

Anexo 1.3. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2013)

Ano	Designação da Acção	Sessões	Classificação	Tipologia	Produtor	Localização das Acções	Eixo
2013	Falar Verdade a Mentir	1	>12	Teatro	ContraPalco Produções	CCC	Criação
2013	Não faças aos outros	1	>6	Teatro	Fundação Portugal Telecom	CCC	Acolhimento
2013	À procura do ó-ó perdido	4	>1	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Criação
2013	A Filha do Sol	1	>4	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Criação
2013	Um Estranho Barulho de Asas	1	>4	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Criação
2013	Não chove de baixo para cima	1	>12	Teatro	Sandra José	CCC	Acolhimento
2013	E tudo a Troika Levou	1	>12	Revista	Os Resistentes/ Grupo Recreativo Escorpiões-Futebol Clube	CCC	Criação
2013	Curso de Teatro Jovem	1	>14	Formação	TC	TC	Comunitário
2013	Workshop para adultos	1	>16	Formação	TC	TC	Comunitário
2013	O Melhor para mim	1	>16	Teatro	Grupo dde Teatro Fórum SOS Heroínas	CCC	Acolhimento
2013	Familiarte -Teatro Comunitário	1	>0	Formação	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2013	Loucadom	1	>0	Teatro	Associação de Trabalhos Experimentais	CCC	Criação
2013	Oficina de Escrita Imaginativa	1	>18	Formação	A Tenda	Edifício sede da JFC	Comunitário
2013	ContraPalco convida Manuela Bravo	1	>0	Musical	ContraPalco Produções	CCC	Criação
2013	O Galo e a Raposa	1	>0	Teatro	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Criação
2013	O Cavaleiro sem Medo	2	>4	Infantil	Associação Sabor a Palco	CCC	Acolhimento
2013	Entre gente	4	>0	Teatro	JFC	Espaço público (Largo das Pimenteiras)	Comunitário
2013	Vénus	1	>12	Teatro	Ana Dionísio e Diogo Lestre	CCC	Criação
2013	Criptografar as Prateleiras	1	>0	Teatro	TC	TC	Comunitário
2013	Gala de Teatro	1	>0	Teatro	TC/ A Tenda	CCC	Comunitário
2013	Animações de Páscoa- Expressão Dramática	1	>4	Formação	TC/ Teatro do Silêncio/JFC	Vários	Comunitário
2013	Contos Inadaptados	1	>3	Leituras	Os Inadaptados	Jardim de Infância da Horta Nova	Criação
2013	Leitura de Contos	1	>3	Leituras	Plataforma 285	Jardim de Infância da Horta Nova	Criação
2013	Leitura de Contos	1	>3	Leituras	VicenTeatro	Jardim de Infância da Horta Nova	Criação
2013	Expressão Físico Motora/Expressão Dramática	1	>2	Formação	Cooperativa Horas de Sonho	CCC	Comunitário
2013	Performance com textos de Margarida Carpinteiro	1	>0	Teatro	Rede Cultural de Carnide	Espaço público (Largo das Pimenteiras)	Comunitário
2013	Fontes de histórias, rios de memórias	5	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Criação
2013	Brincos de Penas	8	>3	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Comunitário
2013	Cantigas em Noite de Lua Cheia - Teatro para todos	1	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Criação
2013	Revela-te	3	>12	Teatro	ContraPalco Produções	CCC	Criação
2013	Ana e Ynari, A História de dois Mundos	1	>4	Formação	Bárbara Ramalho e Susana Mendonça	CCC	Comunitário
2013	Visitas Guiadas - Jogo	1	>4	Formação	Bárbara Ramalho e Susana Mendonça	CCC	Comunitário
2013	Pé, O Monstro da Preguiça	5	>3	Infantil	A Tenda	CCC	Comunitário
2013	Boas Férias, Miguel!	5	>5	Infantil	Os Inadaptados	CCC	Comunitário
2013	Procuram-se Pés de Bailarina	5	>3	Infantil	Teatro do Silêncio	CCC	Comunitário
2013	Bicho em Perigo	1	>8	Leituras	Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2013	Tantos Meninos Diferentes e Todos Surpreendentes	1	>0	Infantil	Academia Sénior de Carnide	CCC	Comunitário
2013	Abraços	1	>0	Infantil	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Comunitário
2013	Títulos em Jeito de Brincadeira	1	>0	Infantil	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2013	O Pai no Tecto	5	>6	Infantil	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2013	A Viagem do Bruno	5	>10	Teatro	Vicenteatro	CCC	Comunitário
2013	Ler por aí... O Guarda da Praia	4	>11	Teatro	Ler por aí... Associação Cultural/ Estórias de se tirar o Chapéu	CCC	Comunitário
2013	Os Herdeiros da Lua de Joana	5	>12	Infantil	ContraPalco Produções	CCC	Comunitário
2013	O Meu Forte São As Palavras	1	>0	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu/Biblioteca Natália Correia Carnide Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário

2013	Escola de Bruxarias [AEC]	1	>0	Teatro	TC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Galinha Ruiva [AEC]	1	>0	Teatro	TC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Canção/ Teatral Betty the cow [AEC]	1	>0	Musical	Know How	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Teatro - Pet Show [AEC]	1	>0	Teatro	Know How	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Às vezes a gente esquece-se...	1	>0	Teatro	Grupo de Acção Comunitária	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Clube de Interesses - Teatro	1	>6	Formação	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Escolas	Comunitário
2013	O Cavaleiro da Dinamarca	1	>0	Teatro	Clinica Psiquiátrica de S. José	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Abrços - Clube de Interesses	1	>0	Rua	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Construímos Felicidade	1	>0	Teatro	Academia Sénior de Carnide	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Concerto da Primavera	1	>0	Musical	A Tenda	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	A Menina do Mar	1	>0	Musical	ContraPalco Produções	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Com a Leitura na Boca	1	>16	Leituras	Estórias de se tirar o Chapéu/ Ler por aí	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	A Natureza somos nós	1	>6	Formação	Susana Mendonça	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Hora do Conto - Patrulha Azul - Reciclar Personagens	3	>3	Leituras	Os Inadaptados	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Sinto, logo escrevo	1	>10	Formação	Os Inadaptados	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Hora do Conto: o Diogo vai às vacinas	6	>6	Leituras	Santa Casa da Misericórdia - Saúde	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Vacinar é acertar	1	>3	Formação	Santa Casa da Misericórdia - Saúde	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Enfermeiros por um dia	1	>10	Formação	Santa Casa da Misericórdia - Saúde	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Seringas no chão, perigo na mão	1	>10	Formação	Santa Casa da Misericórdia - Saúde	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Hora do Conto	12	>3	Leituras	Santa Casa da Misericórdia	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2013	Atelier de flores	4	>3	Leituras	Santa Casa da Misericórdia	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2013	Alice - O outro lado do espelho	3	>12	Teatro	Companhia de Teatro Actin/ ContraPalco Produções	CCC	Criação
2013	Fábrica de Poesia	4	>3	Leituras	Santa Casa da Misericórdia	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2013	Origami	4	>3	Leituras	Santa Casa da Misericórdia	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2013	Estórias aos quadrinhos para pensar fora do quadrado	2	>6	Leituras	Ler por aí... Associação Cultural/ Estórias de se tirar o Chapéu	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2013	Estórias para trazer no bolso - histórias interativas	1	>3	Leituras	Ler por aí... Associação Cultural/ Estórias de se tirar o Chapéu	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2013	Histórias e expressões «Oficina absurda de concertar corações»	1	>0	Formação	Ler por aí... Associação Cultural/ Estórias de se tirar o Chapéu	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2013	Hora do Conto	2	>3	Leituras	Know How	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2013	Aula de Teatro	1	>8	Formação	Isabel Damatta/ Paulo Oliveira	CCC	Comunitário
2013	A Menina do Mar	1	>6	Infantil	ContraPalco Produções	CCC	Criação
2013	Crançopolis	3	>6	Infantil	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Criação
2013	Crimes Exemplares	2	>16	Teatro	Companhia de Teatro Actin/ ContraPalco Produções	CCC	Criação
2013	Animações de Verão	1	>4	Formação	Rede Cultural de Carnide	CCC	Comunitário
2013	Familiarte -Teatro Comunitário	1	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	O Melhor Vinho do Mundo	2	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	A comédia da panela	1	>0	Teatro	Grupo de Teatro do Instituto de Desenvolvimento Social	CCC	Comunitário
2013	Pai Natal à força	1	>3	Musical	Contratempo Produções/ Bilbex Kids	CCC	Acolhimento
2013	Tragédia em casa dos Bastos	9	>12	Teatro	Azimute Radical	CCC	Criação
2013	Bandidas de Histórias	2	>0	Rua	Os Inadaptados	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Equilibra-te ó Zé!	6	>12	Revista	Azimute Radical	CCC	Criação
2013	Janelas com Pessoa	1	>0	Rua	A Tenda	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Workshop de Expressão Teatral para Adultos	1	>18	Formação	Kind of Black box	Sala Kind of Black Box	Comunitário
2013	O Natal fica no meio	2	>4	Infantil	Os Inadaptados	CCC	Criação
2013	Macbeth	25	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2013	Poltrona	4	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2013	Macbeth (reposição)	6	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2013	Raio dos Tempos	10	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2013	ILUMINATI	3	>0	Rua	TC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2013	Ciclo Estação Expresso	10	>4	Teatro	Vários	TC	Acolhimento
2013	As Viagens do Zé Latão	13	>3	Infantil	Teatro a Tiracolo	TC	Acolhimento
2013	Dia D [pelo Grupo de Teatro Jovem]	1	>14	Teatro	TC	TC	Comunitário
2013	Dia D [pelo Grupo de Teatro Jovem]	4	>14	Teatro	TC	CCC	Comunitário

Anexo 1.4. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2014)

Ano	Designação da Acção	Sessões	Classificação	Tipologia	Produtor	Localização das Acções	Eixo
2014	Noites de Lua Cheia - Teatro para todos	12	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos/ Contraponto	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2014	Cabelos em Pé	2	>4	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Comunitário
2014	Facas e Pontas	2	>16	Teatro	Os Inadaptados	CCC	Criação
2014	Teatro & Comunidade	1	>10	Formação	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Comunitário
2014	O Homem dos 7 dedos	2	>6	Infantil	Estórias de se tirar o Chapéu	CCC	Comunitário
2014	Oficinas de Artes Performativas	1	>6	Formação	TC	TC	Comunitário
2014	Oficinas de interpretação Adolescentes	1	>14	Formação	TC	TC	Comunitário
2014	Oficinas de interpretação Adultos	1	>16	Formação	TC	TC	Comunitário
2014	Medos	2	>0	Infantil	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2014	Dona Rosa e os 25 Cravos	2	>0	Infantil	Os Inadaptados	CCC	Comunitário
2014	O Dia em que o Mundo Desapareceu	1	>0	Leituras	Animações	CCC	Comunitário
2014	O que foi...o 25 de Abril?	1	>0	Teatro	ATL Horta Nova e GAIM da Horta Nova	CCC	Comunitário
2014	Histórias de Liberdade	1	>6	Infantil	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Criação
2014	Flores pela Liberdade	2	>0	Teatro	Lua Cheia - Teatro para todos/ Estórias de se tirar o chapéu	Espaço Público (Largo do Coreto)	Comunitário
2014	Com Abril a Esperança	1	>0	Leituras	ARPIC/ Escola Nocturna/ Estórias do Chapéu	Espaço Público (Largo do Coreto)	Comunitário
2014	Histórias da Liberdade	1	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	CCC	Comunitário
2014	Visitas guiadas ao TC	1	>15	Formação	TC	TC	Comunitário
2014	Baile do Menino Jesus	1	>6	Teatro	Grupo Capoeira Alto Astral	CCC	Comunitário
2014	Animações de Páscoa- Expressão Dramática	1	>6	Formação	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Vários	Comunitário
2014	Boa Noite Solidão	3	>12	Teatro	Spotlight e Buzico	Espaço Bento Martins	Criação
2014	Declamação de poesia	1	>0	Leituras	Grupo de Acção Comunitária	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Um Espectáculo de Teatro de cenário - expressão plástica e de teatro	1	>0	Formação	Susana Mendonça e Bárbara Ramalho	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Contos ao acaso - Máquina de contos que escolhe as histórias	3	>3	Leituras	Os Inadaptados	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Batalha de Contos	3	>10	Leituras	Os Inadaptados	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	A expressão da Marioneta	1	>3	Formação	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Hora do Conto	6	>3	Leituras	Santa Casa da Misericórdia - Saúde	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Leitura Animada/ Oficina Dramática	1	>3	Formação	Educar a Sorrir	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	À Descoberta de Carnide	1	>3	Formação	TC	TC	Comunitário
2014	Animações de Natal - Expressão Dramática	1	>3	Formação	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Vários	Comunitário
2014	Animações de Páscoa- Expressão Dramática	1	>3	Formação	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Vários	Comunitário
2014	Clube de Interesses - Teatro	1	>6	Formação	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Escolas	Comunitário
2014	Com Quantos Pontos Se Constrói Uma Comunidade?!	9	>0	Rua	Boutique da Cultura/ Azimute Radical	Espaço público (Largo das Pimenteiras)	Comunitário
2014	A Menina do Mar	1	>6	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Criação
2014	A Mala das Áfricas	2	>0	Rua	Estórias de se tirar o chapéu	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Bandidas de Histórias	2	>0	Rua	Os Inadaptados	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Mirabel	2	>0	Rua	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	O Melhor Vinho do Mundo	2	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Girata das Mascotes	1	>0	Rua	A Tenda	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Doces Conventuais	3	>0	Rua	Boutique da Cultura	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário

2014	O Melhor Vinho do Mundo 2	2	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	Romeu e Julieta	1	>3	Teatro	TIL - Teatro Infantil de Lisboa	Teatro Armando Cortez	Comunitário
2014	A Bruxinha que era boa	12	>4	Leituras	Boutique da Cultura	Espaço Bento Martins	Comunitário
2014	Boa noite...Loucura	3	>16	Teatro	Boutique da Cultura	Espaço Bento Martins	Comunitário
2014	Halloween - Hora do Conto Assustadora	1	>3	Leituras	JFC	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2014	Tricô de Histórias	1	>3	Formação	Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2014	PIN-NIC de Histórias	1	>3	Leituras	JFC	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2014	Vai de mal a pior	4	>0	Revista	S.C.Dez de Junho	CCC	Criação
2014	Familiarte -Teatro Comunitário	1	>0	Formação	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2014	Hora do Conto - Atelier	1	>3	Formação	JFC	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2014	Animações na Inauguração do Presépio Comunitário	1	>0	Rua	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Espaço Público (Largo do Coreto)	Comunitário
2014	Festa de Natal	1	>0	Teatro	Academia Sénior de Carnide	CCC	Comunitário
2014	À Descoberta de Carnide	1	>3	Formação	Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Comunitário
2014	Isto não é uma peça de teatro	12	>16	Teatro	TC	TC	Criação
2014	Quanto é que apostas? (Grupo jovem do TC)	10	>6	Infantil	TC	TC	Comunitário
2014	Quanto é que apostas? (Grupo jovem do TC)	2	>6	Infantil	TC	CCC	Comunitário
2014	Macbeth (2ª reposição)	1	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2014	DISPONÍVEL PARA CASAR - Oficinas de interpretação adultos	2	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2014	VOLTAS PIÕES, BERLINDES E BOTÕES	8	>4	Infantil	Célia Jorge e Sara Gonçalves	TC	Acolhimento
2014	Isto não é uma peça de Teatro (reposição)	4	>16	Teatro	TC	TC	Criação
2014	Considerações Domésticas	13	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2014	Common People [oficinas de interpretação adultos]	2	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2014	Quem matou a Avozinha? [Grupo jovem do TC]	2	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2014	Teatro à Margem – curtas do TC (Ciclo de novos criadores)	2	>12	Teatro	Vários	TC	Acolhimento
2014	Rei Artur	34	>6	Infantil	TC	TC	Comunitário
2014	Cuidar do Ambiente, Semeando Flores	1	>0	Infantil	TC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2014	É revista, com certeza!	4	>0	Revista	Sociedade Filarmónica Operária Amorense	CCC	Acolhimento
2014	Mulheres de Otelo	15	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2014	Quem matou a Avozinha? [Grupo jovem do TC]	4	>12	Teatro	TC	CCC	Criação
2014	Aaaaaaaahhhh! Ai que susto!	2	>6	Infantil	ARMAZÉM AÉR(I)O	CCC	Comunitário
2014	O medo é bruuuuutal!	2	>6	Infantil	INADAPTADOS	CCC	Comunitário
2014	Encont(r)os no Palco	4	>4	Leituras	Estórias de se tirar o chapéu	CCC	Criação
2014	Homenagem a João Lagarto (Âmbito do Dia Mundial do Teatro)	1	>0	Rua	Rede Cultural de Carnide	Espaço público (Largo das Pimenteiras)	Comunitário
2014	O Fim	2	>0	Teatro	Familiarte - Teatro Comunitário	CCC	Comunitário
2014	O conto da meia noite	2	>6	Infantil	A Tenda	CCC	Comunitário
2014	Se eu fosse dono do mundo	1	>0	Infantil	Plataforma 285	CCC	Comunitário
2014	Aaaaaaaahhhh! Ai que tusto!	1	>6	Infantil	ARMAZÉM AÉR(I)O	CCC	Criação
2014	Quem tem medo do Curupira?	2	>6	Infantil	GINGA GRASIL	CCC	Comunitário
2014	Estatuando- Encontro de Estátuas Humanas [âmbito da Feira da Luz]	2	>0	Rua	TC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário

Anexo 1.5. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2015)

Ano	Designação da Acção	Sessões	Classificação	Tipologia	Produtor	Localização das Acções	Eixo
2015	Boa noite...Loucura	3	>16	Teatro	Boutique da Cultura	Espaço Bento Martins	Criação
2015	À Descoberta de Carnide	1	>3	Formação	Biblioteca Natália Correia Carnide/ Espaço Comunitário/ TC	Vários	Comunitário
2015	Horas do Conto/ Histórias em Labirinto	6	>3	Leituras	Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2015	Mulher Rainha, em busca de um Coração	4	>0	Teatro	Boutique da Cultura	Espaço Bento Martins	Criação
2015	Antes de Começar	28	>3	Infantil	Companhia da Esquina	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Criação
2015	Familiarte -Teatro Comunitário	1	>0	Formação	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2015	Oficina de Artes Performativas	1	>6	Formação	TC	TC	Comunitário
2015	Curso de Teatro Jovem	1	>14	Formação	TC	TC	Comunitário
2015	Curso de Teatro para Adultos	1	>16	Formação	TC	TC	Comunitário
2015	O Quadro	3	>0	Teatro	Grupode Teatro Cegada	CCC	Acolhimento
2015	Noites de Lua Cheia - Teatro para todos	12	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2015	Workshop Cenografia	1	>0	Formação	Boutique da Cultura	Espaço Bento Martins	Comunitário
2015	Expressão Dramática	1	>0	Formação	Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2015	Estranho Barulho de Asas	1	>4	Leituras	Biblioteca Natália Correia Carnide	Casa do Coreto	Criação
2015	Almofada de Paula	7	>6	Teatro	Alouette Projects	Casa do Coreto	Acolhimento
2015	Tricô de Histórias - O Teatro é Fixe!	1	>0	Leituras	Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2015	Formação em Artes Performativas	1	>16	Formação	Companhia da Esquina	CCC	Comunitário
2015	Oficina de Expressão Dramática	1	>8	Formação	Companhia da Esquina	CCC	Comunitário
2015	Animação de rua no Dia Mundial do Teatro	1	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro/ Rede da Cultura de Carnide	Espaço público (Largo das Pimenteiras)	Comunitário
2015	Animações de Páscoa- Expressão Dramática	1	>3	Formação	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Vários	Comunitário
2015	Meu Amor	1	>0	Leituras	Gabinete do Idoso/ Academia Sénior de Carnide	Espassus 3G	Comunitário
2015	Sombras	2	>0	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2015	Portugal não é um país pequeno	1	>12	Teatro	Hotel Europa/ Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Acolhimento
2015	Liberdade (im)possível	6	>16	Teatro	Boutique da Cultura	Espaço Bento Martins	Comunitário
2015	Dossier P.I.D.E. - Os Horrores e Crimes de uma Polícia	1	>12	Teatro	A Tenda/ Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Comunitário
2015	Liberdade em nós	1	>12	Teatro	Grupo de Teatro Imediato	Espaço Bento Martins	Acolhimento
2015	Oficinas de Expressão Dramática para Jovens	1	>6	Formação	Companhia da Esquina	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Comunitário
2015	Formação em Teatro	1	>16	Formação	Companhia da Esquina	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Comunitário
2015	A Noite do Choro Pequeno	11	>12	Teatro	Buzico	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Acolhimento
2015	Férias Artísticas de Verão - Teatro	1	>4	Formação	Armazém Aér(i)o/ JFC	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Comunitário
2015	Mulher-Homem e Coroada	1	>12	Teatro	Susana C. Gaspar	Lavadouro Público	Acolhimento
2015	Reino de Pernas Pr'ó Ar	2	>3	Infantil	Associação Cativar	CCC	Acolhimento
2015	Viajando com Violeta	1	>4	Marionetas	Ângela Ribeiro/ Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Acolhimento
2015	Era uma Vez...Juntos, Para Tirar a Moura do Poço	1	>0	Infantil	Clinica Psiquiátrica de S. José	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	Rapunzel	25	>3	Leituras	Biblioteca Natália Correia Carnide	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	A Bela e o Monstro	25	>6	Leituras	Biblioteca Natália Correia Carnide	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	Nova Cadáver	25	>10	Leituras	Biblioteca Natália Correia Carnide	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário

2015	1,2,3 Uma História de Cada Vez	9	>3	Leituras	Centro Social e Paroquial de Carnide	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	Mirabel	1	>0	Rua	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2015	Luta contra os germes	1	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2015	IV	2	>16	Teatro	Gonçalo C. Ferreira/ Teatro do Silêncio	Lavadouro Público	Acolhimento
2015	D. Afonso Henriques 3 em 1	2	>6	Teatro	Out put teatral	CCC	Acolhimento
2015	Personagens Comuns	1	>0	Rua	A Tenda	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	Alquimistas da Luz	1	>0	Formação	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	Alquimistas da Luz	8	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	Os Pernaltas	1	>0	Rua	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	Mascotes na Feira	2	>0	Rua	A Tenda/Ntheias: Mascot Costumes Production	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	Férias Artísticas de Verão - Teatro	1	>8	Formação	Companhia da Esquina	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Comunitário
2015	Bullying	1	>12	Teatro	ContraPalco Produções	CCC	Comunitário
2015	Conto de Natal	14	>6	Musical	Companhia da Esquina	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Criação
2015	Brincos de Penas	2	>4	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Comunitário
2015	A Alma da Nossa Terra	1	>4	Marionetas	Ângela Ribeiro/ Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Acolhimento
2015	A Árvore que Vive em Nós	2	>6	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Criação
2015	Filhoses e Rabanadas	2	>4	Marionetas	Vicenteatro	Casa do Coreto	Acolhimento
2015	Selfietelling	1	>18	Formação	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Comunitário
2015	Na Companhia dos Lobos	1	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2015	Cinderela	1	>3	Infantil	TIL - Teatro Infantil de Lisboa	Teatro Armando Cortez	Comunitário
2015	Festa de Natal	1	>0	Teatro	Academia Sénior de Carnide	CCC	Comunitário
2015	Tributo à atriz Vera Mónica - Teatro	1	>0	Teatro	ContraPalco/ JFC	CCC	Comunitário
2015	Tozé, Amigo	5	>0	Infantil	Lua Cheia - Teatro para todos/ A Tenda	Casa do Coreto	Comunitário
2015	Macbeth (reposição)	4	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2015	Rei Artur (reposição)	20	>6	Infantil	TC	TC	Comunitário
2015	NO DIA EM QUE TE FOSTE ARRANQUEI O MEU CORAÇÃO E DEI-O A COMER AOS PORCOS	5	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2015	Cousas Humanas Postas desta Maneira	1	>0	Rua	TC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2015	BICHO DO TEATRO	12	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2015	A Fábrica do Nada	1	>12	Teatro	Teatro Experimental de Mortágua	TC	Acolhimento
2015	Meu Marido Que Deus Haja	2	>0	Teatro	Teatro Flaviense	TC	Acolhimento
2015	Um Telefonema	5	>0	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro	TC	Acolhimento
2015	Alice	4	>12	Teatro	Alexandre Tavares	TC	Acolhimento
2015	Peça Romântica para um Teatro Fechado	3	>16	Teatro	[Colectivo de Intérpretes]	TC	Acolhimento
2015	Selfie - ESTOU NERVOSA! [Exercício do curso de Teatro Jovem]	4	>14	Teatro	TC	TC	Comunitário
2015	Fora da Caixa [Exercício das oficinas de interpretação Adultos]	3	>0	Teatro	TC	TC	Comunitário
2015	Electrocardiograma	2	>16	Teatro	TC	TC	Comunitário
2015	Sombras de Pedra (animação para a Feira da Luz)	1	>0	Rua	TC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário

Anexo 1.6. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2016)

Ano	Designação da Acção	Sessões	Classificação	Tipologia	Produtor	Localização das Acções	Eixo
2016	Workshop de Caracterização & Maquilhagem	1	>14	Formação	JFC	CCC	Comunitário
2016	Antes de Começar	17	>4	Infantil	Companhia da Esquina	CCC	Criação
2016	Bullying - Uma História de Hoje	1	>12	Teatro	ContraPalco Produções	CCC	Criação
2016	Leituras à la Carte	1	>6	Leituras	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2016	Oficina de Marionetas	1	>6	Formação	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2016	O Beco das Lágrimas	2	>6	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2016	Mirabel	1	>0	Rua	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2016	Ler na Street Tem Muito Mais Arte	2	>0	Leituras	JFC/ Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2016	Um bom espectáculo, apesar de tudo	3	>6	Musical	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2016	CRIANÇÓPOLIS, os Direitos das Crianças	1	>6	Infantil	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Criação
2016	Homenagem a Antº Torrado - Dia Mundial do Teatro	1	>0	Teatro	Rede Cultural de Carnide	Casa do Coreto	Comunitário
2016	Dª Leonor e Princesa Perfeitíssima	2	>0	Marionetas	Museu de São Roque	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2016	Oficina de Artes Performativas	1	>6	Formação	TC	TC	Comunitário
2016	Curso de Teatro Jovem	1	>14	Formação	TC	TC	Comunitário
2016	Curso de Teatro para Adultos	1	>16	Formação	TC	TC	Comunitário
2016	A dupla do Caracol: Espectáculo de Teatro de Ventriloquo	2	>0	Marionetas	Nandinho e Paulinho	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2016	Cinderela (Fragmentos)	1	>0	Rua	TIL - Teatro Infantil de Lisboa	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2016	Dois Dedos de Conversa e Muita Diversão	2	>0	Leituras	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2016	Dia do Vizinho: aulas de teatro e oficina de marionetas	1	>3	Formação	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Espaço público (Centro Histórico)	Comunitário
2016	Dia do Vizinho: Mercadores de Histórias	1	>3	Leituras	JFC/ Rede Cultural de Carnide	Espaço público (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2016	Hora do Conto	2	>3	Leituras	JFC/ Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2016	S.O.S Histórias	1	>3	Leituras	JFC/ Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2016	Teatro para pessoas com deficiências ou perturbações do desenvolvimento	1	>4	Formação	Associação de Actividade Motora Adaptada	CCC	Comunitário
2016	Familiarte -Teatro Comunitário	1	>0	Formação	Umbigo - Companhia de teatro	CCC	Comunitário
2016	Visitas guiadas ao TC	1	>0	Formação	JFC/ CML/ Centro Cultural Eça de Queirós	TC	Comunitário
2016	Mercadores de Histórias	2	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2016	Família Saloia - Animação com Cabeçudos	1	>0	Rua	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2016	Mascotes na Feira	1	>0	Rua	A Tenda	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2016	Aulas de Teatro	1	>50	Formação	JFC/ Academia Sénior de Carnide	Espassus 3G	Comunitário
2016	Poemas na minha vida	1	>13	Teatro	JFC	CCC	Comunitário
2016	O Homem Primitivo - Comédia	29	>16	Teatro	Companhia da Esquina	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Acolhimento
2016	Pinóquio	9	>3	Infantil	Companhia da Esquina	Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	Criação
2016	Correspondências	1	>12	Teatro	Teatro do Silêncio	CCC	Acolhimento
2016	O Lobo Vermelho	2	>3	Musical	Associação Teatro Experimental de Lagos	Casa do Coreto	Acolhimento
2016	Um Pássaro é mais do que a jaula	8	>13	Marionetas	Culturproject	Casa do Coreto	Acolhimento
2016	Selfietelling - Atelier de Contadores de Histórias	1	>18	Formação	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Comunitário
2016	Apresentação ATL's	7	>3	Infantil	Rede Cultural de Carnide	CCC	Comunitário
2016	Gosto de ti assim	8	>3	Infantil	Boutique da Cultura	Espaço Bento Martins	Criação
2016	O Menino que queria ir à Lua	1	>0	Infantil	CERCI/ Teatro a Descoberto	CCC	Criação
2016	Animação de Natal	1	>0	Rua	Trupilariantes	Espaço público (Largo das Pimenteiras)	Comunitário

2016	Hora do Conto	1	>3	Leituras	JFC/ Biblioteca Natália Correia Carnide	Espaço escolar (ATL da Luz)	Comunitário
2016	Atelier de Contadores de Histórias para Amas da SCML	1	>18	Formação	Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2016	O Bicho do Teatro (Festival de Arte Urbana de Lx)	2	>0	Rua	TC	Espaço público (Bº Padre Cruz)	Comunitário
2016	Estatuando- Encontro de Estátuas Humanas [âmbito da Feira da Luz]	1	>0	Rua	TC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2016	Aparição	6	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2016	O Senhor Foguete	12	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2016	A Ilha dos Mortos	12	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2016	O Bicho do Teatro (reposição)	5	>12	Teatro	TC	TC	Criação

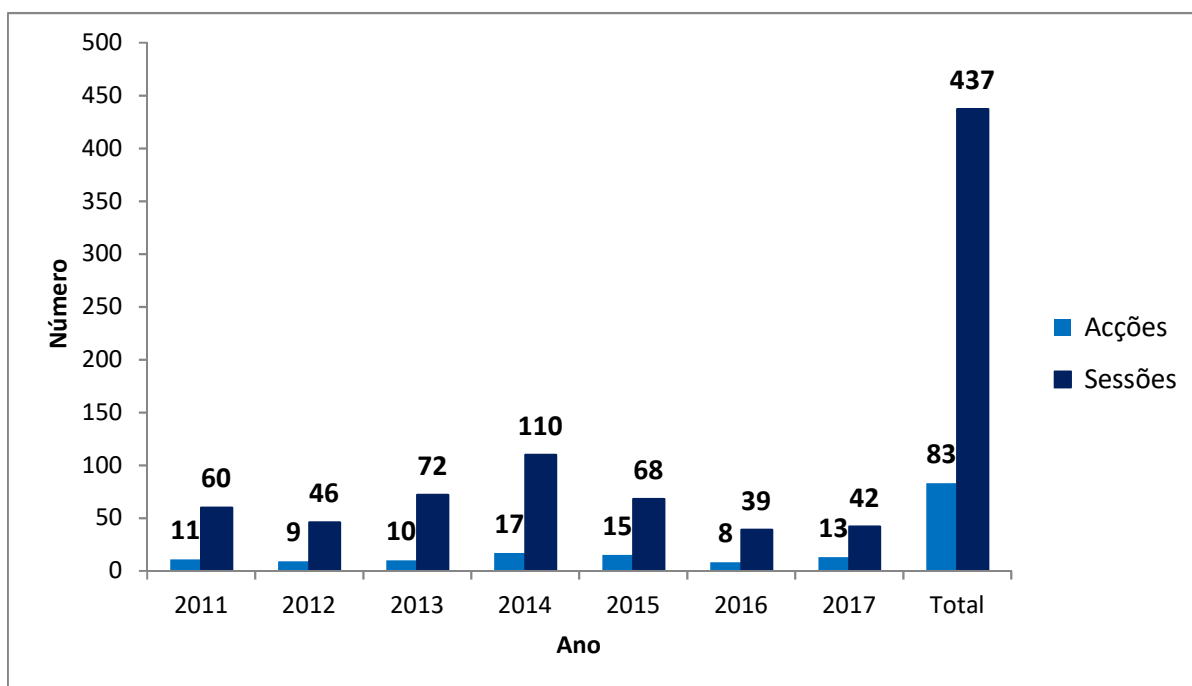
Anexo 1.7. Tabela de programação teatral da freguesia de Carnide (2017)

Ano	Designação da Acção	Sessões	Classificação	Tipologia	Produtor	Localização das Acções	Eixo
2017	À Descoberta de Carnide	1	>3	Formação	JFC/TC/Biblioteca Natália Correia Carnide Carnide	vários	Comunitário
2017	Freda e Fernando	1	>3	Leituras	Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2017	Recital de Poesia	1	>3	Leituras	Círculo Nacional D'Arte e Poesia/JFC	CCC	Comunitário
2017	Escuridão Bonita	3	>3	Infantil	UMColetivo	CCC	Acolhimento
2017	João e o Pé de Feijão	1	>3	Teatro	Animateatro	CCC	Acolhimento
2017	Dupla de Boémios	4	>0	Rua	JFC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2017	Leituras encenadas	1	>0	Rua	Umbigo - Companhia de teatro	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2017	Família Saloia	1	>0	Rua	Lua Cheia - Teatro para todos	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2017	Gargalhadas na Lua - Mostra de Humor e Comicidade	3	>0	Teatro	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Acolhimento
2017	As palavras que te habitam	4	>12	Teatro	Boutique da Cultura	Espaço Bento Martins	Criação
2017	Canto do Cisne...Ou Talvez Não	4	>16	Teatro	Grupo Flor na Boca de Projectos	Casa do Coreto	Acolhimento
2017	À procura do ó-ó perdido	1	>1	Marionetas	Lua Cheia - Teatro para todos	Casa do Coreto	Criação
2017	Hora do Conto	24	>3	Leituras	Biblioteca Natália Correia Carnide	Biblioteca Natália Correia Carnide	Comunitário
2017	Marcas Violentas	1	>14	Teatro	ContraPalco Produções	CCC	Criação
2017	Animação de Rua e Jogo Tradicional	3	>0	Rua	Biblioteca Natália Correia Carnide	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2017	Poesia	1	>0	Leituras	GAC - Grupo de Acção Comunitária	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário
2017	Oficinas de Artes Performativas	1	>6	Formação	TC	TC	Comunitário
2017	Oficinas de interpretação Adolescentes	1	>14	Formação	TC	TC	Comunitário
2017	Oficinas de interpretação Adultos	1	>16	Formação	TC	TC	Comunitário
2017	Catch My Soul	10	>12	Teatro	TC	TC	Criação
2017	Qué Frô?	8	>6	Teatro	TC	TC	Criação
2017	Carrossel de Histórias	8	>4	Infantil	TC	TC	Comunitário
2017	Do alto da Ponte [exercício dos cursos de teatro do TC]	2	>6	Teatro	TC	TC	Comunitário
2017	Todos eram meus filhos [exercício dos cursos de teatro do TC]	2	>6	Teatro	TC	TC	Comunitário
2017	O Jantar dos Feios, Porcos e Maus [[exercício dos cursos de teatro do TC]]	2	>6	Teatro	TC	TC	Comunitário
2017	Arlequim [exercício dos cursos de teatro do TC]	2	>6	Teatro	TC	TC	Comunitário
2017	É urgente [exercício dos cursos de teatro do TC]	2	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2017	Sem Nó Nem Piedade [exercício dos cursos de teatro do TC]	1	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2017	A Tempo [exercício dos cursos de teatro do TC]	2	>12	Teatro	TC	TC	Comunitário
2017	Estatuando [âmbito da 2ª Feira do Fumeiro]	1	>0	Rua	TC	Espaço público (Jardim da Luz)	Comunitário

Anexo 2. Gráficos da programação localizada no espaço TC- Teatro de Carnide/Sociedade Dramática

(Dados recolhidos e tratados por Pedro Estima, 2018)

Anexo 2.1. Gráfico I - Número de Sessões e Acções de Teatro no TC por Ano (2011-2017)

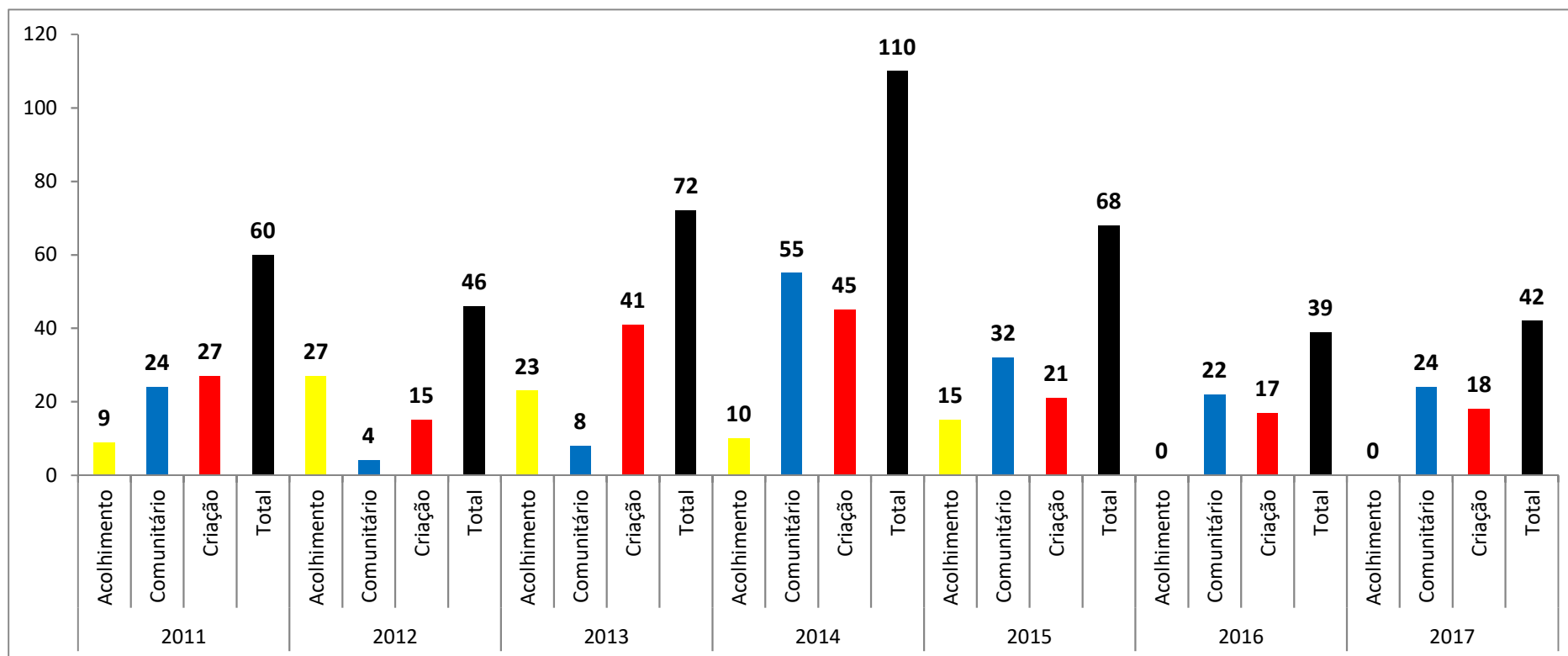


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.2. Gráfico II - Número de Sessões no TC por Eixo (2011-2017)

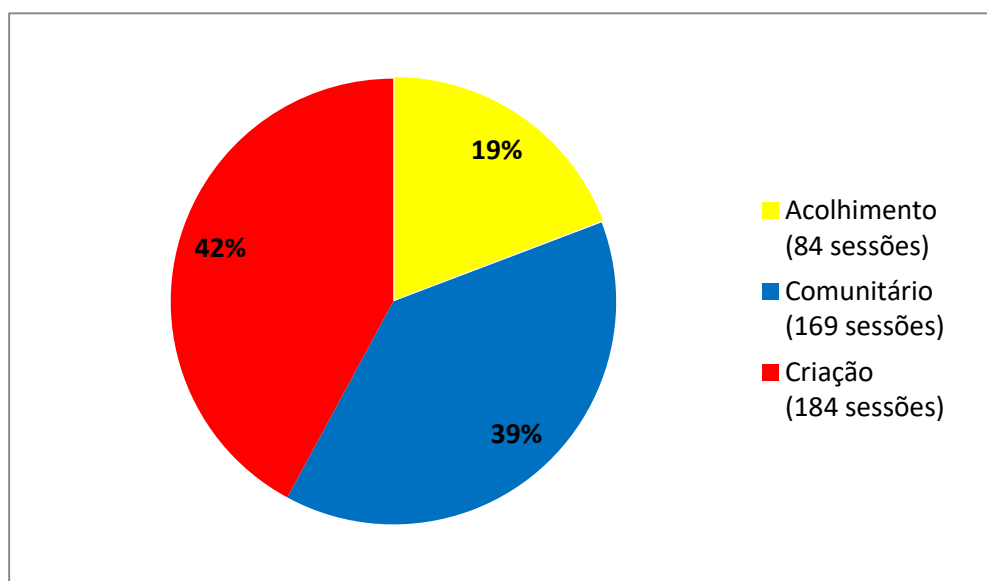


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.3. Gráfico III - Percentagem de Sessões no TC por Eixo (2011-2017)

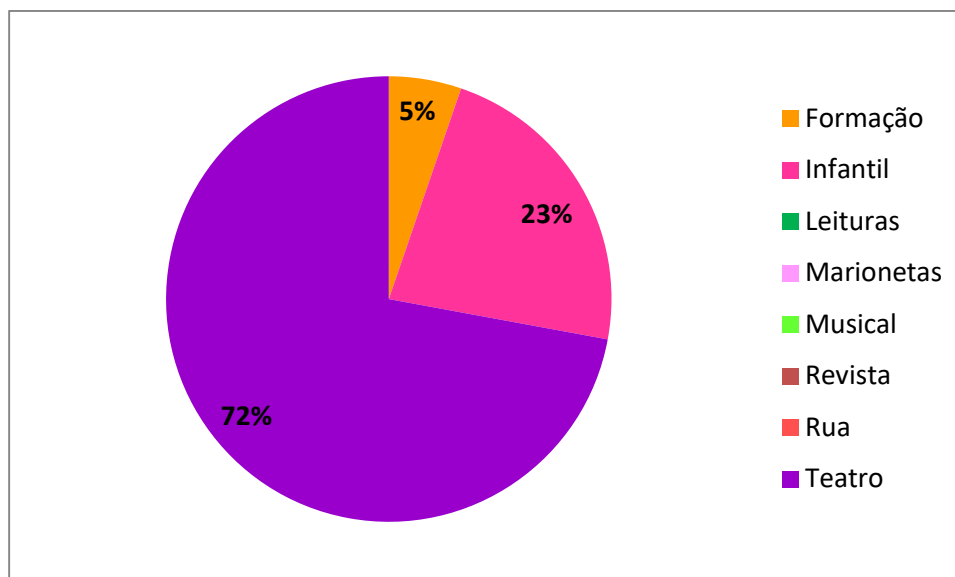


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.4. Gráfico IV - Percentagem de Sessões por Tipologia (2011-2017)

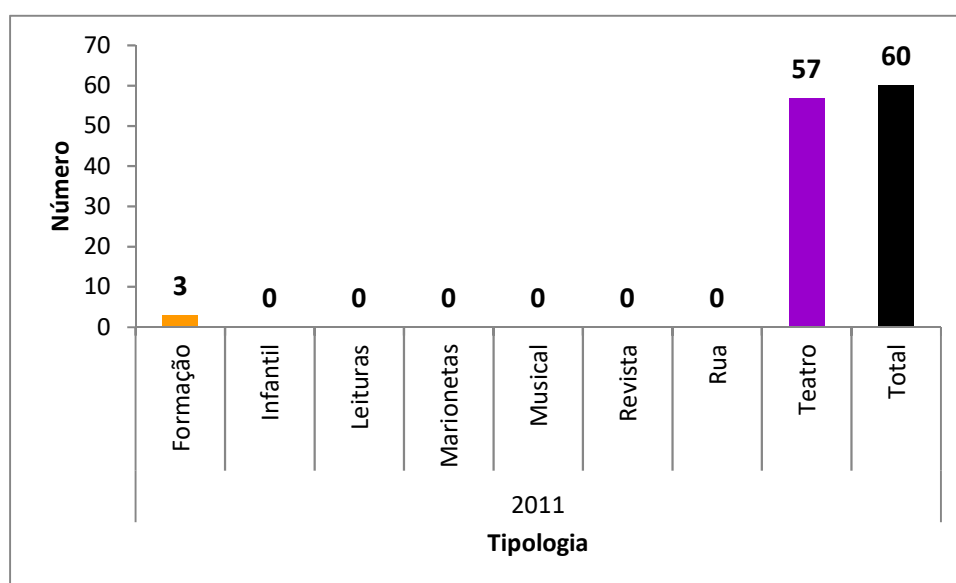


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.5. Gráfico V - Número de Sessões no TC por Tipologia (2011)

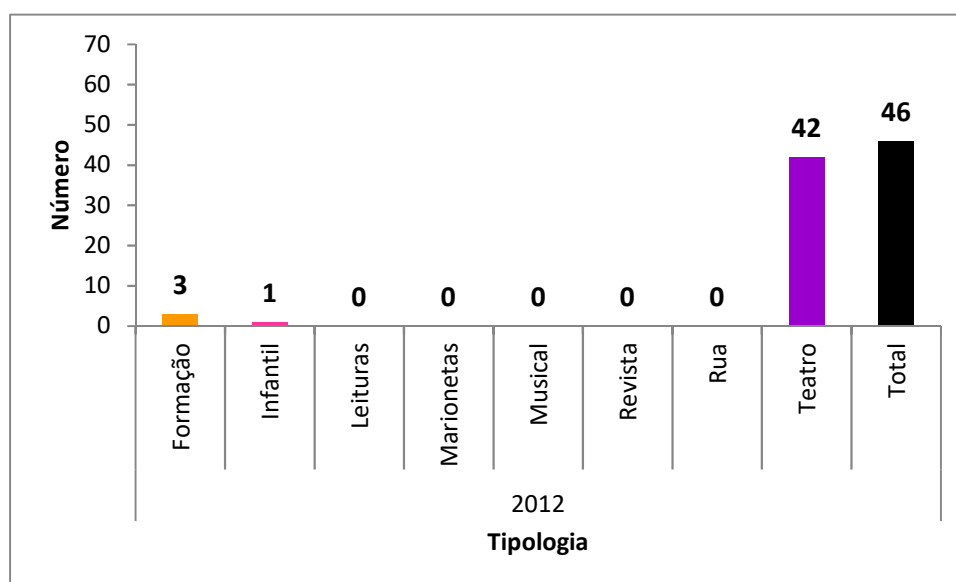


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.6. Gráfico VI - Número de Sessões no TC por Tipologia (2012)

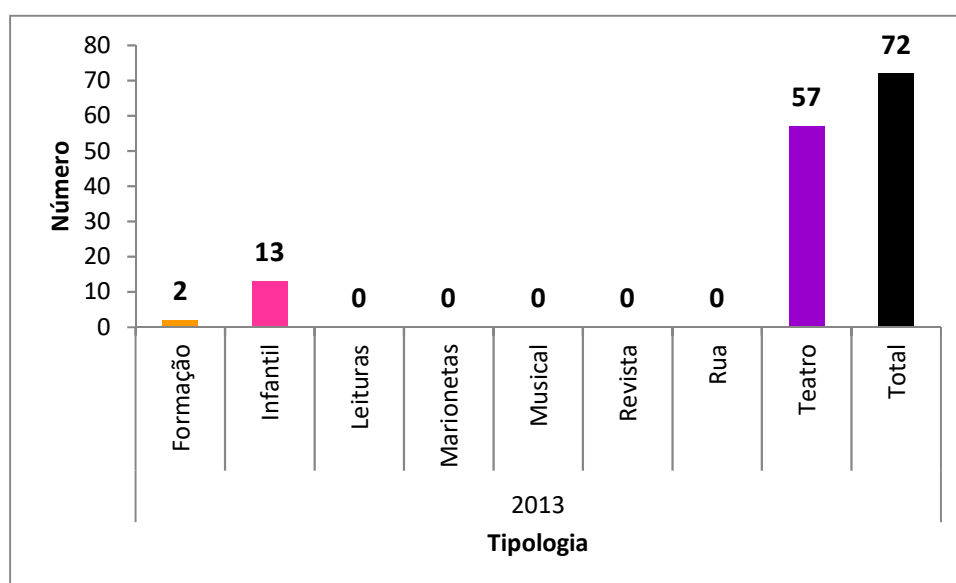


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.7. Gráfico VII - Número de Sessões no TC por Tipologia (2013)

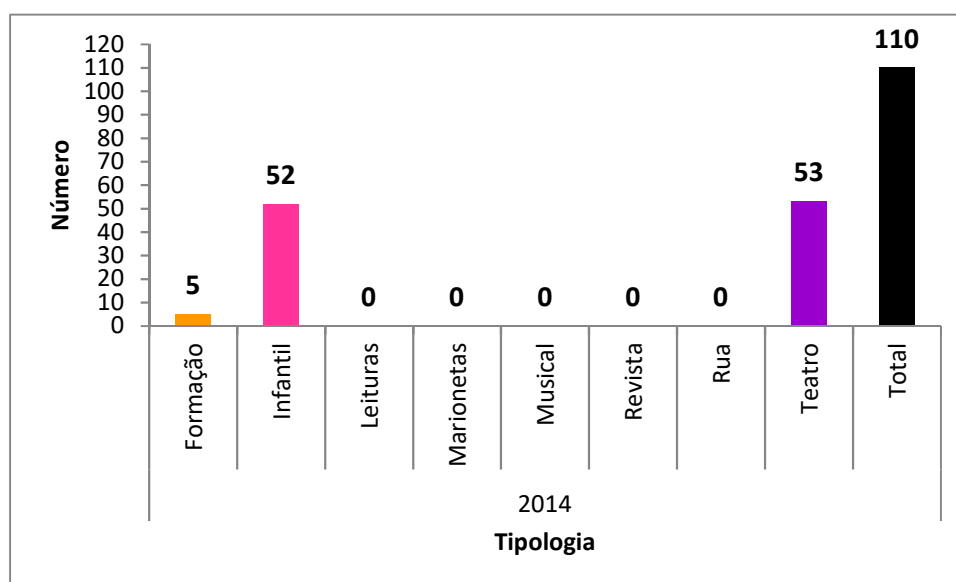


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.8. Gráfico VIII - Número de Sessões no TC por Tipologia (2014)

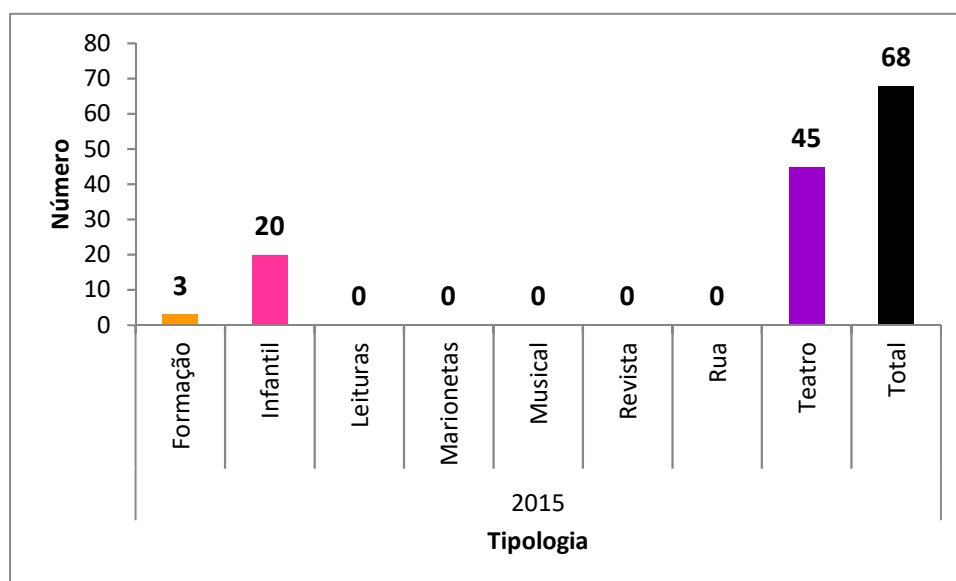


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.9. Gráfico IX - Número de Sessões no TC por Tipologia (2015)

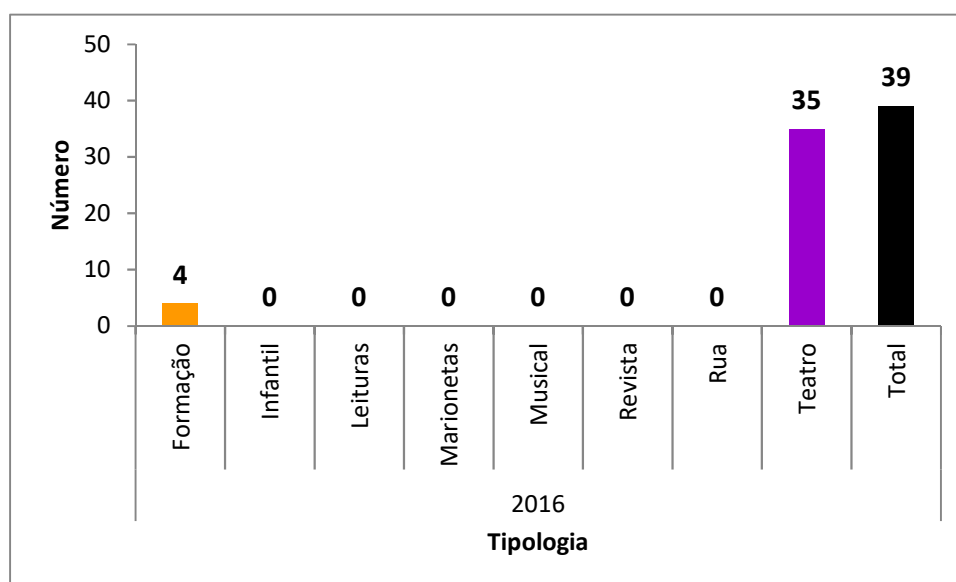


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.10. Gráfico X - Número de Sessões no TC por Tipologia (2016)

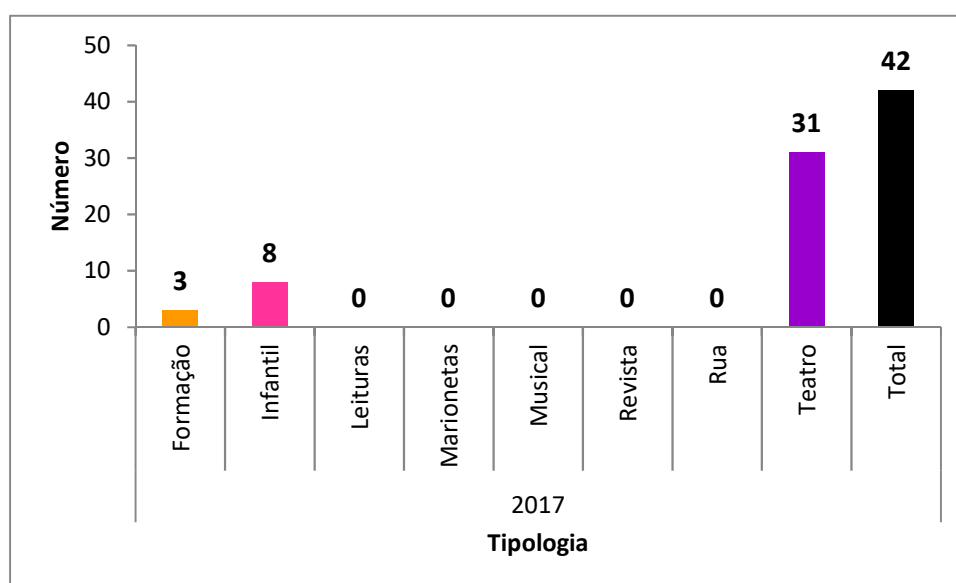


Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 2.11. Gráfico XI - Número de Sessões no TC por Tipologia (2017)



Fonte: TC-Teatro de Carnide/Sociedade Dramática de Carnide

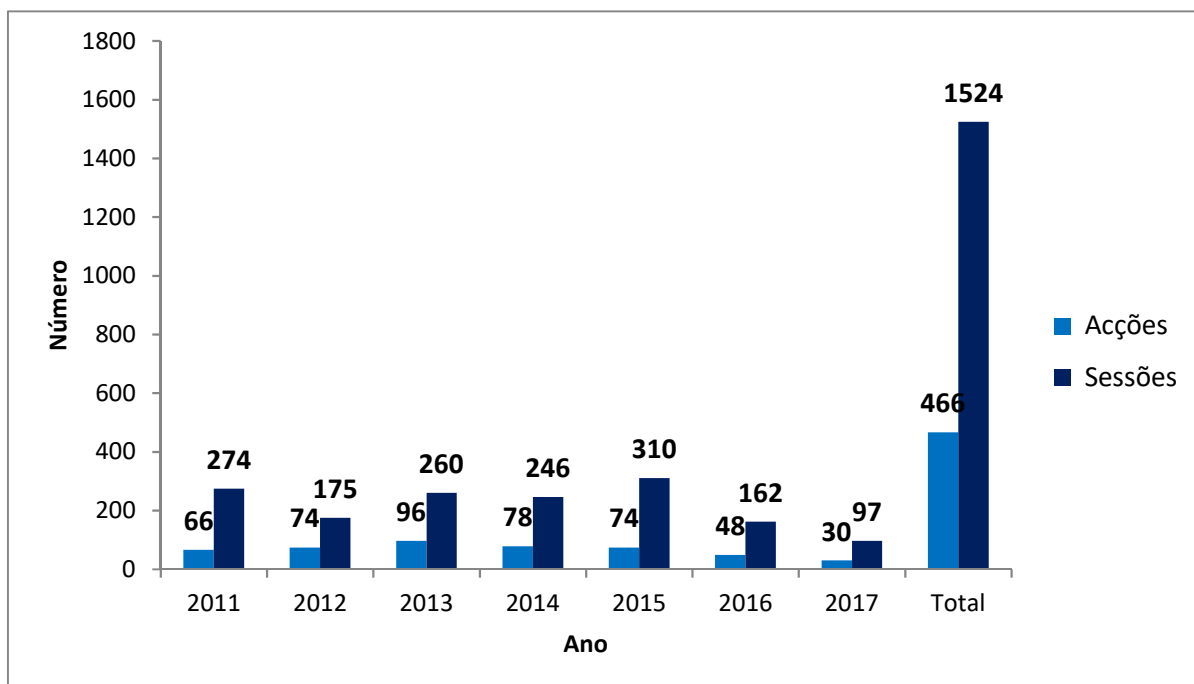
Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3. Gráficos da programação teatral na freguesia de Carnide

(Dados recolhidos e tratados por Pedro Estima, 2018)

Anexo 3.1. Gráfico XII - Número de sessões e acções de teatro na freguesia de Carnide por ano (2011-2017)

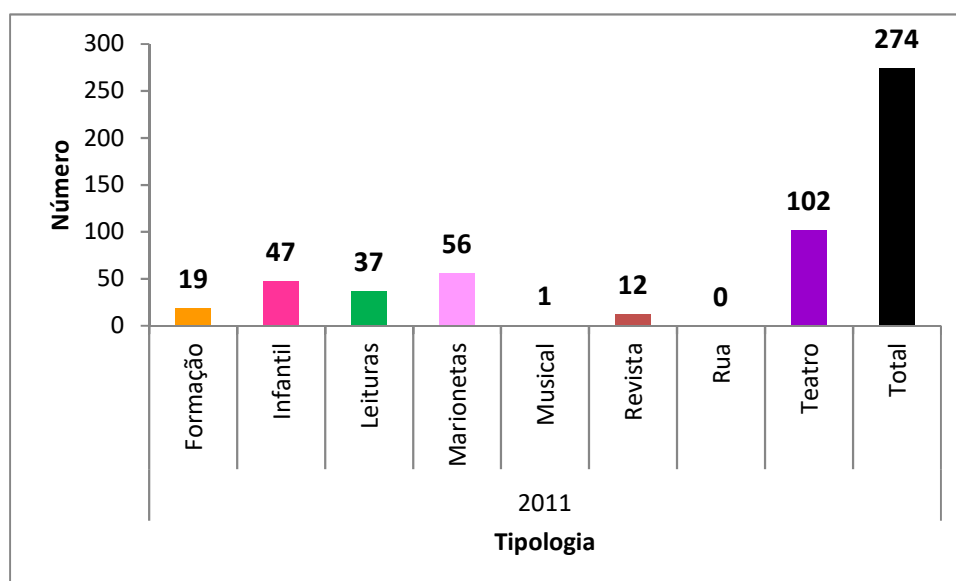


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.2. Gráfico XIII - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2011)

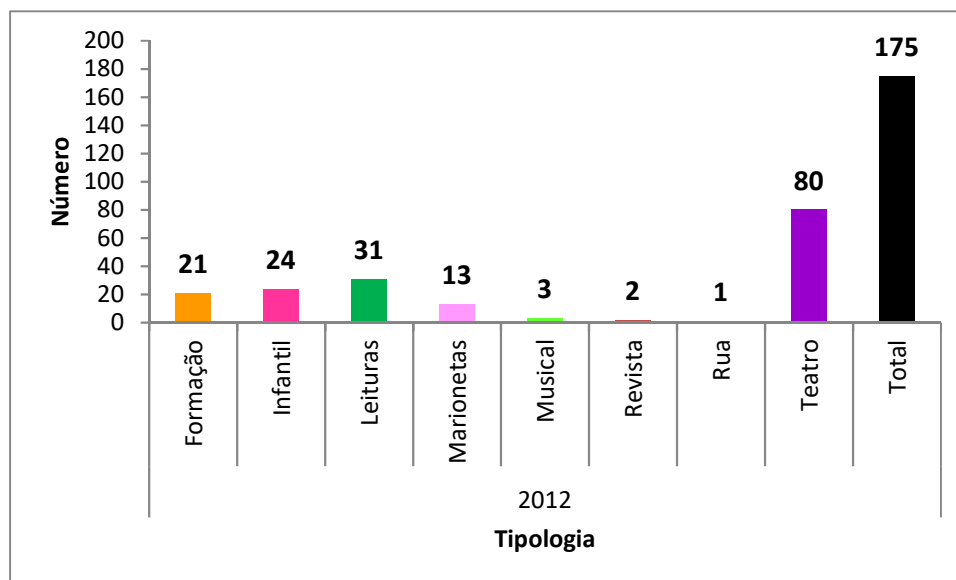


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.3. Gráfico XIV - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2012)

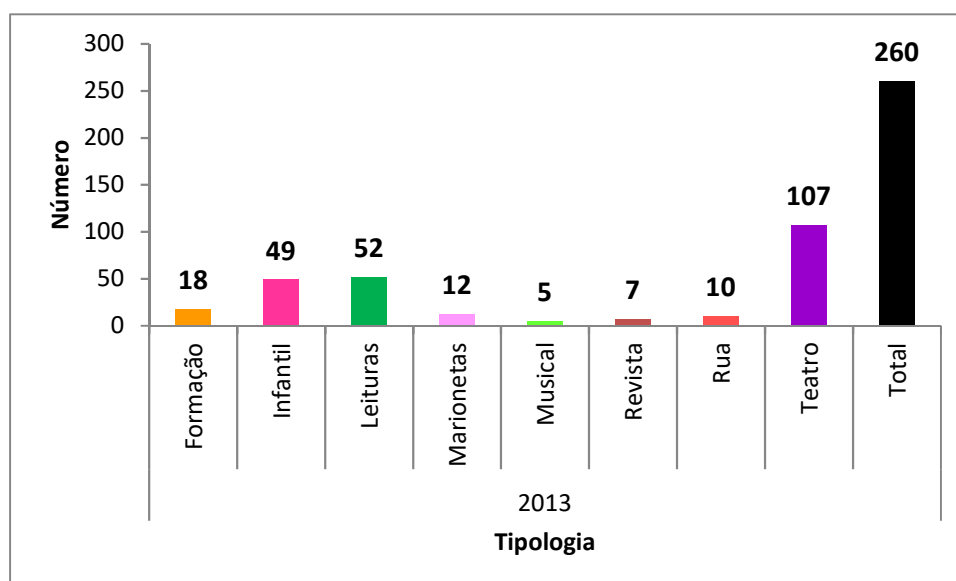


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.4. Gráfico XV - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2013)

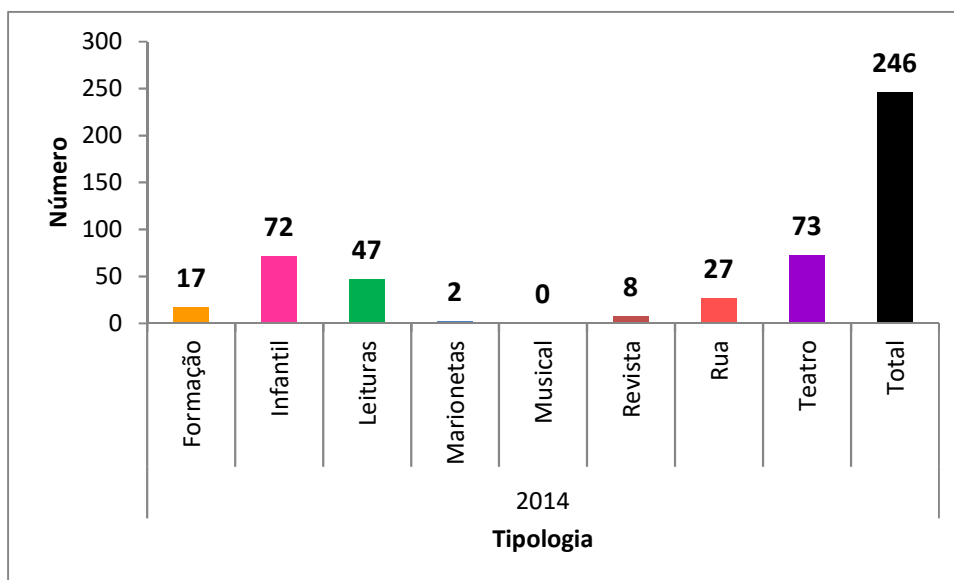


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.5. Gráfico XVI - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2014)

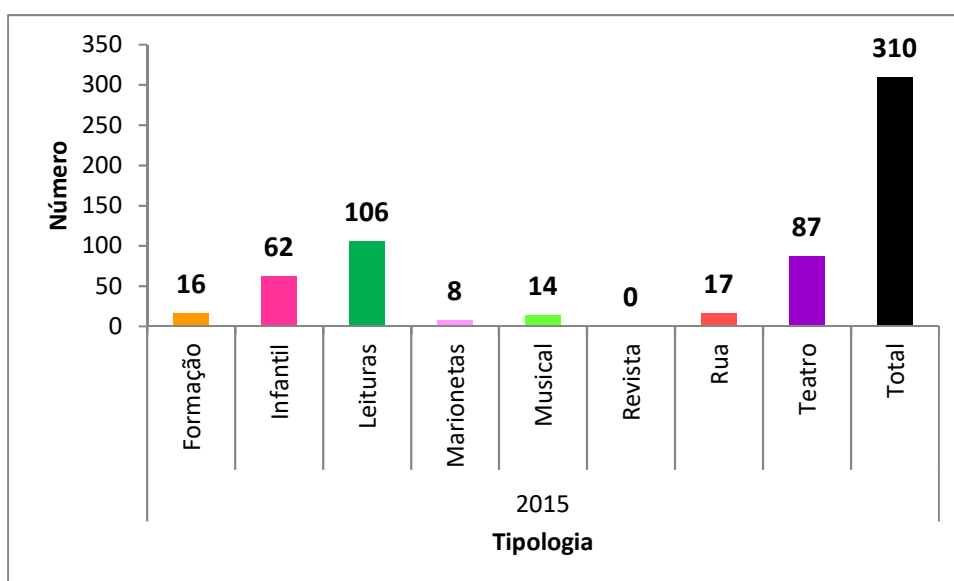


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.6. Gráfico XVII - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2015)

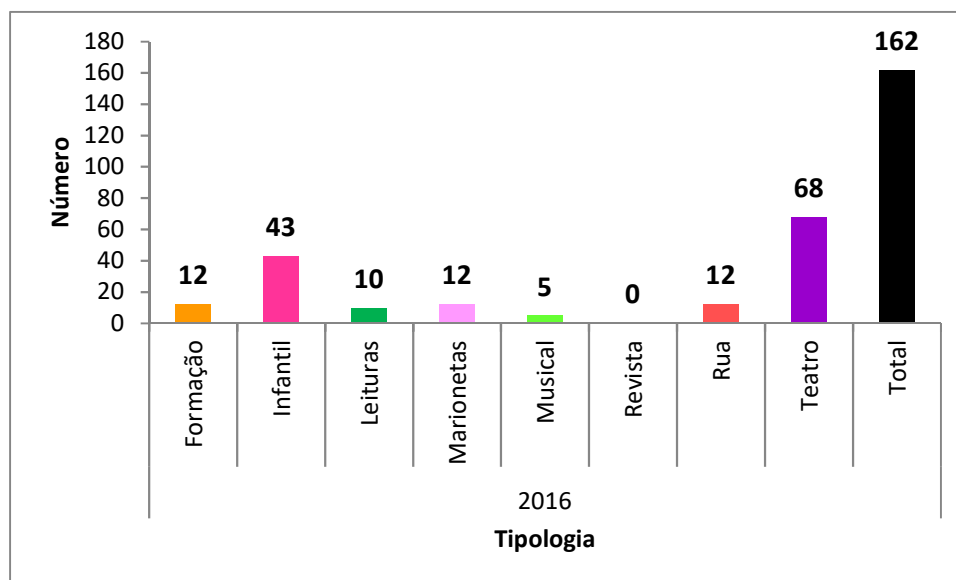


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.7. Gráfico XVIII - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2016)

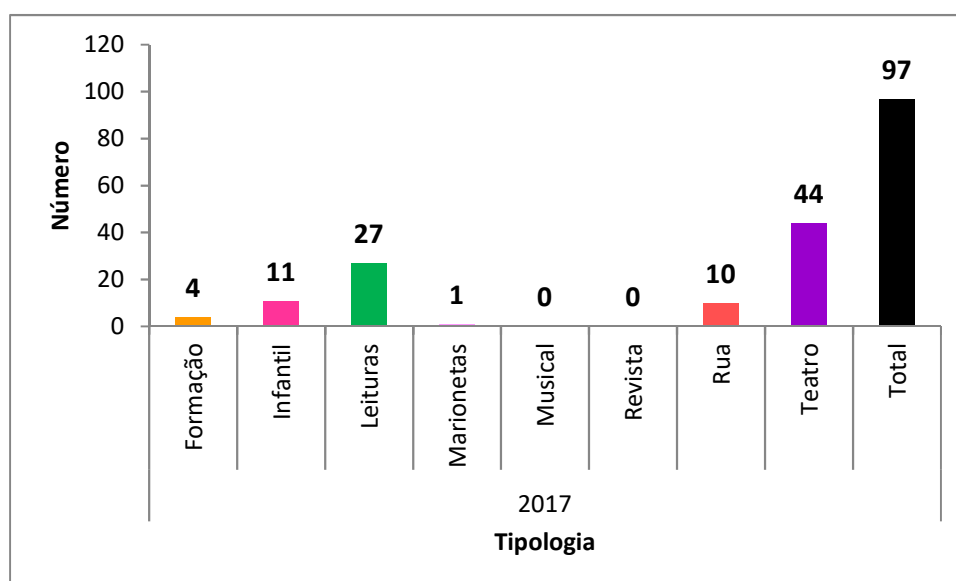


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.8. Gráfico XIX - Número de sessões na freguesia de Carnide por tipologia (2017)

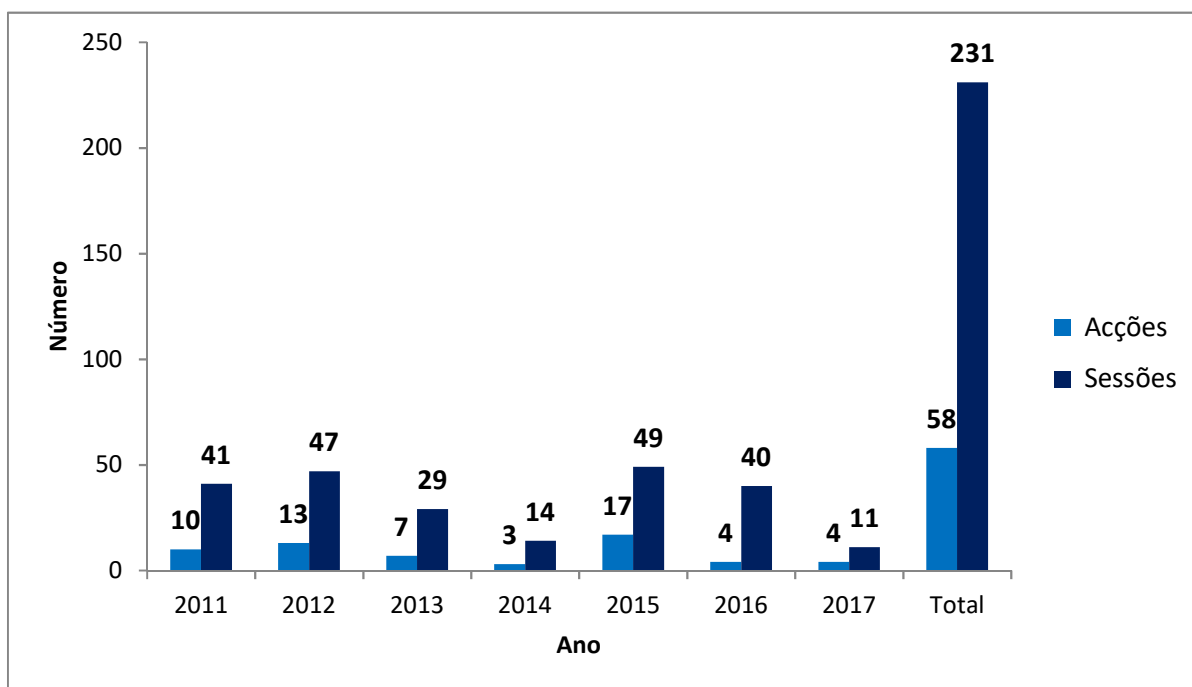


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.9. Gráfico XX - Número de sessões e acções de teatro do eixo acolhimento na freguesia de Carnide por ano (2011-2017)

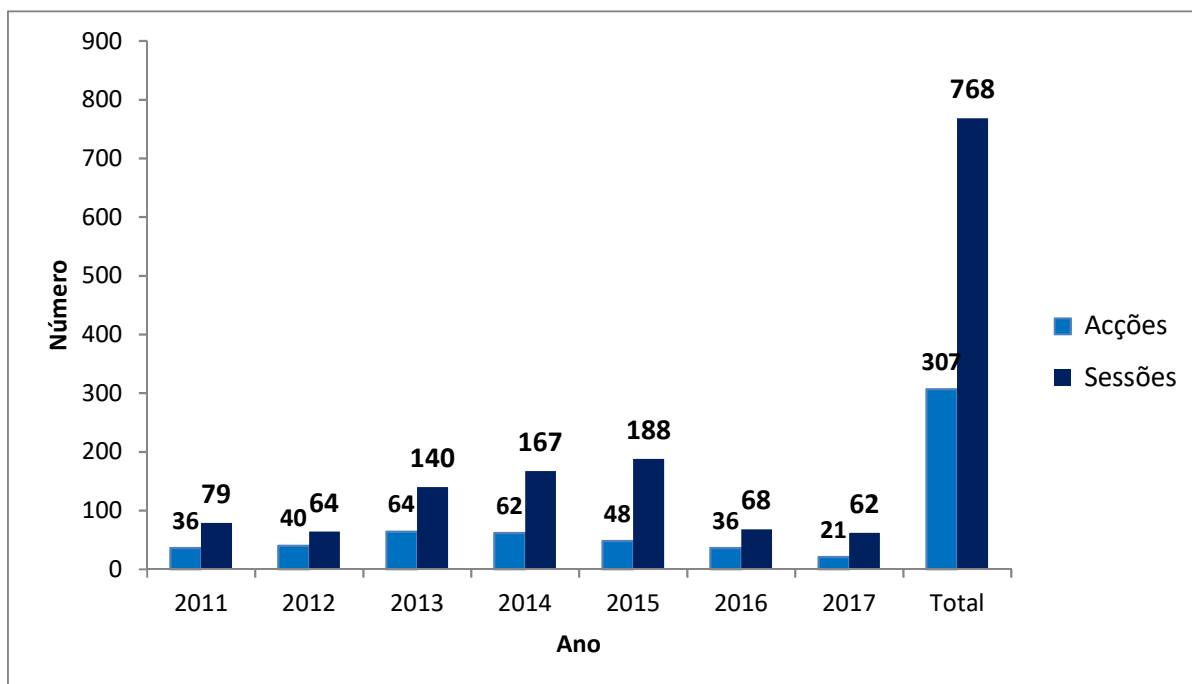


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.10. Gráfico XXI - Número de sessões e acções de teatro do eixo comunitário na freguesia de Carnide por ano (2011-2017)

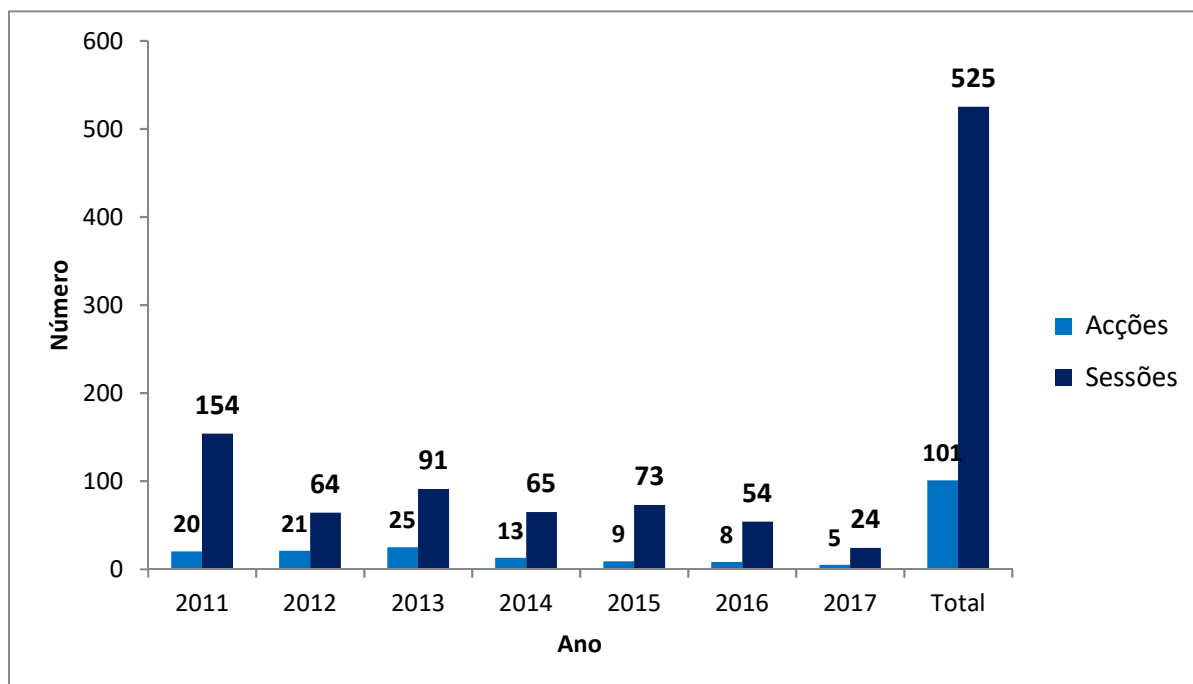


Fonte: sítio electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 3.11. Gráfico XXII - Número de sessões e acções de teatro do eixo criação na freguesia de Carnide por ano (2011-2017)



Fonte: sítio electrónico JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 4. Tabelas e Gráficos do número de sessões e acções por produtor e localização exacta na freguesia de Carnide (2011-2017)

(Dados recolhidos e tratados por Pedro Estima, 2018)

Anexo 4.1. Tabela I – Número de Sessões e Acções por Produtor (entre 2011-2017)

Produtor	Sessões	Acções
Total	1524	466
TC	387	81
Lua Cheia - Teatro para todos	164	47
Biblioteca Natália Correia Carnide	115	13
Companhia da Esquina	102	10
Umbigo - Companhia de teatro	93	35
Boutique da Cultura	45	10
Os Inadaptados	35	13
A Tenda	31	18
Estórias de se tirar o chapéu	31	20
Teatro do Silêncio	30	16
Azimute Radical	26	4
ContraPalco Produções	26	10
Vicenteatro	25	8
Santa Casa da Misericórdia	24	4
Teatro O Cubo	17	4
Santa Casa da Misericórdia - Saúde	15	5
JFC	13	7

Teatro a Tiracolo	13	1
Lua Cheia - Teatro para todos/ Contraponto	12	1
Vários	12	2
Buzico	11	1
JFC/ Rede Cultural de Carnide	11	11
Rede Cultural de Carnide	11	5
Acho-te Graça	9	1
Boutique da Cultura/ Azimute Radical	9	1
Centro Social e Paroquial de Carnide	9	1
Célia Jorge e Sara Gonçalves	8	1
Culturproject	8	1
Ler por aí... Associação Cultural/ Estórias de se tirar o Chapéu	8	4
Alouette Projects	7	1
Armazém Aér(i)o	7	6
Ginga Brasil	7	1
Bárbara Ramalho e Susana Mendonça	6	6
Culturgest	6	1
Grupo Recreativo Escorpiões - Futebol Clube	6	1
JFC/ Biblioteca Natália Correia Carnide	6	4
Sou	6	1

Academia Sénior Carnide/ Centro de dia BºPadre Cruz	5	1
Companhia de Teatro Actin/ ContraPalco Produções	5	2
Lua Cheia - Teatro para todos/ A Tenda	5	1
Academia Sénior de Carnide	4	4
Actin - Atelier de Desenvolvimento, Dança e Teatro	4	2
Alexandre Tavares	4	1
Grupo Flor na Boca de Projectos	4	1
Joana Tavares e João Borges de Oliveira	4	2
Know How	4	3
O Cão Comeu o Guião	4	1
Projecto Magnólia	4	1
S.C.Dez de Junho	4	1
Sociedade Filarmónica Operária Amorense	4	1
[Colectivo de Intérpretes]	3	1
Forever Mesmo Teatro	3	1
Grupo de Teatro Raiz de Cabo Verde	3	2
Grupode Teatro Cegada	3	1
Os Resistentes/ Grupo Recreativo Escorpiões-Futebol Clube	3	2
Spotlight e Buzico	3	1
Teatro de Queijas	3	1

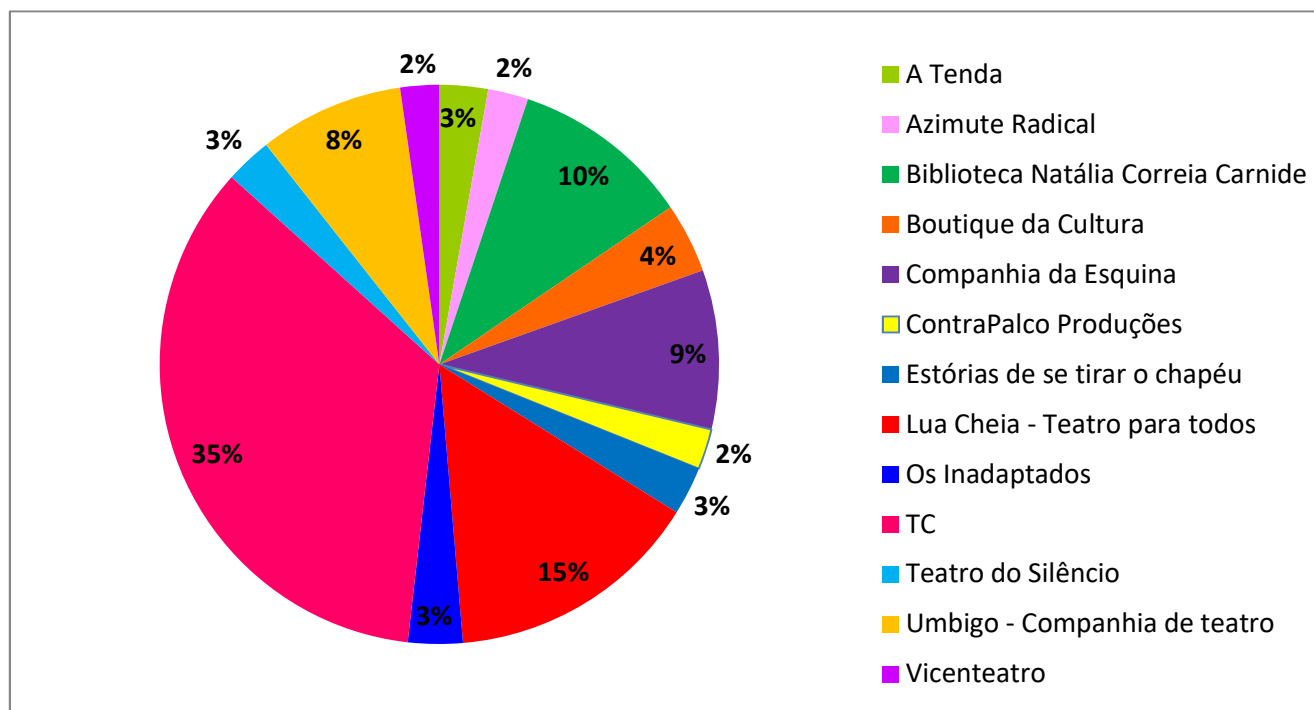
TIL - Teatro Infantil de Lisboa	3	3
UMColetivo	3	1
GINGA GRASIL	2	1
A Tenda/Ntheias: Mascot Costumes Production	2	1
Ângela Ribeiro/ Lua Cheia - Teatro para todos	2	2
Associação Cativar	2	1
Associação Sabor a Palco	2	1
Associação Teatro Experimental de Lagos	2	1
Clinica Psiquiátrica de S. José	2	2
Ditirambus - Associação Cultural e de Pesquisa	2	1
Familiarte - Teatro Comunitário	2	1
GAC - Grupo de Acção Comunitária	2	2
Gonçalo C. Ferreira/ Teatro do Silêncio	2	1
Grupo de Acção Comunitária	2	2
Grupo de Teatro Imediato	2	2
INADAPTADOS	2	1
Lua Cheia - Teatro para todos/ Estórias de se tirar o chapéu	2	1
Museu de São Roque	2	1
Nandinho e Paulinho	2	1
Out put teatral	2	1

Plataforma 285	2	2
PLIMAP/GTL - Grupo de Teatro de Letras	2	1
Teatro Flaviense	2	1
A Tenda/ Lua Cheia - Teatro para todos	1	1
A Tenda/Fundação Inatel/JFC	1	1
A Tenda/Teatro de Carnide	1	1
Ana Dionísio e Diogo Lestre	1	1
Animateatro	1	1
Animedições	1	1
Armazém Aér(i)o/ JFC	1	1
ARPIC/ Escola Nocturna/ Estórias do Chapéu	1	1
Associação de Actividade Motora Adaptada	1	1
Associação de Trabalhos Experimentais	1	1
ATL Horta Nova e GAIM da Horta Nova	1	1
Biblioteca Natália Correia Carnide/ Espaço Comunitário/ TC	1	1
CERCI/ Teatro a Descoberto	1	1
Círculo Nacional D'Arte e Poesia/JFC	1	1
Companhia de Actores	1	1
Companhia de Teatro Magia e Fantasia	1	1
ContraPalco/ JFC	1	1

Contratempo Produções/ Bilbex Kids	1	1
Cooperativa Horas de Sonho	1	1
Diogo Lopes e Eva Barros	1	1
Educar a Sorrir	1	1
Estórias de se tirar o Chapéu/ Ler por aí	1	1
Estórias de se tirar o chapéu/Biblioteca Natália Correia Carnide Carnide	1	1
ExQuorum	1	1
Fundação Portugal Telecom	1	1
Gabinete do Idoso/ Academia Sénior de Carnide	1	1
Grupo Capoeira Alto Astral	1	1
Grupo dde Teatro Fórum SOS Heroínas	1	1
Grupo de Teatro do Instituto de Desenvolvimento Social	1	1
GTO-LX/ Rede Cultural de Carnide	1	1
Hotel Europa/ Teatro do Silêncio	1	1
Isabel Damatta/ Paulo Oliveira	1	1
JFC/ Academia Sénior de Carnide	1	1
JFC/ CML/ Centro Cultural Eça de Queirós	1	1
JFC/TC/Biblioteca Natália Correia Carnide Carnide	1	1
Kind of Black box	1	1

Lua Cheia - Teatro para todos/Teatro de Carnide	1	1
Muzumbos	1	1
Paula Luíz	1	1
Sandra José	1	1
Susana C. Gaspar	1	1
Susana Mendonça	1	1
Susana Mendonça e Bárbara Ramalho	1	1
TC/ A Tenda	1	1
TC/ Teatro do Silêncio/JFC	1	1
Teatro Experimental de Mortágua	1	1
Trupilariantes	1	1
Umbigo - Companhia de teatro/ Rede da Cultura de Carnide	1	1
Valéria Carvalho - atriz	1	1

Anexo 4.2. Gráfico XXIII - Percentagem de sessões por produtor na freguesia de Carnide (entre 2011 e 2017)

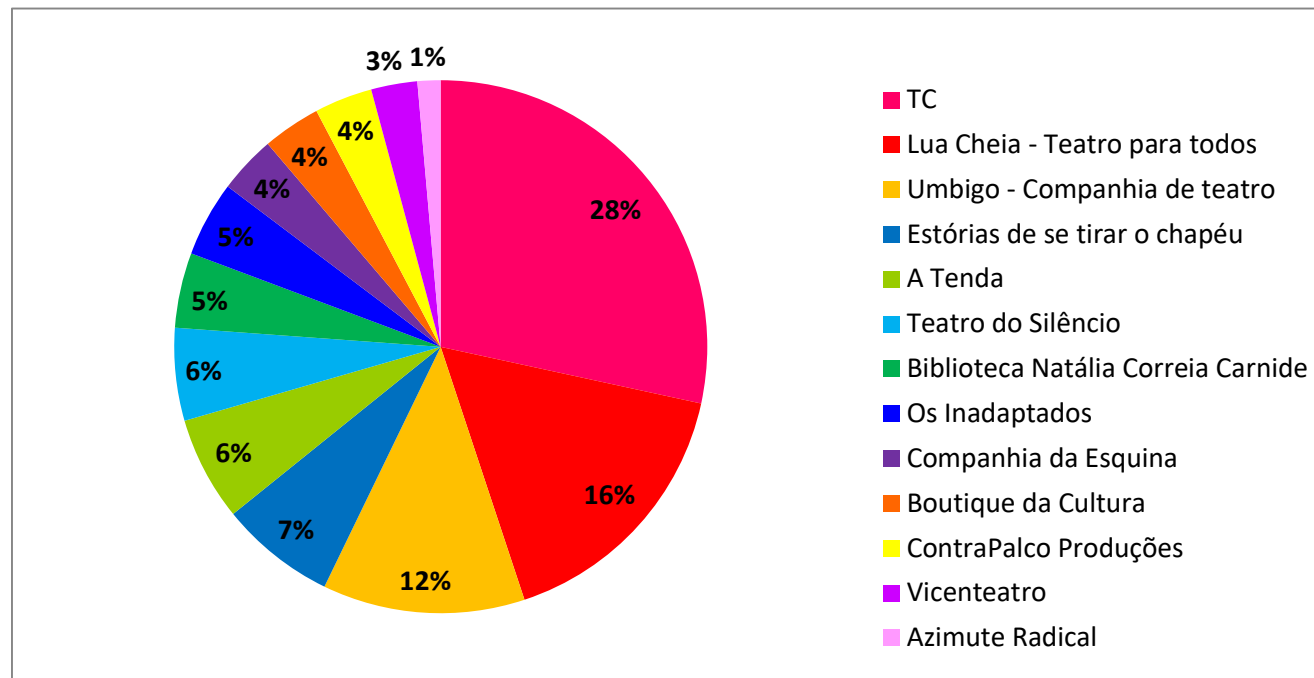


Fonte: site electrónico da JFC (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 4.3. Gráfico XXIV - Percentagem de acções por produtor na freguesia de Carnide (entre 2011 e 2017)



Fonte: site electrónico da JFC (boletins e agendas)

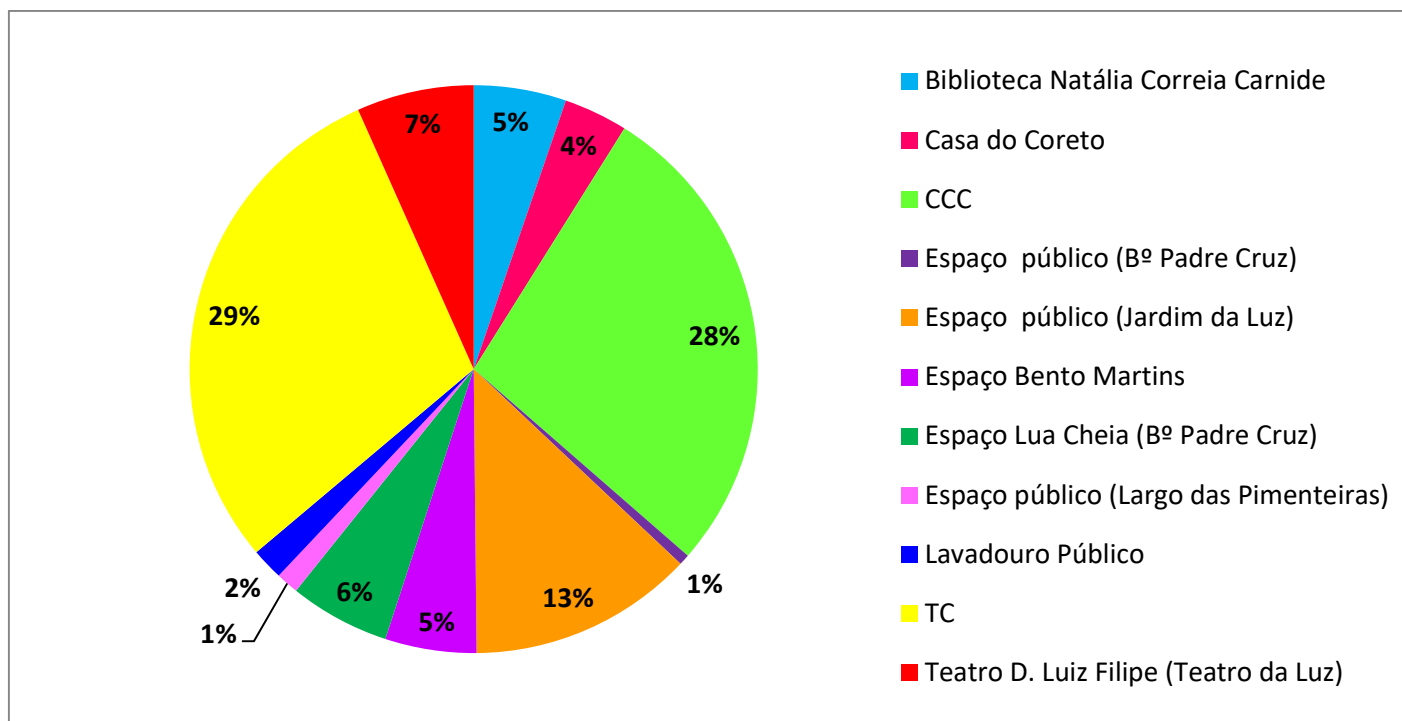
Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 4.4. Tabela II - Número de Sessões e Acções por Localização (entre 2011-2017)

Localização	Sessões	Acções
Total	1524	466
TC	437	83
CCC	408	147
Espaço público (Jardim da Luz)	190	65
Teatro D. Luiz Filipe (Teatro da Luz)	99	13
Espaço Lua Cheia (Bº Padre Cruz)	85	16
Biblioteca Natália Correia Carnide	78	25
Espaço Bento Martins	77	30
Casa do Coreto	54	21
Lavadouro Público	27	16
Espaço público (Largo das Pimenteiras)	19	8
Espaço público (Bº Padre Cruz)	9	7
Vários	8	8
Teatro Armando Cortez	6	3
Escolas	5	5
Espassus 3G	5	5
Espaço Público (Largo do Coreto)	4	3

Conservatório de Lisboa	3	1
Jardim de Infância da Horta Nova	3	3
Edifício sede da JFC	1	1
Espaço escolar (ATL da Luz)	1	1
Espaço público (Centro Histórico)	1	1
Instituto do Desenvolvimento Social	1	1
Percurso pelas ruas	1	1
Residências dos públicos	1	1
Sala Kind of Black Box	1	1

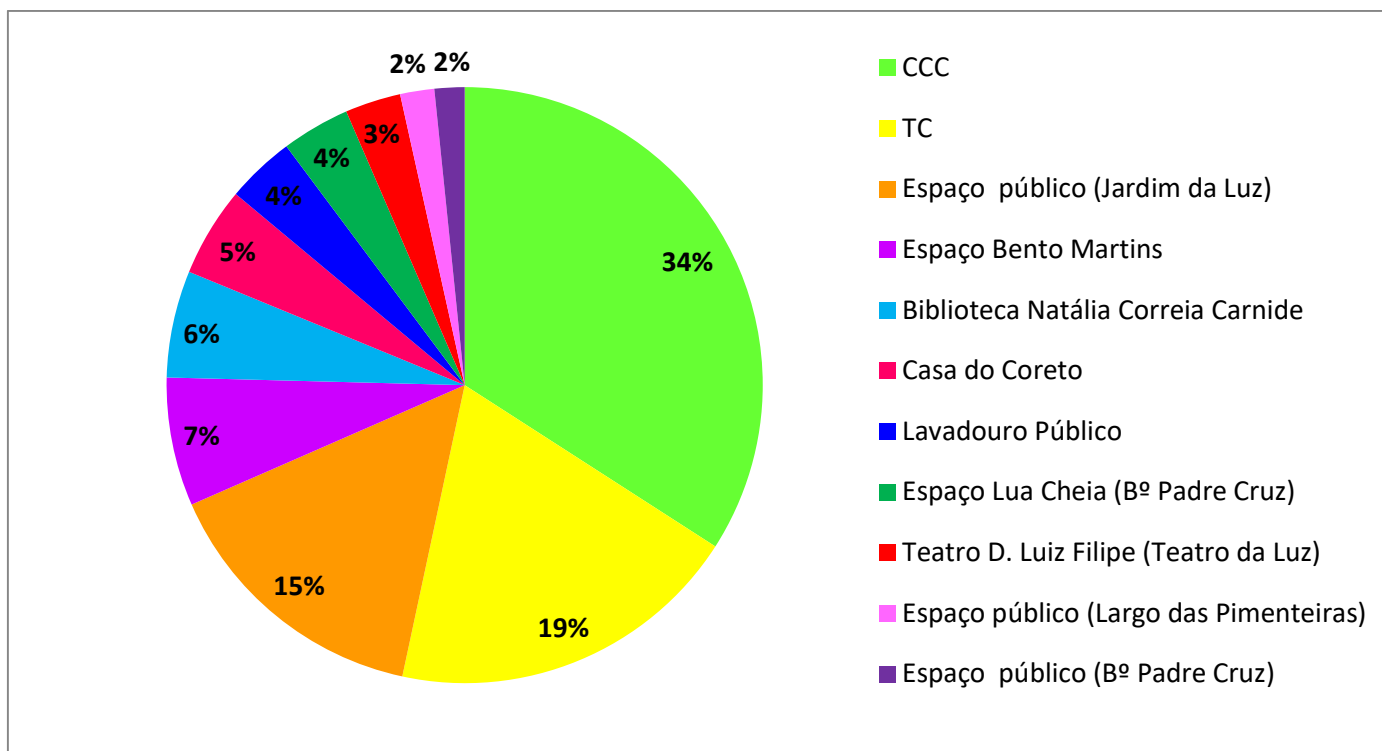


Anexo 4.5. Gráfico XXV - Percentagem de sessões por Localização na freguesia de Carnide (entre 2011 e 2017)

Fonte: sítio electrónico da Junta de Freguesia de Carnide (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018



Anexo 4.6. Gráfico XXVI - Percentagem de acções por localização na freguesia de Carnide (entre 2011 e 2017)

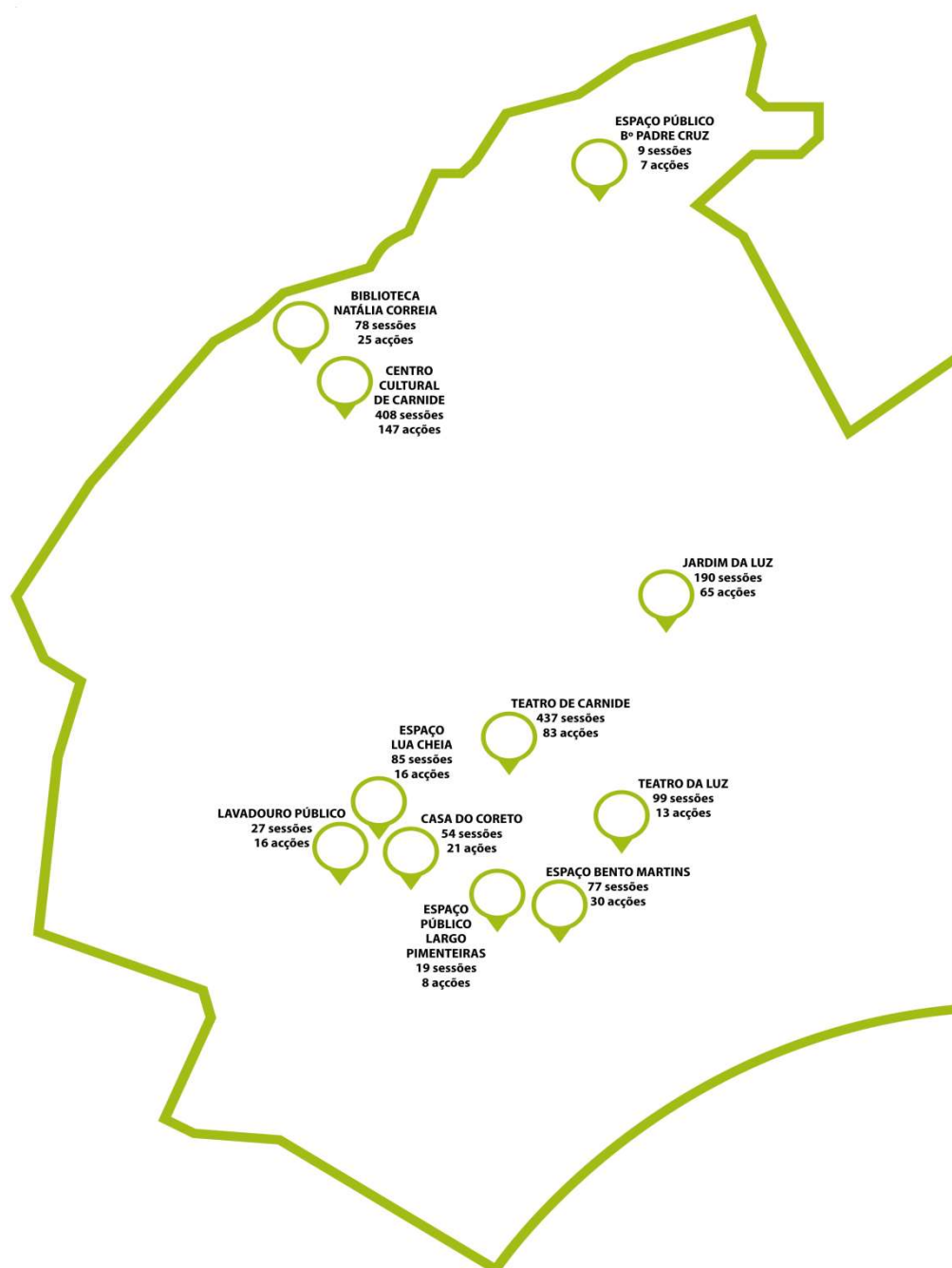
Fonte: sítio electrónico da Junta de Freguesia de Carnide (boletins e agendas)

Recolha de dados: Pedro Estima, 2018

Gráfico © Pedro Estima, 2018

Anexo 5. Mapa das onze localizações com maior número de sessões na freguesia de Carnide

Elaborado por Pedro Estima



Anexo 6. Tabela III – Programação do CCC

Elaborado por Pedro Estima

Ano	Designação da Acção	Sessões	Género Artístico	Produtor
2017	Cenas do Natal	1	Teatro	Tenda Produções
2017	Christmas show	2	Dança	Lisbon Dance Center
2017	Dvision Christmas	1	Dança	Dvision
2017	Ensaio Geral	1	Teatro/Circo	Tenda Produções
2017	Egzit Dance School	2	Dança	Egzit
2017	C!nderela	1	Teatro	Tenda Produções
2017	Apresentação pública das Aulas e Workshops	1	Vários	JFC
2017	A menina que detestava livros	1	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro
2017	Rudolfo	1	Cinema	JI do Bº Padre Cruz
2017	O King vai nú	1	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro
2017	Festa de Natal do GAC	1	Teatro	GAC
2017	Velhas no Cruzeiro	1	Teatro	Sonhos em Cena
2017	Alice no País das Maravilhas	1	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro
2017	Arte Urbana no Bº Padre Cruz	1	Cinema	JFC/ Galeria de Arte Urbana?
2017	Egzit	2	Dança	Egzit
2017	Exercício final dos cursos de Ballet Hip Hop Canto e	3	Vários	JFC

Voz

2017	Espectáculo Final Division & Friends	1	Dança	Division
2017	«O trabalho realizado no JI do Bº Padre Cruz	1	Cinema	JFC
2017	[We Love 2 Dance]	3	Dança	We Love 2 Dance
2017	Alice no País das Maravilhas	3	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro
2017	Partilha de Almas	3	Teatro	Juventude em Marcha
2017	Piratas do Salé - Documentário	1	Cinema	Tenda Produções
2017	Concerto Solidário	1	Música	Associação Actividade Motora Adaptada
2017	Balbucia	1	Teatro	Animateatro
2017	Aniversário da ARPIC	1	Música	ARPIC
2017	Nões terra é pa nós pove	1	Teatro	Comunidade Cabo-Verdiana de Carnide
2017	A Branca de Neve e os Sete Anões	1	Teatro	Byfurcação
2017	Comédia de Improviso	2	Teatro	Improvisto
2017	Marcas Violentas	1	Teatro	ContraPalco Produções
2017	Os Gatos não têm vertigens	1	Cinema	JFC
2017	Grande Matinée com Manuela Bravo	1	Teatro/Música	ContraPalco Produções
2017	Monstrinha	1	Cinema	Monstra - Lisbon Animated Film Festival
2017	Encontro de Coros	1	Música	Academia Sénior de Carnide
2017	Conta-me uma ópera	3	Teatro	Caribia Productions
2017	João e o pé de feijão	1	Teatro	Animateatro

2017	Escuridão Bonita	2	Teatro	UmColectivo
2017	[We love to dance]	4	Dança	We Love 2 Dance
2017	Marcas Violentas	1	Teatro	ContraPalco Produções
2016	Cenas do Natal	1	Teatro	Tenda Produções
2016	Os Marretas	1	Cinema	JFC
2016	Espectáculo de Natal	1	Teatro	Egzit
2016	Apresentação pública das Aulas e Workshops	2	Dança	JFC
2016	Espectáculo de Natal	1	Teatro	Academia Sénior de Carnide
2016	Poemas da minha vida	1	Teatro	Io Appolloni
2016	Menos Óbvio	1	Música	JFC
2016	Molécula	1	Música	JFC
2016	MAPPA	1	Música	JFC
2016	Casa dos Beats	1	Música	JFC
2016	Confluence Quintet	1	Música	JFC
2016	The Fellow Man	1	Música	JFC
2016	Grande Noite de Fados	1	Música	Clube de Futebol Os Unidos
2016	CANTAJAZZ	1	Música	CANTAJAZZ
2016	Capoeira, Maculelê e Frevo	1	Dança	Cultura 100 Fronteiras
2016	I GALA OGAE	1	Música	OGAE Portugal
2016	Apresentação final dos Workshosps 2015/2016	1	Vários	JFC

2016	Velha é Você!	1	Teatro	Raquel Caneca/ Marisa Carvalho
2016	Apresentação final da turma Circo ZIP	1	Circo	Tenda Produções
2016	Um Bom Espectáculo, Apesar de Tudo	3	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro
2016	Nós e a Comunidade - Divulgar para partilhar	1	Cinema	JI do Bº Padre Cruz
2016	Everybody Dance (hall)	1	Dança	Swagga Dem?
2016	Soma 21	1	Dança	Crinabel
2016	Criançópolis	1	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro?
2016	VSP 2007, Making off	1	Cinema	GAU/CML/JFC
2016	Viviane com o Grupo Cante Alentejano da ARPIC	1	Música	JFC
2016	Stand Up Comedy	1	Teatro	GAS Tagus
2016	Encontro de Coros	1	Música	Academia Sénior de Carnide
2016	Bullying - Uma História de Hoje	1	Teatro	ContraPalco Produções
2016	Fado	1	Música	Fernando D'Alfazema
2016	Das Coisas Grandes e Pequenas	1	Teatro	BC
2016	Monstrinha	1	Cinema	Monstra - Lisbon Animated Film Festival
2016	Clap Festival de Cinema de Carnide	3	Cinema	JFC/Parceiros
2016	Correspondências	1	Teatro	Teatro do Silêncio
2016	Teima em ser trova de amor	1	Música	JFC
2016	Revela-te	1	Teatro	ContraPalco Produções
2016	Bullying - Uma História de Hoje	2	Teatro	ContraPalco Produções

2016	CRU - O Ajustamento Estrutural da Troika	1	Cinema	Joana Louçã
2015	O Dia em Que Quase Não Houve Natal	1	Teatro	Umbigo - Companhia de Teatro
2015	Apresentação de Natal dos Workshops 2015-2016	1	Dança	Egzit
2015	Show de Natal	1	Dança	We Love 2 Dance
2015	Espectáculo da Cerci e da AAMA	1	Dança	Cerci/AAMA
2015	Conto de Natal	3	Teatro	Companhia da Esquina
2015	Auto da Barca do Inferno	2	Teatro	ContraPalco Produções
2015	Decadencia	1	Música	JFC
2015	The Norton's Project	1	Música	JFC
2015	Sonetos de Camões	1	Música	JFC
2015	Arde	1	Música	JFC
2015	The Crossovers	1	Música	JFC
2015	Bom Marido	1	Música	JFC
2015	A menina que detestava livros	1	Teatro	Umbigo - Companhia de teatro
2015	Animação de Capoeira e Ballet	1	Dança	JFC
2015	Bullying	1	Teatro	ContraPalco Produções
2015	Homenagem à poetisa Florbela Espanca	1	Leituras/Música	Antigos Alunos Ensino Secundário Cabo Verde
2015	[Animações de Verão com crianças da Horta Nova]	1	Cinema	JFC
2015	D. Afonso Henriques 3 em 1	2	Teatro	Output Teatral de Lisboa
2015	O Quadro	2	Teatro	Cegada

2015	Cinderela	1	Teatro	Rituais Dellarte
2015	Jornadas Culturais	3	Vários	Ginga Brasil
2015	Criançópolis	1	Teatro	Umbigo - Companhia de Teatro
2015	Nôs Terra é pa Nôs Pove	1	Teatro	Antigos Alunos Ensino Secundário Cabo Verde
2015	[Espectáculo da Academia Sénior]	1	Teatro	Academia Sénior de Carnide
2015	Espectáculo final do Ano	2	Dança	Egzit
2015	Armazém 33	1	Teatro	Teatro do Jogo & Terceira Linha
2015	O Plano [FAMILIARTE]	3	Teatro	Umbigo - Companhia de Teatro
2015	Everybody Dance (hall)	1	Dança	Swagga Dem
2015	Pérolas do Ballet	1	Dança	Workshop de Ballet do CCC
2015	(RE) Encontrar Carnide	1	Cinema	Sara Ferreira e Catarina Garcia (Escola Superior de Educação)
2015	Unidos pela Dança	1	Dança	We Love 2 Dance
2015	Tenda Circus	1	Circo	Tenda Produções
2015	Auto da Barca do Inferno	1	Teatro	ContraPalco Produções
2015	Menina do Mar	1	Teatro	ContraPalco Produções
2015	O Patinho Feio	1	Teatro	Cativar
2015	O Reino de Pernas pr'o Ar!	2	Teatro	Cativar
2015	Fungaguinhos	1	Música	Fungaguinhos
2015	Animações de Páscoa do ATL do JI do Bº Padre Cruz	1	Cinema	JFC

2015	Cinema com o Campo de Férias da Azr	1	Cinema	Azimute Radical
2015	Monstrinha	1	Cinema	ATL do JI do Bº Padre Cruz
2015	História da Carochinha	1	Teatro	Cativar
2015	Uma Flor, Uma Mulher, Um Fado	1	Música	Associação Nós de Afetos
2015	Nada Sucedde por Acaso	1	Cinema	Vítor Bom Norte
2015	Sessão dupla com as crianças do ATL de JI e 1ºciclo do Bº Padre Cruz	2	Cinema	ATL de JI e 1º ciclo do Bº Padre Cruz
2015	5º Aniversário do Coro da Academia Sénior de Carnide	1	Música	Academia Sénior de Carnide
2015	Revela-te	2	Teatro	ContraPalco Produções
2015	Vai de Mal a Pior	3	Teatro	S. C. Dez de Junho
2015	Os Herdeiros da Lua de Joana	1	Teatro	ContraPalco Produções

**Anexo 7. Lista das entrevistas realizadas no decorrer da investigação
(nome, entidade, cargo, data da entrevista)**

Elaborado por Pedro Estima

Nome	Entidade	Cargo	Data
Ana Pestana	JFC	Produtora e Programadora do CCC	03/09/2018
João Borges de Oliveira	JFC	Técnico Superior/ Equipa da Boutique da Cultura	11/09/2018
Maria Gil	TS	Directora artística	12/09/2018
Maria João Trindade	Lua Cheia / Casa do Coreto	Actriz e Programadora	31/08/2018
Paolo Gorgoni	JFC	Técnico da área cultural	13/09/2018
Paula Granja	JFC	Secretária com os pelouros da Cultura e Gabinete do Idoso	07/09/2018
Paulo Quaresma	JFC	Presidente	05/09/2018
Rita Martins	TC	Directora de Produção/Programadora/Actriz	06/09/2018

Anexo 8. Notas Biográficas dos Entrevistados

Ana Pestana

Frequenta a Licenciatura em Teatro – Ramo de Produção na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa (desde 2014) e obteve formação profissional em Artes do Espetáculo – Interpretação na Escola Gil Vicente em Lisboa (2013) e em Iniciação à Interpretação para Teatro / TV na “Publicoceto Produção” em Linda-a-Velha (2007).

Realizou diversos Workshops de Teatro (2003, 2009 e 2013) e um curso de guia de visitas à arte urbana do Bairro Padre Cruz.

Iniciou a sua atividade como atriz em 2005 em televisão no canal português SIC, nas séries “Regresso às Aulas” e “Zero em Comportamento”. Foi atriz de teatro de espetáculos realizados em âmbito escolar, destacando-se o “Rei Lear” de William Shakespeare – Rei Lear – encenação de Fernando Azevedo, Juliana Conde e Vítor Oliveira (2013). Trabalhou como cantora, bailarina e coreógrafa em grupos juvenis como por exemplo na banda XokDance. Foi performer no Teatro de Carnide. Exerceu cargos de assistente de encenação e contra-regra, montagem e desmontagem dos espetáculos; acolhimento, recepção e acompanhamento dos artistas; frente de casa; bilheteira e recepção de público. Lecionou Teatro para crianças (até aos 12 anos) e para idosos (+ 65 anos) no Grupo Teatrosfera em 2015. Desde 2016 é produtora e programadora cultural no Centro Cultural de Carnide.

João Borges de Oliveira

Licenciado em Ciências da Comunicação com uma especialização em Animação Intercultural e Transdisciplinar.

Toda a carreira profissional esteve sempre ligada à coordenação e implementação de projetos culturais em autarquias (Junta de Freguesia de Carnide e Camara Municipal de Lisboa). Atualmente coordena a Incubadora de Artes de Carnide.

Fundador da Boutique da Cultura, atualmente diretor artístico.

Maria Gil

Licenciou-se em Teatro - Formação de Actores e Encenadores na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa (2003) e realizou um MPhil em Performances Autobiográficas na Universidade de Glasgow (2009). Na sua formação não-académica destaca a participação no workshop dirigido pela companhia americana Goat Island, integrado na Winter School da National Review of Live Art, Glasgow (2008); e na 2ª Edição do curso de Encenação para Teatro dirigido pelos Third Angel/Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística (2007). Foi uma dos vinte artistas residentes no Sítio das Artes/Programa O Estado do Mundo, da Fundação Calouste Gulbenkian, integrando a área da encenação (2007). Realizou uma residência artística na cidade de Huesca, em Espanha ao abrigo do Map - Programa de Apoio à Mobilidade de Jovens Artistas (2009). Integrou vários projectos para a educação e as artes, entre outros, o projecto 10x10 e Operação Stop, iniciativas do Programa Descobrir da Fundação Calouste Gulbenkian (2012-2017). Trabalhou como actriz com, entre outros, Teatro do Vestido, Teatro O Bando, Teatromosca. Em cinema trabalhou com Gil Ferreira. Encenou espectáculos encomendados por, Comédias do Minho (2018), 23 Milhas (2017), Fábrica das Artes/CCB (2013), Teatro Viriato (2012). Foi professora de teatro durante nove anos, do ensino básico, secundário e superior. Em 2004, fundou o Teatro do Silêncio Associação, tendo co-dirigido e produzido os espectáculos: Mostra (2004); Boarding Pass, The Journey Is The Destination (2005), Na Margem da Vida (2006), Glasgow 4, O Nome de Todas As Ruas (2008), Rádio Pirata (2009), Cartas Telegramas e Postais (2010), Procura Por Mim Neste Diário O Resto Não Vale Nada (2011), Horn Ok Please (2011), Rua Maria Brown (2012), Procuram-se Pés de Bailarina (2013), Medo e Feminismos (2013), Amor e Política (2015), Caminhar (2017), Caminhada Pela Fronteira de Lisboa (2017). Recebeu o Prémio Ex Aequo pela performance, Medo e Feminismos, criada em colaboração com Miguel Bonneville (2015). Participou na exposição The Age of Divinity, comissariada por Hugo Barata. Foi uma das vinte e duas artistas que integraram a rede Urban Heat, que junta doze festivais em onze países e que apoiam artistas e companhias na sua relação com áreas e comunidades urbanas (2016-2018). Escreve artigos e textos para revistas e publicações. A revista galega de artes cénicas, Núa, no número dedicado às novas

dramaturgias portuguesas, publicou um texto de sua autoria, Procura Por Mim Neste Diário O Resto Não Vale Nada (2012).

(Lisboa, 1978): cria espectáculos despojados e fundados na palavra, estabelecendo uma relação directa e próxima com os espectadores; as suas dramaturgias têm como ponto de partida premissas autobiográficas e histórias de pessoas e de lugares, que recolhe, cruza e ficciona, para construir uma poética do quotidiano. Os seus trabalhos evocam a periferia e a margem, mas também pessoas e lugares em desaparecimento, neste sentido é um trabalho sobre a inscrição da memória. Colabora regularmente com criadores de várias áreas artísticas, nomeadamente da dança, da música, das artes visuais e do cinema. Trabalha com várias instituições públicas e privadas, concebendo, desenvolvendo, e realizando actividades e estratégias educativas que articulam a imaginação e o pensamento.

Maria João Trindade

Maria João Campos Ferreira Trindade, nasce a 1961, em Lisboa.

Tira o curso de Educadora de Infância (Escola Superior de Educação M^ª Ulrich - 1978/81) desenvolvendo, em simultâneo, trabalho na área das expressões e teatro para a infância no Teatro de Animação Os Papa Léguas, onde se mantém na direcção artística de 1980 a 1995.

Em 1996 é co-fundadora da companhia LUA CHEIA teatro para todos que, em 1998 se legaliza como Associação de Animação Cultural. Assume o cargo de Presidente de Direcção, é co-directora artística e directora geral, mantendo em simultâneo o trabalho de encenadora, actriz, marionetista e contadora.

Como actriz e produtora colaborou ainda com o Vicenteatro, grupo Teatro Joana e Três em Pipa.

No âmbito da expressão dramática, realizou várias acções de formação com professores e ateliers com crianças. Foi professora da área das expressões no 1º ano do curso de animador socio-cultural, na Escola Bento Jesus Caraça do Barreiro, no Curso de Animador Social - Escola Profissional Almirante Domingos Tasso Figueiredo da Cruz Vermelha, no Curso de Monitores de Tempos Livres do CEBI, em Alverca, no

curso de Animadores pela Arte e no Atelier do Espectáculo no Curso de Formação de Actores, ambos com apoio do IEFP/FSE, no Papa-Léguas.

No decorrer de 2003 participa em vários festivais nacionais e internacionais destacando-se: Festival D'Agosto, em Maputo, Moçambique; Festival Mundial de Teatro de Marionetas, em Charleville-Mézières, França.

Participou como actriz em mini-série para a Gaumont Télévision, em curtas-metragens, em 2004 participou no filme “Até Amanhã Camaradas”.

Em 2005 faz temporada de 15 dias em Paris e participa no Festival Internacional de Marionetas em Mirepoix, França.

Em 2007 participa no Festival Mindelact, na cidade do Mindelo, Cabo Verde, com espectáculos e orienta workshop de Sombras.

Em 2008 trabalha com a companhia Royal de Luxe, em França, sendo actriz manipuladora no espectáculo apresentado no Festival Imaginarius, em St^a M^a da Feira.

Procurando uma renovação permanente na sua formação profissional, participou em vários seminários de pesquisa corporal, aperfeiçoamento vocal, máscara e teatro gestual, técnica do bufão, entre outros. Bettina Jonic, Maria João Serrão, Madalena Vitorino, Rossela Terranova, Tina Nielsen, Philippe Gaulier, Maria Cassi, Leornado Brizzi, Judith Malina, Hanin Reznikov, Filipe Crawford, Pascal Sanvic, Jean-Luc Courcoult, são nomes de referência com quem se cruzou desde 1983.

Paolo Gorgoni

Natural de Brindisi, Itália, 1986, tem desenvolvido formação em Línguas, literaturas estrangeiras e música. Step Up EATG training academy graduate. Membro da direcção de Plus - rede LGBT de pessoas seropositivas, membro do European AIDS Treatment Group, membro da comissão deliberativa do projeto/estratégia municipal LISBOA, CIDADE SEM SIDA (Câmara Municipal de Lisboa), co-fundador do BLQ Checkpoint, Performer. Colaborou com a revista online “gay.it” na criação de conteúdos sobre saúde sexual e discriminação. Participou no documentário "Lovely Lisbon". Na Junta de Freguesia de Carnide integrava o departamento da Cultura, desde

Setembro 2015 até Maio 2016, ao nível da organização e apoio às iniciativas culturais de Carnide.

Paula Granja

Nasceu em Portalegre e reside em Lisboa/ Carnide, desde 1985, com formação em Design Gráfico e Publicidade.

Foi na Freguesia de Carnide que cresceu. Uma Freguesia que aprendeu a amar, e à qual tem dedicado grande parte da sua vida pessoal e profissional e onde esteve, desde sempre, envolvida no associativismo e na comunidade.

Passando pelo Centro Social e Paroquial de Carnide, aquando da criação das actividades de tempos livres para crianças, animações de verão e ludoteca da Junta de Freguesia de Carnide, mais tarde, membro do executivo, ao lado da Presidente da Junta de Freguesia na altura, Maria Vilar Diógenes, posteriormente membro da Assembleia de Freguesia de Carnide e membro do Grupo de Teatro de Carnide onde participou com atriz e produtora de vários espectáculos, mais tarde, desempenhando as funções de Presidente da Direcção.

Atualmente pertence ao Executivo da Junta de Freguesia de Carnide, onde é responsável pelas áreas da Cultura e Espassus 3G/ Academia Sénior.

Paulo Quaresma

Data de nascimento – 16/02/1973

Professor do 1º ciclo do ensino básico

Frequência do Mestrado em Educação social e Intervenção Comunitária

Presidente da Junta de Freguesia de Carnide, de 2002 a 2013.

Vice-Presidente da Associação Nacional de Freguesias, de 2009 a 2013.

Atualmente Presidente da Boutique da Cultura

Atualmente coordenador do Gabinete de Intervenção Local da Câmara Municipal de Loures.

Rita Martins

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (1988-1992), frequentou a licenciatura em Estudos Teatrais da Universidade de Évora. Obteve formação profissional em Cultural Events Management - training course. É formadora de Expressão dramática e gestão de recursos de avaliação, com Certificado de Aptidão Profissional do IEPF e Certificado de Qualificação de Formadora do Conselho Científico-Pedagógico do Ministério da Educação para Formação Contínua de professores.

Iniciou a sua atividade como atriz em 1993 no Teatro de Carnide, com o espetáculo O Dragão cor de framboesa - encenação de João Ricardo, com quem viria a trabalhar em vários projetos, quer como atriz, quer como assistente de encenação e produção, e dos quais salienta Sonho de uma Noite de Verão, apresentado no Teatro Nacional D. Maria II, numa adaptação da escritora Hélia Correia. Integrou os elencos de Comédia de Enganos e O Inventão no Teatro da Trindade, com encenações de Claudio Hochman e António Fragateiro, respetivamente. Da vasta experiência na área teatral, destaca ainda o seu trabalho com outros encenadores como Rui Sérgio, Filipe Crawford, Fernando Nascimento, Luís Cruz, Paulo Ferreira, Rui Neto, António Mortágua e Sofia Ângelo. Foi fundadora do Grupo Lendias d' Encantar (Beja), criando e consolidando a estrutura desta companhia que ainda hoje se mantém como uma referência cultural desta cidade. Em Lisboa foi autora do projeto e fundadora da Associação Tenda (atualmente Tenda Produções). No ano de 2010 integra a direção do Teatro de Carnide, assumindo até hoje funções de coordenação pedagógica das formações regulares do TC, e direção de produção e programação, que alia com a atividade de atriz. Em 2013 foi distinguida com o 1º prémio de interpretação feminina, no CONTE - Concurso nacional de Teatro da Póvoa do Lanhoso, pelo seu desempenho em Macbeth, numa encenação de Claudio Hochman.

Anexo 9. Entrevistas e Questionários realizados

Anexo 9.1. Entrevista a Ana Pestana – Produtora e Programadora do CCC

1. Poderia falar-me um pouco da altura em que começou a colaborar com a JFC e o seu percurso enquanto programadora/gestora cultural?

O meu percurso na JFC começou há 2 anos, no dia 17 de Setembro, na Feira da Luz precisamente e quando cheguei aqui o espaço já estava mais ou menos alinhavado, pelo menos para o primeiro trimestre, sendo que o meu trabalho começou mais a partir de Janeiro do ano seguinte, inicialmente no acolhimento dos espectáculos e na realização dos mesmos. Uma das coisas que tenho tentado juntamente com a coordenação, o Gonçalo Ferreira e com os meus colegas é sempre tentarmos dinamizar o espaço e ganharmos mais variedade conseguindo tentar aumentar muitas das vezes a qualidade dos mesmos. E, conseguimos aumentar bastante o número de público que tivemos desde o ano anterior em eu estar cá até depois quando eu cheguei e, comecei a controlar também os níveis de público e, conseguimos um volume de público maior e, felizmente a três meses de finalizarmos o ano já conseguimos superar o número do ano passado. Entretanto, o que nós tentamos e, nem sempre é fácil, é tentar arranjar novas parcerias e novos projectos para que consigamos trazer aqui ao Bairro Padre Cruz e à população de Carnide uma programação mais vasta e estarmos mais inseridos naquilo que é o circuito de espectáculos em Lisboa, seja em termos teatrais, dança e música. Tentamos sempre aumentar a variedade nesse sentido.

2. Qual é o quadro orgânico e funcional do CCC?

Aqui trabalhamos eu e o meu colega, o André, com o coordenador, o Gonçalo Ferreira, que embora não esteja muitas vezes no espaço é com ele que nós discutimos toda a programação e actividades que vamos tendo, mas normalmente sou eu e o André que estamos no espaço e asseguramos sempre as questões logísticas e de programação do espaço. Temos também a São, que é a nossa colega que trabalha na parte da limpeza e da organização do espaço, para termos tudo em condições, mas sim, somos duas pessoas aqui no espaço com o Gonçalo.

E a nível de apoio técnico e de bilheteira são vocês também?

Sim. Nós fazemos frente casa, bilheteira, não operamos tecnicamente espectáculos, mas damos sempre apoio técnico às estruturas que vêm ao nosso espaço, damos também o apoio técnico contínuo, permitimos sempre que hajam ensaios antes das apresentações para que também os próprios técnicos que vêm de fora e os próprios actores e músicos ou o que quer que sejam também estejam confortáveis com aquilo que vão fazer.

3. Qual é a visão e as estratégias delineadas para a prossecução dos vossos objectivos enquanto um centro dinamizador de Cultura?

Primeiramente e indo de encontro à missão da JFC, nós somos uma JF que trabalha muito com associações, portanto tentamos sempre dinamizar as actividades e iniciativas com associações locais. Este espaço veio ajudar muito algumas companhias de teatro que temos aqui, que não têm espaço próprio para a representação. Através da abertura do CCC foi-lhes permitido ter um espaço que para eles é mais acessível e conseguem fazer mais espectáculos ao ano do que fariam noutras salas, talvez com preços mais reduzidos por serem nossos parceiros e veio permitir também uma acessibilidade às escolas aqui em redor de um espaço mais próximo para trazerem os jovens e os alunos. Para além disso, tentamos sempre trazer a nossa programação, aumentar a qualidade e sentir que procuramos projectos novos e que de certo modo vão de encontro a um aumento cultural e aos gostos da população envolvente. Por exemplo, graças ao projecto Pulsar, temos uma companhia que é o Umbigo que criaram o Familiarte que é um grupo de teatro comunitário que conta com 20 e poucas pessoas que todas as segundas-feiras têm os ensaios aqui e depois fazem apresentações finais e, neste modo, tanto o espaço como a população fica de certo modo a ganhar com o CCC. Também temos os nossos *workshops* que permitem uma formação em dança, canto e fotografia e conseguimos junto da população melhorar competências e vocacionar não só as crianças e os jovens mas também os adultos para uma área mais cultural que lhes seja possível ter mais interesses e despertar novos horizontes.

4. Quais são os critérios para os acolhimentos e para a programação em geral?

Nós tentamos ao máximo acolher o que nos é pedido e existem alturas em que nos é totalmente impossível tendo em conta a calendarização porque vamos assumindo alguns compromissos, alguns deles temos já fechados porque temos a calendarização das actividades da JFC, que são sempre prioritárias (no sentido em que nós trabalhamos) e essas iniciativas abrangem muito mais gente do que algum evento que pudéssemos ter aqui. Nesse sentido, um dos critérios é logo a disponibilidade, se não conseguirmos acolher muitas das vezes no nosso espaço tentamos sempre canalizar para outros espaços da freguesia, porque somos o único espaço cultural, ajudando a manter contacto com outros espaços artísticos e depois é o projecto em si. Há projectos que para nós não faz muito sentido aqui pela nossa localização geográfica, muitas vezes é complicado o acesso ou se for uma coisa que for extrapolar ou chocar muito a população aqui local, porque temos de ter em consideração o local onde estamos inseridos e não podemos fazer por exemplo algo muito alternativo. Apesar de aceitarmos, nunca poderíamos garantir à pessoa que estaria cá, quem fosse assistir, se não os amigos, porque nós tentamos ser os mais sinceros possíveis quando as pessoas nos propõem algum projecto ou espectáculo convidamos sempre a pessoa para vir conhecer primeiro o espaço exactamente por causa das nossas condições técnicas, que não são as melhores, portanto é preciso que as pessoas tenham noção da realidade do espaço para não virem enganadas. Nós reunimos com as pessoas, explicamos as nossas condições, explicamos também o sítio em que estamos inseridos, que em termos de acessibilidade carro é a melhor opção por causa dos poucos transportes que passam por aqui, pelo menos fins-de-semana e noites e tentamos explicar que devido à zona envolvente não é o público deles. Não trabalhamos exclusivamente para o Bairro Padre Cruz, trabalhamos para o público em geral e nesse sentido não estamos à espera que sejam só as pessoas de Carnide a vir cá, temos a perfeita noção que também trabalhamos para as pessoas dos concelhos vizinhos e muitas das vezes trabalhamos para os públicos que as próprias companhias e que os próprios projectos já têm criado.

5. Quais são as maiores dificuldades com que se deparam no trabalho de gestão e programação deste equipamento cultural?

A nossa localização! O Bairro Padre Cruz tem um estigma muito grande ou tinha, ainda não conseguimos muito bem perceber se tinha ou tem, por ser um bairro social, é o segundo maior bairro social da Europa e da Península Ibérica, o que cria grande estigma para as pessoas em «aí eu não vou e não quero ir por diversos motivos». Este estigma creio que com o Muro, há 2 anos, em 2016, quando tivemos aqui no bairro a pintura de *graffiti* permitiu melhorar esse estigma porque o festival mobilizou vários recursos financeiros, haviam gruas montadas na rua, aquelas plataformas elevatórias para que os artistas pudessem pintar em pé e a recepção da população foi muito positiva. Trabalhámos com a população antes, explicámos o que iria acontecer e a reacção da população foi sempre exemplar, iam lá levar-nos comida, passavam lá a observar durante muito tempo, falavam com os artistas, foi muito agradável essa ligação entre a população e os próprios artistas. Neste momento o Bairro Padre Cruz já está inserido também no roteiro turístico de arte urbana em Lisboa, o que nos tem originado muitos turistas que vêm aqui de propósito porque querem ver. Nós temos cerca de quase 100 obras, uma galeria a céu aberto e é muito bom nesse sentido, sendo o estigma aqui um pouco quebrado. Também o facto de estarmos na periferia de Lisboa não chega a toda a gente, as pessoas estão habituadas a ir a espaços culturais no centro de Lisboa em que a cultura se concentra toda no centro, mas nisso tanto a JFC como a própria Câmara estão nessa descentralização de poderes e movimentos no sentido de conseguirem chegar a todos os pontos da cidade e aumentar também as rotas turísticas e culturais da mesma.

6. Denota insuficiência nas verbas que recebem para a programação do CCC?

Não, porque nós somos uma JFC, não somos um teatro, não trabalhamos enquanto empresa, não temos como objectivo ter lucro no que fazemos e, nesse sentido, as verbas que nós temos em termos de CCC não são de todo insuficientes para a programação que pretendemos. Uma coisa que nós partimos sempre do princípio e isto também para não sermos injustos com as associações locais, é que nós trabalhamos sempre em base de percentagem, de bilheteira, ou seja, as companhias vêm, têm o espaço onde podem apresentar e depois é sempre negociada a questão da percentagem da bilheteira. As percentagens nunca ultrapassam os 30%, portanto a própria companhia acaba sempre por obter bastante lucro quando cá vêm e depois

para nós não nos faz sentido a compra de espectáculos, no sentido em que não podemos garantir público às companhias e torna-se injusto para ambas as partes estarmos a comprar um espectáculo que se calhar não vai ter ninguém ou por um preço mais alto por um espectáculo que não temos a certeza que estaria cheio. Portanto, trabalhamos sempre na base das percentagens e basicamente o que vamos fazendo é tentar melhorar o acolhimento das companhias tendo os espaços mais acolhedores, conseguindo melhorar em termos técnicos e, nesse sentido, para nós é o que nos tem feito sentido ao longo dos anos, não nos faz sentido mesmo partir de um princípio de compra de um espectáculo, não por desvalorização do trabalho, mas acaba por ser uma questão injusta para as associações com as quais trabalhamos porque depois nas associações seria mais complexa essa questão, porque algumas ainda estão a iniciar, outras ainda não estão e, para nós haver essas distinções entre compras de espectáculos e percentagens, nós optámos por uma coisa uniforme e é sempre em percentagem. Nunca tivemos problemas por causa disso e continuamos a receber muitas e muitas propostas para trabalhar aqui. No próximo ano vamos inclusive começar a trabalhar com a Trupilariente, que tem imensos espectáculos e muita procura.

É sempre em percentagem ou existem excepções com aquelas companhias que são vossas parceiras?

Sim, nós tivemos um projecto que é o apoio à AAMA, que é uma associação de motricidade adaptada, que fez aqui um concerto solidário em que toda a verba reverteu para a AAMA, pois para nós não nos fazia qualquer sentido ficar com qualquer parte da verba sendo um projecto solidário e, nesse sentido aplicamos as percentagens consoante o projecto que estamos a receber. Se for um projecto de cariz social, obviamente que nós isentamos e toda a verba reverte a favor da instituição social ou o que quer que seja. Se for um parceiro já com um protocolo assumido com a JFC nós possivelmente baixamos o valor e também sempre que as pessoas nos pedem uma redução do valor ou isenção da percentagem, desde devidamente justificadas e com concordância do executivo, avaliamos as propostas e depois damos o feedback final. Mas, muitas das vezes, tendo em conta a percentagem da bilheteira, inclusive o valor dos bilhetes, há questões que não se colocam nesse sentido. Nós recebemos

muitas aulas de dança com as apresentações finais e aí temos a noção que o valor dos bilhetes são muito reduzidos, sendo o valor da bilheteira nunca ser definido por nós. É sempre definido pelo promotor do espectáculo. Se as pessoas quiseram cobrar 15 ou 20 euros, dizemos que se for para a população daqui é impensável, porque é um valor demasiado alto. Já tivemos um espectáculo com 80 pessoas e os bilhetes a 15 euros mas era um espectáculo específico virado para a comunidade caboverdeana e aí justificou-se porque tinha saída. Portanto, nós conseguimos perceber qual é o público alvo de cada espectáculo e adaptamos os preços dos bilhetes conforme o mesmo.

7. Estabelecem-se contactos com outros equipamentos equiparáveis a este?

Sim, aqui na freguesia por exemplo temos o C.C.Franciscano. Muitas das vezes não temos hipóteses de acolhimento e vamos sugerindo esse equipamento e também a sala de espectáculos do Colégio Militar. Consoante os espectáculos, quando não temos capacidade para uma grande massa, porque a nossa sala só tem capacidade para 170 lugares, reencaminhamos para o C.C.Franciscano que tem 200 ou mais lugares ou então para o Colégio Militar que já tem 300 ou 400 lugares. Se forem coisas mais específicas, que precisem de coisas que nós não conseguimos assegurar, também falamos com o Teatro de Carnide, Teatro da Luz, Teatro Armando Cortez, porque todas estas instituições fazem parte da nossa rede de cultura da freguesia de Carnide que reúne normalmente, mensalmente para conseguirmos perceber o que nos faz sentido fazer na freguesia e aumentar na freguesia e, como também trabalharmos parcerias entre as próprias instituições locais que trabalham culturalmente na freguesia. Para fora da freguesia não construímos relações com instituições, no entanto, este ano vamos receber o FATAL, um festival de teatro académico de Lisboa, o qual temos a certeza que vai concentrar muito público. E o objectivo do FATAL é conseguir descentralizar, porque era sempre realizado no centro de Lisboa, no Nacional por exemplo e, agora pretendem salas mais pequenas e outro tipo de parceiros e nesse sentido, no dia comemorativo dos 20 anos do FATAL vamos também colaborar para ser um grande festival.

8. Quais considera serem os grandes desafios contemporâneos quando se prepara programação artística? Encontra alterações naquilo que tem vindo a ser a missão deste equipamento cultural?

Nós tentamos sempre melhorar de ano para ano. As alterações que temos vindo a fazer são muitas das vezes relativas a eventos. Há 2 anos fizemos a 2ª edição do "Seis Dias Seis Sons" que era uma maneira de comemorar o Dia Mundial da Música, em que tínhamos seis concertos com seis bandas diferentes e trabalhávamos nesse sentido. Temos tentado apostar na variedade, porque nos faz sentido a comemoração de alguns dias, de algumas questões culturais que muitas das vezes nos passam despercebidas. Este ano estamos a preparar a comemoração do Dia Mundial da Dança, algo nunca antes feito por nós e realmente a nossa missão tem sido variar aquilo que tínhamos feito e para além da variedade conseguirmos alcançar mais pólos culturais e melhorar em termos de exposições. Temos recebido outro tipo de pessoas, outro tipo de trabalhos. Em termos de música, temos recebido mais propostas de grupos, o que para nós é muito bom porque nem sempre é fácil termos essa questão musical. E no próximo ano, se calhar, ainda estamos em negociações, vamos ter uma espécie de festival "Stand Up Comedy", portanto tentamos sempre melhorar.

Os grandes desafios realmente são perceber o nosso público.

A nível musical é um pouco complicado porquê?

Por causa da questão técnica, que na maioria não conseguimos assegurar, mesmo assim recorremos a parcerias que já temos para outros eventos da JFC ou então as próprias pessoas que vão fazer o espectáculo recorrem a estas questões, mas para além da questão técnica, o que nos é difícil é que não é fácil trazer bandas, porque as bandas são muito alternativas e este não é um espaço que lhes seja agradável. A dança é o nosso grande *handicap*, e o problema é não termos linóleo no auditório para cobrir o palco, sendo sempre um entrave.

E a nível de teatro é mais simples?

Sim, a nível de teatro é mais simples. Temos inclusive uma companhia de teatro que é da freguesia, que é uma associação "Nós de Afectos" que no ano passado teve 6 dias em cena com um espectáculo de revista que demorava 3 horas e nunca teve menos de 90 a 100 pessoas a assistir, ou seja, foi um sucesso nesse sentido e, em Novembro deste ano já tem seis novas datas para o novo espectáculo. Porque são sempre espectáculos originais, escrito sempre por um deles e é sempre interpretado por

amadores o que acaba por atrair muita gente daqui e porque vai muito de encontro daquilo que a população de Carnide, principalmente a que a mais idosa gosta e é sempre maravilhoso. Mas realmente, os nossos grandes desafios a nível de programação são a música e a dança, por causa deste palco.

9. Que tipo de estímulos existem para a criação cultural e artística?

Para além do projecto Pulsar, como eu falei, da questão do Familiarte e Nós de Afectos também inseridos nesse projecto, nós conseguimos dar às instituições uma sede. Deste modo, elas não pagam a renda, oferecemos o espaço e, as contas inerentes ao espaço são cobertas por nós. Têm esse espaço onde podem trabalhar, fazer a programação deles, ter uma *blackbox* onde conseguem ter algo como uma sala de ensaios e gerem entre eles o que lhes é mais favorável. Por exemplo, uma das associações que nós temos aqui, o Teatro Faísca, teve no ano passado 2 semanas no Brasil a apresentar o seu espectáculo, que foi criado aqui na nossa *blackbox*. Portanto, um dos nossos objectivos é dar-lhes condições onde eles possam criar o próprio trabalho deles. Temos o CCC onde eles conseguem apresentar os próprios trabalhos e fazer algumas experiências, para perceber o que é que vai funcionar ou não e temos sempre a Feira da luz onde eles costumam estar sempre presentes e onde a maior parte das instituições culturais também costumam estar presentes, porque é um local onde eles podem divulgar o seu trabalho e apresentar-se ao público. É possível, também em questões logísticas, se eles precisarem de carrinhas, transporte de material e construção de cenários nós facilitarmos. Muitas vezes, se necessitarem de algum apoio monetário é sempre vista, dentro do pelouro, a possibilidade de libertação desse montante e tentamos sempre ajudar e impulsionar as nossas associações culturais e, que, felizmente as temos visto a crescer bastante dentro do que é o percurso do Teatro Faísca, que foram ex-alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema que se juntaram, fizeram um espectáculo no Village Underground que correu muito bem e associaram-se ao Resto de Nada, uma associação cultural de Carnide.

10. Quem são os públicos que assistem aos vossos espectáculos? É possível quantificar e encontrar denominadores comuns, nomeadamente, públicos de outras freguesias, cidades, estrangeiros?

Os nossos públicos vão depender sempre dos nossos espectáculos. Eu sei que espectáculos de teatro de revista ou coisas mais populares são muito pessoas de Carnide. Quando recebemos as companhias de dança, ou escolas de dança, são os pais ou pessoas que acompanham este trabalho há mais tempo, ou então são os pares deles, outras companhias de dança ou outras escolas de dança, pessoas que querem ver o progresso profissional deles. Em termos de música, há quem segue a banda e, quem segue a banda vêm sempre assistir. Em termos de teatro depende muito. Teatro infantil é interessante, porque em termos de público temos pessoas de outras freguesias, S. Domingos de Benfica, Pontinha, Amadora e Carnide, é o teatro onde conseguimos ter uma maior variedade de público isto porque ou as pessoas já conhecem as companhias e reconhecem a qualidade dos espectáculos ou então porque nós enviamos para a agenda cultural da JFC e ela faz uma divulgação maior. E como não existem parquímetros e temos sempre estacionamento na área envolvente do espaço, juntamente com a proximidade do Centro Comercial Colombo e Dolce Vita Tejo, torna mais fácil aos pais vir com eles à tournée nem que seja às 11 horas da manhã. Já o teatro para adultos depende sempre do tipo de espectáculo. Se tiver o nome de alguém conhecido da televisão é garantido termos público. Se for um título que apela curiosidade as pessoas vêm, ou então aqueles que acompanham mesmo a companhia, porque nós aqui temos uma grande dificuldade em fazer uma leitura daquilo que vão ser os nossos espectáculos. Nós temos espectáculos que pensávamos que não iam ter ninguém e de repente temos uma sala praticamente esgotada e não percebemos como aquilo aconteceu, de onde aquelas pessoas apareceram e muitas delas nós reconhecemos daqui da freguesia e não percebemos o que naquelas pessoas suscitou o interesse por aquele espectáculo. Ou foi porque ouviram, o boca-a-boca funciona muito bem. O problema é que nós não conseguimos muitas vezes na nossa programação, ter três ou quatro semanas de espectáculo em cena para que o boca-a-boca funcione. Portanto, tem de ser uma coisa mais directa. Nesse sentido, ainda estamos a tentar perceber o que é efectivamente o nosso público. Tudo isto também depende dos promotores. Por exemplo, o Nós de Afectos, teve aqui uma sessão num Domingo à tarde em que vieram os serviços sociais da CML, os residentes das residências assistidas do Bairro Padre Cruz, porque trabalhou muito bem essas

parcerias que já têm, e foi trabalharem muito bem essa faixa etária e os públicos envolventes. Recebemos também, no ano passado e este ano novamente na comemoração do Dia Mundial do Idoso, uma companhia de teatro que vem cá, trabalha muito bem com o público deles, porque fala com tudo o que são lares de idosos aqui da freguesia, estendendo-se pelo Lumiar e Telheiras e depois ainda vai à Casa do Artista. Nesses dias acabamos por ter cerca de 6 ou 7 lares, mais a Casa do Artista, mais os Serviços Sociais. Mas vai depender muito de como os promotores também trabalham o público em específico.

11. Quais são os meios de mediação?

O boca-a-boca, a Agenda Cultural de Lisboa e o Boletim da JFC. Nós usamos muitas vezes o Boletim, temos várias páginas de programação geral da freguesia. Esse boletim chega à casa de mais de 3500 pessoas, fora os locais onde eles são colocados. Para além do boletim, ainda usamos os painéis informativos da freguesia e as redes sociais. O que funciona também é por exemplo com alguma antecedência, esse espectáculo que vem cá da comemoração do Dia Mundial do Idoso, nós falarmos sempre com o gabinete do idoso da freguesia para eles marcarem a visita para vir. Acabamos, muitas das vezes por trabalhar com os outros pelouros da freguesia. Espectáculos infantis são sempre divulgados dentro das escolas através dos nossos ATL'S e conseguimos sempre através das nossas parcerias, mesmo de comunicação e divulgação, fazer esse tipo de trabalho. E também a CML como parceira no sentido de eles facilitarem a agenda cultural, em termos online o que é possível. Vamos sempre tentando, também, outros meios de comunicação. Temos uma mainlist de imprensa para os quais enviamos os nossos eventos e vamos sempre controlando onde vamos aparecendo. Já tivemos na revista Time Out, no Jornal Destak e Público, sempre dependendo do tipo de eventos e do que o que lhes interessa divulgar.

A agenda cultural de Lisboa tem grande impacto aqui na freguesia?

A agenda cultural de Lisboa é distribuída em vários pontos, seja na biblioteca, CCC ou JFC. A agenda cultural tem mais impacto não para os carnidenses, mas para quem está fora da freguesia. Aqui na freguesia o que funciona melhor é o boletim da JFC, as pessoas querem saber o que se passa, querem ler o boletim, porque o boletim é feito

para as pessoas, é vocacionado exclusivamente para Carnide. A agenda cultural é muito geral e só funciona para quem está fora da freguesia. Em Carnide, o que funciona melhor, principalmente para os idosos é o Boletim de Carnide, que é a revista deles, que fala sobre eles e sobre a freguesia, onde eles reconhecem as pessoas e o trabalho.

Sei que existem alguns projectos que pressupõem o envolvimento com a comunidade local, por exemplo o Familiarte e o Umbigo, há outros exemplos de projectos?

Temos a Tenda Produções que oferece aulas de circo gratuitamente à população e no final há uma apresentação final do trabalho desenvolvido ao longo das aulas, isso também vem dentro do projecto Pulsar.

Mais especificamente com o Bairro Padre Cruz?

As aulas de circo e o Familiarte, porque são aqui no CCC que isso acontece. Temos também a Associação de Futebol de Rua, mais ao nível do desporto e dinamizamos aulas de hip hop. Temos ainda o “Monstrinha”, que não tem dimensão local, mas que envolve centenas de crianças tanto de Carnide como das freguesias envolventes.

14. Têm algum interesse numa projecção internacional?

Não é de momento uma coisa que nos faça sentido porque nós somos uma freguesia que trabalha com e para as instituições. Faz-nos sentido ver as nossas instituições a crescer e a conseguirem ter uma maior projecção mais internacional, mas o CCC, em si, não é um espaço que tenha como objectivo de poder chegar mais além fronteiras. Já recebemos propostas internacionais, em que precisam de um espaço para apresentar o espectáculo, as quais não recusamos, mas como não somos um espaço que tem uma companhia residente também não nos é tão fácil chegar a algo mais internacional.

15. Encontra alguma lacuna na oferta artística de Carnide?

Não. E digo que não porque temos o Teatro da Luz que tem o “Armazém Aéreo” com toda a parte circense. Temos o Teatro de Carnide que acolhe projectos alternativos, faz produção própria de espectáculos de autor, coisas específicas. Temos o C.C.Franciscano que cobre aquele acto religioso que podemos encontrar na cultura. E

no CCC, com a variedade cultural que vamos tendo acaba por chegarmos a vários tipos de público. Já para o teatro mais comercial, temos a Yellow star Company que está no Teatro Armando Cortez, juntamente com o TIL que cobrem uma grande faixa cultural. Portanto, aqui na zona de Carnide, tendo em conta a quantidade de associações e companhias que nós temos e mesmo a quantidade de espaços que nós temos torna-se muito simples porque não nos atropelamos uns aos outros, cada um tem o seu tipo de trabalho, cada um tem o seu tipo de público e não existe confusão alguma nesse sentido, conseguimos cobrir uma grande faixa cultural na freguesia.

16. Quais são os aspectos positivos e os negativos relativamente à localização do CCC no Bairro Padre Cruz?

Os negativos são o estigma e a acessibilidade. Os positivos são o facto de estarmos numa periferia, a questão de não termos parquímetros e muito estacionamento à volta, estarmos perto de dois concelhos, muito perto do centro de Lisboa, assim como de Odivelas e Amadora. E esquecendo o estigma, pensando no Bairro em si, é um local que é possível fazer um programa em família porque temos perto aqui do bairro, no centro histórico, restauração, a galeria de arte urbana e algumas actividades organizadas por várias associações, como por exemplo o festival de jazz para bebés organizado pela Lua Cheia.

17. Considera que o CCC representa para a maioria dos habitantes de Carnide e para os principais agentes culturais um centro simbólico e efectivo da actividade cultural e teatral da freguesia, ou até de Lisboa?

Reconhece-se o CCC por alguns espectáculos em específico, pelas pessoas que cá trabalham e isso é uma porta de acessibilidade. Muitas das vezes não reconhecem o CCC, mas os correios do Bairro Padre Cruz, pois partilhamos o espaço. Para a freguesia em si e nesta estão as associações, as associações reconhecem o CCC como um espaço acessível, um espaço favorável a trabalho. Mas o facto de termos mais salas à volta não nos torna tão exclusivos, porque eu sei que há companhias que se forem apresentar um projecto ao teatro de Carnide esse não vai aceitar porque não tem capacidades para isso, portanto nós acabamos de ser um espaço que não é enorme, mas que é maior do que a maior parte dos espaços que existem em Carnide. E somos

mais acessíveis do que os restantes, porque esses são geridos por privados. Nós aceitamos um pouco de tudo. É um espaço acolhedor e agradável e o público não costuma sair insatisfeito e as próprias pessoas acolhidas sentem um grande apoio nosso.

18. Através das publicações da JFCC, nomeadamente dos boletins, das agendas culturais, e da programação do CCC que podem ser encontrados no sítio electrónico da JFC, fiz um levantamento do número de acções e sessões de teatro que aconteceram no CCC e evidenciei que o maior número de espectáculos eram dirigidos ao público infantil (e logo de seguida o teatro para o público adulto). Qual é o critério?

O nosso critério é consoante o que nos é apresentado. Nós começámos no final de 2016, início de 2017 uma programação de teatro para família que para combater aquela enchente de teatro infantil tentámos canalizar um espectáculo de teatro infantil por mês, coisa que este ano vamos extrapolar também por causa da entrada do Trupilariantes, que vão estar não como residentes, mas mais presentes com espectáculos ao fim-de-semana, tentando contornar a agenda. O nosso critério depende daquilo que nos vão apresentando e com aquilo que é possível fazer com o espaço. Sem dúvida que os espectáculos de teatro infantil não requerem tanta logística e são mais simples de adaptar a qualquer espaço, porque os espectáculos são feitos com esse intuito. Não é necessário um espaço enorme, muitos meios técnicos e inserir um grande cenário porque muitas vezes as crianças fazem esse trabalho por nós. Em termos de teatro para adultos, nem sempre é fácil de alcançar porque ou requer muitos meios técnicos que não conseguimos assegurar ou o espaço em si não suporta grandes cenários e portanto fazemos sempre um balanço do que nos é possível fazer, tentando gerir da melhor maneira tanto os eventos, as conferências ou outro tipo de coisas que vamos recebendo, dentro das nossas possibilidades e daquilo que nos é permitido tendo em conta o espaço e o material que detemos.

19. Por outro lado, um forte declínio de iniciativas entre 2011 e 2017. Eu sei que a Ana tomou funções como técnica do CCC em 2016, ainda assim encontra alguma razão para se programar menos?

Não houve declínio. Houve uma falha de divulgação dos eventos, porque a nossa presença no site da JFC, nestes dois últimos anos, não tem sido tão real quanto aos eventos que temos tido. Há eventos que a nós não tem sentido colocar na agenda da JFC tendo em conta a quantidade de eventos que já existem na agenda da JFC por causa de toda a freguesia. Então, nós temos feito uma coisa mais específica, numa linha ou imagem mais CCC, e na nossa página de facebook divulgamos os nossos eventos. Em 2016, houve uma baixa divulgação de alguns eventos porque foi também um ano de mudança, saiu a pessoa que estava cá e entrei eu. Em 2017 conseguimos aumentar face ao ano anterior, mas o site da JFC não tem sido para nós o principal meio de comunicação. De vez em quando usamos, mas são para questões maiores como por exemplo o “Monstrinha”, ou o “FATAL” porque são eventos prolongados. Se pusermos eventos muito específicos é mais difícil para as pessoas perceberem que esse evento lá está, muitas das vezes temos eventos que é um dia. E se repararmos na maior parte da agenda, a maior parte deles repetem ou têm vários dias e acaba por se perder muita informação. Como temos uma programação com eventos de apenas um dia ou fim-de-semana achamos que não se justifica pôr na agenda, porque temos uma programação muito específica, portanto estamos mais vocacionados para a página do facebook. Estamos também no Boletim da JFC, isso faz-nos sentido, porque é algo físico e somos obrigados a ver. Pois, numa plataforma digital eu não sou obrigada a ver aquela ou outra página e então na página de facebook nós temos publicações recorrentes, inclusive agendamento de publicações para que consigamos que naquele horário saia aquele tipo de informação relativa aquele espectáculo e, permite-nos muito mais vender o espectáculo porque muitas das vezes pomos o evento que fizemos no facebook, colocamos um vídeo e fotografias e, mais recentemente colocamos álbuns dos eventos que acolhemos, o que facilita que as pessoas tenham mais facilidade de rever e perceber o tipo de trabalho que vai sendo feito. Portanto, o site da JFC não é a fonte mais viável para ver o que fazemos no CCC, porque muitas das vezes nós não usamos essa ferramenta porque perde-se no meio de toda a informação. E muitas das vezes quem utiliza muito são os próprios promotores, utilizando as ferramentas que já têm, pois o que lhes interessa é manter aquele público, ou seja, fidelizar o público que já têm e aumentar aquilo que for necessário e

possível. Em Outubro, vamos ter esse exemplo, vamos ter uma companhia de teatro que começou cá, que é Um Colectivo, mudou-se para Elvas onde têm feito todo o seu trabalho e vêm a Lisboa, ao CCC, estrear uma peça infantil porque lhes faz todo o sentido voltar cá para ver como está o público deles, fidelizar e manter o interesse do público que cá têm.

20. Também no número de espectadores tem tido uma tendência regressiva, nos primeiros oito meses (de Março a Novembro de 2011) registaram-se 6131 espectadores, no mesmo período temporal do ano de 2017 registaram-se 5644. Seis anos depois, portanto. Encontra alguma razão para este facto?

Pode ter sido por ter variado um pouco a programação que tínhamos em 2011. Houve inclusive um projecto, o “Aplauso”, que tinha muitos espectadores e acontecia exactamente nesses 8 meses, o que justifica esse aumento. E, também, nas mudanças que houveram na programação do espaço. Ou os projectos caíram, como o caso do Aplauso, entre outros, porque já não nos fazia sentido, ou porque houve uma mudança drástica de um ano para o outro em que se perdeu muito público, ou os espectáculos não tiveram essa acessibilidade e percebemos que se calhar não valia a pena continuar a investir nesse e experimentar novos projectos. Nessas experiências e tentativas de alteração de alguns programas continuamos a tentar perceber o que é que está a acontecer em Carnide. Porque a própria freguesia muda. Carnide é uma freguesia muito complexa em termos de público. Temos muitas pessoas de terceira idade, temos muitos jovens, crianças e adultos, mas o que falta muito aqui é a cultura, uma educação cultural que às vezes se perde no meio de toda a oferta. Há vários factores que podem justificar esta oscilação de público e que nós não conseguimos controlar e conseguir perceber, o que nos leva a ter mais ou menos público. Pode ser muitas vezes pela escolha dos espectáculos ou outro motivo complexo para nós, ou seja, é difícil decifrar este aspecto.

Portanto, com o final do Aplauso houve uma mudança de estratégia?

Não estava cá na altura do “Aplauso”, mas sei que não houve uma percepção do que aconteceu. Ou pode ter sido por as crianças do bairro terem crescido e já não termos essa faixa etária para colmatar ou porque aqui é aquela questão: nós agora temos

aquelas crianças, depois estas crianças crescem e há outras que nascem e depois fica aqui a faltar uma faixa etária para complementar. A questão do “Aplauso”, pelo que me explicaram, tinha público, esse público deixou de vir e o motivo não deu para perceber, a programação foi-se mantendo propriamente na mesma linha, mas pode ter sido a mudança de mandato, de coordenação que pode ter tido influenciado o projecto. Não especulando, posso afirmar que um ano de eleições é sempre complexo para uma JFC, porque não podemos programar para depois das eleições.

21. Relativamente às formações do CCC, a grande parte dos workshops estão relacionados com a área da dança. Em 2016, das nove formações desenvolvidas, quatro dizem respeito à área da dança, duas para a música, uma para teatro e duas para as artes visuais (fotografia e maquilhagem). Em 2017, duas formações na área da dança (*ballet* e *hip hop*), uma relacionada com voz e canto, e outra na área das artes visuais, em específico, a fotografia. Porque motivo a dança tem vindo a ganhar grande destaque na programação do CCC? [isto porque em 2011, por exemplo, havia um certo equilíbrio no número de formações na área da música (3), da dança (2), do teatro(2) e do circo(2)].

Tem vindo a ganhar muito mais destaque porque é o que realmente as pessoas procuram. Faz sentido aos pais e às crianças estas duas áreas, ballet e hip hop, e temos muita procura nesse sentido. Daí ter existido a redução das nove formações para quatro porque não nos fazia sentido manter formações abertas com uma ou duas pessoas. Existem formações, como por exemplo de maquilhagem que não abriram porque não tínhamos sequer o número mínimo de alunos para arrancar e, esses professores eram pagos consoante os alunos inscritos, então não podíamos continuar com esses *workshops*. O ano passado fez-nos sentido a fotografia, o canto e voz, o ballet e hip hop porque eram as áreas procuradas e de interesse e, muitas das vezes o que nós não oferecemos, temos na freguesia alguém que ofereça e, não nos faz sentido sermos concorrentes das nossas associações com quem trabalhamos. O grande critério, portanto, é a procura.

Denota uma menor quantidade de companhias de dança na freguesia?

Sim, recebemos no ano passado apenas uma companhia de dança na freguesia, o Lisbon Dance Center, que são os “Un up comedy”.

22. Considera que para os artistas em geral pode ser uma grande oportunidade apresentarem os seus trabalhos no CCC. Porquê?

É uma boa oportunidade no sentido em que à partida não há um investimento muito caro para que isso aconteça. A maior parte dos espaços cobram o aluguer da sala, aqui não cobramos nada, funcionamos à bilheteira. O trabalho é também valorizado e têm todo o apoio técnico. Julgo que acaba por ser uma mais-valia, para quem não conhece o seu público, a quem está a formar o seu público e a quem ainda precisa de descobrir em que área e em que meio se está a definir.

23. Relativamente aos públicos, têm tido a presença de produtores artísticos, encenadores ou críticos de arte?

Não tenho a certeza nesse sentido. Do meu conhecimento, eu julgo que não.

24. Quais são as maiores dificuldades na programação destinada às escolas?

Nós temos uma oferta educativa e isso nós temos, por exemplo, para as escolas daqui na periferia, que nos ligam a dizer: «o que é que vocês têm para escolas?» Nós normalmente vocacionamos isso sempre para as companhias. Nós apresentamos e dizemos: temos neste momento estas companhias que têm estes projectos e depois eles comunicam directamente com as companhias. Muitas das vezes o que nós recebemos aqui de escolas, são as próprias companhias que trabalham e que promovem. Nós somos apenas o espaço de acolhimento. Eles falam com as escolas e dizem: «quando é que vocês gostavam de vir?», eles respondem: «dava-me jeito este dia» e nós vemos no nosso calendário, podemos também falar directamente com a companhia e a companhia articula com a escola. Não temos por hábito sermos nós a articular com as escolas. Porque a oferta educativa que nós apresentamos não é nossa e não é um projecto nosso, não são programas e espectáculos nossos, são espectáculos das companhias. E nesse sentido, nós somos mesmo um espaço de acolhimento. Não temos companhia residente.

25. Quais são os objectivos para o futuro?

Criarmos projectos mais específicos em que consigamos entender também o que é que o público precisa. Manter a actividade em família, que já percebemos que foi uma aposta ganha. Abranger outras áreas como esperamos no próximo ano trazermos o *stand up comedy* para aqui, coisa que ainda não nos foi possível; vamos manter o “Monstrinha”; esperamos que o “FATAL”, seja uma parceria boa para nós; ao nível da programação vamos manter o que temos. Vamos tentar trazer de volta os *Seis dias Seis sons*, que ainda não nos foi possível até hoje trazer novamente; vamos ter o Dia Mundial da Dança, que para nós é assim muito perto; vamos tentar se não em 2019, talvez em 2020, estendermos as nossas comemorações do Dia Mundial do Teatro, porque nós actualmente temos como homenagem a algum actor, ou actriz, ou encenações, ou seja o que for, alguém que esteja associado ao teatro. E para além disso, estendermos o teatro nas escolas, começarmos a ter algumas apresentações nesse mês de teatro nas escolas, e termos inclusive as formações de teatro para idosos, que vão trabalhando nas associações que têm. Nós queremos também conseguir, não sabemos se será em 2019/2020, mas também conseguirmos voltar a ter teatro de rua, e termos um percurso por Carnide, provavelmente em alturas de Primavera/Verão, enquanto o tempo não estiver muito quente, para podermos ter aqui associado ao Bairro Padre Cruz e aquilo que vamos tendo dos murais, associarmos também espectáculos, e teatro, e conseguirmos maximizar as potencialidades que temos aqui.

26. A nível de espectáculos que sejam equacionados entre o espectáculo interior e exterior do CCC ainda não aconteceu nenhuma experiência concreta?

A experiência que tivemos foi no Muro. O Muro teve muitos espectáculos que aconteceram na rua. Principalmente música, a arte urbana é muito abrangente, temos os MC's, temos os Big Boys's, temos os Graffittis, temos o Rap, e num festival de arte urbana conseguimos juntar isso tudo. Tivemos os Big Boy's a dançar nas ruas, tivemos os Rappers a cantar, tivemos os Royalties a graffitar, portanto conseguimos assimilar tudo o que é a arte urbana. Isso julgo que foi a maior experiência que tivemos aqui. Que teve sucesso e que para nós faria sentido retomar e fazer novamente, ou extrapolar um bocadinho disso e fazer outro tipo de eventos, mesmo que não sejam apenas culturais, mas que possamos associarmo-nos por exemplo à juventude, ao

desporto, a outro tipo de pelouros e que isso nos faça sentido e que nos seja possível. Depois vai depender muito daquilo que temos programado, do que é que temos que ter como garantia, e dos orçamentos que tenhamos disponíveis, porque os espectáculos de rua quer queiramos quer não, é uma logística mais complexa, mais dispendiosa do que um espectáculo de interior, obviamente.

27. Relativamente à tipologia de teatro musical, é uma programação complexa?

Aqui, pelo menos desde que cá estou, nunca recebemos nenhum musical também, porque as questões técnicas não nos permitem. No entanto, o Familiarte, em termos de teatro comunitário, normalmente os espectáculos deles vão sempre de encontro a um teatro musical. Fizeram a *Alice no País das Maravilhas*, em que cantavam, dançavam, representavam, vão estrear entretanto o *Rei Leão*, onde eles cantam e dançam, fazem o Rei Leão estilo Disney, e isso implica coreografias e músicas. Nesse sentido, não nos é muito complicado, no entanto, nos teatros de revista que temos recebido temos tido os momentos de dança, temos tido também, no ano passado duas fadistas jovens, nenhuma delas era maior de idade, uma tinha 15 anos, a outra 16, se bem me recordo, pertenciam a essa faixa etária, e correu muito bem. Mas é aquela questão que vai depender sempre das companhias. Ou têm pessoas com uma projecção genial de voz, ou pode ser necessário a utilização de microfones de lapela, coisa que nós não conseguimos assegurar porque não temos disponíveis. (E muitas vezes têm de se recorrer a outras questões). Os musicais, normalmente, são espectáculos que em termos técnicos têm uma necessidade maior, mas não excluimos essa hipótese. Infelizmente não temos tido propostas para tal, mas se recebêssemos era uma aposta que iríamos agarrar e que iríamos experimentar, também para nós percebermos o que nos seria possível, e que tipo de públicos nos traria aqui ao CCC.

28. Considera que é possível para a JFC constituir uma comunidade?

A nível cultural acredito que sim. E isso revê-se muito no trabalho que a JFC tem feito ao longo dos anos. A JFC é virada para a comunidade, e trabalha com e para a comunidade, isso é uma das nossas premissas, e temos conseguido, sem dúvida, agarrá-la e fazer da freguesia de Carnide uma grande comunidade. Foi uma comunidade que se juntou quando tivemos o caso dos parquímetros no Centro

Histórico, juntaram-se mais de 200 pessoas numa reunião para discutir o que fazer e como resolver. É uma comunidade que adora o presidente que tem, e nesse sentido, nós aqui sentimo-nos muito apoiados, nós funcionários inclusive. Por toda a comunidade de Carnide, as pessoas sentem-se parte da JFC até, pela maneira como se dirigem a nós, em relações a eventos da JFC, nomeadamente, agora na Feira da Luz, as pessoas vêm falar connosco abertamente sobre coisas que se estão a passar durante a feira. Nós temos um stand na feira e ainda ontem tivemos conhecimento, ainda ontem chegou uma pessoa a dizer: «olhe, vocês têm de ver o que é que se passa na casa de banho, porque andam ali pessoas a atirar papel higiénico para o chão e olhe eu já avisei a senhora da limpeza, não se preocupe, mas é para vocês saberem». As próprias pessoas têm uma atitude participativa, porque faz-lhes sentido. Nós, relativamente a Orçamentos Participativos temos ganho nos últimos anos e muito graças à população que temos, porque o que nós temos feito com a comunidade com a qual trabalhamos, nós somos uma junta de freguesia que tentamos primar sempre pela transparência e pela clareza, portanto nós explicamos às pessoas o que é que queremos, muitas das vezes na altura do Orçamento Participativo o senhor presidente faz questão e aí temos *o venha tomar um café connosco* de estar com as pessoas e explica-lhes o porquê da JFC apoiar aqueles projectos e não outros, e as próprias pessoas entendem e colocam questões. Há os grupos comunitários em que o senhor presidente, a vereadora da habitação, muitas vezes um representante da Gebalis e a Presidente da Assembleia da Freguesia juntam-se com a comunidade e falam abertamente sobre os problemas daquele grupo - existe um grupo comunitário no Bairro Padre Cruz, outro na Horta Nova, no Centro Histórico e as pessoas dirigem-se lá para apresentar os problemas, mensalmente, as pessoas sabem que naquele dia estão com o presidente, estão com as pessoas e isso acho que prova o facto de nós trabalhamos com eles e para eles. Temos o projecto que é a Nossa Rua que é aqui com a Spin, em que vêm pessoas de fora fazer voluntariado, vêm de outros países, muitos deles falam muito pouco português, as pessoas daqui não percebem nada do que eles dizem, mas entendem-se perfeitamente. E ajudam muitas das vezes na pintura de muros que estão mais danificados, na reparação de algumas coisas e há uma inter-ajuda e um associativismo e tudo isso, nós tentamos sempre primar por isso. Penso que as questões da

comunidade está fixa no bairro e na freguesia. Eu só consigo falar mais daqui porque é onde eu estou, Horta Nova conheço pouco, e o Centro Histórico vou lá quando tenho de ir por algum evento da JFC. E aqui eu vejo muito essa presença e pelo feedback que pela na Feira da Luz, onde recebemos toda a gente, as pessoas vão lá de propósito só para nos dar as boas noites e cumprimentam-nos, perguntam como é que nós estamos e falam connosco, e esta proximidade que existe, há presidentes que não permitem, por exemplo, o senhor presidente tem estado os dias na Feira da Luz a receber e a falar com as pessoas, e as pessoas expõem os problemas que têm, às vezes é aquela questão de precisar muito de serem ouvidas e nós temos noção disso. Em termos de comunidade, tanto dos jovens como dos mais velhos, há uma grande inter-ajuda, há uma grande relação e julgo que Carnide parece por vezes uma grande aldeia porque as pessoas conhecem-se todas, conseguem comunicar todas e elas reconhecem-nos a nós enquanto agentes da JFC e falam connosco, ao mesmo tempo que temos uma abertura extraordinária para elas também, o que permite também que consigamos também ter uma questão mais de comunidade, e trabalhamos todos juntos e com gosto de estarmos todos juntos.

Anexo 9.2. Entrevista a João Borges de Oliveira - Técnico superior/equipa da Boutique da Cultura

1. Poderia falar um pouco da altura em que foi criada a Boutique da Cultura e do historial da associação?

A BC legalmente enquanto associação formal existe há cinco anos, no entanto já existia, não com o estatuto legal, acerca de seis/sete anos. Ela nasce no âmbito de um projecto que ainda hoje existe, de leituras encenadas. Um projecto que se chama Boa Noite. Esse projecto começou a acontecer num espaço da junta, o Espaço Bento Martins, e começou a ganhar uma determinada dimensão a nível de público e de regularidade e começaram a surgir, entretanto outros projectos também. E houve esta necessidade quase de legalizar a BC. Surgiu com um grupo de amigos, um grupo informal, um grupo de pessoas que vem das mais diversas áreas de formação, estamos a falar desde músicos, pessoas formadas em comunicação, professores, arquitectos, fotógrafos profissionais, isto é, pessoas ligadas às artes e outras que não têm directamente uma ligação à área artística. Foi neste clima e, na altura, com a sensação de necessidade de legalizar uma série de coisas, nomeadamente os espectáculos que realizávamos e criar uma estrutura por detrás que nos ajudasse a dinamizar os projectos que tínhamos de uma outra forma.

2. Quais eram os vossos objectivos a curto, médio e longo prazo?

A ideia inicial era sobretudo não andarmos à margem da lei com os espectáculos a acontecerem: quem é que pedia licenças; quem é que facturava. Isto é, havia um conjunto de factores logísticos, não foi isso que nos obrigou a criar a associação, mas foi isso também que nos deu o *input*. No entanto, o principal objectivo era criar uma dinâmica em Carnide que ligasse dois grandes C's, como nós dizemos, que são a Cultura e a Comunidade. Havia aqui inúmeros grupos a ter dinâmicas culturais, na área do teatro e outras expressões, mas com esta conotação que nós queríamos dar que passava pelo envolvimento da população na própria dinâmica cultural da freguesia, haviam poucas. Para além disso, este objectivo de criar novas dinâmicas culturais surge aqui também de gostos especiais, o Presidente da altura, o Paulo Quaresma, tem ligações a Carnide e tinha sido da Junta de Freguesia, eu tinha ligações a Carnide

porque tinha sido coordenador da Cultura da junta e depois as outras pessoas, na altura que estavam (e ainda estão) ligadas à BC, têm ligações a Carnide, vivem ou trabalham cá, ou vinham cá apenas a assistir a espectáculos de teatro. Portanto havia vários factores que era esta questão da dinamização da comunidade, mas não era uma comunidade qualquer, era em Carnide. E em vários momentos destes cinco anos, por muitas outras situações, ponderou-se (até porque recebemos vários convites) mudarmos para outras freguesias e nunca o fizemos exactamente por isso, porque a nossa génese era Carnide e foi isso que nos uniu para fazer um projecto cultural para a comunidade. Factores que, de facto, foram aqui uma alavanca para nós fazermos programação. Nós sempre achámos que havia espaço para todos em Carnide. E aquilo a que nós nos pruponhamos a fazer era essencialmente teatro, numa fase inicial, e algumas exposições. Era um tipo de expressão artística que os outros grupos não estavam a fazer ou que estavam mais vocacionados para a comunidade escolar, ou para o teatro com marionetas, ou para o teatro profissional, e nós não. Assumidamente teatro amador, amador com qualidade, nós costumamos dizer que temos um lindo pano de profissionais no projecto que desenvolvemos, no entanto achámos que havia ainda espaço para um projecto como este que queríamos desenvolver, no qual a comunidade fizesse parte integrante do mesmo.

Pode dar-me exemplos disso que estamos a falar, desse envolvimento maior da comunidade?

Sim, logo no início fizemos um projecto chamado *Era uma vez...um lugar único e mágico*, foi um projecto megalomano, a nossa primeira produção de rua. Tinha uma outra associação envolvida a Azimute Radical, que é uma associação de desportos radicais, que não está vocacionada para a área do teatro, mas criámos sinergias e o que nós propusemos foi fazer um espectáculo de rua com actores (que já tinham alguma experiência), mas que envolvemos a comunidade em todo o processo. Eram cerca de 75 pessoas em palco, sendo que dez era o núcleo duro, e todas as restantes era a própria comunidade. E depois envolvido em todo o projecto eramos cerca de 150 pessoas também elas da comunidade. Como por exemplo, foi necessário fazer o figurino para estas setenta e tal pessoas e foram as pessoas da comunidade, obviamente com uma orientação de quem estava responsável pelos figurinos, quem

orientava estas pessoas, maioritariamente mulheres da comunidade a fazer os figurinos. Todo o aspecto de adereços também foram as pessoas da comunidade que os fizeram. Os próprios cenários, ficaram a cargo da outra associação, mas mais uma vez envolveram a comunidade na concepção. Isto é, todo o projecto foi construído e vivido com a comunidade, aliás, até os próprios textos: lançamos o repto à comunidade para algumas pessoas escreverem aquilo que veio a ser a peça. Porque falava sobretudo deste sentimento de pertença a um determinado lugar. Claro que depois fizemos uma selecção daquilo que nos interessava, fizemos depois uma narrativa, mas até os próprios textos foram escritos pelas pessoas da comunidade.

3. Que razões levaram a JFC a convidar a Boutique da Cultura para dinamizar o Espaço Bento Martins? Como era a programação do espaço antes e depois da Boutique?

Surgiu quase por mero acaso. Não houve um convite formal, nós já estávamos com uma dinâmica do Bento Martins com as leituras encenadas, e depois o que nós propusemos à Junta, até porque o espaço não é um lugar formal de teatro, há ali algumas condicionantes, mas que para aquele tipo de trabalho que nós desenvolvíamos dava perfeitamente. E propusemos à junta ficar com a dinamização do espaço.

Como é a programação daquele espaço antes da BC?

Era um espaço sobretudo expositivo. O espaço foi requalificado acerca de quinze/dezasseis anos, é uma antiga cavalaria, foi uma escola primária, isto é, há todo um historial naquele espaço, mas tem alguns problemas de humidade, entre outros, foi necessário requalificá-lo, era necessário fazer ali umas caixas de ar para as paredes não ganharem humidade, e era sobretudo um espaço expositivo na zona norte da cidade. Carnide ganha projecção por causa da parte cultural e não foi só os grupos de teatro que Carnide acolheu, mas também de irmos buscar artistas plásticos que não conseguiam expôr numa galeria, por causa dos custos inerentes, e na altura aquilo que a junta permitia, era os artistas exporem gratuitamente num espaço em Lisboa, apesar de ser na periferia. E tínhamos uma programação regular sobretudo nesta questão como espaço expositivo. E depois pontualmente, nós também utilizávamos o espaço

ou para reuniões, ou para uma apresentação de um livro e outras coisas pontuais. Com a BC o que aconteceu foi, o espaço expositivo manteve-se, obviamente foi redimensionado, mas demos aqui outras valências, nomeadamente na área do teatro.

O teatro trazia mais público a este espaço? Digo isto porque numa outra entrevista, foi-me transmitida a ideia de que havia uma dificuldade de levar pessoas ao Espaço Bento Martins, precisamente para esse tipo de eventos de carácter mais expositivo, e que o teatro - por exemplo o espectáculo *Tozé, amigo-*, acabou por dinamizar e envolver muito mais gente. Não estou a querer comparar a importância das artes, obviamente são todas importantes, mas não sei se houve uma alteração no número de pessoas que participava, ainda que vocês enquanto Junta nunca terão quantificado?

O que estás a dizer é verdade, o público para a programação na área das artes visuais e plásticas é muito menor do que numa peça de teatro – o que é mal comparado, porque todas as artes têm a mesma dignidade – mas o que acontece é que havia duas perspectivas enquanto Junta nesta altura, a primeira que passava por apoiar os artistas e dar-lhes possibilidade de mostrarem as suas obras sem custos inerentes e dar visibilidade ao artista, e segundo, criar uma corrente de público, o que não é fácil e não foi fácil. Por inúmeras condicionantes, não só por essa questão do espaço expositivo, mas também pela condicionante de que nós não estamos no centro de Lisboa, nós estamos na periferia da cidade. E nos últimos anos (refiro-me até há quinze anos atrás, porque é desde quando eu acompanho este processo), todas as políticas municipais da CML nunca foi em descentralizar cultura (e aqui estou a incluir todas as artes) para a periferia da cidade, na altura inclusive discutia-se, e eu estive nessa discussão na época enquanto técnico da junta, uma forma de possibilitar às populações da periferia transportes gratuitos para consumirem os produtos que existiam no centro. Quando quem estava aqui no terreno lutava exactamente pelo contrário, que era queríamos criar dinâmica cultural aqui, para as pessoas que aqui vivem e para os outros que habitam o centro, ou fora da cidade, virem a estas zonas da cidade e não tudo acontecer no centro. Mas sim, sem dúvida, quando entra uma dinâmica de espectáculos de teatro a acontecerem no Espaço Bento Martins não tem exactamente

por ter mais ou menos público, foi porque a BC estava a produzir sobretudo teatro nessa altura.

4. Quais são os critérios para a vossa programação?

Começou com este projecto de leituras encenadas. E começou com muita força, porque iniciou com uma vertente mais experimental, quem estava no projecto, nomeadamente eu, acreditávamos muito nele, mas nós sabemos como é que as coisas existem, têm um tempo para acontecerem, para sobreviverem e depois por elas próprias vão criando quase o seu fim, porque as pessoas vão-se desmotivando, há outras prioridades e tudo mais. O que acontece com as leituras encenadas é que passaram-se seis anos do projecto ter nascido e continuamos com público. No primeiro ano havia muito esta vertente do livro, da leitura, da música em palco, e este projecto foi aquele que demos mais ênfase. Obviamente depois com esta dinâmica, com a corrente de público que aos poucos fomos formando, porque para além das leituras encenadas, continuávamos com o espaço expositivo que trazia também uma corrente de público, começamos a ter também algumas tertúlias organizadas por alguns dos nossos voluntários, sempre à volta da palavra, esse era o mote para isto acontecer. Começamos também a ter umas conversas também com música, isto é, misturando aqui algumas vertentes e criámos aqui uma programação que eu acho que, inicialmente não era muito reflectida. As coisas iam acontecendo, não nos podemos esquecer que isto é um grupo de pessoas e que todas elas se dedicam a este projecto em registo pós-laboral (só ao final do dia é que nos juntávamos para), por isso as coisas iam acontecendo inicialmente assim sem pensar muito bem, sendo que aquilo que nós queríamos era envolver a comunidade em todas as coisas que nós realizávamos. Hoje em dia a coisa não é que seja mais séria, mas é mais pensado e estruturado a nível de programação. Já não deixamos a coisa acontecer, conseguimos criar uma corrente de público da BC e sabemos muito bem neste momento quais as linhas orientadoras que o nosso público, ou outros que queiramos atrair, para onde temos que ir.

Programam mais agora do que antes?

Sem dúvida. No início, como já disse, nós nem sequer pensávamos: fazíamos leituras encenadas, uma tertúlia, uma conversa, um concerto e pouco mais. Neste momento não. Temos uma programação regular mensal, na qual sabemos que à última quarta-feira de cada mês, temos um projecto que se chama Música às Quartas, já tem cerca de dois anos, o objectivo era sobretudo dar oportunidade a novos músicos que estejam a lançar CD, ou estejam a lançar-se agora no mercado, a vir apresentar a sua arte neste espaço e arranjar aqui uma corrente de público para isto; continuamos a ter tertúlias; temos um projecto das leituras encenadas mais amadurecido, é preparado de uma outra forma, com uma outra visão artística e depois toda a programação em paralelo que existe a estas coisas mais regulares, toda ela é pensada. Para melhor compreender a ideia de que públicos queremos chegar, nós só fazemos uma produção infantil por ano e é sempre na altura do Natal, esta é uma altura em que as pessoas estão mais disponíveis, as famílias também procuram mais eventos artísticos porque têm mais disponibilidade, mas as nossas peças não falam de natal e o nosso público também sabe isso. E o público que temos vindo a construir sabe perfeitamente com o que conta, com o tipo de linguagem que nós trabalhamos, que apesar de ser natal, não se fala do natal, obviamente que há sempre uma vertente pedagógica, ou simplesmente lúdica, mas o público sabe ao que vai. Isto é, fomos educando o público para aquilo que é o nosso produto.

5. Quem são os vossos parceiros e como promovem os vossos trabalhos?

A BC tem aqui vários projectos, para além desta vertente das artes performativas no Espaço Bento Martins, nós temos mais dois equipamentos: a Incubadora das Artes de Carnide e a Livraria Solidária de Carnide; e para além destes equipamentos, estes três polos, ainda temos outro projecto de Street Art no Bairro Padre Cruz. Logo aqui os parceiros são o mais diversos possíveis: o primeiro estratégico é sem dúvida a JFC, o espaço onde nós desenvolvemos o nosso projecto das artes performativas é da JF, temos um protocolo com a junta no qual nos cede o espaço; na livraria temos outro conjunto de parceiros, não só a Junta, mas a CML, porque o projecto foi do âmbito de um programa, logo a Câmara é nossa parceira; depois ainda temos a Santa Casa da Misericórdia, que conseguimos estabelecer um protocolo com a Santa Casa, porque a vivenda onde está situada a livraria é da Santa Casa, novamente este é um parceiro

estratégico para a BC; e depois a nível local temos sempre um conjunto de outros parceiros, porque acreditamos que esta questão das parcerias e do envolvimento (dá mais trabalho, porque estamos a falar de mais pessoas, formas diferentes de estar, mais feitos, mais susceptibilidades, enfim) mas para nós só faz sentido trabalharmos assim. E neste sentido trabalhamos com algumas associações locais, nomeadamente a Azimute Radical, a Crescer a Cores, que é um espaço sediado no Bairro Padre Cruz e na Spin, que é um projecto de voluntariado, que se candidata a voluntários europeus, é também um dos nossos parceiros estratégicos. A nível da Incubadora é um projecto da BC, mas a co-gestão é com a CML, logo somos também aqui parceiros. Por isso são vários os parceiros e sempre associados a cada um dos projectos.

6. Quais considera serem os grandes desafios contemporâneos quando se prepara programação artística? Encontra alterações naquilo que tem vindo a ser a missão do vosso grupo?

Alterações penso que não. Nós temos uma linguagem muito própria, as pessoas que acompanham o nosso trabalho desde o início sabem. E não é algo muito pensado, mas são as mesmas pessoas que estão na génese do projecto que continuam hoje. É normal que haja aqui um fio condutor que muitas vezes não seja pensado, mas que leve às pessoas identificar facilmente o encenador, quem faz a programação são quase sempre os mesmos, porque de facto é uma linguagem muito nossa. O grande desafio nesta programação tem a ver sobretudo com as grandes produções teatrais. Dou o exemplo do Natal, as nossas peças de Natal tem sempre um carácter muito mágico, de fantasia, de transportar as famílias (as peças não são construídas para as crianças, mas sim para as famílias) para dentro de um imaginário. E de ano para ano, para já o público vai aumentando porque é muito de passa-palavra, o que as pessoas dizem é: «Parece que ainda é melhor do que no ano passado». Isto para nós deixa-nos uma grande responsabilidade em cima, que é como é que nós este ano vamos superar as expectativas do ano anterior. E tem sido constantemente este pensamento em tudo. Cada vez que nós fazemos leituras encenadas, e quando pensamos que já não conseguimos inovar. Não, vamos conseguir fazer uma alteração qualquer ao projecto, dar-lhe uma roupagem nova, criar uma dinâmica qualquer, convidar alguém de fora para vir-nos ajudar, isto é, tentamos em cada momento não estagnar e não nos

confortarmos com a corrente de público que já temos, mas exactamente ao contrário, manter esta corrente e que eles possam falar dos projectos e chamar outros públicos para se juntarem à programação que nós desenvolvemos.

Essa é a maior dificuldade, atrair públicos? Ou existem outras grandes dificuldades nos tempos que correm?

A BC não se pode queixar de falta de públicos. Mas eu acho que tem a ver com a génese do projecto. Nós temos aqui um conjunto de projectos no território, que quase se alimentam uns aos outros. E ter esta proximidade com a população também nos ajuda muito, ou o passa-palavra. É a vizinha aqui da frente que de repente me pergunta o que é que estamos a preparar, se eu lhe falar da peça de natal, ela fala com a vizinha da frente, que por sua vez convida os filhos todos, isto é, esta questão da proximidade ajuda-nos a ter aqui uma corrente de público. É óbvio que, nós costumamos dizer que trabalhamos em Carnide para Carnide, ou melhor dizíamos, porque nós não conseguimos sobreviver de Carnide, a freguesia tem 23.000 pessoas, não conseguimos chegar a todos, nem todos consomem produtos culturais, por isso obviamente que o nosso primeiro foco é o público de Carnide, mas nós precisamos de outros públicos, por isso é que temos cada vez mais necessidade de nos projectarmos para fora para atrair essas pessoas. Eu não sei se a maior dificuldade é a questão do público.

O grande desafio será criar uma marca que tenha impacto num território cada vez mais abrangente, é isso?

Sim, esse é o desafio. Porque essa marca como nós já a temos, essa marca da BC, e obviamente sou suspeito para falar mas, quem conhece o nosso produto sabe que está associado a qualidade, logo o público que nós temos vindo a conquistar tem ficado e têm vindo outros. Claro que isto não é estanque: houve pessoas que nos disseram «eu já vi o conceito, já percebi, penso que já são todos iguais». Faz parte, vêm outros. Há ali uma franja que mantém o projecto a acontecer. Mas o maior desafio é esse: conseguirmos dar o salto para fora deste território e conseguimos passar esta mensagem do tipo de trabalho que nós fazemos, tem talvez a ver com a própria comunicação.

Há pouco falou de que só tinham um espectáculo anual dirigido ao público infantil. Ou seja, o resto da programação é dirigida para algum público específico?

No Espaço Bento Martins a programação é pensada sobretudo para um público adulto. Seja com os concertos de música, com as tertúlias, os espectáculos de teatro têm sido nos últimos anos sobretudo direccionadas para o público adulto e sempre com temáticas que leve o público a reflectir. Isto é, não tenho nada contra o teatro comercial, pelo contrário, ainda bem que há público para tudo. Porém como envolvemos as pessoas, a comunidades nestes projectos, também as temáticas que abordamos em palco, nunca fazendo juízos de valor ou nunca a pensar que o caminho que é errado, é deixar as pessoas dúbias e deixar as pessoas a reflectir, e algumas a emocionar-se no final. Mas passa por isto por criar efeitos no público. Vou dar um exemplo: há dois anos fizemos uma peça chamada *Mãe*, um texto original, de uma escritora jornalista belga, que conheceu o nosso trabalho, ficou fã do nosso trabalho e veio propor-nos se nós não nos importávamos de trabalhar um texto dela em que o temática era o aborto. E na altura, hesitámos um pouco, porque não é uma temática que tivéssemos preparado, ou que tivéssemos amadurecido muito ou que tivéssemos programado abordar uma temática que causa tanta discussão ou tanta opinião, e tendo em conta o nosso historial, e é aí que começámos a pensar «Mas porque não?». Avançámos para a temática e foi das peças mais vistas e mais faladas da BC. Por isso as produções que vamos fazendo ao longo do ano não são só para entreter, na sua maioria, é de facto para passar uma mensagem muito concreta. Por exemplo, há sensivelmente um ano, fizemos uma peça só com pessoas com mais de sessenta anos e a temática era a questão do sexo e tudo que está envolvido, dos objectos sexuais, e que as pessoas, se calhar, de uma faixa etária um pouco mais avançada não falam, não falam porque é tabu, porque é vergonha, porque não é normal, e nós decidimos trazer isso para palco. E foi mais uma vez uma loucura não só do próprio elenco, todas elas da comunidade e dessa faixa etária, mas depois todo o público que foi ver e não está habituado a que essas temáticas sejam abordadas por pessoas daquela idade.

7. O vosso grupo carece de recursos financeiros ou humanos?

Mais financeiros do que humanos. Humanos também sempre, mas ao trabalharmos com a população temos sempre inúmeros voluntários, até na própria livraria é um

trabalho com voluntários, a nível de mão-de-obra. Às vezes pode não ser a pessoa com mais qualificação e aí procuramos um apoio mais técnico, profissional, mas temos sempre esses recursos. A nível financeiro é que às vezes gostávamos de fazer outras coisas, mas não temos essa capacidade. Porque de facto o Espaço Bento Martins, esse espaço que temos um protocolo com a Junta, neste momento já não se coaduna com a dinâmica cultural que nós temos, já é muito reduzido para o tipo de programação que nós desenvolvemos.

8. Que tipo de estímulos ou apoios existem para a criação cultural e artística?

O apoio financeiro não existe. Existe o apoio logístico. A junta de freguesia cede-nos o espaço, o que já é um grande apoio. Aliás, é um apoio fundamental para o desenvolvimento da actividade, mas a nível de apoios financeiros não existem para a criação de espectáculos. O que nós fazemos, neste momento, como é um projecto de voluntariado e como é uma associação sem fins lucrativos, ninguém tira dividendos financeiros com os projectos. E o que a direcção faz ao máximo, é controlar as despesas de produção para ficarmos sempre com um fundo de maneio para investimento na próxima produção. Obviamente se houvesse apoios íamos atrás dos mesmos, onde vamos e fazemos algumas vezes, mas tentamos ao máximo não ser subsídio dependentes. Se tivéssemos subsídios fazíamos outro tipo de produções, com outro tipo de logística. Assim sendo, reduzimo-nos àquilo que é possível financeiramente, porque de facto não existe esse tipo de apoio financeiro. Nem de órgãos estatais, seja de Junta de Freguesia ou Câmara Municipal de Lisboa, seja de privados o qual já tentámos algumas vezes.

9. Considera que as acções da Boutique da Cultura, nomeadamente aquelas de âmbito (mais) comunitário, tem sido uma forma eficaz de formar novos públicos?

Sem dúvida, é estratégico! Aliás, eu acho que o nosso público vem sobretudo dos projectos que nós desenvolvemos. Posso dar o exemplo, há 5 anos quando foi quase o início da Boutique da Cultura lançámos um livro, uma publicação chamada *Cem Participações: Quando as pessoas transformam uma comunidade* e o que nós pedimos às pessoas... foi um projecto muito pensado, muito estruturado, tínhamos fotografos da comunidade, fotografos profissionais, arranjámos uns facilitadores para fazer a

mediação aqui com o público que nós íamos trabalhar e o que estes facilitadores iam perguntar a 100 pessoas era: De que forma é que ela, a pessoa, tinha contribuído para a sua freguesia? De que forma é que ela tinha vivido na sua comunidade e o que tinha que alterar na comunidade? E à primeira leitura, o que as pessoas diziam era nada, eu vivo cá, vou indo ali e os facilitadores ajudavam a desmontar um conjunto de questões, obviamente, que muitas das histórias nós já sabíamos... e o que nós fizemos, foi contar a história de 100 pessoas da comunidade em livro. Desse livro nasceu uma exposição de fotografia com o rosto das pessoas e teve um impacto brutal que nós não estávamos à espera. A exposição andou a circular por várias zonas da cidade. Um dos sítios foi o Centro Comercial Colombo, que soube do projecto e convidou-nos e tivemos um mês de exposição em público. Não só para a Boutique, mas para os anónimos que estão envolvidos nisto, para a tal comunidade que esteve envolvida nisto, é uma valorização pessoal gigantesca. E que obviamente ficam com... não é um sentimento de gratidão, não tem nada a ver com isso, mas com um respeito pelo trabalho que é desenvolvido pela Boutique da Cultura porque sabem que quando as desafiamos para alguma coisa, há um sinónimo de qualidade por detrás daquele projecto. E este projecto ainda ganhou outra estrutura que é, independentemente de sermos crentes ou não, a determinado momento recebemos uma carta do Vaticano, do Papa, para irmos a uma audiência com estas 100 pessoas a Roma. Por isso, isto ganhou uma dimensão... o que nós dizíamos enquanto Boutique era: fantástico! Pela projecção que tivemos na comunidade, tivemos em Lisboa, um pouco por todo o país, porque o projecto foi falado em várias televisões... quer dizer receber de um Chefe de Estado uma carta, a conhecer o projecto e a convidar as pessoas. E ainda fomos com as 100 pessoas e as suas famílias até ao Vaticano. Isto dá uma projecção à Boutique e um status de cultura que para nós, obviamente, é muito importante.

10. Fez parte do processo do vosso trabalho verificar as vontades e necessidades da população envolvente?

Sim, mas não foi uma coisa pensada. Como disse à bocadinha todos nós já tínhamos ligações com esta comunidade por isso quase que essas necessidades estavam inerentes ao projecto inicial. Quando a gente parte para um projecto cultural e que diz: nós queremos envolver a comunidade sabemos que nenhum grupo fazia este tipo de

trabalho, logo achávamos importante este tipo de trabalho, isto é, que as pessoas se sentissem valorizadas ou que se aproximassem da cultura por via de uma associação. Agora se foi pensado numa via de estratégia, não.

11. Promovem actividades com escolas? Quais as principais dificuldades para este tipo de programação?

Não desenvolvemos trabalho com as escolas. E por vários motivos, mas o principal tem a ver com este: nós somos um grupo que se junta no pós-laboral... durante o dia temos o advogado que está a trabalhar, temos o médico, temos o arquitecto, enfim... só nos juntamos ao final do dia. Para ser uma produção infantil só conseguimos estar em cena ao fim-de-semana... e fazer uma produção infantil para escolas é muito difícil ter a disponibilidade destas pessoas todas, porque ninguém vive disto. Por isso não temos um trabalho estreito com as escolas. Na única via que estamos, neste momento, a colaborar mais, e é uma coisa que está a ser estruturada acerca de 3 ou 4 meses, que ainda estamos a colher os primeiros frutos, é termos já duas edições infantis e que essas edições começaram a ter uma projecção com a comunidade escolar e estamos a ser solicitados para ir contar a história, para ir dinamizar e, agora só até ao final do ano, a partir de Outubro temos cerca de 40 sessões agendadas para ir a escolas. Portanto, estamos, neste momento, a começar este trabalho, mas é na base da literatura e do contar histórias.

12. Há uma preocupação de nacionalização ou internacionalização do vosso trabalho?

Há! E é aí que, neste momento, nos estamos a focar. pela primeira vez estamos a construir ou a ir buscar espectáculos e a revê-los a nível de encenação para os conseguirmos projectar para o exterior. E, também, as produções que já estamos a preparar, neste momento, já é com esta vertente de conseguirmos pelo menos nacionalizar os projectos. Não só com candidaturas que possam haver, existe uma ou outra aberta neste momento, mas é sobretudo com esta questão do passa-a-palavra, de mandar informação para auditórios, câmaras municipais e escolas e dizermos que temos isto, vender os nossos projectos para o exterior.

13. O João colaborou como técnico da área da cultura da JFC, reportando-nos para essa altura, qual era a visão do executivo da altura?

Eu quando cheguei à Junta, já havia um historial, já eram feitas algumas actividades... E aqui faz lógica repetir e dizer o que já disse até então. O que eu comecei a perceber quando cheguei à Junta de Freguesia é que de facto a única ou das únicas áreas que não se tinha apostado seriamente foi na área da cultura. Mas , se calhar, por causa disso, na altura, recebi o convite para ir para a junta. E rapidamente tentei perceber quais eram as lacunas culturais e de que forma é que podíamos ganhar expressão na cidade. Para mim o objectivo era esse. Tendo uma junta que em todas as outras áreas o foco da pessoa, o foco na comunidade era aqui a matriz, na cultura isso não estava a acontecer. Então a estratégia foi muito simples e, aqui, em várias linhas. A primeira foi olhando à comunidade, havia dois grupos, na altura, se tanto. Então fez-se uma estratégia conjunta no sentido de criar apoios para acolher outros grupos, sejam salas de escritórios para o grupo, seja apoio logístico, porque apoio financeiro quase não tínhamos capacidade para dar... mas era, pelo menos, criar infra-estruturas para acolher outros grupos. E, de repente, o número de pessoas envolvidas na área cultural subiu substancialmente. Depois criámos, não se criou isso, já existia, uma rede de cultura, mas a rede de cultura onde os parceiros se juntavam todos, até então eram meia dúzia deles, e de repente virámos 30 ou 40 pessoas a discutir a cultura em Carnide. E, depois com base nesse grupo foram nascendo novos projectos, mas sempre com esta vertente de apoio, mas também de Carnide estar associada à cultura e uma visibilidade na cidade. E foi assim, sobretudo, que começou a nascer esta coisa de Carnide cultural e os teatros de carnide. Depois, em paralelo com isto, nós fazíamos grandes actividades pontuais ao longo do ano, e onde mais uma vez envolvíamos a comunidade. E, aqui, a comunidade no seu lado mais lato, porque às vezes eram só as instituições. E, aqui vou dar 2 exemplos... Um deles foi o Dia Mundial do Teatro, que começamos a homenagear figuras públicas, na altura vivas e ainda no activo do panorama artístico, convidávamos sempre um artista plástico ligado à pessoa, homenageada ou não, para construir um objecto de rua, fazíamos sempre uma mega exposição à volta da vida do homenageado. E depois, criávamos uma performance de rua e nessa performance tentávamos ao máximo envolver a comunidade, seja a

comunidade escolar, os anónimos que se juntavam para criar uma dança ou coreografia, mas as pessoas sentiam-se parte integrante daquele projecto. Este foi um projecto que deu visibilidade a Carnide fantástica. O outro, que parece uma coisa à partida, se calhar, com pouca relevância, só que na altura do natal, a Junta fazia as decorações de natal, com a árvore, com as luzes, enfim... e a junta que eu encontrei ou que integrei tinha aqui o mote da participação. Era uma Junta no qual chamava as pessoas a discutirem em reuniões, isto é, tentarem que as pessoas se envolvessem, participassem e discutissem com a sua comunidade. E, o que propus ao executivo foi acabar ou minimizar a questão das decorações de natal e o que eu lancei foi: vamos oferecer objectos às instituições locais e as instituições locais passavam aqui por todas, desde a polícia, às instituições de saúde, pelas instituições culturais, da educação, etc. Em todas as instituições nós oferecíamos um objecto e esse objecto tinha de ser decorado segundo um mote e depois fazíamos uma mega exposição de rua, que ela sim era a decoração de natal. Isto, na altura, foi a loucura. Isto porque chegámos a dar às pessoas cadeiras... e havia aqui outra questão: tentar ao máximo não gastar dinheiro com este projecto. Por isso, tentávamos sempre arranjar materiais reciclados. Por exemplo, houve um ano em que oferecemos cadeiras às instituições. Tivemos uma exposição de cadeiras decoradas... eu não quero mentir mas foram cerca de 170 a 180 cadeiras, por isso foram 180 a participar e depois ainda conseguimos fazer uma árvore de natal gigante com mais cerca de 300 ou 400 cadeiras. Cadeiras que envolvemos a Câmara Municipal de Lisboa, que cada vez que encontrassem uma cadeira no lixo dessem a cadeira, ou seja, houve um envolvimento das outras instituições louco e brutal para conseguir todas estas cadeiras e pedíamos, também cadeiras à comunidade, aquelas que não quisessem para nos vir trazer. E o mote, nesse ano, era todos nós temos um lugar na comunidade. Por isso associar, aqui, a ideia da cadeira ou do lugar e criamos toda esta exposição. E depois, fizemos uma outra com sapatos. Isto é, fomos criando aqui estas exposições de rua na altura de natal, que tinham sempre um toque natalício, fazer uma árvore de natal com cadeiras, mas já não tinha aquela conotação das bolinhas, etc... e era um verdadeiro projecto comunitário. As instituições envolviam-se... ver a polícia a trabalhar uma cadeira e preocupada com os materiais que vai usar, isto foi um salto qualitativo, um salto também de pensar um

movimento associativo brutal. E associá-lo à cultura! Porque era isso que eu sempre tentava: que as associações, mesmo elas não estando ligadas à cultura que sentissem que estavam a trabalhar para uma exposição colectiva. Era a sua associação que estava representada.

14. O Teatro da Luz tinha importância estratégica para a Junta, pela sua proximidade?

Tinha importância estratégica, não só pela sua proximidade mas pelo edifício que é. É um edifício com história. É o espaço mais bonito da freguesia. Não quero dizer que é o espaço mais bonito da zona norte de Lisboa, mas se calhar é o que tem mais história e o mais emblemático. E era importante, sobretudo, por esta questão. Criar uma dinâmica no Teatro da Luz. O Teatro da Luz, quando eu estava na Junta - o Teatro da Luz é privado, pertence à associação do colégio militar - e não sei se a terminologia é a mais correcta, mas estava arrendado, estava cedido a uma escola de dança. Por isso, toda a programação que acontecia dentro do espaço era sobretudo relacionada com dança. Sendo uma instituição privada com um grupo, também ele autónomo, nós éramos apenas parceiros e tentávamos projectar as actividades que desenvolviam lá, mas não tínhamos uma intervenção de programação ou de estratégia, isso não existia.

15. Havia esse intercâmbio?

Havia. A pessoa na altura fazia parte da rede da cultura. As tais redes de cultura que falei à bocadinha. A pessoa responsável pela escola de dança ia às reuniões da rede da cultura, opinava e tinha uma dinâmica activa na programação.

16. A determinada altura, começou a ter outra gestão? Com o Armazém Aéreo?

Sim. Eu não sei situar o timing certo, eu ainda estava na junta, mas o circulo de dança, era assim que se chamava a escola, saiu e não sei se foi logo de imediato...não me recorde, mas o Armazém Aér[i]o foi a instituição a seguir que agarrou no espaço. Eles dedicados a Circo, ao novo circo, eles dão aulas de circo. O que aconteceu a determinada altura, é que o Armazém Aér[i]o fez uma parceria com outras instituições e uma delas, um grupo de teatro que agora está também com uma dinâmica teatral dentro do equipamento.

17. Porquê a decisão de localizar o CCC no Bairro Padre Cruz?

Foi estratégico e mais uma vez foi uma estratégia sem... nós começamos a acolher grupos e depois a determinado momento o que começou a acontecer foi que nós apoiávamos os grupos logisticamente, com custos inerentes, porque desde o momento que estamos a dar uma sala 24 horas por dia, com um telefone gratuito, água, luz e internet, nós dizemos que não damos apoio financeiro, mas aqui há um apoio financeiro subjacente. E, depois, o que acontecia com estes grupos é que iam fazer programação fora da freguesia. Ok, tínhamos muitos grupos, mas não tínhamos espaços para eles desenvolverem a sua programação. Tínhamos o Teatro de Carnide que tem a sua direcção e programação própria e a junta de freguesia na altura tinha boas relações, mas o espaço não era nosso. O Teatro da Luz era igual, por isso havia a necessidade de mudar rapidamente este paradigma e termos um espaço para os grupos poderem apresentar o trabalho que desenvolviam na freguesia. Este era o primeiro mote. O segundo mote foi olhar para a freguesia e perceber, não havendo grandes verbas para a cultura... porque é importante referir isto, nós estamos a falar de uma altura em que a descentralização de competências nas juntas era mínima e na cultura não era nenhuma. Por isso não havia dinheiro para a cultura. As juntas de freguesia que desenvolviam projectos na área da cultura eram pouquíssimas. E como dizia o Presidente, na altura, tinha de ir buscar ou roubar dinheiro nas outras áreas, na área da educação e dos idosos para desenvolver projectos culturais. E mais! Foi uma aposta fortíssima na cultura e não desprezando, obviamente, quem não tem formação superior, mas estavam a pagar um Técnico Superior para estar a pensar nesta estratégia. Portanto, houve aqui um investimento muito sério, com uma área prioritária, para a cultura. Isto para dizer que não havia dinheiro para criar um equipamento ou pensar uma estrutura destas e, de repente damos conta no Bairro Padre Cruz existe um equipamento da Câmara Municipal de Lisboa que estava afecto à acção social e que não acontecia nada lá. Isto é, estavam uma ou duas pessoas a trabalhar e pontualmente o espaço era usado para uma reunião. Estamos a falar de um auditório, salvo erro com uma capacidade cento e muitas, quase duzentas pessoas, por isso tínhamos ali um equipamento fantástico. E isto tocava noutro ponto, que na altura não tocava tanto com a minha área, mas que era uma estratégia da junta, que era esta questão de desmistificar o bairro social do Bairro Padre Cruz, bairro

municipal... desmontar esta questão de que era um bairro perigoso, um bairro com problemas, obviamente é um bairro com problemas, como tem Telheiras ou outro bairro qualquer. Por isso, era também, abrir o bairro a outras pessoas para poderem lá entrar e para as próprias pessoas do bairro se sentirem valorizadas. E esse ponto é muito importante. Quando nós conseguimos o auditório dentro do Bairro Padre Cruz, logo foi quase aqui um plano estratégico porque íamos resolver vários problemas, o problema dos grupos, o problema de abrir o bairro a novos públicos e depois do próprio público do bairro poder consumir e usufruir cultura. Isto foi um projecto fantástico porque após a abertura do centro cultural e, ele está todo com o vidro na parte do *foyer*, fizemos também um espaço expositivo e as pessoas do Bairro ficaram a ver as exposições do lado de fora do edifício. E, quando, os meus colegas lhes perguntavam se não queriam entrar, as pessoas diziam: «Não. As exposições não são para mim, eu nunca fui a uma exposição». Isto foi um fenómeno... mudar este paradigma... as pessoas sentirem-se perto de uma obra de arte, poderem dizer gosto, não gosto, poderem criticar a obra. Isto foi um processo de alteração do próprio bairro fantástico! Por isso, esta questão do centro cultural aparecer não foi por mero acaso, foi estratégico porque havia essa necessidade. No Bairro Padre Cruz foi juntar um conjunto de factores, o equipamento já existia, precisava de algumas alterações, estava num bairro no qual na altura havia o foco de abrir o bairro e as pessoas do bairro. Estamos a falar de há 15 anos, mas estamos a falar de pessoas, e de jovens na altura, que nunca tinham saído do bairro. Por isso era um bairro fechado em si próprio. Portanto, o bairro tem tudo, tem farmácia, tem mercado... e de repente abrir no bairro, o centro cultural, e ir lá público, irem ver as peças de teatro e ver que, de facto, não é perigoso, veio mudar todo o pensamento, não só de quem vive no bairro, mas também dos outros bairros de Carnide. Porque chamar o Centro Cultural de Carnide dentro do Bairro Padre Cruz... Depois houve também as críticas daqueles que vivem em Carnide, de dizer: «o Bairro Padre Cruz já não é Carnide». Não, era Carnide! E era também desmontar um bocado isto, que a freguesia não é só o centro histórico.

18. Desde 2011 até ao momento actual, denota uma continuidade no que concerne às políticas públicas para a Cultura?

Eu sou um bocado suspeito em falar desta situação, porque fui funcionário da Junta de Freguesia de Carnide e coordenador da cultura durante quase onze anos. A minha saída, terá a ver com isso! O que eu sinto, é que para este executivo, que está actualmente e esteve no mandato anterior, a cultura deixou de ser uma prioridade. E isto depois reflecte-se em outros factores. Não só na programação do centro cultural, que se existe há uma falha de comunicação e projecção para o exterior. Porque eu vivo e trabalho em Carnide e não conheço essa mesma programação. Mas, depois, isto pode-se ver em outros factores. O projecto que eu falava do natal, por exemplo, do projecto do movimento associativo, o último natal teve meia dúzia de objectos de comparticipação. As redes de cultura que eu falava que eram todos os meses e reuniam muitas pessoas, neste momento acontecem pontualmente... até tivemos um interregno de cerca de 7 a 8 meses sem existir rede da cultura. Isto é, o que eu sinto é que deixou de haver uma aposta, eu não sei se no movimento associativo ou se numa aposta na área da cultura. Obviamente, que isto depois reflecte-se para quem está no terreno. Claro que temos o apoio. A Boutique da Cultura liga para a Junta de Freguesia e todo o apoio que solicitamos, quer seja a nível de impressão de cópias, ou seja, em todo o apoio logístico, obviamente, temos esse apoio, agora enquanto estratégia cultural, eu não sinto. Eu acho que todos nós podemos ser óptimos programadores, porque basta ter dinheiro, ligar para dois ou três agentes, contratar bandas, grupos de teatro, aquilo que estamos a programar. Agora, ter uma estratégia cultural não é para qualquer um e, tem de ser bem pensada e perceber exactamente o que se pretende. E o que sinto, neste momento, é que a cultura em Carnide deixou de ser o foco, um dos pontos fortes.

19. As pessoas reconhecem as práticas culturais como uma prioridade? De que forma isso pode ser medido?

Quando eu estava na Junta eu tinha o pulsar das coisas, não só pela quantidade de público que frequentava as iniciativas, mas também por todos os eixos envolventes ao mesmo tempo, seja pela comunicação social, o passa-palavra, não nos podemos esquecer que estamos numa freguesia onde a informação circula muito rapidamente seja para o bom, seja para o mau. Neste momento, na junta eu não sinto essa prioridade.

20. Encontra importância estratégica no sentido de criar maior adesão local, através de estímulos duráveis à criação e criatividade culturais em diferentes espaços sociais, e sob diversas formas?

Na BC é aquilo que estamos a fazer neste momento, aqui o grande desafio é fidelizar o público porque é tudo muito efémero, acontece imensa coisa nesta cidade e ao mesmo tempo não nos podemos esquecer que estamos na periferia. Por isso, temos de colocar um conjunto de factores em cima da mesa, e este factor de todo o nosso trabalho ser com e para a comunidade, ajuda-nos aqui que as pessoas ganhem competências noutras áreas, e até terem uma visão cultural de como é que as coisas são feitas, depois mesmo que já não estejam directamente no projecto seguinte, já estão sensíveis de uma outra forma, com um outro olhar para aquilo que estão a ver. Porque já vivenciaram antes os projectos de uma outra forma.

21. Considera que se verifica um aumento quantitativo...já percebi que não, mas qualitativo do consumo e das práticas culturais na freguesia de Carnide?

Na BC eu posso dizer que sim. Temos um público fidelizado e crescente. Nos outros projectos, muito sinceramente, eu sinto que não, mas posso estar errado. Porque não há feedback, não há retorno, vamos olhando as redes sociais e vamos percebendo que um ou outro projecto foi cancelado, ou não aconteceu porque não tinha público suficiente. Fidelizar público é muito difícil, dá muito trabalho e obriga-nos a estar com uma programação sempre a acontecer e precisamente para o público ganhar esse hábito, quase essa necessidade do público. Na BC não temos esse problema, podemos vir a ter, mas no momento não é o caso.

22. E projectos como o BIP-ZIP ou o Pulsar, em que medida foram importantes?

O Pulsar não sei, esse foi um projecto da junta, para o qual fomos convidados a participar, mas na altura não tínhamos capacidade humana para acompanhar o projecto. O projecto BIP-ZIP foi estratégico, ao ganharmos um BIP-ZIP conseguimos abrir uma livraria, ir colmatar outra necessidade da zona norte da cidade, onde não havia uma livraria, quer dizer temos nas grandes superfícies comerciais, mas não havia uma livraria e depois com esta vertente da sustentabilidade, nós estamos a vender livros que as pessoas já não querem e assumidamente as pessoas sabem que esse

valor serve projectos da BC, seja na street art, seja no teatro, seja na aquisição de algum equipamento, isto é, há sempre o retorno desse valor. Para a BC obviamente foi importante, ganhámos um outro equipamento, conseguimos envolver novos voluntários de outra forma, ganhámos uma outra visibilidade na cidade e isso obviamente foi estratégico e muito positivo.

23. Encontra alguma lacuna na oferta artística de Carnide?

Eu acho a concorrência muito positiva e ajuda-nos sempre a melhorar. Não passa por fazer melhor. Cada um faz o trabalho que consegue e pode. Passa sobretudo por saber o que é que estamos todos a fazer, vamos tentar inovar e tentar algo diferente e portanto eu acho isso muito positivo. E depois eu sempre defendi que há público para tudo, o que eu acho é que muitas das vezes a classe artística está de tal forma centrada no seu umbigo que depois não consegue aproveitar e rentabilizar as mais valias. Se nós estamos numa comunidade relativamente pequena a nível territorial, que existem muitos ou poucos grupos, não sei quantos é que existem neste momento, mas têm os seus espaços, a sua dinâmica, porque é que não nos ajudamos um ao outro a projectar as nossas actividades. Se eu tenho num sábado uma sala com sessenta pessoas, não é por ter lá um flyer do grupo B, a divulgar o projecto B, que o meu público vai deixar de ir ao meu projecto (até porque naquele dia já está dentro da sala), e vai ao projecto B, e o mesmo acontece com o outro. Eu acho que podiamo-nos ajudar mutuamente sobretudo nas questões da divulgação, que é sobretudo aqui a grande lacuna dos grupos, que é como chegar a mais públicos e atrair mais grupos. Eu não sei se há alguma lacuna ao nível artístico, desconheço. A grande lacuna que eu sinto é esta falta de estratégia colectiva para todos podermos tirar dividendos com o trabalho uns dos outros.

24. A JFC funciona para os vários grupos locais como coordenadora da chamada Rede Cultural de Carnide. Sob algum meio são discutidos diferentes papéis de actuação pensando à luz da escala local?

Sim, houve várias fases desta Rede da Cultura, estamos a falar de onze anos, por isso houve vários momentos. Nós reuníamos uma vez por mês, mas em cada reunião haviam vários motes, o primeiro tinha a ver com programação colectiva, isto é, havia

sempre alguma efeméride que nós tentávamos fazer em conjunto: o Dia Mundial do Teatro, o Dia Internacional da Mulher, grandes efemérides que a Junta podia comemorar. Haver aqui uma estratégia comum que era discutida por todos. Até o próprio objecto que apresentávamos no natal era discutido na Rede da Cultura, era dali que saía. Também para se sentirem parte integrante do projecto, por isso ali eram discutidas questões estratégicas. Depois era discutido de que forma é que a junta podia ajudar os grupos nas mais diversas áreas, quer na projecção para o exterior, divulgação, foi ali que nasceu a ideia da necessidade de criar um festival de teatro infantil, porque todos os grupos tinham peças infantis e nasceu o Festival Aplauso, em que a junta dava um valor financeiro a cada grupo por espectáculo, eram feitas várias sessões, que oferecíamos gratuitamente a todas as escolas de Carnide e que ao fim-de-semana abriamos ao público em geral com bilheteira, com preços diminutos. Por isso todas estas discussões nesta Rede da Cultura, não é uma rede em que todas as associações se juntassem para ouvir o que é que a junta tinha a falar, era uma rede em que nós fazíamos questão de ouvir as opiniões, que sentissemos como é que estavam a correr as coisas, quais as dificuldades, caminhos a seguir, enquanto rede, enquanto grupo, apesar do trabalho individual de cada um, como é que juntos poderíamos ter mais força fosse para projectar Carnide, fosse para projectar cada um dos grupos.

25. Durante os últimos anos, considera a visão da JFC pertinente?

A nível cultural? A partir do momento que um executivo não vê a cultura como prioridade não é uma visão pertinente.

26. Considera que é possível para a JFC fazer da freguesia uma comunidade?

Não é possível, é a sua obrigação e a sua missão. Mas para construir uma comunidade é preciso olhar um território como um todo, com igualdade, e as áreas com igualdade. A cultura tem de ter a mesma importância que a acção social, do que o desporto. Mas só quando se trabalha o território como um todo e se encaram as diferentes áreas como um todo, é que esta comunidade faz sentido existir. Mais: e é a questão de saber ouvir, temos de ouvir a comunidade, temos de sentir o que é que ela precisa e, temos de fazer a comunidade sentir algumas necessidades que muitas vezes não tem. A

questão cultural nunca é uma questão prioritária para a comunidade, é muito mais importante os filhos estarem bem na escola do que ter um bom espectáculo. Então a missão das autarquias a meu ver passa por aí, também, que é criar necessidades nesta comunidade. Encontrar estratégias para fazer com que a comunidade sinta, que é tão importante ter um bom espectáculo a acontecer na sua comunidade, assim como é importante praticar desporto, fazer caminhadas, etc.

Anexo 9.3. Questionário a Maria Gil – Directora artística do Teatro do Silêncio

1. Poderia falar um pouco da altura em que foi criada a vossa associação e do seu percurso enquanto actriz e programadora, certo?

O Teatro do Silêncio (TS) foi criado em 2004 e foi formalmente constituído como associação cultural em 2006. Basicamente, juntei um grupo de amigos e artistas com quem gostaria de trabalhar ou pessoas que sabia que apoiariam os meus projectos. Eram pessoas jovens, que tinham terminado os estudos há pouco tempo e vinham de várias áreas/disciplinas artísticas. Entre 2004-2010 a produção resume-se à criação de espectáculos e/ou de performances pontuais. Em 2010 a Junta de Freguesia de Carnide (JFC) cede-nos o espaço do Lavadouro de Carnide e um escritório no edifício da Junta, o que nos permite ter uma programação mais regular e ainda realizar actividades educativas (visitas guiadas, workshops, etc.), integrar programas comunitários como o BIPZIP/CML, entre outros. Entre 2010 e 2017, assumo a direcção artística, e desde o início de 2018, o TS passa a ser dirigido por mim e pelo artista Miguel Bonneville.

2. Quais considera serem os grandes desafios contemporâneos quando se prepara programação artística? Encontra alterações naquilo que tem vindo a ser a missão da vosso grupo?

O trabalho do TS está sobretudo relacionado com a criação artística e menos com a programação artística. Em 2010, com a cedência do espaço do Lavadouro Público de Carnide, por parte da JFC, decidimos criar residências artísticas, partilhando o espaço com outros criadores. No início do TS, e até 2013, as criações eram muito pessoais, partiam de intuições e de desejos individuais. Estavam relacionados com a minha sensibilidade e a minha forma de ver e de estar no mundo. A partir de 2012, há uma mudança de paradigma porque começo a receber encomendas ou convites, para desenvolver projectos específicos. De certa forma, há um exercício de, dentro daquilo que é pedido, encontrar a minha sensibilidade, para que ela esta presente nesses projectos; que têm contextos específicos, envolvem equipas maiores e há todo um trabalho de ajustamento e adaptação que é feito.

Actualmente, o TS é uma estrutura de criação, isto significa que tem uma equipa de duas pessoas que produzem as criações de dois artistas diferentes, Maria Gil e Miguel Bonneville; e ainda as criações realizadas em conjunto por estes artistas. É uma mudança radical ao nível da estrutura e da forma de trabalhar.

3. Quais são os critérios para a vossa programação?

Eu diria que a maioria das criações partem de uma sensibilidade de cada um dos artistas, dos seus desejos e ainda das suas pesquisas e investigações. Depois há uma parte das criações que são encomendas, pedidos realizados por instituições culturais e educativas.

4. Quem são os vossos parceiros e como promovem os vossos trabalhos?

Parceiros a nível local: Junta de Freguesia de Carnide; GAC – Grupo de Acção Comunitária; Lua Cheia Teatro Para Todos; Teatro de Carnide. E ainda todos os parceiros da Rede de Cultura e da Rede de Acção Social, sendo os grupos/instituições anteriormente indicados, os mais regulares.

Parceiros Nacionais: Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica; RIVOLI; Teatro S. Luiz; Festival Temps D'Images; Negócio/ZDB; Comédias do Minho; Museu Marítimo de Ílhavo; Materiais Diversos; Vende-se Filmes; Teatromosca; Casa de Teatro de Sintra; Balleteatro; Rua das Gaivotas 6; 23 Milhas; Casa da Cultura de Setúbal; Duplacena; Arte Total; Cão Solteiro; GNRation.

Parceiros Internacionais: Urban Heat/Creative Europe; Gil Teixeira Artist; La Box – École Nationale Supérieure d'Art de Bourges; La Fundación – Espanha

5. Qual é o quadro orgânico e funcional do grupo? Carecem de recursos humanos?

Temos uma equipa de 2 pessoas na produção: Vanda Cerejo (produção executiva) e Cristina Correia (Direcção de produção); 2 pessoas na direcção artística (Maria Gil e Miguel Bonneville). Depois temos avenças com contabilista; assessoria de imprensa; comunicação e imagem. As equipas técnicas e artísticas que integram os nossos projectos são contratadas em regime pontual, isto é, para projectos específicos. E depois temos os nossos associados que não exercem qualquer função na estrutura, mas que apoiam os projectos dando parecer e mantendo a associação operacional.

Actualmente, não temos falta de recursos humanos, mas gostaríamos de ter uma equipa com contratos sem termo.

6. Que tipo de estímulos existem para a criação cultural e artística?

O TS é uma estrutura apoiada pela República Portuguesa-Cultura / Ministério da Cultura - Direcção-Geral das Artes (apoio bienal 2018-2019); recebemos ainda apoio financeiro através do Programa Pulsar da Junta de Freguesia de Carnide e ainda pelas co-produções e vendas de espectáculos que fazemos. O TS é uma estrutura profissional o que exige um grande esforço e empenho em procurar financiamento através de várias instituições.

7. Quais são as maiores dificuldades com que se deparam no trabalho de criação e programação?

Actualmente, diria que a maior dificuldade é conciliar uma estrutura profissional operacional e a tempo inteiro, com o tempo que é necessário para a criação artística. Isto é, manter uma estrutura exige produzir e a criação artística requer tempo e menos produção.

8. Quem são os públicos que assistem aos espectáculos do Teatro do Silêncio? É possível quantificar e encontrar denominadores comuns, nomeadamente: carnidenses, públicos de outras freguesias, cidades, estrangeiros?

Por ser uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura - Direcção-Geral das Artes, o TS tem de manter um registo quantitativo dos públicos que vêm às suas actividades.

Em termos qualitativos, cada contexto onde é apresentado determinado espectáculo tem o seu público-alvo. Curiosamente, em Carnide, temos mais pessoas que vêm de fora da freguesia assistir aos espectáculos do que de dentro, mas é um aspecto comum aos vários grupos em Carnide, e já debatido nas reuniões da Rede de Cultura. Actualmente, a Rede da Cultura de Carnide está a ponderar criar um cartão da cultura para os habitantes de Carnide.

9. O vosso trabalho é destinado sobretudo ao público em geral? Essa solução faz parte de uma estratégia?

O nosso trabalho é destinado a todas as pessoas. Sabemos que há criações que talvez interessem mais a grupos específicos, mas o nosso público está segmentado no nosso plano de comunicação, isto é, para cada projecto temos um público-alvo específico. A nossa principal estratégia é procurar contextos que tenham já o seu próprio público, por exemplo, associarmo-nos a festivais ou a teatros que têm o seu público próprio.

10. Considera que as acções do Teatro do Silêncio, nomeadamente aquelas que estão integradas em grandes eventos como o Festival Aplauso, a Feira de Expressões Artísticas de Carnide, Feira da Luz etc, tem sido uma forma eficaz de formar novos públicos?

Não de uma forma directa, mas talvez através desses eventos, o público pode tomar contacto com o trabalho do TS, que de outra forma não o faria. Isto é, não viria assistir propositadamente a um espectáculo do TS, mas como está inserido num evento específico permite conhecer o trabalho do grupo; tem a ver com a estratégia acima indicada de capitalizarmos o público dos diferentes contextos onde apresentamos os nossos trabalhos.

11. Fez parte do processo do vosso trabalho identificar as vontades e necessidades da população envolvente?

Não de uma forma directa, embora o tenhamos feito numa situação particular. Na edição de 2016 da Feira da Luz fizemos um inquérito à população sobre que espectáculos gostariam de ver em Carnide.

Faz parte do nosso trabalho aproximar a população de Carnide à criação artística contemporânea. Tentamos ainda criar diferentes objectos (não apenas espectáculos) para envolver diferentes tipos de público.

12. De que forma o trabalho do vosso grupo interage com a comunidade envolvente?

Na relação com o poder local, o TS salienta o protocolo de cooperação com a Junta de Freguesia de Carnide, assinado em 2011, sendo que desde a sua fundação, em 2004, contribui para o desenvolvimento e oferta cultural em Carnide, apresentando espectáculos, realizando formações e mantendo uma colaboração com as mais diversas instituições culturais, e também educativas e de acção social. O TS colabora activamente e de forma continuada em processos de gestão participada, participando

nas reuniões mensais da Rede de Cultura de Carnide, que integra todos os parceiros culturais da freguesia, e pontualmente nas reuniões da Rede de Acção Social e de Educação. Integrou o programa da Câmara Municipal de Lisboa, BipZip - Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa - Centro Histórico de Carnide, e integra o projecto Pulsar Carnide (apoio financeiro) onde realiza actividades culturais em conjunto com outros parceiros locais, promovendo uma freguesia dinâmica e ainda contribuindo para uma cultura local.

O protocolo com a Junta de Freguesia de Carnide tem um impacto directo no orçamento da estrutura e ainda em actividades que se realizarão na freguesia como, por exemplo, o projecto Sala de Ensaios e Sala de Estudo.

O protocolo com a Junta de Freguesia de Carnide prevê ainda um apoio com recursos humanos e logísticos (espaço de ensaios; de apresentação; escritório; serviços: internet, fotocópias, electricidade, água, telefone, acesso a cantina; apoio a transporte; apoio à divulgação; apoio de limpeza de espaço; apoio dos diferentes pelouros: cultura, educação, espaços verdes, acção social.), permitindo um funcionamento da estrutura e suas actividades com bom êxito.

Desde 2011 que o TS ocupa o Lavadouro Público de Carnide. Trata-se de um espaço comunitário, que durante a semana funciona como lavadouro público, e aos fins-de-semana como espaço para a criação artística. Ao assinar um protocolo de cooperação com a Junta de Freguesia de Carnide, o grupo comprometeu-se a realizar um trabalho regular dentro da comunidade, tendo como ambição maior a aproximação das comunidades locais à criação artística contemporânea, contribuindo igualmente para uma aproximação, nem sempre existente, entre criadores e comunidades locais. A sua presença em Carnide contribui para uma cultura local, sustentável, interventiva, participativa e inclusiva.

12. Quais as vantagens de criar projectos que pressupõem um grande envolvimento da comunidade?

Um maior conhecimento entre os habitantes e as suas instituições.

13. O teatro para escolas faz parte do vosso trabalho? Quais as principais dificuldades para este tipo de programação?

Não. Desenvolvemos vários projectos educativos que envolvem uma relação directa com escolas, mas não fazemos teatro para escolas.

14. Há uma preocupação de nacionalização ou internacionalização do vosso trabalho?

O programa de actividades do TS valoriza o desenvolvimento de públicos através da sua participação (Blind Date, conversas informais, conferências) e ainda da sua qualificação (formações). Um projecto como Blind Date, ou a parceria estabelecida com o Teatrão, permitem prever as expectativas do espectador quando se dirige a uma das nossas actividades, e ainda aferir o seu grau de satisfação ou insatisfação nesse encontro. A segmentação das actividades em diferentes públicos-alvo permite explorar formas de comunicar com pessoas com perfis diferentes e transformar um frequentador ocasional num frequentador assíduo. Defendemos um conceito de acessibilidade que vai muito além das rampas e das casas de banho adaptadas. Um conceito que encara a acessibilidade como uma área transversal a todas as nossas actividades e das instituições culturais com as quais estabelecemos parcerias e co-produções.

15. Considera que a internacionalização pode ser uma grande vantagem para o Teatro do Silêncio e para a freguesia de Carnide? E porquê?

Sim. É bom comunicar e partilhar o nosso trabalho, expandindo a comunidade local para a comunidade global. Aprende-se e trazem-se novas ideias.

Relativamente à internacionalização, o TS integra, desde 2015, a rede internacional de artistas e companhias de artes performativas Urban Heat, promovendo o seu trabalho através de laboratórios de pesquisa em várias cidades (Cairo, Dro, Londres, Maribor, Munique, Utrecht), relacionando-se desta forma com diferentes comunidades, artistas e programadores. Durante os próximos anos estabelece também parcerias, através de venda de espectáculos, residências artísticas, conferências e formações, com os espaços La Box (FR) e La Fundición (ES).

16. Através das publicações consultáveis no sítio da JFC: os boletins, as agendas culturais e a programação do CCC, fiz um levantamento exaustivo do número de eventos que foram produzidos (ou co-produzidos) pelo Teatro do Silêncio entre 2011

e 2017. Evidenciei várias referências ao vosso trabalho em 2011 e 2012, mais de dez sessões/ano, 5 sessões em 2013, e a partir daí os números oscilam entre 1 e 0 sessões. Encontra alguma razão para isso acontecer? (Produção mais escassa? Mais digressões? Lapsos de comunicação? Menos recursos ou apoios?)

Não enviámos a informação para a agenda local. A comunicação local passou a ser feita através das redes sociais.

17. Já ao nível dos Acolhimentos do Lavadouro Público, encontro referências a estes projectos (na informação institucional do poder local) em 2012 e 2015? Foram estes os anos com mais acolhimentos, porquê?

Não. Os acolhimentos aconteceram em 2012, 2013, 2015, 2016, 2017 e 2018. Não houve divulgação a nível do Boletim da JFCarnide. Passámos a apostar mais na divulgação junto das rede sociais.

18. Encontra importância estratégica no sentido de criar maior adesão local, através de estímulos duráveis à criação e criatividade culturais em diferentes espaços sociais, e sob diversas formas?

Sim. E sobretudo, estímulos que promovam a auto-gestão e auto-governação de grupos e associações.

19. Considera que se verifica um aumento quantitativo e qualitativo do consumo e das práticas culturais na freguesia de Carnide?

Não tenho informação para emitir uma avaliação.

20. Considera que a Cultura tem vindo a desenvolver um papel central para o poder local?

Em Carnide a cultural sempre foi decisiva na articulação do poder local com os cidadãos.

21. E projectos como o BIP-ZIP ou o Pulsar, em que medida foram importantes?

Permitiram um maior conhecimento e cooperação das instituições locais.

22. Encontra alguma lacuna na oferta artística de Carnide?

Sim. Cinema de autor. Concertos de música. Espectáculos de teatro, dança, ópera. Exposições.

23. A JFC funciona para os vários grupos locais como coordenadora da chamada Rede Cultural de Carnide. Sob algum meio são discutidos diferentes papéis de actuação pensando à luz da escala local?

As reuniões têm um vínculo bastante institucional e quase sempre servem para promover as actividades realizadas pela JFC e não pelos parceiros.

24. A JFC tem sido uma mais valia efectiva para o desenvolvimento do vosso projecto? Desde que integraram a Rede de Cultura da JFC, denota um trabalho de continuidade no que concerne às políticas públicas para a Cultura?

Sim. Através da cedência de espaço de escritório e o espaço do lavadouro. O apoio financeiro não tem expressão no nosso orçamento.

25. Considera a visão da JFC pertinente?

Não sei a que visão se refere.

26. Quais são os vossos objectivos a curto, médio e longo prazo?

O TS tem como objectivo promover o progresso das reflexões em torno da dança, nomeadamente da dança contemporânea, desenvolvendo um trabalho de pesquisa focado no corpo, na re-conceptualização do corpo; pensar o corpo como um campo de possibilidades, como um lugar de diferença, de luta e de resistência, como superfície onde se cruzam e se inscrevem múltiplos códigos (raça, classe, sexo, idade, etc.). Ou seja, promover um pensar do corpo a partir da prática da dança, fazendo inevitavelmente uma reflexão acerca da mesma - em que ponto se encontra? quais são as suas características-base hoje? - e do seu lugar na arte contemporânea num contexto tanto nacional como internacional.

As actividades do TS propõem um calendário bianual e estão distribuídas em vários domínios (criação, programação, circulação nacional e internacional, desenvolvimento de públicos, edição, investigação e formação); o facto de as actividades estarem distribuídas pelo território nacional (Alto Minho, Cávado, Área Metropolitana do Porto, Região de Coimbra, Médio Tejo, Área Metropolitana de Lisboa, Lezíria do Tejo), faz

com que se valorize a fruição artística enquanto ferramenta de rectificação de assimetrias territoriais, e fomenta a criação, produção e difusão das artes como instrumento do desenvolvimento humano, social, económico e cultural das populações - fins e objectivos do presente apoios às artes.

Temos uma programação fechada até fim de 2019 e estamos a trabalhar no biénio 2020-2021.

27. Considera que é possível para a JF fazer da freguesia de Carnide uma comunidade?

Sim. Há um trabalho de aproximação às pessoas e de diminuição da burocracia que é de valorizar. Há confiança nas várias instituições.

Anexo 9.4. Entrevista a Maria João Trindade – Actriz e Programadora da Associação Lua Cheia – Teatro para todos

1. Poderia falar um pouco da altura em que foi criada a vossa associação e do seu percurso enquanto atriz e programadora?

A nossa associação iniciou a actividade em 1996, sendo que como associação, ou seja, mesmo com essa forma jurídica data de 1998. Tivemos dois anos em que já fazíamos trabalhos, mas era necessário juntar as pessoas que faziam parte da equipa e portanto foram esses dois anos de actividade. Em termos do meu percurso, a minha formação base é mais na área da educação, porque a minha formação é de educadora de infância. Só que paralelamente eu já fazia teatro, comecei por teatro amador muito cedo e estava associada a uma outra entidade onde também trabalhávamos muito, onde o nosso foco principalmente era para a infância, que é o que nós continuamos a fazer na Lua Cheia, com produções nossas e criações que são muito viradas para a infância e juventude, daí nós termos chamado Lua Cheia - Teatro para Todos. Um pouco na perspectiva de que é realmente para todos e, apesar de nos focarmos mais na infância, a verdade é que a infância precisa sempre que os adultos estejam também presentes, portanto, os nossos espectáculos têm sempre essa vertente de puderem ser para crianças (estipulando o foco da idade), mas depois tem de existir algum piscar de olhos para os adultos. Há coisas que são códigos para adultos, porque eles tem de querer voltar, tem de se reconhecer um bocadinho e tem de querer ir mais vezes, partindo do princípio que vão voltar.

E o Grupo iniciou em Carnide?

Não, o grupo não foi iniciado em Carnide, sendo a nossa sede inicial em Benfica. Mas trabalhámos um pouco por todo o lado, tivemos em vários espaços, nomeadamente: o Teatro Taborda, na Graça; em vários locais, não tínhamos nenhum espaço fixo. Só que em 2007 nós já tínhamos contactos com esta junta, fizemos um acordo e ficámos com um espaço no Teatro da Luz - não sendo uma parceria com a Junta de Carnide, mas sim com a companhia que lá estava. Lá ficámos com um espaço e começámos a desenvolver a nossa actividade. A meio de 2008, mais ou menos, soubemos que teríamos de sair daquele espaço e é, entre 2007 e 2008, como já nos encontrávamos

em Carnide começamos a estabelecer contactos com a JFC para pequenas actividades e colaborações e através do Paulo Quaresma, presidente da junta na altura e o João, responsável pela cultura. O mesmo executivo apresentou uma solução para não sairmos de Carnide, dando-nos um espaço no Bairro Padre Cruz, e mudámo-nos em 2009. Apesar de ser uma zona complicada, com alguns conflitos, o espaço cedido foi óptimo porque permitia criar ali; passou a ser a nossa sede provisória: o nosso local de trabalho de escritório, de ensaios e de oficina.

Onde se localizavam as apresentações dessa altura?

Nessa altura ainda não existia o CCC, ainda era o Auditório Natália Correia. Depois fomos apresentando uma ou outra coisa, na altura ainda não era a Junta que era totalmente responsável por aquele espaço, agora sim. Na altura ainda era a câmara: fazia ainda algumas coisas, mas existia alguma dificuldade porque passava sempre por uma organização entre a Junta e a Câmara. Mas começámos a fazer também espectáculos por lá, sendo que nós, no nosso espaço Lua Ceia (assim que o chamamos lá), ainda não tínhamos propriamente um projecto inicial consolidado. Tínhamos alguma coisa em mente como espaço, o que não era propriamente de estar ali com uma grande abertura à população. Obviamente não era um espaço muito grande, portanto espectáculos que dariam na Natália Correia ali dava só pequenos contos. Nós começámos por fazer pequenas coisas e levámos lá também os miúdos das escolas e os professores das escolas para nos conhecerem. Mas percebemos rapidamente que para estar num espaço social teríamos também de abrir, de alguma forma, as portas à comunidade, para a comunidade perceber quem nós éramos e o que nós fazíamos. Portanto, para além desses espectáculos para as escolas, em que as escolas é que levavam as crianças, nós pensámos também abrir mensalmente, inicialmente era ao sábado uma vez por mês, nós abríamos as portas com pequenos contos para que a população fosse e assistisse aos espectáculos e percebesse o que nós fazíamos ali. Nunca quisemos que aquilo fosse só para as pessoas dali, até porque já tínhamos um público exterior, uma actividade de algum tempo. A ideia era não ficarmos só fechados no bairro.

E as pessoas iam?

Nós fazíamos esta actividade normalmente aos sábados à tarde e consoante o ambiente que estava ali na zona (que não é um ambiente fácil), umas vezes iam, mas depois iam embora e nem chegavam efectivamente a entrar. Quando as contactávamos diziam que não conheciam bem o sítio... aquilo era uma cave por baixo dos prédios. Nós começámos a perceber que os miúdos iam, mas de uma forma irregular porque os miúdos destes bairros, aquilo é imediato, batem à porta; se é para começar estão lá; de repente não é agora, é daqui a uma hora; e uma hora para eles pode ser 5 minutos e depois aparece outra coisa e eles vão a outro local. Portanto é difícil ter isso certinho, muitas vezes estavam ali e depois quando voltavam já tinha começado. Começámos a perceber que ao longo desse ano em que tentámos fazer essas actividades, tínhamos algumas que corriam muito bem e tínhamos outras que o público não vinha, ou nem sempre estava como nós gostaríamos. Decidimos no ano seguinte, um desafio lançado pela junta, o natal comunitário em que (todos os anos) pedem parceria... A proposta desse natal era que nós nos comprometêssemos a alguma coisa, um compromisso que as entidades quisessem ter com a Junta e então nós que andávamos a ver o que faríamos ali no bairro para que mais gente fosse ou que as coisas funcionassem melhor com eles, lembramo-nos de como somos a Lua Cheia porque não fazer as noites de lua cheia. Então o nosso compromisso nesse ano, nesse natal de 2009, foi que a partir de Janeiro de 2010 todas as noites de lua cheia haveria uma sessão de contos. E aí contos com chá e bolinhos, porque percebemos também, e sabemos, não só os portugueses, já é o *habitué*, sempre que se envolve comida com chazinho e alguma coisa, é mais fácil que as pessoas se sintam de alguma forma atraída. E também são contos à noite, e eles iam começar logo no Inverno, tendo o chazinho para aquecer... O que foi engraçado foi que nós começámos isso realmente em Janeiro de 2010 e era à noite (às 21h00), tínhamos gente de fora e tínhamos gente dali. Ou seja, as pessoas à noite chegavam, para já porque as histórias também atraíam muito e talvez porque estava mais escuro, estávamos em janeiro, não se vê tanto tudo o que está em redor, também já não há tantos grupos separados que podem suscitar o questionamento dos locais sobre o que aqui se passava; muitas pessoas vinham de fora e os grupos de miúdos dali também, porque era fácil com esse horário e os pais sempre deixavam. Portanto foi sempre ali uma coisa que correu bem

e que instituímos e que até agora, aliás este 2018, Maio e Junho, antes de entrar no verão deste ano, foram as últimas apresentações lá das *Noites da Lua Cheia*, embora já estivéssemos aqui na Casa do Coreto, e portanto correu muito bem. Todas essas experiências foram úteis para perceber que, de facto, nós estarmos num sítio como aquele, teríamos de começar a trabalhar também com a comunidade. E por isso surgiram mais projectos, projectos também com a comunidade, de envolvência, projectos mais sociais, porque nós como lua cheia não tínhamos assim tanto essa missão inicialmente, quando nos constituímos como associação, os nossos objectivos, era de facto esta parte toda da criação artística, também da parte da animação socio-cultural, mas nunca neste foco tão pensado, tão social, de envolvimento. Isso aconteceu porque nós de repente, a convite da Junta, ficamos ali num espaço para uma necessidade também que era nossa, ficámos inseridos num bairro social. Apercebemo-nos da necessidade de criar uma relação para criarmos esse trabalho social. Como ele estava a correr bem, em julho de 2010 é quando a Junta, Paulo Quaresma, nos faz o convite para nós abarcarmos um outro desafio, que foi virmos aqui para o centro histórico, para o espaço onde estamos agora, a Casa do Coreto. Isto era uma antiga serralharia, ainda estava assim completamente degradada, estava a ser requalificada toda esta área do centro histórico e a Junta viu que este espaço que estava devoluto, vazio, muito degradado iria ser, ou um armazém ou mais um espaço de restauração como já há muitos aqui, então um centro histórico completamente reabilitado como vêem aqui com este espaço aqui lindíssimo, sem trânsito, com o coreto aqui mesmo, era um espaço importante de ter actividades culturais para a população. Então a Junta lança-nos a nós Lua Cheia o desafio de virmos para aqui, ocuparmos e virmos de facto ocupar este espaço e aí sim ocuparmo-nos de uma programação. Porque até aí nós fazíamos uma programação no outro espaço, pontual, porque nós essencialmente fazíamos itinerância, estreamos lá no auditório que depois passou a ser CCC, fazíamos pequenas coisas no espaço Lua Cheia, mas não tínhamos um espaço de programação regular.

2. Quais considera serem os grandes desafios contemporâneos quando se prepara programação artística? Encontra alterações naquilo que tem vindo a ser a missão da companhia?

O convite da Junta foi feito em Julho de 2010, mas só em 2015 é que estávamos efectivamente instalados na Casa do Coreto e com uma programação regular. Houve um processo também de obras e de preparar o espaço. Concorreu-se ao orçamento participativo - na prática só em 2013, se eu não estou em erro, é que se conseguiu mesmo um apoio efectivo da câmara para se conseguir as obras e em que a Junta também iria apoiar. Durante esse tempo foram feitas coisas muito pontuais aqui, por essas razões. Foi só quando percebemos que iríamos mesmo ter apoios e que era preciso começar a implementar aqui, começámos a desenvolver em 2013 o Teatro e Comunidade. A ideia era que nós quando viéssemos habitar neste espaço, esta população percebesse quem nós éramos, então nós pensámos abrir isto aqui e trabalhar com a comunidade, a quem se quisesse inscrever sem grandes limites de idade, sem oposição de ser só gente de Carnide, embora essencialmente, como é óbvio, foram pessoas de Carnide que aderiram. Nós fariamos aqui uma pequena pesquisa, embora já tínhamos visto e estávamos a trabalhar com uma socióloga que, não é mesmo da nossa associação, mas que já estávamos a trabalhar com ela noutros projectos. Ela tem feito vários projectos em Carnide com a Junta, e tinha feito uma pesquisa grande da zona histórica, pelo motivo de toda a requalificação havia um investimento da junta muito grande e como ela tinha uma recolha bastante grande sobre o passado daqui, da história sobre o comércio local que foi fechando e que outro ainda se mantinha, nós achámos que seria interessante fazer o foco desse nosso trabalho e dessa proposta de Teatro e Comunidade com o foco daqui, da história, das gentes que por aqui passaram, do que este local que agora as pessoas chamam o Largo do Coreto era o Alto do Poço - ainda há muita gente antiga que ainda chama Alto do Poço. Porque existiam aqui poços, porque corria aqui muita água... e então com essa pesquisa nós desenvolvemos o nosso projecto muito com o foco nessas coisas e nesse trabalho, começámos a trabalhar com as pessoas e em 2013 já mesmo com o foco centrado aqui (nem sempre era aqui porque já estavam a decorrer as obras e trabalhávamos ali no Espassus), em Junho já lançámos aqui um *workshop* de marionetas. Marionetas grandes porque eram para uma produção aberta também a qualquer pessoa, com as portas aqui sempre abertas. E como isto estava completamente degradado, foi muito interessante porque chamou muita gente daqui,

que ia ficando, espreitando, porque as marionetas grandes eram como se fossem pessoas daqui, ou seja, as pessoas com quem nós estávamos, os elementos, as figuras que tinham a ver com a história que estávamos a desenvolver e com os pequenos relatos que tínhamos no espectáculo com o Teatro e Comunidade que era um espectáculo de rua, que começava aqui na rua, no Largo. Espaço esse que também já estava em obras, com um acesso complicado, que ainda não estava terminado em 2013, então isto atraiu muito as pessoas. As pessoas vinham aqui e questionavam a identidade das marionetas «quem era aquela pessoa», eram nomes que eles conheciam, quem era aquela figura que tinha a ver com alguém que tinha estado aqui - ainda existem aqui muitos familiares – portanto, foi um trabalho muito engraçado de abrir aqui à comunidade este espaço, e quem é que nós somos, e porquê que é que nós vimos para aqui, porque a comunidade local dizia muito «porque é esta gente que para aqui vem, se nem são de cá, não estão cá sempre. Porque não somos nós, que estamos aqui sempre, que não ficamos neste espaço, porquê esta outra comunidade?»... Contudo, na prática, com tudo pronto, só em 2015 fizemos a reabertura e escolhemos o Dia Mundial do Teatro, 27 de Março, para o efeito. É a partir daqui que nós de facto ficamos aqui, a nossa sede é oficialmente aqui, com todos os escritórios e com o espaço que já nos dava a possibilidade de apresentar os espectáculos e que de facto necessitávamos para que funcionasse já com uma programação regular. Aí nós confrontamo-nos com isso, que é: para programar só com os nossos espectáculos, inicialmente seria possível, mas chegava a uma altura mesmo os que já tínhamos em carteira (porque tínhamos muitos em carteira), tínhamos bastantes mas chegava a uma altura em que eles já teriam rodado - até porque os nossos espectáculos são muito mais vocacionados para a infância, trabalhamos mais com as marionetas e como isto era um espaço também aberto à população e com outro tipo de actividades, que outros tipos de espectáculos trazer aqui? E como os fazemos aqui? Foi aqui, que começou a nossa caminhada mais como programadores. Inicialmente recorrendo muito a colegas e amigos, porque estamos a falar de uma entidade que apesar de ter toda esta actividade nunca teve um apoio regular do Ministério da Cultura. Tivemos alguns apoios pontuais, mas ultimamente não temos tido, embora se concorra, mas estamos a falar em manter um espaço aberto (onde de

facto existe parceria com a Junta), pese embora não paguemos pelo espaço. O mesmo acordo que nos permite trabalhar aqui, os custos com pessoal e despesas de manutenção estão por nossa conta. E nós não temos nenhum apoio para isso. Portanto, começámos a programar nestas circunstâncias e temos mantido a nossa programação com os parceiros que estão disponíveis a vir à bilheteira. Não é fácil manter o espaço aberto, conseguimos mantê-lo também a partir das formações, ou seja, o que mantemos é aquilo o que propusemos manter, desde o início quando a junta nos convidou a vir para aqui. Então nós temos exposições sempre ligadas a espectáculos que apresentamos ou a alguns festivais que entretanto começamos a desenvolver aqui; temos exposições que se podem manter ou ter um período mais curto de vida, dependendo do projecto que é feito; temos feito alguns lançamentos de livros porque mantemos também momentos de leituras encenadas... Mas no geral mantivemos sempre para a população o *Teatro e Comunidade* e a programação passa ainda por fazer espectáculos para adultos, apesar de não ser fácil e as dificuldades serem muitas.

3. Quem são os vossos parceiros e como promovem os vossos trabalhos?

Como parceiros temos a junta; a Câmara como grande parceira que nos ajudou na altura das obras e, tem sido também parceira em projectos específicos. Por exemplo, quando foram os BIP ZIP's não eram só promovidos pela junta mas directamente por nós: actualmente estamos a terminar o BIP ZIP de 2017, que foi o primeiro em que nós tivemos mesmo como promotores e aí, portanto, também com outras entidades, com o Caracol Magnetic, nossos parceiros, que é *A Visita*. Mas no fundo nós temos próprios parceiros daqui, temos estabelecido parcerias com a Azimute, Crescer a Cores e com o Teatro de Carnide. Carnide nesse aspecto funciona um bocadinho também em rede, com os parceiros que estão em rede; com o futebol de rua, nomeadamente, temos tido vários projectos com parceiros locais... não são é parcerias que se mantêm regulares, trabalhamos em projectos específicos, obviamente que o parceiro regular é a Junta. Existe também o Pulsar, em parceria com a Junta que vem no seguimento do Bip-Zip - o projecto da Junta em que nós estamos envolvidos e dentro disso acabam por se realizar certas actividades em parceria. Portanto, na prática existem vários parceiros ao longo do nosso percurso. Também vamos tendo alguns parceiros como

por exemplo o Arte em Rede, espectáculos que foram lançados pela Gulbenkian onde tivemos algumas parcerias e foram momentos muito importantes para nós enquanto entidade. Agora, que estamos aqui, já neste espaço nós próprios às vezes temos alguma dificuldade em ir e necessitávamos de fazer uma busca maior, porque de facto termos um espaço e ter de o programar não é nada fácil. Programar este espaço como independentes é uma actividade mesmo muito, mas mesmo muito precária; ou seja, neste momento é muito difícil, porque não estamos associados, simplesmente ligados à Junta em termos de protocolo: o que resulta em ter um espaço e apoio na promoção nas actividades que fazemos com eles.

Mas é uma marca?

É uma marca sim. Nós temos muita procura, neste momento, de pessoas que nos propõem vir aqui precisamente por causa disso. Lançámos essa marca que foi criada por nós. Quando a junta nos propôs vir para aqui não nos exigiu nenhum nome, seria novamente o espaço Lua Cheia como anteriormente. Enquanto que o Espaço Lua Cheia no bairro era um espaço pequenino, que era só nosso, aqui era o espaço que nós iríamos habitar e acolher não só muitas actividades e iniciativas da Junta, e dos parceiros, mas também onde nós íamos estar com os nossos espectáculos. Ainda fazer uma programação regular - era o que nos tinham pedido e o que nós nos tínhamos comprometido-, então achámos que o espaço deveria ter um nome mais amplo que não só o nosso Lua Cheia. Não foi muito difícil encontrar um novo nome porque isto seria um espaço no meio de tantas casas, era mais uma casa, uma casa maior, uma antiga serralharia e tínhamos o coreto deste lado mesmo aqui em frente. O coreto não deixa de ser uma pequena casa, espaço que desde sempre concentra muitas pessoas e, como tal, ficou a Casa do Coreto.

Nós promovemos os nossos trabalhos de forma imediata, através de todas as redes sociais que existem. Temos consciência de que é o que nos divulga mesmo em termos internacionais e daí termos muita procura por companhias internacionais, que ouvem falar da Casa do Coreto, e querem cá vir, porque chega a todo o lado. Mas isso não quer dizer necessariamente que nos traga público, ou seja, é muito importante as colectividades quererem cá vir, entrar em contacto connosco e até apresentar propostas e compreender a dimensão, mas não é através disto que vem a maioria do

público, tem de ser feito também todo o outro processo da comunicação social, do papel, da *mainlist* e também apostar na divulgação: gostaríamos de apostar mais em *outdoors* e publicidade exterior, mas não temos recursos financeiros para tal. Em Carnide nós tentamos fazer isso com o apoio da junta. Actualmente, a Junta tem um boletim que chega a quase toda população, tem uma agenda própria lá dentro e penso que tem funcionado, porque temos tido pessoas que nos contactam e quando nós perguntamos como souberam da nossa existência dizem que viram na agenda. Para além disso, temos os nossos *flyers*, tentamos divulgar pela cidade. Os *flyers* são de divulgação geral diferente da divulgação que fazemos aqui mensalmente, com excepção de duas coisas que começámos a divulgar como marca nossa: uma é o Festival CuCu, que decorre em Maio para pequeninos, que é um festival composto por teatro, música, dança, literatura, artes plásticas, muito vocacionado para os bebés, inicialmente lançado num fim-de-semana em 2016, que correu bastante bem. Em 2017 passámos para 15 dias com o apoio da câmara (para além de outros) e em 2018 voltámos a fazer e vai continuar como a nossa marca. Começámos também a fazer um desafio com uma colega nossa, as «Gargalhadas na Lua», em Março, em que o foco é essencialmente o riso, o humor, o trabalho do *clown* - palhaço, na sequência de um acolhimento de um espectáculo de *clown*, no sentido mais contemporâneo do conceito. Espectáculos com muita dramaturgia, onde de facto o *clown* é a base, e o humor serve de foco a temas que são importantes para reflectir. E foi quando acolhemos a Eva Ribeiro com o seu espectáculo aqui, a Madame Kill, ela gostou imenso do espaço e disse: eu gostava há imenso tempo de fazer aqui em Lisboa um encontro. Pensou-se inicialmente de se fazer com mulheres palhaças, mas depois resolvemos rapidamente que não e devíamos abarcar todos. Daí surgiu uma mostra de clowns, de humor, de riso, aí nasceu as «Gargalhadas na Lua». É uma coisa que mantemos e tem a Eva Ribeiro e a Catarina Mota que são dois elementos exteriores, mas que trabalham connosco. Elas são as responsáveis artísticas, embora em parceria connosco, de toda a programação dessa mostra.

4. Qual é o quadro orgânico e funcional do grupo? Carecem de recursos humanos?

Carece muito...nós este ano voltámos a solicitar um apoio à Câmara e não sabemos se vamos ter apoio ou não, mas achamos sempre que o que utilizamos é muito baixo.

Solicitámos um pequeno apoio para esses dois festivais, «Festival CuCu» e mostra «Gargalhadas na Lua», mas essencialmente um apoio de uma pessoa ou mais, essencialmente aqui para a produção. Para conseguir manter isto regular. E como se pode verificar, existe sempre uma programação regular. Nós vamos agora abrir dia 01 a temporada e temos o mês de Setembro completo, todos os fins-de-semana e durante a semana há actividades e, isto varia dentro de actividades para os bebés e para as crianças a partir dos 3 anos, para adultos temos lançamentos de livros, *workshops*, oficinas, um espectáculo de clown, só neste mês abarcamos todas essas áreas, para as quais nós nos temos sempre comprometido. Relativamente às nossas próprias criações, neste momento temos feito pequenas criações, em termos só mais do conto e workshops, mas criações de fundo, como nós gostamos de fazer e que são muito a nossa marca, pelo qual também nos movíamos quando viemos para aqui - temos sempre um público que nos segue e que precisávamos de manter, os miúdos vão crescendo mas vão passando a palavra e alguns têm irmãos. Mas ao nível de criações próprias estamos a sentirmo-nos asfixiados. E porquê? Por um lado, pela falta de dinheiro que não temos, porque para fazer essas criações é preciso dinheiro ou tempo, e para ter tempo era necessário termos recursos humanos que é importantíssimo.

Acabam por ser mais produtoras do que actrizes?

Se fizermos um balanço do ano que passou fomos muito mais produtoras do que actrizes e nós gostaríamos de ter isso mais equilibrado, mas é muito difícil, como é que chegamos a isso? Como vamos chegar a esses recursos humanos? É um ponto realmente importante, porque por exemplo nós não temos um técnico fixo, que seria muito importante uma estrutura como esta ter um técnico fixo. Acabamos por abarcar um pouco de tudo. Temos de chamar os nossos colegas, mas ficamos sempre sós. Porque a nossa associação embora tenha os elementos todos nesta área, quando estamos numa base de criação de um espectáculo todos os nossos associados estão ali em pleno a trabalhar nisso; mas regularmente somos sempre nós, somos duas pessoas que estamos no imediato, eu e a Ana (é actriz de formação). Mas que estamos limitadas por essa necessidade e por essa falta de recursos humanos e que mesmo que a gente tente recorrer a todos os locais, Ministério da Cultura, Câmara, tentar esses

apoios... isto é uma «pescadinha de rabo na boca». A resposta que recebemos muitas das vezes é que não temos mais gente a trabalhar connosco. Portanto é difícil eles apoiarem por falta dessa gente. Mas nós precisávamos desses apoios para trabalharmos de outra forma, nós mantemos uma actividade regular, temos uma porta aberta e deveria ser prova para todas essas entidades, que ainda não temos muitas outras parcerias também por falta de apoios. Os recursos humanos são importantíssimos, permitir-nos-ia ter gente que vai angariar novos parceiros e até dinheiros (para que não seja necessário pedir-lhes tanto dinheiro), como isto é difícil fazer compreender acabamos sempre por ser lesados porque se concorremos nomeadamente à DGArtes não temos o pessoal para preencher todos aqueles formulários, então vamos criando ficticiamente.

É um problema de burocratização?

Sim, é uma burocracia. Eu interrogo-me: se me quiserem meter esse pessoal e não me derem esse dinheiro a mim e pagarem a esse pessoal, ou seja, nós não temos propriamente necessidade que nos entreguem directamente o dinheiro. Se quiserem cá pôr o pessoal... Porque todos os acolhimentos que fazemos aqui não iam ficar com 30% de uma bilheteira baixa, nós podemos ter essas pessoas, de facto há aí uma lacuna grande. Conseguimos, mais uma vez numa parceria com a Junta, sei lá, numa altura de um festival conseguimos apoio para mais uma pessoa para a bilheteira (não para a produção!). A Junta tem os seus voluntários ou trabalhadores e, numa coisa muito pontual conseguimos o seu apoio, em situações muito específicas, com o intuito de nos aliviar.

5. A JFC tem sido uma mais-valia efectiva para o desenvolvimento do vosso projecto? Desde que se sediaram em Carnide, denota um trabalho de continuidade no que concerne às políticas públicas para a Cultura?

Em termos da Junta nós sentimos que sim. Eu acho que esta Junta nesse aspecto e mesmo em termos de parcerias estão disponíveis para arranjar apoios - até porque temos um protocolo com eles - mas independentemente disso, se existe um projecto específico, mesmo que seja incerto, a Junta está sempre disponível em colaborar como nosso parceiro. E mesmo que não nos entre directamente o dinheiro, a realidade é que

representa isso, porque para eu ter carrinhas, serviços disponíveis isso tem um custo e nós temos essa relação e facilidade, digo nós, porque apercebemos dos vários protocolos que a Junta estabelece, para além das reuniões com as colectividades que promovem com as várias colectividades (potenciais parceiras). Aqui temos uma série de recursos entre utilizações de carrinhas, fotocópias, é uma coisa muito boa, que acontece desde que estamos cá e continua a acontecer, para além de que em momentos específicos, no âmbito da Feira da Luz, por exemplo, que há uns anos passou a ser organizada pela Junta, a partir desse momento, a Junta mantém uma oferta cultural grande durante o evento. Obviamente que vai buscar artistas de renome e cantores para os eventos da noite para atrair mais gente, mas mantém uma animação e várias actividades em todas as áreas culturais, desportivas, plásticas, ao longo da Feira e durante todo o dia, para qualquer idade, e aí a Junta de facto a quem recorre primeiramente é a nós, parceiros.

6. Quais são os vossos objectivos a curto, médio e longo prazo?

Os nossos objectivos no fundo mantêm-se sempre os mesmos: o da criação, tendo muito também o foco que será uma actividade sempre acessível a todos; manter uma programação; e ter a funcionar esta casa com o público aberto.

Com uma especialização maior, no sentido de cada um ter as suas funções?

E uma equipa mínima teria de ter um técnico e pessoal de produção específico. E o ideal era conseguirmos alcançar isso para conseguirmos manter o foco nas nossas próprias funções. Embora sabendo que queremos manter os acolhimentos e as áreas todas, um espaço preparado maioritariamente para o foco infantil.

7. Quem são os públicos que assistem aos vossos espectáculos? É possível quantificar e encontrar denominadores comuns, nomeadamente, públicos de outras freguesias, cidades, estrangeiros?

Nós temos um público geral. Mas a nossa maioria de público, onde nós conseguimos manter maior impacto é precisamente o mais jovem. E porquê? Porque foi sempre a nossa actividade, nós somos conhecidos muito por essa área, do nosso foco para a infância, do nosso trabalho para a marioneta, porque sempre trabalhámos pensando no actor e na marioneta, esse é o foco e é onde conseguimos chegar melhor.

E sobretudo crianças da freguesia?

Não. (Temos muitas crianças da freguesia obviamente). Neste momento já temos público de todo o lado e nós não podemos dizer que a maioria do público é daqui da freguesia porque não é. Ou seja, eventos comunitários realizados em parceria com a Junta, ou mesmo nossos mais comunitários, dentro do trabalho que desenvolvemos com o *Teatro e Comunidade* vem muita gente da freguesia, mas em geral, vêm de todo o lado. Ainda assim começam a vir mais da freguesia que começa a aumentar, mas não é a maioria.

8. Considera que se verifica um aumento quantitativo e qualitativo do consumo e das práticas culturais na freguesia de Carnide, entre 2007 e 2018?

Sim, há muito mais. Até poderemos às vezes dizer que em alguns momentos há em excesso – isto é, nunca é em excesso (é uma maneira de dizer). O que eu acho que é necessário para a própria freguesia e para os seus fregueses usufruírem mais, e que até usufruem bastante - já vem mais gente aqui da freguesia - e a freguesia não se limita apenas aqui ao centro histórico, as pessoas mobilizarem-se de um lado para o outro. Mas vindo mais gente de fora vem mais gente da freguesia sem dúvida, ou seja, sempre que um espaço (esta é a minha percepção) se alarga e vem mais gente de fora, também me chama mais gente local. Porque nós quando conhecemos uma coisa ali mesmo ao lado preferimos ir um bocadinho mais ao longe, mas de repente quando nós nos apercebemos que muita gente vem de fora, vale mesmo a pena ir ali ao lado.

A interacção maior com a comunidade tem que ver com o projecto *Teatro e Comunidade*, com as animações da Feira da Luz e a Feira de Expressões Artísticas?

Tudo o que temos feito em relação a este âmbito das «Gargalhadas na Lua» e com o que vamos mantendo e mesmo nós com os pequeninos, como temos feito muita coisa aqui no Largo, por exemplo: as Gargalhadas, temos muitos espectáculos que são na rua, e ao longo do ano temos espectáculos de clown que são feitos aqui na rua, o que é excelente e isso foi-nos trazendo um contacto muito maior com a comunidade.

Isso tem um importância estratégica de criar estímulos?

Sim, os workshops desenvolvidos também têm sido bons, e também temos sentido que aquilo que tem trazido mais público é de facto esta diversidade de projectos e de

gentes que temos trazido aqui. Tentamos ter sempre algum conhecimento e alguma qualidade, sendo que isto é sempre muito subjectivo, tudo isso depende dos gostos, mas apesar de tudo acho que existem alguns critérios de qualidade que para nós são importantes. Quando programamos teatro para a infância (não sendo o facilitismo), ter alguns cuidados com a linguagem, como chega a eles, não necessariamente, que todo o tipo de espectáculos seriam aqueles que nós faríamos, porque não, temos a nossa linguagem, mas todos aqueles que nós sabemos que podemos trazer aqui e nós, como programadores e entidade que também faz criações, achamos que sim, que vale a pena ter a porta aberta e trazer cá público para ver esses espectáculos. Aquilo que nós programamos menos e que não fazemos, é por exemplo o *stand up*. Tivemos só uma experiência e temos novamente programado para breve *stand up* mas é uma coisa muito específica: é um espectáculo que é do Ricardo, ele é cego, a web dele é *WebV*, ele é Professor na Escola Superior de Dança, tem esse website onde ele promove e divulga também muitos eventos e actividades culturais e entretanto pediu-nos para apresentar o seu espectáculo. Temos também um projecto que desenvolvemos que é o *Selfietelling*, um projecto do Pedro Gorja que é nosso associado, um actor conhecido que entra em alguns dos nossos espectáculos, é um projecto dele com a Fátima (a socióloga que tem trabalhado sempre connosco). É um projecto deles e é também precisamente um projecto à volta do conto, da palavra e de contar histórias, histórias pessoais. São *workshops* que eles vão desenvolvendo e depois resultam sempre num encontro e numa mostra da história que optaram para cada um para partilhar com o público; eles também têm trazido muita gente e tem sido muito interessante esse trabalho aqui.

Já pensaram ter alguma parceria com a restauração local?

Sim, temos feito alguma parceria, temos agora uma grande parceria com «O Coreto», o restaurante-quiosque... mas nós precisamos mais deles do que eles de nós, eles estão sempre cheios, já fazem muitas parcerias com a Junta, e apesar de tudo temos algumas parcerias com eles. Colocam alguma programação dentro dos estabelecimentos, temos uma parceria com a padaria que colabora com alguns projectos, embora terá de ser uma parceria mais pensada. Também não conseguimos ainda reunir com todos eles e gostaríamos de reunir com todos em simultâneo.

Estabelecemos alguns acordos mas gostaríamos de perceber o que poderíamos criar de mais especial, que é aí a maior dificuldade.

9. Considera que as acções teatrais da Lua Cheia, nomeadamente aquelas que estão integradas em grandes eventos como é o caso do Festival Aplauso, a Feira de Expressões Artísticas de Carnide, Feira da Luz, etc., tem sido uma forma eficaz de formar novos públicos?

Quer dizer, de formar novos públicos...não sei se são essencialmente nessas acções. Acabamos por estar sempre a formar novos públicos à medida que vamos com uma actividade não é?

Mas esse tipo de eventos move muita gente?

Sim, move muita gente. Mas eu não sei se estou propriamente a criar novos públicos. Eu acho que é importante estar lá. E eu acho que estou essencialmente a criar e a manter viva (nestas actividades mais públicas), a necessidade e a percepção de que precisamos de Cultura, precisamos das artes, precisamos também de nos alimentarmos disso. Não é por acaso que a Junta teve que fazer uma grande aposta cultural, porque a Feira da Luz tem anos e anos, e sempre teve lá os vendedores. Mas porque é que agora traz uma aposta tão grande e uma oferta tão grande ao nível cultural? Porque isso também atrai público! Isso é formar novos públicos? Não sei em que sentido. Porque sim podem ser novos públicos só de coisas de rua, se calhar. Há públicos que vão e que só gostam do que se passa na rua e há outros que só vão a espectáculos de sala. Na realidade, se nós conseguirmos que as pessoas vão sentindo essa necessidade e vão recorrendo aos sítios quando de facto eles têm oferta cultural, poderemos considerar que isso é criar novos públicos, porque pelo menos as pessoas vão sentir essa necessidade.

Mas acredita, que uma criança ou um adulto vai ver uma animação na Feira da Luz e vai dizer: «afinal quem é este grupo? O que é o teatro de marionetas?» Depois procuram e descobrem a Casa do Coreto e a Lua Cheia e vão assistir aos espectáculos?

Essas de rua também. Não têm de se fazer necessariamente na rua, muitas vezes já fizemos coisas com a Junta inclusive, em que eles compram os espectáculos, ou as

actividades, dentro do âmbito deles, das colónias artísticas, das colónias de férias, e depois temos algumas crianças que viram dentro desse âmbito e querem voltar e trazem os pais. Já nos aconteceu, isso sim, fazer na Feira da Luz e divulgarmos noutros locais públicos e isso trazer outras pessoas. Assim como quando fazemos aqui fora, mas penso que isso também acontece quando fazemos os espectáculos dentro da sala, ou quando eles vêm com as escolas.

Há um aumento quantitativo dos públicos na vossa programação? Sente isso?

Sim, e esperamos que sim. Em geral temos um aumento, mas depois temos momentos, por exemplo na altura do «Festival CuCu», que esse é um festival que apesar de estar com uma enorme adesão, algumas coisas têm uma limitação mais limitada. Depois dependendo das coisas que apresentamos, das próprias caras que fazem parte ou não parte do cartaz, mas que também são importantes para as pessoas irem conhecendo o espaço, mas sim... e mal de nós se ao longo de todo este tempo que estamos aqui (desde Março de 2015) não fossemos sentindo que vai havendo um aumento de público. Não nos valia a pena continuar com este investimento, estas coisas não são logo de imediato, mas há um crescendo sem dúvida.

10. A JFC funciona para os vários grupos locais como coordenadora da chamada Rede Cultural de Carnide. Sob algum meio são discutidos diferentes papéis de actuação pensando à luz da escala local? Uma complementariedade?

Essencialmente, embora agora até se esteja em altura de nova mudança do que possa ser a nossa Rede de Cultura ou pelo menos do que se possa fazer. Há um momento que se pensa de forma estratégica, pelas coisas que nos movem e unem. Porque cada grupo ou entidade tem o seu projecto, tem o seu tipo de programação, tem as suas coisas, mas de facto o que se faz em comum e o que serve muito essa rede são aquelas iniciativas que partem da Junta. Ou mesmo que tenha sido algum parceiro a lançar a proposta, a Junta abraça essa iniciativa e passa a ser uma iniciativa em que a autarquia divulga ou promove, como por exemplo as acções no Dia Mundial do Teatro, é importante isso. Nesses eventos específicos sim, aí é muito importante esta rede, porque as coisas são muito discutidas, lançadas e criadas em conjunto. Por exemplo, a determinada altura decidiu-se que existisse cadeiras e homenageados, os nomes são

lançados por toda a rede e no fundo, aquele que fica é obviamente a Junta que terá sempre a última palavra, se houver um empate é ela que desempata, mas no fundo são coisas que são discutidas em rede entre todos e que é por consenso que lá chegamos. E se um ano é uma entidade ou outra que se encarrega mais de um espectáculo comemorativo, esta passa a propor determinados detalhes, nomeadamente a decisão de abraçar ou não outras associações para essa acção concreta. Quando foi com o António Torrado, nós já tínhamos o espectáculo dele trabalhado e nós dissemos: «nós gostaríamos muito de abarcar o espectáculo de homenagem ao António Torrado.» Não gostaríamos de estar sozinhos e fizemos parceria com a associação Tenda. Essa escolha é feita em conjunto e estamos todos envolvidos. Isso eu penso que sim, não em toda a actividade que todas as entidades fazem, como é óbvio, mas nesses momentos fortes é uma aposta da Junta, em que é para a comunidade e onde se propõem também os dias do vizinho. Não partem da rede da cultura, é da área mais social, mas na prática esses eventos são sempre todos ligados.

Nos dias do vizinho realizam-se por exemplo arraiais?

O dia do vizinho, aqui no centro histórico acontece na Casa do Coreto, é um jantar em que as pessoas trazem comida e que há também toda essa parte cultural, quer na rua, quer aqui dentro, toda uma animação e estrutura em que acontecem várias coisas, onde os vários parceiros contribuem com várias acções. Já no Bairro Padre Cruz e Bairro Horta Nova, já é diferente porque são bairros muito maiores, normalmente têm lugar os almoços comunitários, mas que se mantêm desde manhã até ao final do dia. Eventos desportivos e culturais, e aí existe também essa tentativa de em conjunto percebermos o que é que cada entidade pode fazer. Aqui, mesmo no centro histórico, talvez o dia do vizinho seja aquele evento em que a parte cultural tem um maior peso, embora não partindo de lá. Porquê? Porque é mais pequeno, porque centra-se dentro desta casa e é um sítio mais fechado. Como é um evento realizado mais no final do dia, a partir das 18h00, há uma concentração e procura de ter sempre uma linha cultural (também porque somos nós que estamos aqui na casa), mas também são muitos parceiros aqui envolventes que trabalham na cultura, como é o Teatro de Carnide e o Teatro do Silêncio, e então, há essa preocupação de criar aqui uma linha, de facto, em

que existe um tema e em que o que acontece e é feito tem por base esse tema, aqui há mais esse foco principal.

Com que regularidade acontece especificamente os dias do vizinho?

Os dias do vizinho é uma vez por ano, no mês de Maio, que não sei precisar o dia correcto, dentro dessa semana que aproxima o Dia Internacional do Vizinho. É sempre uma sexta-feira, sábado e domingo, ou seja, na sexta-feira é sempre aqui para ser sempre no final do dia; no sábado é no Bairro Horta Nova; e no domingo é no Bairro Padre Cruz. Depois existe também o 25 de Abril que acontece aqui. Eu penso que esses eventos que a Junta tem a seu cargo, que desenvolve com os parceiros e os promovem, são muito trabalhados em Rede.

11. Considera que a Cultura tem vindo a desenvolver um papel central para o poder local?

Eu acho que sim, sem dúvida.

12. Considera a visão da JFC pertinente?

Sim, sem qualquer dúvida e a mostra disso também está no fluxo de pessoas que vão estando cada vez mais, mesmo nestes eventos de rua.

13. Encontra alguma lacuna na oferta artística de Carnide?

Assim, propriamente, em termos de oferta artística não poderei considerar. Eu acho que existe de tudo um pouco, em termos de cultura e dentro do que esta área permite um bocadinho.

14. Há uma preocupação de nacionalização ou internacionalização do vosso trabalho?

Nós temos sempre essa preocupação, com tudo o que tem a ver com os acolhimentos e com as nossas criações, embora continue um bocadinho adormecida devido à nossa sobrecarga de trabalhos, basicamente em manter esta casa a trabalhar. Agora que ela já está a funcionar mais e já mantém um público regular, nós necessitamos mesmo de colmatar essa lacuna dos nossos recursos humanos para que nos libertem a nós para voltar a esse investimento, porque nós já fizemos coisas fora, já fomos ao estrangeiro, éramos uma companhia que vivíamos essencialmente da itinerância. Nós continuamos

a fazer coisas e a ir para fora este ano, Abrantes e outros locais. Mas já não fizemos a itinerância que é habitual (ou tanto) como tem sido a nível nacional, pois estamos muito concentrados nesta parte da programação. Nós queríamos que em 2019 fosse possível retomar essa itinerância e essa projecção internacional que consideramos muito importante.

Através das publicações da JFC, nomeadamente dos boletins, das agendas culturais, e da programação do CCC que podem ser encontrados no sítio electrónico da JF, fiz um levantamento exaustivo do número de acções e sessões de teatro produzidas (ou co-produzidas) pela Lua Cheia – Teatro para todos e evidenciei um forte declínio de iniciativas entre 2011 e 2017. Considera que se trata de uma carência de comunicação, ou realmente têm produzido menos nos últimos anos?

Esta informação está muito incompleta, nós temos muito mais do que é publicado, por exemplo temos muitas acções que são com escolas que podem não aparecer aí divulgadas, porque são fechadas e depois temos por exemplo outras coisas em termos de programação regular.

Imagino de que o vosso trabalho seja maior do que está expresso nesta tabela?

Tomando exemplo a programação de 2018, a partir do dia 1 temos a casa cheia, mesmo com coisas nossas, aliás temos o Teatro e Comunidade e Selfietelling. Como coisas de Lua Cheia, em termos de espectáculos e ofertas de espectáculos ou de criações, existem menos realmente agora, pelo facto do que eu acabei de dizer, nós temos menos criações novas porque à medida que trabalhamos para manter isto aberto não temos tanta disponibilidade para as novas criações. Ainda assim fazemos sempre alguns trabalhos, nomeadamente pequenos contos, e mantemos para escolas, isto é um número que não é de todo correcto.

2017 também foi um ano em que houve uma menor regularidade de divulgação dos boletins, logo limita muito, não?

Mas mesmo assim temos mais do que é divulgado. Se nós formos ver o número de sessões, se nós contarmos sessões e acções de teatro, nós podemos considerar por exemplo com o Teatro e Comunidade que mantivemos desde que começamos aqui, que são sessões ligadas ao teatro, terminam sempre com uma ou mais apresentações,

logo por aí em termos de número de sessões é superior [à tabela que apresenta]. Se formos contabilizar todo o mês de Janeiro de 2017, nós tivemos o espectáculo *À procura do ó-ó perdido* em cena, aqui, quando normalmente estamos em cena temos sempre o fim-de-semana, sábado e domingo duas sessões e durante a semana para as escolas, portanto isto não reflecte a realidade.

Confirma então que seja uma carência de comunicação?

Eu penso que não seja apenas comunicação. É isso que a gente na rede de cultura se tem debatido: como é que a produção artística local é divulgada? Aqui houve também algumas coisas que têm que ver com a mudança e com as próprias alterações da Junta, mas também tem a ver com meios para divulgação, ou seja, há muita oferta e há muita coisa aqui na própria freguesia...de repente ou bem se quer uma agenda cultural, como já existiu, mas tem um custo que nem sempre é suportado. Há momentos ou porque os boletins não saem com tanta regularidade (que agora já estão a sair com regularidade), mas houve uma altura que eles eram publicados de forma mais espaçada. Ou porque de facto há tanta coisa que lá não cabe. É divulgada uma coisa de uma entidade, outra de outra, uma de relevo, outras não são sempre contabilizadas, logo não posso considerar estes números reais.

A programação da Casa do Coreto passa pela divulgação através do *site*? Tem algumas dificuldades financeiras para manter a programação actualizada nos meios electrónicos?

O nosso *site* tem um ou outro momento que pode estar desactualizado, porque também não somos nós que actualizamos directamente. Só em Janeiro de 2018, no dia comemorativo dos 20 anos de criação da companhia é que nós conseguimos lançar o nosso novo *site* actualizado e que é muito diferente do anterior. Mas é também através do Facebook, que mantemos actualizada a informação relativa à Lua Cheia e à Casa do Coreto.

15. Independentemente dos lapsos de informação dos dados referidos anteriormente, entre 2011 e 2017, encontra explicação para a Lua Cheia ter participado menos em projectos para e com a comunidade?

Estes aqui como comunitários até nem tanto. Em 2017 começou o Bip-Zip e surgiram imensas coisas que aconteceram com a *Família Realto*, em que fomos os principais promotores e em que fizemos com eles imensas actividades, tudo isto é comunitário, portanto tudo isto é irreal.

16. Quais as maiores vantagens dos projectos de acolhimento?

As vantagens financeiras não são essenciais nos acolhimentos que fazemos aqui, isto porque nós acolhemos à bilheteira. A grande mais-valia para nós e o mais importante é conseguir uma programação regular, não só porque é o nosso compromisso com a Junta (em manter o espaço aberto), mas também porque de facto a única forma de manter uma casa deste género, que vai criando hábitos culturais, que vai ganhando público e que de facto vai criando novos públicos, é manter uma programação regular, portanto para isso são importantes estes acolhimentos de várias áreas porque trazem diferentes pessoas e um público diversificado.

17. Quais são os critérios de programação para a Casa do Coreto?

Agora, nós tentamos sempre que exista um período alargado de espectáculos para bebés e infância. O primeiro fim-de-semana que possa ser só para bebés, mesmo que haja para mais crescidos. Ter uma programação sempre permanente e regular entre um a dois fins-de-semana como mínimo para a infância, é muito a nossa área e o nosso público, as pessoas em geral procuram estes trabalhos. Temos o «Festival CuCu» que traz sempre muito público, e para manter esse público fidelizado temos sempre no mínimo um ou dois fins-de-semana que poderá ser maior. Manter alguma programação na área da marioneta que pode ser para a infância ou não (para adultos, por exemplo). Porque nós identificamo-nos muito como um espaço que trabalha com a marioneta. Portanto, é manter a marioneta, manter o foco para a infância, mas também poderá ter adultos.

Esse contacto com a marioneta começou como gosto pessoal?

Nós sempre trabalhámos com a marioneta, porque quem trabalha com a infância trabalha um bocadinho com o objecto e a marioneta. Sendo que a marioneta pode ser um objecto qualquer, não tem de ser especificamente um boneco, por isso o trabalho com marionetas tem a ver com esse trabalho de imagem e objecto. Logo nos inícios

encontrámos Pascal Sanvic, que é nosso associado e o autor do espectáculo *À Procura do ó-ó perdido*. Nós cruzámo-nos com ele no Centro Cultural de Belém, no *Workshop* da Madalena Vitorino, um curso de teatro para bebés, onde começámos a trabalhar desafiando o Pascal a ser o nosso associado e a desenvolver connosco trabalho. Foi aí que criámos o espectáculo *A Joana está na Lua*, que aliás se transformou em história de livro e essa foi outra aposta da nossa associação: a edição de livros. Conseguimos editar apenas dois, porque fazíamos muitos espectáculos, muita itinerância, o Ministério da Cultura comprava muitos espectáculos para a itinerância e pediu-nos a nós esta loucura de iniciar esta colecção de Teatro ao Livro.

18. O que é que o Teatro para escolas representa para a vossa companhia? Quais as principais dificuldades para este tipo de programação?

Temos pequenos contos que são pensados com a possibilidade de ir à escola para pequeno público, salas pequenas, uma sala de cada vez, onde nós mantemos uma estratégia em que o conto por exemplo tem uma iluminação, uma música, é criado como se fosse um espectáculo. É um conto pequenino, mas em que nós criamos condições como se fosse um espectáculo, porque nós vemos a importância do teatro como um todo. Os outros espectáculos não são idealizados para o contexto escolar, é muito difícil porque requer que a escola tenha espaço, implica na véspera ir montar e desmontar e ter de levar muito material técnico, sem tudo isto não é possível criar um espaço em condições. Sempre preferimos e fizemos espectáculos em que as escolas vinham ao teatro. Fizemos muita coisa, por exemplo, no Museu da Marioneta, quando estreávamos já tínhamos as sessões de escolas todas esgotadas. Nós poderíamos num mês fazer quarenta e tal sessões ou mais. As escolas deslocavam-se. Acontece que a determinada altura, primeiro com a situação do transporte escolar em que as crianças não podiam ir de qualquer maneira, são exigidas condições mínimas de deslocação, seguido com a crise em que as pessoas tinham pouco dinheiro para pagar os autocarros mais caros e, no seguimento disso, pelo motivo de que muitas companhias começaram a ir às escolas, as escolas começaram a sair menos. E foi a partir daí que começámos a fazer muito menos espectáculos para as escolas. Nós vamos com muitas pequenas animações, mas com muito menos espectáculos.

A escola vir ao teatro e o teatro ir à escola é uma experiência totalmente diferente não é?

Sim, mas acho que é tão importante a escola vir ao teatro, é uma experiência muito mais enriquecedora. Por mais condições que possamos criar lá, não deixa de ser a escola, não deixa de ser aquela envolvência de escola, de ter aqueles ruídos da escola, de estar o professor mais descansado porque está na escola, é diferente. E para nós dá-nos um gozo tremendo acontecer uma coisa como aconteceu este ano no «CuCu», que é para pequeninos... conseguimos que viessem cá crianças pequeninas, inclusive bebés. E qual o nosso espanto quando num fim-de-semana, estava aberto um espectáculo para adultos e um pai puxado por um miudinho que nem sequer tinha 2 anos, que mal falava, mas dizia que queria vir aqui (o miúdo tinha vindo com a escola ver um espectáculo no âmbito do «CuCu»). O pai ficou a estranhar imenso; ele conhecia o espaço e começou mesmo (a falar mal) a fazer o pai sentar ali, a ver os livros que tínhamos e a ir ao restaurante, depois veio o resto da família para ver o que se passava porque o miúdo não sossegava. O próprio pai disse-nos que não queria acreditar e que ele quis logo vir aqui. Acabaram posteriormente de vir ver um outro espectáculo com o miúdo. É por isso que temos de ter muito cuidado com o que apresentamos, porque os meninos pequeninos absorvem tudo, ficam com tudo, eles não esquecem. É preciso ter vontade de estimular isto, esta vontade e este gosto.

19. Considera que é possível para a JFC constituir uma comunidade?

Sim, por um lado sim, embora não seja em termos de toda a freguesia. Esta parte do centro histórico, talvez porque seja mais pequena, venha mais gente de fora, poderíamos incluir também a Quinta da Luz ou Telheiras, por outro lado, existe ainda uma comunidade muito fechada no Bairro Padre Cruz e no Bairro da Horta Nova. Mas é difícil dizer se todas as pessoas tem esse espírito de comunidade, porque Carnide é muito grande.

Muitas pessoas ainda pensam o centro histórico como a verdadeira terra de Carnide?

Umas sim, outras não, como as dos Bairros. Qualquer das formas não sei responder a esta questão, teria que me debruçar mais nisto. Poderei dizer que algumas pessoas sim, mas se são todas não sei. De alguma forma é uma marca em que as pessoas

ouvem falar muito e que procuram. Contudo, gostaria que se conseguisse manter esta marca lisboeta na freguesia, mantendo os costumes e tradições das pessoas.

Anexo 9.5. Questionário ao Paolo Gorgoni - Técnico da área cultural da JFC

1. Poderia falar um pouco da altura em que teve o primeiro contacto com Carnide: como surgiu essa oportunidade?

A oportunidade surgiu dentro do programa de intercâmbio Erasmus+. A minha candidatura para participar no Serviço de Voluntariado Europeu foi aceite e embarquei na aventura.

2. Que tipo de funções desenvolvia dentro da autarquia?

Dar apoio às iniciativas da JFC inerentes à área da cultura, mas não só. Organização de eventos culturais, gestão de contactos, comunicação, preparação dos eventos, colagem de mupis, entrega de materiais informativos, fotocópias, e-mails, telefonemas, pesquisa de informação, actualização de arquivos, recolha de materiais. Em poucas palavras, tudo o que precisasse de apoio podia vir a ser apoiado pelo voluntário, especialmente na altura dos eventos maiores, como a Feira da Luz: durante esses momentos, vive-se literalmente em Carnide.

3. A partir da sua experiência nesta área (enquanto técnico do pelouro cultural da JFC) quais considera serem os grandes desafios contemporâneos quando se prepara programação artística? Qual era a visão do executivo?

A JFC inclui áreas muito diferentes e não é sempre fácil criar eventos e oferta cultural que se adapte a todos os diversos moradores dos bairros que constituem a freguesia. Apesar do executivo realizar muitas e diversas iniciativas, tive a sensação que algumas populações nunca foram realmente e consistentemente abrangidas. O executivo propõe muita coisa para Carnide. Mas os participantes às várias iniciativas são com alguma frequência os mesmos, e perguntei-me várias vezes se a proposta cultural responderia às necessidades dos moradores ou simplesmente um programa pensado por poucos, na base da disponibilidade material e humana da Junta, sem recolher realmente a opinião das populações mais marginalizadas da freguesia.

4. Quais eram os critérios para a vossa programação?

A programação, verdade seja dita, teve sempre que entrar dentro dos orçamentos disponíveis, por isso nem sempre todas as ideias foram realizáveis. Porém, a sensação principal foi sempre que, por um lado a JFC promovesse uma grande identificação dos moradores com a freguesia; com a escolha de artistas conhecidos, mas principalmente locais; por outro que a JFC fizesse questão de mostrar a nível municipal um compromisso e uma capacidade organizativa à altura das expectativas.

5. Encontra importância estratégica no sentido de criar maior adesão local, através de estímulos duráveis à criação e criatividade culturais em diferentes espaços sociais, e sob diversas formas?

Sem dúvida a promoção do sentimento de “pertencer à freguesia” é estratégica para a criação dum clima comunitário. Mas o problema de Carnide é que é relativamente fácil alcançar quem vive no Coreto ou centro histórico de Carnide (brancos, adultos e não pobres), com iniciativas culturais pensadas por pessoas do mesmo meio. O desafio maior é abranger as outras populações da Freguesia, mais marginalizadas ou com menor acesso aos recursos.

6. Considera que a Cultura tinha um papel central para o poder local? Porquê?

O departamento de cultura em Carnide tem tido um papel central, pois interagia transversalmente com outros pelouros. Especialmente no âmbito da educação e juventude. No ano em que eu fiz o meu voluntariado, senti que na programação cultural fez falta um trabalho político de educação às diversidades, por exemplo: o único evento LGBTQ do ano foi a projecção do filme PRIDE na biblioteca Natália Correia, organizada pela AMPLOS e com a coordenação da atriz e coordenadora da biblioteca Eva Barros. O ponto é que o voluntário chega e pensa em contribuir para a programação cultural, mas a verdade é que a programação já existe e dificilmente vai ter alterações consistentes ao longo da experiência.

7. Que tipo de estímulos existiam para a criação cultural e artística?

No ano do meu voluntariado existiu um projeto de teatro comunitário, por exemplo, que envolveu principalmente os participantes dos vários cursos da academia sénior. Foi uma bela iniciativa, mas no que toca à terceira idade, a abordagem que eu vi era pouco aproximativa e superficial (exemplo: 10 pessoas preparam uma música que

necessita de ser cantada durante um espectáculo, mas em vez de contratar um diretor de coro e/ou professor de canto que lhes ensine os básicos e trabalhe a música com eles, basta o animador cultural disponível, mesmo que não tenha competências musicais específicas. Leia-se: os velhotes vão divertir-se e é o que interessa). Volta a existir um ponto crítico: os idosos da academia sénior não são todos os idosos da freguesia, mas apenas um círculo de pessoas que maioritariamente já se conhecem.

8. Quais eram os vossos objectivos a curto, médio e longo prazo?

A minha ideia é que um dos objectivos principais fosse tentar manter a freguesia viva e funcional para quem lá morasse, especificamente a programação cultural não me parecia focar-se durante muito tempo nos mesmos temas de forma que fossem trabalhados em comunidade, mas volto a repetir: é difícil e redutivo fazer uma análise baseada numa experiência curta como a minha.

9. Havia na programação cultural uma maior atenção ao público sénior e infantil ou ao público em geral? Essas soluções faziam parte de uma estratégia?

Havia uma atenção especial para as crianças e o público sénior, mas lá está, a sensação é que o objetivo fosse principalmente mantê-los entretidos em vez de lhes providenciar ferramentas de empoderamento pessoal.

10. Durante o tempo que exerceu funções na Junta, considera que se procurava um aumento quantitativo e qualitativo do consumo e das práticas culturais na freguesia de Carnide?

Não. Apesar de eu ter tentado introduzir temas que não eram debatidos, não foi fácil inserir nada numa programação tão vasta e cheia. Muitas ideias eram até consideradas e avaliadas, só que existia já um plano de acção muito definido.

11. Havia uma preocupação por equilibrar a programação do CCC por domínio artístico?

O CCC teve de tudo um pouco, mas com uma prevalência de músicos, ao meu ver. A minha tentativa de trazer exposições de artistas visuais de fora não correu bem, mas foi também porque estava a ser gerido um projeto maior em colaboração com a Galeria de Arte Urbana, que teve muito êxito.

12. Encontra alguma lacuna na oferta artística de Carnide?

Falta tudo o que é queer. A cena artística que eu vi é (hetero)normativa e igual a si mesma. Numa freguesia em que há populações de qualquer tipo, não vi empenho ao tratar assuntos complexos e atuais como racismo, homofobia, saúde pública, direitos laborais. Existem imensos artistas em Lisboa a trabalhar estes temas. Eu vivia na cidade há muito pouco e não tive capacidade para os propôr, mas também parece que Carnide gostasse mais de contos de fadas, música pimba, panem e circenses.

13. Existem iniciativas várias para a infância e para a terceira idade. Havia uma fraca participação pela geração adulta? Se sim, qual/quais o(s) motivo(s)?

A meu ver a participação não era exatamente fraca, só que, ao conhecer pessoalmente algumas das pessoas da freguesia, percebi que é necessário dar maior qualidade ao trabalho que se faz com elas. Menos coisas, até, mas feitas com mais dignidade e profissionalismo.

14. Qual é a importância que a Feira da Luz representa para a freguesia? Que oportunidades traz ao associativismo local? Relativamente à exposição dos seus trabalhos, de que forma isso podia ser uma mais valia para os grupos?

A Feira da Luz é um evento gigante, sobretudo em termos de duração, mas também pela quantidade de coisas que lá são expostas. Parece-me que se trata de uma ocasião em que muitas associações colaboram e criam em conjunto, unem as forças. Por esta razão, tem uma importância enorme e oferece a possibilidade aos artistas de serem conhecidos.

15. Em eventos como este, a Feira da Luz, por exemplo, movimenta milhares de pessoas, considera que estes eventos estão a criar novos públicos para as artes e para o teatro em particular?

Sim, eu acho que eventos como a Feira da Luz têm este potencial e é por isso que deveriam apostar em coisas novas, propostas alternativas, grupos de fora e temáticas sociais que acabam sempre sendo silenciadas (equidade de género, direitos e cultura LGBTQ, debate sobre o colonialismo).

16. Havia uma preocupação de nacionalização ou internacionalização do trabalho artístico da freguesia?

Pareceu-me sempre tudo bastante nacional, quando não apenas local de Carnide.

17. Fez parte do processo do vosso trabalho identificar as vontades e necessidades da população envolvente?

Não foi especificamente parte do meu trabalho, embora o CCC e a Biblioteca tivessem um papel de proximidade e de trabalho no terreno.

18. Alguma vez foi medida a percentagem de cardinenses que assistia a espectáculos de teatro?

Que eu saiba, não

19. Quais as vantagens de criar projectos que pressupõem um grande envolvimento da comunidade?

A interacção ativa com a comunidade, até na criação e no planeamento, garante o protagonismo das pessoas na cultura local, em vez de gerar apenas um mecanismo de oferta que vem da cabeça de poucas pessoas.

20. Quem eram os públicos que participavam nas actividades culturais (e especificamente nas acções teatrais) promovidas pela junta? É possível quantificar e encontrar denominadores comuns, nomeadamente: públicos de outras freguesias, cidades, estrangeiros?

Diria principalmente Carnide-centro nas atividades teatrais, mas posso ser eu a ter uma impressão errada.

21. Considera a visão da JFC pertinente?

Considero a visão da JFC próxima dos fregueses, mas ainda a caminho duma inclusão maior e mais autêntica de todos e todas. É tudo muito “família-idoso-criança”, mas deve existir também solteiro-negro-profissional do sexo-utilizador de drogas-órfão-trans-cigano e esses grupos de pessoas ainda não faziam parte da narrativa cultural da Junta, apesar de estarmos em 2015 na altura.

22. Considera que é possível para a JFC fazer da freguesia uma comunidade?

Considero não só possível, mas muito desejável. A freguesia tem potencial e, tirando pontos críticos, muito trabalho foi feito e está a ser feito até aqui.

Anexo 9.6. Entrevista a Paula Granja – Secretária com os pelouros da Cultura e Gabinete do Idoso da JFC

1. Tendo em conta que tem sido a vogal responsável pelo pelouro da cultura da JFC desde 2012, considera que a Cultura tem vindo a desenvolver um papel central para o poder local? Porquê?

Sim. Essencialmente é uma freguesia muito vocacionada para a área da cultura e não é por acaso que neste território existem tantas associações de âmbito cultural, comparativamente com outras zonas da cidade, porque desde sempre houve alguma tradição a esse nível aqui em Carnide, nomeadamente, no que diz respeito mais especificamente à área do teatro e como é óbvio, não posso deixar de não falar do Teatro de Carnide que é um grupo que existe há muitos anos. E, que, realmente Carnide foi reconhecido no meio artístico muito devido ao trabalho que tem sido desenvolvido ao longo dos anos pelo Teatro de Carnide. E, como tal, é uma área que nós enquanto autarquia local sempre acarinhámos e tentámos que ela fosse sempre consolidada ao longo dos tempos e tentámos também que Carnide fosse sempre revitalizada e que viessem vários grupos para aqui desenvolver o seu trabalho.

Portanto, havia uma grande ligação de proximidade com a junta e esses grupos?

A Junta sempre tentou dentro daquilo que são as suas competências e a sua possibilidade de apoio, apoiar todas as entidades culturais, nomeadamente as suas actividades. Não que as associações e grupos dependessem exclusivamente deste apoio da Junta, mas que fosse uma ajuda para eles desenvolverem o seu trabalho. Foi esse o nosso caminho, para além das várias iniciativas que vamos tendo ao longo desses anos nessa área, foi sempre motivar e apoiar, dentro daquilo que são as possibilidades da Junta, seja através de cedência de meios ou apoio financeiro, apoiar estas estruturas, nomeadamente com a cedência de espaço para eles desenvolverem a sua actividade. Porque existem alguns grupos, mesmo que não tendo uma sala de espectáculos, têm o seu escritório aqui, no edifício da Junta de Freguesia, onde eles podem ter acesso a um telefone, o acesso à internet e um espaço onde podem guardar pequenas coisas, portanto ser a sua sede, o seu escritório. Inclusivamente ajudá-los,

por exemplo se for uma associação, ajudá-los a nível da legalização da sua própria associação, apoiando a sua localização.

2. Quais são os grandes desafios contemporâneos quando se prepara programação artística? Durante este percurso encontra alterações naquilo que tem vindo a ser a visão da JFC?

Sim, porque os tempos também mudam. Eu já estou em Carnide (não ligada à Junta de Freguesia) há tantos anos, mas por exemplo ao nível do teatro: eu também pontualmente faço algumas coisas ligadas ao teatro e a oferta que existe ao nível da cidade de Lisboa e do país, não é comparável com aquela que existia há anos atrás e, como é óbvio, a Junta de Freguesia tenta acompanhar esta evolução. E com esta evolução tentar arranjar estratégias que possam incentivar os grupos que aqui existem a realizar e a fazer a sua programação. Porque, efectivamente, nós não temos qualquer tipo de influência na programação de cada associação, temos projectos que são feitos ao longo do ano, podemos falar das comemorações do Dia Mundial do Teatro por exemplo, que, aí sim, sempre nós temos alguma interferência na programação, mas tentamos interferir o mínimo possível. Não é nossa intenção substituímo-nos às associações e à programação que elas fazem.

Portanto, ter um papel facilitador?

Sim. E conseguimos isso quando temos uma rede de cultura que reúne mensalmente ou de dois em dois meses sempre que possível, onde estão representadas todas as forças vivas da cultura que trabalham nessa rede. O nosso objectivo é a partilha e a participação deles, não só nas iniciativas da Junta como também poderem trabalhar em conjunto e poderem recorrer não só à Junta, mas aos parceiros locais.

E qual a diferença de visão entre a abertura do CCC, por exemplo, e a actualidade?

O CCC, por exemplo, neste momento tem muito mais programação e mais procura do que em 2011, porque começou a ser um espaço conhecido. Não só houve esta evolução porque nós não pretendemos que aquele espaço seja só para as entidades só aqui da freguesia, mas que seja um pouco mais alargado e que possa receber entidades externas, actividades de várias áreas para que possamos também aqui começar a ter uma corrente de público. Não só aquele que reside aqui em Carnide,

mas que venha do resto da cidade de Lisboa, para que o CCC possa ser conhecido como mais um pólo cultural que existe na cidade.

3. Denota um trabalho de continuidade no que concerne às políticas públicas para a Cultura?

Há coisas que são marca nossa e são, como é óbvio, de continuidade. A nossa preocupação é ouvir os vários agentes culturais, é eles terem uma participação muito activa ao nível dos eventos culturais, mesmo que estes sejam organizados pela Junta de Freguesia. Nós somos a freguesia da participação, nós gostamos de ouvir as pessoas. E, isso é uma coisa que tem acontecido ao longo dos tempos e que até agora continua. Claro, que há actividades que já aconteceram e que por diferentes situações e uma análise nossa, deixaram de existir. Por exemplo, houve uma altura que fazíamos uma iniciativa (não era bem um festival), que era um momento em que as associações apresentavam os seus espectáculos num período delimitado. Mas começamos a ver que as coisas não resultaram e chegámos à conclusão que o melhor seria optar por outras actividades. Há alguns momentos que temos uma maior intensificação cultural, como por exemplo o Dia Mundial do Teatro que começou com um modelo e neste momento tem outro. Lá está... tem a ver com esta evolução.

Porque esse evento que falou não resultou?

Na altura não resultou porque haviam poucos grupos a participar. A JFC apoia, mas não financia as estruturas. Apoia financeiramente e logisticamente, mas só que os grupos de teatro para sobreviverem tem de procurar outro tipo de apoios obrigatoriamente. E isso faz com que alguns grupos estejam em digressão, como por exemplo há o grupo de Teatro Contrapalco que eles estão muito vocacionados para fazerem espectáculos com temáticas muito específicas nas escolas. E eles, estão praticamente todo o ano lectivo fora a fazer espectáculos. E isto teria sido com a comparticipação de todas as estruturas culturais da freguesia, o que não estava a acontecer. Então acabámos por canalizar esse apoio que nós dávamos de outra maneira.

4. Quais são os exemplos mais significativos entre o anterior e o actual executivo?

Tem-se mantido praticamente a mesma linha de apoio, os mesmos princípios, iniciativas que vão sendo ajustadas e criadas, não houve nada, assim tão, que marcasse uma diferença assim tão grande entre as nossas políticas culturais e do anterior mandato. Não considero, até porque para nós até agora, tem resultado este tipo de apoio, os eventos mais emblemáticos têm-se mantido.

5. Encontra importância estratégica no sentido de criar maior adesão local, através de estímulos duráveis à criação e criatividade culturais em diferentes espaços sociais, e sob diversas formas?

Sim, nós tentamos fomentar o associativismo. Que as pessoas possam e tenham oportunidade, nem que seja uma vez na vida de poder experimentar. Tentamos sempre, nas várias franjas sociais que existem na freguesia de Carnide apoiar de algum modo e fomentar essa possibilidade de criação nas mais diversas áreas de cultura. Tentamos efectivamente no Bairro Padre Cruz, que é um espaço de nossa gestão, que muitas das associações que aqui se encontram no centro histórico tenham a possibilidade de ir ao CCC apresentar os seus trabalhos.

Tentam criar meios para existir essa descentralização?

Sim. Através das redes de cultura. Por exemplo, associações que chegam aqui à freguesia pela primeira vez e nos pedem apoio, nós tentamos cativá-los a ficarem na freguesia. Uma das formas que encontrámos foi através da cedência de espaço, que por vezes tem custos inerentes elevados e a forma que encontrámos de chamarmos associações para Carnide é abrirmos candidaturas para que elas possam ser analisadas e à luz dos espaços que nós temos, podermos ceder através de um protocolo esse espaço, como é óbvio com algumas contrapartidas, nomeadamente com a questão de trabalharem para a freguesia, não em exclusividade, mas terem essa preocupação. De estarem na nossa rede de cultura e podermos todos em conjunto de arranjar formas de Carnide, dentro da cidade de Lisboa ser conhecida não só pela gastronomia, como é conhecida, mas também pela sua actividade cultural, que penso que isso já acontece, mas que tentamos a cada passo melhorar isso. E, neste momento, temos a rede de cultura a trabalhar para que se arranje outra forma de continuar a chamar público para esta zona. Actualmente, temos alguns pedidos de espaço, mas não temos espaços

disponíveis para ceder. Talvez quando for feita, a Casa da Cidadania, que é um dos projectos do Bairro Padre Cruz, consigamos resolver esta questão do espaço.

6. Relativamente às verbas distribuídas pelas associações de âmbito cultural, quais são os critérios para a distribuição das mesmas? São repensados todos os anos?

Sim, e depois depende de todo o trabalho desenvolvido por cada uma das associações. Nós temos que analisar a actividade que é feita pelas estruturas ao longo do ano e tentamos ser os mais criteriosos possíveis. Tentamos rever os critérios de apoio dependendo da actividade que fazem. Não existem critérios específicos. Há uma obrigatoriedade de entrega de um relatório de actividades, de um plano de actividades que é analisado e à luz disso é atribuído o apoio financeiro. Durante o ano, à medida que as associações necessitam de apoio elas solicitam e nós vemos dentro da nossa disponibilidade financeira se é possível ou não e se faz sentido ou não. Não temos critérios pré-estabelecidos.

A diversidade de grupos, como por exemplo de marionetas, poderá ser um critério?

Sim. Também é muito importante. Apesar de agora não estarmos a fazer por dificuldade de arranjar espaço, mas quando nós abrimos essa possibilidade e abrimos candidaturas para diversos grupos se alojarem aqui, um dos critérios é a sua área de trabalho, essa diversidade é importante.

9. Quais são os vossos objectivos a curto, médio e longo prazo?

Acho muito importante sermos uma marca no sentido de estarmos marcados no mapa da cidade como um ponto cultural interessante e de visita quase obrigatória e que se consiga consolidar todos os grupos e que o trabalho em conjunto continue a fluir da melhor maneira. E que não vejam a Junta como uma forma de apoio financeiro, mas sim um gosto em trabalhar em conjunto e que isto flua de uma maneira natural. Mas acima de tudo, aquilo que trabalhamos todos enquanto Junta de Freguesia e associações culturais, é que realmente Carnide continue a estar no mapa da cidade como ponto obrigatório de visita a nível cultural.

10. Tem havido na programação cultural uma maior atenção ao público sénior e infantil ou ao público em geral? Essas soluções fazem parte de uma estratégia?

Sim, nós tentamos sempre que a programação que aqui aconteça, mesmo até aquela daquilo que nós recebemos para o CCC possa ser o mais abrangente possível. Mas, nunca descurando estes dois públicos alvos que para nós são muito importantes: as crianças e a camada mais sénior. No entanto, penso que trabalhamos para o público em geral e penso que isso depois... as crianças e os séniores surgem naturalmente porque os grupos que nós temos também desenvolvem espectáculos e actividades culturais também muito para estas duas faixas etárias. Mas também trabalham para o público em geral. Então, isso para nós é uma coisa muito natural, porque não sentimos que exista uma lacuna da oferta no que se refere a diferentes públicos. Claro que existem períodos em que oferta é maior para um público do que para outro, estou a lembrar-me por exemplo do natal.

11. Considera que se verifica um aumento quantitativo e qualitativo do consumo e das práticas culturais na freguesia de Carnide?

Nós neste momento não poderíamos dar a resposta que gostaríamos. Precisamente porque como acabei de dizer quando tivermos outros espaços, sem dúvida, conseguiremos responder a novos grupos que nos procuram. Neste momento para nós é mais difícil fazer crescer, no sentido de virem mais grupos novos. Mas sim, é trabalhar com aqueles que cá existem e estipular a tal corrente de público.

As questões de qualidade, por algum momento, são um critério para os apoios?

Isso da qualidade é muito subjectivo. Porque algumas associações às vezes fazem projectos que efectivamente são um sucesso estrondoso e, depois há outros momentos em que a coisa não corre assim tão bem. Claro, que para nós, como é óbvio, tem interesse, embora não seja um critério único. Todos devem ter uma oportunidade, nem que seja a única. Claro, que o nível de apoio tem a ver com a proporção que nós achamos que pode vir a ser interessante para as pessoas.

12. Relativamente ao CCC, de que forma este equipamento cultural veio alterar as dinâmicas cultural e artística na freguesia?

Veio alterar porque há associações que de outra maneira não tinham tido a possibilidade de apresentar os seus trabalhos. Desde o momento em que a Junta de Freguesia tomou nas suas mãos a gestão daquele espaço, apesar de com algumas

deficiências e não sendo exactamente um equipamento de excelência, pela sua condição física que não foi pensada... mas que efectivamente veio ajudar o crescimento cultural da freguesia. Há muitos grupos que de outra maneira... os seus primeiros trabalhos foram apresentados lá! Apesar de existirem aqui grupos de teatro que têm a sua própria sala e que, efectivamente através do trabalho que a Junta tem vindo a fazer ao longo dos anos, inclusivamente acolhem os vários grupos da freguesia e outros de fora, isso é importantíssimo... a tal rede. Isso tem a ver com o trabalho que a Junta fez ao longo dos anos. O centro cultural veio melhorar significativamente essa lacuna. Porque apesar de haver esta partilha e esta disponibilidade para acolher, não só os grupos que não têm sala de espectáculos e a quem têm de acolher, como tem vindo outros grupos, outras pessoas de fora fazer espectáculos. No CCC acontece exactamente a mesma coisa: uma grande diversidade cultural. Falo desde o teatro, a música, a dança, a possibilidade de termos workshops a funcionar durante o ano das mais diferentes áreas, desde a fotografia, à voz, ao hip hop, à dança, etc., tudo isso acontece porque nós temos aquele espaço.

E a dinâmica de movimentação das pessoas para este tipo de actividades?

As pessoas estão muito despertadas para ir às actividades culturais, porque isso foi desde sempre fomentado pela autarquia. Aqui, arrisco-me a dizer, que nenhum menino que passou pelas escolas de Carnide de 1º ciclo, não pode dizer que nunca foi ao teatro. E isso, é reflexo do trabalho que a Junta de Freguesia tem feito ao longo dos anos com as associações, sempre, porque sem elas nada disto era possível, e sem os nossos funcionários muito menos, que se dedicam de corpo e alma ao seu trabalho e tentam arranjar sempre soluções quando elas parecem não existir. Aqui na freguesia, é muito comum tanto as crianças como os seniores irem ao teatro. A Junta organiza, como organiza as comemorações do dia da mulher e tem sempre um momento, que nós podemos dizer cultural, normalmente relacionado com música. Por exemplo, ali na Casa do Coreto, há pessoas que residem aqui recentemente e eu já vi algumas delas que já começaram a frequentar a Casa do Coreto, porque começam a aperceber-se da dinâmica que existe aqui em Carnide e que nós também tentamos que ela seja conhecida.

Sei que a criação do CCC foi um bocadinho polémica para algumas pessoas pela sua localização no Bairro Padre Cruz. Será que há uma alteração da dinâmica cultural?

Houve, ao longo dos tempos, como é óbvio, porque existia, agora já não, aquele estigma do Bairro Padre Cruz. É um bairro social muito problemático. Ir para lá fazer espectáculos, nem pensar. Mas a Junta tem vindo a fazer um trabalho social e que efectivamente desmistificou um pouco essa questão. Mas tem a ver não só com o trabalho cultural, mas social que tem sido feito ao longo de muitos anos, porque não é de um ano para o outro que se mudam hábitos. O Bairro Padre Cruz é o maior bairro social da Península Ibérica, mas é um bairro que podemos andar tranquilamente, podemos ir lá à noite e não temos qualquer problema. A Junta investiu muito neste Bairro e hoje temos o reflexo disso. Há várias actividades que ajudam aos próprios residentes do bairro respeitarem o seu bairro de uma maneira diferente. Por exemplo, no Bairro Padre Cruz, a questão do Festival de Arte Urbana (foi o primeiro que se fez, que aconteceu no Bairro Padre Cruz), foi mais um passo importante que se deu, porque efectivamente as pessoas têm imenso orgulho do seu bairro. Mas até isso foi possível devido ao trabalho que a autarquia fez ao longo destes anos todos, porque o Muro já foi realizado em outros bairros, por exemplo em Marvila, e é diferente.

13. Através das publicações institucionais da JFC: os boletins, as agendas culturais e a programação do CCC (que pode ser consultada no próprio sítio electrónico da autarquia), fiz um levantamento exaustivo do número de sessões teatrais (ao nível dos espectáculos e das formações), que aconteceram por toda a freguesia de Carnide, e que de algum modo eram promovidos pela JF. Relativamente ao CCC, numa primeira fase (entre 2011-2014), por ano a programação assegurava um número de sessões superior a 40; e numa segunda fase (entre 2015-2017) o número encontra-se sempre abaixo das 40 sessões. Porquê?

Porque nós tentamos que a programação seja bastante diversificada e, ao longo dos anos, fomos acolhendo outro tipo de espectáculos que não exactamente teatro. Depois os grupos foram crescendo e foram fazer espectáculos noutros locais, porque a sala não tem todas as condições que os grupos desejam. Há medida que os grupos vão crescendo, vão-se tornando também mais exigentes com as salas onde podem fazer os espectáculos. Mas, independentemente disso, nós ao longo dos anos fomos acolhendo

outro tipo de actividades culturais no CCC. E, daí, haver esse desfasamento dos números. Por exemplo, há uns anos atrás acolhemos o «Monstrinha», não estava em Carnide, mas achamos importante ter o festival em Carnide... Eu estou a dar um exemplo como posso dar outros... Efectivamente no «Monstrinha», Carnide já é reconhecida porque já recebe outro tipo de públicos, neste caso, o público escolar.

14. Encontra alguma lacuna na oferta artística de Carnide?

Eu acho que há sempre! Eu gostava que houvesse mais coisas ligadas ao cinema e cinema de animação, porque acho que é importante. Por exemplo, quando nós tivéssemos possibilidade de ter espaço, podermos acolher uma associação ou grupo que trabalhasse esta área. Acho muito interessante. Gosto imenso. E penso que esta área devia ser mais explorada, aqui na zona de Carnide, porque efectivamente o que temos mais são grupos que desenvolvem a área do teatro. O que para nós, é um orgulho imenso e que continuamos a apostar, mas queríamos outras áreas como as que referi anteriormente. Animações de rua, acho que também é importante, mas isso vai acontecendo pontualmente. Temos Bip's de alturas em que as animações de rua predominam. Por exemplo, agora na Feira da Luz, é um dos momentos em que nós podemos ver alguns dos nossos parceiros... têm a possibilidade de fazerem coisas mais viradas para a animação de rua e quem sabe no futuro podemos fazer um fim-de-semana, mais direccionado para esse tipo de teatro. Também acho que era muito interessante um mini festival. Um ritmo de cultura de 24 horas.

15. Relativamente ao teatro, foi alguma vez medida a percentagem de habitantes de Carnide que assistem a espectáculos?

Exaustivamente não. Eu sei que há muitos deles que vão porque conheço, mas não.

16. Existem várias iniciativas para a infância e para a terceira idade. Qual pensa ser o motivo (ou os motivos) para a fraca participação da geração adulta?

Talvez pela oferta que exista. Tal como disse os grupos que existem em Carnide, ao longo do ano têm trabalhos para os adultos, para a infância, etc. Eu acho que os adultos não estão motivados para saírem e irem ver um espectáculo de teatro como as crianças. Porque as crianças naturalmente vão mais facilmente e os pais têm uma maior preocupação, na minha óptica, de levar as crianças a ver cultura. Há também

algumas zonas dentro da freguesia que acabam por ser um dormitório. É isso que nós queremos trabalhar, para que isso deixe de acontecer e a população mais jovem, ali na fase adulta, possam vir às nossas iniciativas e tenham vontade de conhecer e ver.

Considera que eles consomem cultura (e arte especificamente) em outros locais?

Eu acho que há de tudo. Apesar de eu achar que isso está a mudar. Ainda temos trabalho nesse sentido. De chamar não só aquele público que vive em Carnide e que ainda não se habituou ou não está predisposto a ir, como também aquele público que não é de Carnide e que nós gostaríamos que viesse à freguesia. Talvez exista uma franja etária que nós ainda não conseguimos puxar. Ou são pessoas que naturalmente gostam de ver espectáculos culturais e têm curiosidade em ver o que se faz aqui na zona onde residem ou então, também não vão aqui nem vão acolá. Passaram pelo Teatro de Carnide muitos actores que hoje são conhecidos e que começaram a trabalhar no TC, ou seja, no meio cultural se falarem do TC ele é conhecido. Podemos falar nisso porque é o mais antigo. Mas podemos falar na Boutique da Cultura que é conhecida pela sua actividade cultural. Como também podemos falar do Armazém Áer[i]o que está no Teatro da Luz, que também é conhecido pelo seu trabalho.

17. Quais as principais funções desempenhadas pela CML junto dos agentes teatrais da freguesia? Existe esta conexão, troca de sinergias, de apoios?

Mais ou menos. Existe alguma preocupação e algum apoio. Mas são os grupos que autonomamente procuram esses apoios. Claro que da nossa parte, enquanto Junta, compete-nos o dever de alertar a Câmara para algumas situações e para que a Câmara reconheça o trabalho que é feito aqui ao nível da cultura. E a Câmara reconhece esse trabalho que tem sido feito ao longo dos anos. Mas nós não interferimos muito directamente com as políticas culturais que a Câmara faz.

Mas considera que existe uma desvantagem nesta zona norte da cidade?

Pontualmente poderá existir alguma desvantagem. Claro, que como autarquia, a nossa missão é alertar e pressionar a Câmara para solucionar algumas situações que são prementes. Por exemplo, a questão do Grupo de Teatro de Carnide, a questão do novo espaço que tanto eles anseiam e que são merecedores de todo o trabalho que tem desenvolvido ao longo dos anos e uma boa actividade... Aí a Junta de Freguesia

conjuntamente com o Teatro de Carnide faz pressão à Câmara para ajudar (por exemplo) na questão do espaço, etc. Nós sempre apoiamos, e continuamos a apoiar, nem que seja para reivindicar junto da Câmara, as necessidades prementes das estruturas culturais de Carnide.

Está a querer dizer que os apoios não são os desejáveis?

Depende. Se calhar são é mais morosos daquilo que nós gostaríamos. Por exemplo, a questão do espaço do TC, já andamos aqui algum tempo conjuntamente a procurar uma solução e ela ainda não está devidamente encontrada. A Câmara neste aspecto, deveria ter tido um trabalho mais activo. Não quer dizer que eles não trabalham conjuntamente connosco, têm essa preocupação, mas as coisas são um pouco demoradas nalgumas situações. Pois, claro, que existem as associações que contactam com a Câmara individualmente e quando somos procurados no sentido de os ajudar... aí sim fazemos a nossa intervenção.

18. Em que medida o projecto BIP ZIP foi importante para a freguesia? O projecto Pulsar veio suplantar a sua falta?

Sim, de alguma forma a Junta quis continuar o trabalho que foi iniciado com os projectos Bip Zip e que achámos fundamentais, não só a nível cultural mas social, particularmente a nível social. Encontrámos na vertente cultural esta solução. E foi criado o Pulsar, precisamente, para colmatar a descontinuidade do projecto Bip-Zip. Mas como achámos que o projecto... analisando... foi muito positivo para o tal trabalho junto da comunidade e para a comunidade, um trabalho conjunto, então criámos o projecto Pulsar que é apoiado dentro das possibilidades da freguesia. Porque o financiamento é diferente de um BIP-ZIP, mas ele continua com a boa vontade de todos e com o nosso apoio dentro daquilo que é possível.

Um dos projectos mais emblemáticos do BIP-ZIP foi o "apadrimento de lotes" pelas associações culturais onde havia uma troca de experiências e ideias...

Sim, e é muito importante que isso permaneça. Lá está, isto também é uma forma dos nossos fregueses estarem mais próximos de algumas áreas, nomeadamente a cultural porque cria-se ali uma certa amizade, uma certa cumplicidade que faz com que as pessoas desçam da sua casa e do seu bairro e venham até aqui ver um espectáculo.

Vão até ao CCC e etc. É assim que nós trabalhamos. Por exemplo, o dia do vizinho também é outro momento importante, porque tem sempre alguma coisa de carácter social, não mais que não seja o convívio. Mas é muito importante porque nós conhecemos novos residentes. Eu já cheguei a assistir, aqui, no centro de Carnide, um casal novo com os seus filhos que tinham vindo para cá há pouco tempo e tinham ouvido falar no dia do vizinho e apareceram trazendo um bolo.

19. Qual é a importância que a Feira da Luz representa para a freguesia? Que oportunidades traz ao associativismo local? A sua exposição pode representar o formar de novos públicos?

Pode, apesar de a nossa programação cultural na Feira é altamente transversal. No entanto, as nossas associações são convidadas a apresentarem projectos para serem desenvolvidos durante todo o período da feira. Porque nós também queremos dar a conhecer os nossos grupos e a oportunidade deles apresentarem projectos e de eles serem apoiados e executados durante a Feira da Luz. E, falando em animações de rua, hoje por exemplo vai haver... a Lua Cheia está hoje a ter uma animação de máscaras ali na Feira, “Mirabel”... que para nós só assim faz sentido, ver as nossas forças vivas em tudo aquilo que nós fazemos. E eles são convidados e desafiados a apresentar projectos. Claro que, depois, temos que recorrer a artistas de fora para preencher a programação cultural, sem nunca esquecermos os nossos artistas da nossa freguesia. A importância que a Feira da Luz representa para a freguesia é enorme. Aquilo que nós tentámos quando recebemos a Feira da Luz foi de alguma forma tentar revitalizá-la porque ela já tinha morrido. Os últimos anos em que a Câmara teve a feira, pouco ou nada investiu, a feira era, na minha óptica, completamente decadente e efectivamente com a vinda da Feira para a JFC nós tentámos revitalizá-la e chamar público. E a forma que encontrámos fazer isso foi através da programação cultural e depois também dos vários artigos dos feirantes, ou seja, nós gostamos sempre que haja uma certa diversidade e uma oferta diferente. Coisas diferentes também para chamar pessoas e penso que ao longo dos anos fomos melhorando, e é uma organização gigantesca. Nós quando recebemos a feira não percebíamos nada deste tipo de organização, porque não é essa a nossa formação. Os nossos técnicos trabalham na feira durante todo este mês, mas durante o ano uns são da educação, outros da cultura, outros da

contabilidade e de repente estão todos envolvidos na feira. E não é fácil, porque é uma coisa de dimensão enorme, de processos completamente diferentes do que eles fazem no dia-a-dia. Comunicação com os feirantes, etc. É uma coisa muito própria, muito específica. Ainda agora, antes de vir ter consigo tive uma reunião com um feirante, porque ele queria estacionar lá um atrelado e nós dissemos que não podia. O «Senhor» queria falar muito e nós ouvimos. Enfim, é muito peculiar, mas é um grande desafio. Portanto, nós não temos medos de novos desafios. Claro, que ao longo dos anos vamos tentando melhorar. O nosso objectivo é que a feira seja um local acolhedor, que tenha um fio condutor, a nível estético inclusivamente. Que as pessoas tenham prazer em vir à feira e acho que isso tem-se vindo a conseguir ao longo destes anos em que é a Junta a responsável pela organização. O programa cultural, nós tentamos sempre ter alguma diversidade. Ou seja, quando falo disto é ter música pimba, que também faz parte das características de uma feira. Mas também ter outro tipo de espectáculo para chamar outro tipo de público. Lá está, seja ele mais juvenil, seja ele outro tipo de público. E devo dizer que eu já vi, todo o tipo de público na feira, consoante os espectáculos que nós oferecemos no nosso cartaz. Claro, que depois temos de nos cingir às verbas que temos. E isso faz com que nós gostássemos muito de trazer o artista x, mas não podemos. Tivemos cá artistas que hoje se quiséssemos não podíamos trazer porque se tornaram muito famosos. Estou a lembrar-me, por exemplo dos HMB, que já actuaram na nossa feira. Tenho a certeza absoluta, que se nós lhes pedíssemos um orçamento era incomportável trazê-los cá.

20. A JFC coloca as questões culturais como prioritárias? Quais são os medidores dos interesses da população?

Para nós tudo é prioritário. Efectivamente houve alturas em que nós achámos, por exemplo a educação era a aposta. Aí sim, investimos, como ainda investimos. Aliás, a educação é a área a seguir ao espaço público que tem mais técnicos devido à resposta que nós damos à freguesia. Mas a cultura também foi sempre prioritária, eu diria acarinhada, tem sempre uma atenção muito especial. Diria que nós não apostamos numa área específica, mas sim num todo. Se calhar há uns anos atrás fazia sentido o que está a dizer, porque não havia nada ou havia muito pouco. Por exemplo, estou a lembrar-me da educação novamente, também porque tive essa responsabilidade

durante anos e posso falar disso mais à vontade, em que realmente nós achávamos que não havia uma oferta suficiente para os pais, etc., então apostámos durante alguns anos, muito na educação. Neste momento, a nossa aposta é mais transversal, por isso não posso dizer que a cultura seja uma prioridade. O que posso dizer, tal como para as outras áreas, porque a nossa preocupação é transversal, é que a cultura realmente sempre foi muito acarinhada pela freguesia de Carnide, porque realmente sempre existiu e todos nós estamos habituados a ter, aqui muito perto da casa, e para nós é natural e é uma preocupação acarinhar esta área, devido ao passado e ao seu presente. Ou seja, estar sempre presente nesta freguesia.

21. Através da leitura dos boletins apercebi-me, durante o mandato do Paulo Quaresma, um maior enfoque na área cultural e da acção social (uma acrescida relevância para publicações relacionadas com saúde também), durante o primeiro mandato do presidente Fábio Sousa. Encontra razões?

Como eu disse, nós tentamos neste momento que seja uma coisa mais transversal. E devo dizer que relativamente, por exemplo, às questões da Saúde, é uma área que eu não acompanho muito, por isso não posso ser muito específica, mas nós estamos a fazer um trabalho mais intensivo neste ano, mais do que nos anos anteriores. No que diz respeito à área da saúde não tenho dúvidas nenhuma. Claro que há coisas que são inerentes a essa área, que a Junta apoia e que também quer dar visibilidade. A questão por exemplo, do centro de saúde, que foi uma luta para conseguirmos o centro de saúde. E isso está espelhado nos vários boletins, porque realmente era uma prioridade para a freguesia e para a população e, sem dúvida nenhuma, crucial e uma prioridade. As questões sociais a mesma coisa. Há momentos e alturas em que de facto determinadas coisas tornam-se uma prioridade. A questão do centro de saúde foi uma prioridade, assim como foi a questão das esquadras. Porque há uns anos atrás, o Senhor Ministro da Administração Interna e o Governo queriam tirar as esquadras aqui de Carnide e fazer uma Super-Esquadra, e isso tornou-se a nossa prioridade máxima. Portanto, há alturas e momentos, em que as nossas prioridades efectivamente são muito focadas nas eventualidades que surgem.

Mas isso tem que ver com questões de certa forma improvisadas, não é?

Exactamente. Depois o que me falou de estar espelhado no boletim, nós queremos fazer um trabalho o mais transversal possível nas diversas áreas e queremos também que isso esteja espelhado nos boletins. E há duas áreas que ao longo deste anos todos não se falava muito delas, sempre houve trabalho, mas nunca se falou muito, a questão da acção social e da saúde. E daí, não quer dizer que sejam a nossa prioridade, mas efectivamente nós nunca espelhámos o trabalho que tem sido feito ao longo dos anos. E chegou a altura de mostrarmos o trabalho das várias áreas, que temos trabalhado. E daí vemos agora menos coisas da cultura e da educação...E depois há momentos específicos, por exemplo, o boletim de Março é muito dedicado à cultura; pelo calendário, Maio é muito dedicado ao final do ano lectivo, à Feira de Expressões; existem alturas do ano que realmente os boletins também espelham um pouco aquilo que nós... Março ligado à cultura, porquê? Porque temos o Dia Mundial do Teatro, que nós comemoramos de uma forma muito especial; temos o Dia Mundial da Mulher, etc., depois Abril foca o 25 de Abril, vem outra vez a cultura, porque é a área da cultura que organiza as comemorações do 25 de Abril. Depois em Maio é a questão da educação, porque é o final do ano lectivo, temos a nossa Feira de Expressões onde também os nossos agentes culturais são a convidados a apresentar e estarem presentes (como uma oferta para as nossas crianças). Porque a Feira de Expressões é o culminar do ano lectivo, de um trabalho intenso e portanto é um momento importante. Mas não há nenhuma razão específica, apenas tentamos dar uma visão mais geral, do trabalho que tem sido feito ao longo dos anos e que as pessoas não estavam tão habituadas a ver espelhadas no nosso boletim. Não quer dizer com isto que se aposte mais na área da acção social e na saúde, do que numa outra área. Tem a ver com, nós achármos que estas áreas também são importantes e que as pessoas menos atentas tenham a oportunidade de ver o que é que se faz em Carnide. Que sempre se fez, só que nunca foi divulgado de uma forma tão clara como está a ser feito habitualmente.

22. Fez parte do processo do vosso trabalho identificar as vontades e necessidades da população envolvente?

Sim, nós temos um projecto que se chama «Venha tomar um café connosco» em que ouvimos as pessoas e as suas sugestões para a sua área de residência específica e as

suas preocupações. Independentemente de todos os dias, cada um de nós, que andamos na rua ouvirmos as pessoas e registarmos as suas preocupações. Claro que há uma maior adesão da população aos cafés com o Sr. Presidente, relativamente a todas nós, as pessoas falam muito mais com ele do que connosco, mas o que é normal. Até porque o Sr. Presidente trabalha aqui a tempo inteiro, o que não se aplica ao meu caso. Eu tenho o meu trabalho e isso é umas das lacunas da gestão autárquica, porque com as competências das Juntas de Freguesia actualmente, é lamentável que não exista mais um membro que possa estar na junta, mas efectivamente continua a ser escasso, devido às actuais competências que as autarquias locais têm, porque isto é uma mini-Câmara. Efectivamente para nós fazermos um trabalho sério e o mais rigoroso possível, temos de nos desdobrar muito. As pessoas não imaginam: para já pensam que ganhamos muito dinheiro. É mentira, completamente mentira. É muito amor à camisola, é acreditarmos no projecto onde estamos envolvidos e é trabalharmos em equipa. Eu pelo menos é assim que vejo o meu trabalho autárquico. Eu já estou nesta freguesia há muitos anos. E sempre estive ligada ao associativismo e à vida desta freguesia, e é assim que nós conseguimos andar para a frente. Nós saímos do nosso local de trabalho, vimos para aqui e temos outro trabalho pela frente. E aos fins-de-semana, etc. É lamentável que a lei não permita que os membros do executivo possam estar, não digo a tempo em inteiro, mas pelo menos a meio tempo, porque seria muito importante.

23. Através das publicações institucionais da JFC: os boletins, as agendas culturais e a programação do CCC (que pode ser consultada no próprio sítio electrónico da Junta), e lendo os relatórios de actividades do TC, em paralelo, fiz um levantamento exaustivo do número de sessões teatrais (ao nível dos espectáculos e das formações), que aconteceram por toda a freguesia de Carnide, e que de algum modo eram promovidos pela JF. Os dados revelam uma regressão de incidências deste tipo de actividades em 2016 e 2017. Encontra alguma razão para se programar menos?

Não. Acho que eventualmente pode ter a ver com a crise, que pode ter levado a que os grupos não tivessem a mesma disponibilidade que normalmente poderiam ter para fazer mais produções. Mas não existe nenhuma razão pelo menos que eu veja declaradamente para isso tenha acontecido. Depois são as características dos

projectos também que são apostas dos próprios grupos de teatro e que nós respeitamos. Efectivamente existe algumas obrigatoriedades nos protocolos, como eu disse, eles foram revistos agora neste ano corrente, mais rigorosas do que no passado. Mas efectivamente nós não interferimos na actividade, nem no número de produções que cada grupo faz. Depois no final do ano, analisamos e se tivermos que fazer algum ajustamento mesmo a nível do protocolo, mostrar o nosso descontentamento etc., podemos fazê-lo. Mas efectivamente todos eles são totalmente autónomos relativamente à sua programação, número de sessões, e de acções, etc. Depois no final do ano cá estamos nós também para em conjunto vermos o porquê e vermos (em conjunto) se há dificuldades...

Sentiu que eles tiveram mais dificuldades em 2016 e 2017? Porque há uma queda de incidências neste anos.

É o tipo de trabalho que eles fazem. Por exemplo, em 2015 (e 2016 também), eu sei que o TC fez um projecto, em que fez várias acções com as escolas porque teve um apoio da CML e isso depois tem um reflexo nas acções e nas apresentações de espectáculos que eles fizeram que depois no outro ano já não teve. Ou seja, tem muito a ver com os financiamentos e projectos que eles conseguem, não tem a ver exactamente com o apoio que a Junta dá e aquilo que eles têm que fazer. Não. Há anos que efectivamente eles conseguem ter, por exemplo: houve um Verão que fizeram animações no Castelo de São Jorge, chamou-se *Coração de Pedra*. Quer dizer, depois existem estas flutuações que alteram os números.

Eu recordo-me de ler num dos boletins dos finais do ano de 2014 a própria Paula Granja e o próprio Presidente, referiam certa determinação na valorização do sector cultural e essa seria uma das prioridades. Efectivamente 2015 é um ano que a cultura tem muita relevância nos dados levantados, depois em 2016 e 2017 já decaiu...

Mas não existe nenhuma razão aparente para isso.

24. Por exemplo, já o ano de 2013 apesar de ter sido um ano de eleições autárquicas e sucessão de executivo, foi um ano com muita produção e promoção teatral. Quando isto acontece, quando há alterações no executivo não é habitual denotar-se uma queda, de certa forma, na actividade teatral?

Pode haver porque há aqui um momento que é um quebrar de um ciclo e o início de um outro e há aqui um tempo em que o executivo está a inteirar-se daquilo que acontece. E isso pode levar a essas oscilações, mas nada mais do que isso.

25. A tipologia em que se verifica maior alteração de sessões tem que ver com as Leituras. [a gestão da biblioteca já tinha sido assumida pela JFC em 2014]. Houve menos programação a este nível?

A biblioteca ao longo destes anos tem vindo a sofrer algumas mudanças a nível de equipa. E isso não ajuda muito a que se consiga estabilizar a sua actividade e até a inovar. Uma das minhas preocupações actualmente é incentivar as actividades e os técnicos que estão à frente da biblioteca a apresentarem projectos que possam ser inovadores e que realmente chame mais pessoas à biblioteca. Eu penso que as razões para esse pequeno decréscimo (mas que agora já está outra vez a aumentar), teve a ver com estas alterações na equipa e que não ajudam a muito. Porque essa é uma equipa com características muito específicas, são pessoas que vieram da Câmara e, infelizmente, a descentralização que foi feita da Câmara para as juntas de freguesia, não foi a mais correcta. A nossa opinião na altura, essa foi outra das nossas prioridades, nós não assinámos essa descentralização de competências, não é segredo, posso dizer, nós não queríamos receber a biblioteca. Mas fomos obrigados a recebê-la e reformolámo-la, porque este equipamento, tal como acontecia com a Feira da Luz, estava completamente ao abandono, com as pessoas lá dentro. Com vícios de anos, etc., o que é muito difícil nós conseguirmos desmontar essas situações. Sendo que ainda hoje, algumas dessas pessoas que estão lá, têm uma certa mágoa e não se conformam com a saída da CML e isso nós temos de trabalhar. Eu digo que isso pode eventualmente também reflectir-se nestes dados. Mas eu acho que tem essencialmente a ver com a flutuação da equipa ao nível da coordenação, mas há este problema porque a descentralização foi feita de uma forma em que as pessoas não tiveram escolha. Os funcionários que vieram da CM para a JF, nós aceitámos aqueles que queriam vir de livre e espontânea vontade. Não aqueles que foram obrigados pela Câmara a vir, porque não é assim que se tratam as pessoas. As pessoas da biblioteca, por exemplo, não tiveram escolha. A Câmara descentralizou a biblioteca para a Junta com as pessoas. E não lhes disseram absolutamente nada, nem lhes perguntaram se

elas queriam ficar na Câmara ou ir para a Junta, simplesmente vão agarradas ao edifício.

26. Para a programação teatral em Carnide eu dividi-a a partir de três eixos: comunitário, criação e acolhimentos. Ao nível do eixo comunitário denotam-se números inferiores nos anos de 2016 e 2017. Porquê?

O dia do vizinho, BIP-ZIP e no Pulsar é normal que tenha havido aqui um decréscimo, apesar de ter continuado a existir. Podem realmente ter existido projectos que decorreram nos anos transactos e que deixaram de acontecer nestes dois anos e isso reflectir um número inferior. Mas eu não sei dizer exactamente o porquê, não sei.

27. Voltando um pouco atrás, se pesquisarmos no sítio electrónico da autarquia na parte da programação do CCC, por exemplo, dá para perceber pelo número de páginas e publicações que acontecem menos coisas em 2016 e 2017. Será um problema de comunicação? Há menos actividade?

Comunicação? Pode eventualmente ser. Menos actividade não. A cultura não deixou de ser uma prioridade em 2016 e 2017, nós tentamos ter um calendário mais transversal . Nem sequer sinto que haja menos actividade, existe no CCC actualmente uma actividade mais diversificada que anteriormente não acontecia.

Uma actividade mais direccionada para a dança talvez?

Sim. Neste momento tem mais música e dança. Também porque o nosso equipamento no CCC e as próprias instalações, tem algumas deficiências o que faz com que os grupos de teatro não tenham tanto interesse em fazer tantas actividades como faziam algum tempo atrás, porque as exigências também se tornaram diferentes. O CCC tem algumas lacunas a nível técnico até, nós estamos a precisar de investir e fazer obras naquele espaço, e tudo isto faz com que as actividades venham a decrescer, nomeadamente no que diz respeito a uma actividade muito específica que é o teatro, mas cultura não é só o teatro, como nós sabemos. Mas efectivamente alguns grupos de teatro acham que o CCC não tem as condições necessárias para eles puderem levar lá peças como gostariam. Neste momento, nós estamos à espera que a CML faça a Casa da Cidadania, englobe obras também no CCC e inclusivamente na Biblioteca, ou seja, todo aquele edifício está a entrar em obras a qualquer momento e para nós

financeiramente, enquanto Junta, nós sabemos exactamente identificar as dificuldades do edificado e técnicos do CCC, e da biblioteca inclusivamente. E nós precisamos rapidamente de, realmente, investir tanto no edificado como a nível técnico, para podermos responder aos grupos que nos procuram, inclusivamente da freguesia, para podermos lá os ter. Só que para nós não faz sentido investir lá algum dinheiro (que ainda é algum), quando a CML tem o compromisso de fazer a Casa da Cidadania, nas antigas instalações da Santa Casa, de arranjar o CCC e inclusivamente a Biblioteca. E nós andamos efectivamente, há mais de um ano, à espera a todo o momento que a Câmara avance com as obras e isso não tem acontecido. E isso também faz com que os dados sejam esses. Só que para nós não faz sentido investir 20.000 ou 30.000 €, ou até 10.000 ou 5.000, quando a qualquer momento a Câmara chega e vai fazer a obra. Leva-nos a crer que temos de aguentar mais um pouco, porque o nosso dinheiro não estica. No global temos algum dinheiro, mas não é assim tanto. Temos de ter algum cuidado com os investimentos e as coisas que fazemos. Efectivamente para nós cada vez se torna mais urgente a Casa da Cidadania, pelos motivos que já enunciei. E realmente ao nível do CCC, porque nós vamos ter muito mais espaço para acolher associações, as obras do CCC vão fazer com que exista outro tipo de condições tanto para o público como para as pessoas que vão fazer espectáculos: essencialmente apoio técnico, ter outro sistema de som, uma teia com projectores, etc. Nós neste momento, não temos este equipamento totalmente em condições e um leque de oferta para um grupo de teatro entrar lá e fazer um espectáculo. Aquilo precisa de ser pintado...mas para nós não faz sentido investirmos dinheiro quando a Câmara tem isso no seu programa. E isso pode fazer com que o reflexo dos números seja esses.

Considera que os habitantes de Carnide vêem a cultura como um gasto ou um investimento?

Um investimento. Não acredito de todo que os carnidenses considerem que aquilo que a Junta investe na cultura e apoie, seja um gasto. Não, absolutamente. Há um reflexo do nosso trabalho como eu disse e as crianças desde pequeninas (algumas que já são da minha idade ou até mais velhas) estão habituadas a ver a Junta a investir e apoiar na cultura, portanto não me parece. Claro que no meio de toda a população haverá gente que pensará isso, mas de uma forma geral não: sempre um investimento e não

um gasto. O que para nós é um princípio, a educação e a cultura são duas áreas muitíssimo importantes. A educação porque os alunos vão ser os homens de amanhã, e infelizmente a escola, os professores em vez de terem tempo para preparar as aulas para os seus alunos é-lhes dada tanta burocracia, que eles andam tão desmotivados, que acabam, infelizmente, por não exercer a sua função da melhor maneira. E é cada vez mais importante que as crianças tenham acesso às expressões artísticas dentro e fora da sua escola. Para nós é importante que as crianças desde muito cedo sejam incentivadas a gostar e como eu disse não há nenhuma criança que nunca tenha visto um espectáculo seja de dança, música ou teatro na nossa freguesia. E só isto define a importância que a JF dá à cultura e à educação, que é o reflexo de uma sociedade, porque quanto mais conhecimento existir mais saudáveis as pessoas irão ser, mais exigentes e interessadas relativamente ao conhecimento. Isto denota a preocupação que a Junta tem desde sempre, não é de agora, isto é o reflexo de um trabalho de trinta e tal anos, mesmo inclusivamente nos bairros sociais, etc., isto é o reflexo do trabalho de muitos anos. E hoje podemos ir tranquilamente ao CCC porque houve um trabalho social muito importante, que permite a programação que temos lá e que as pessoas de fora procurem-nos para utilizar aquele espaço. Se esse trabalho não existisse, pode ter a certeza que só as associações de Carnide lá iam trabalhar, porque as outras até tinham medo de lá entrar. Há uma lacuna fundamental que tem a ver com os acessos a nível dos transportes, nem toda a gente tem carro, e isso é grave, ir de autocarro para o Bº Padre Cruz é muito complicado. Durante a noite torna-se impossível e mesmo durante o dia os autocarros demoram imenso tempo. E isso tem muita influência. De certeza se tivéssemos o CCC noutra zona de Carnide teríamos mais público, mas este é um caminho que se vai fazendo, e não baixamos os braços. Efectivamente neste momento, é urgente e premente que a Câmara faça as obras, porque se não a Junta tem mesmo de investir algum dinheiro ali e para nós neste momento sabendo que é uma necessidade, estamos a aguardar porque são dinheiros públicos, por pouco que se gaste é sempre algum dinheiro, e estamos a tentar não o fazer, mas isso depois tem alguns reflexos tecnicamente, porque por exemplo o teatro tem outro tipo de exigência do que um espectáculo de dança, ou mesmo até de música. Por tudo isto, acho que a cultura é uma prioridade como todas as outras áreas

e para mim é muito gratificante (como disse) não haver criança nenhuma destas escolas que não tenha visto um espectáculo ou alguma expressão cultural, não é só o teatro, garanto que nenhuma criança possa dizer «ah nunca vi, ah não nunca assisti». Se calhar haverá freguesias que não podem dizer isto com tanta certeza, ou inclusivamente terem um número de associações sediadas na freguesia como nós temos.

28. Quais as vantagens de criar projectos que pressupõem um grande envolvimento da comunidade?

Porque para nós é muito importante envolvermos a comunidade, porque enquanto autarquia só faz sentido trabalharmos assim, ouvirmos as pessoas, envolvê-las, porque isso também é uma forma de as motivar e ganhá-las para os projectos. Não é uma coisa imposta, é uma coisa que é trabalhada em conjunto. E isso faz toda a diferença. Por exemplo no Dia Mundial do Teatro, uma das alterações que houve do projecto daquilo que era feito inicialmente, foi que nós convidamos sempre as associações que fazem parte da Rede da Cultura a apresentarem um espectáculo, em vez do dinheiro que nós gastávamos na exposição que fazíamos no Espaço Bento Martins, a homenagear a pessoa em causa. Nós decidimos que investíamos menos dinheiro na exposição, a qual tem sempre de ser feita com continuidade, tem de espelhar uma retrospectiva sobretudo profissional da personalidade a homenagear, mas a outra verba nós decidimos que era muito mais interessante, até para envolver a comunidade, utilizarmos esse dinheiro para o(s) grupo(s) que quisessem apresentar um trabalho, que de alguma forma fizesse ligação com a pessoa que estava a ser homenageada. E que depois poderiam fazer carreira com esse espectáculo. Como este ano se fez, este foi um ano atípico pelas razões que todos nós sabemos. Nós repusemos uma peça, que por acaso na altura eu fiz e participei também, que foi o *Dragão, Cor de Framboesa*, ou seja não foi uma peça feita propositadamente, foi uma peça que já tinha sido encenada pelo João Ricardo, foi uma homenagem muito específica: foi a primeira vez que nós homenageámos uma pessoa que já não estava connosco. Então as características foram um pouco diferentes. Mas quando, por exemplo, nós homenageamos a Maria do Céu Guerra, a Boutique da Cultura foi o grupo que se ofereceu para trabalhar num espectáculo - isto só para dar uma nota de

que para nós é muito importante envolver a comunidade, os grupos, etc.- e aqui no Dia Mundial do Teatro estava-nos a faltar isto. Então decidimos que para além de ser nesta rede que se define o nome da pessoa a homenager, é também dessa rede que se oferecem os grupos para fazer o espectáculo para essa iniciativa. E para nós o trabalho com a comunidade, de uma forma geral, só assim faz sentido envolvendo sempre as pessoas, para que elas também se sintam parte desse projecto ou evento. E que não sejam postas à parte pela autarquia que tem de ser (e é) tão próxima das pessoas.

29. Quem eram os públicos que participavam nas actividades culturais (e especificamente as acções teatrais) promovidas pela junta? É possível quantificar e encontrar denominadores comuns, nomeadamente: carnidenses, pessoas de outras freguesias, cidades, estrangeiros?

Há de tudo. Depende dos eventos. Às vezes há mais população carnidense, outras vezes há mais população de fora do que daqui. Estrangeiros não tanto. Por exemplo, agora há pouco tempo associámo-nos à associação de Cabo Verde, e uma outra associação, para divulgar a Morna, e fizemos três momentos de Morna e aí sim a população cabo verdeana identifica-se muito, até porque fizemos em três pontos da freguesia: no Bº Padre Cruz, em Carnide-centro e no Bº da Horta Nova, no Dia do Imigrante, etc. Ou seja a nossa população é muito diversificada. Agora estrangeiros que venham a Portugal e venham aqui a Carnide, alguns, mas vêm comer aos restaurantes, agora propriamente participar nas nossas actividades, ainda não chegámos a tanto. Isto é, só se for uma coisa residual, mas não tem qualquer tipo de reflexo.

Voltando um pouco atrás, se pesquisarmos no sítio electrónico da autarquia na parte da programação do CCC, por exemplo, dá para perceber pelo número de páginas e publicações que acontecem menos coisas.

A cultura não deixou de ser uma prioridade em 2016 e 2017, nós tentamos ter um calendário mais transversal . Nem sequer sinto que haja menos actividade.

30. Considera que é possível para a JFC fazer da freguesia uma comunidade?

Não sei o que entende por comunidade, mas nós já consideramos isso. Por todo o trabalho que fui enunciando nós somos uma comunidade, é trabalharmos com e para a nossa população, é isso que nós no dia-à-dia fazemos.

Fazem parte da população da freguesia diferenças sociais muito demarcadas, tem uma dinâmica complexa?

É complexa, mas não é impossível de transpor. Nós conseguimos em conjunto juntar as pessoas da Horta Nova, do Bº Padre Cruz, com Carnide-centro, apesar das suas diferenças culturais e sociais, mas nós conseguimos trabalhar com todos e por vezes, dependendo da altura e dos eventos, até os conseguimos juntar. Tentamos trabalhar de igual modo com todas as pessoas da freguesia. E elas vêm em nós e na pessoa do Senhor Presidente uma proximidade incrível. Posso dizer por exemplo, que há uns tempos atrás, reunimos aqui num Sábado e de repente o telemóvel do Presidente toca. Então, era uma moradora da freguesia e o cão dela tinha caído num buraco, em Telheiras. E ela ligou para quem? Para o Sr. Presidente da Junta. Ligámos para todo o lado: bombeiros, polícia, para a casa dos animais, etc. Isto para dar um exemplo ao nível que chegámos, eu acho que assim é que deve ser, mas não deixa de ser caricato. O Senhor Presidente há pouco tempo foi salvar uns patos. Eu só me ria. Eu moro aqui ao lado na estrada da Luz, e as pessoas dirigem-se a mim para falar das suas preocupações. Eles falam connosco e nós somos realmente muito próximos da população. Não é a primeira, nem a segunda vez, que eu e o Senhor Presidente vamos à meia-noite, uma da manhã, fechar sistemas de rega, que avariaram ou estão abertos. Eu penso que isto não acontece com tanta frequência com as juntas de freguesia.

Anexo 9.7. Entrevista a Paulo Quaresma – Presidente da Junta de Freguesia de Carnide, de 2002 a 2013.

1. Tendo em conta que esteve ligado à JFC durante 17 anos, considera que a Cultura tem vindo a desenvolver um papel central para o poder local? Porquê?

Eu acho que a cultura tem aqui, e tem tido nos últimos anos um papel importante, sobretudo, na afirmação deste território, no trabalhar o sentimento de pertença, de comunidade, foi considerado como um pilar fundamental na estratégia de desenvolvimento deste território e de promoção de participação de cidadania das pessoas e o tal espírito de consciência de bairro, comunidade que era necessário ter para se partirem para outros patamares de desenvolvimento. E foi também um factor diferenciador deste território, ou seja, que este território se pudesse afirmar na cidade e na área metropolitana de Lisboa e, a forma de se afirmar era através da cultura. A partir do momento em que tivéssemos uma dinâmica cultural forte e que fosse um atractivo para que as pessoas viessem para este território, foi considerada a cultura como um pilar fundamental para esse desenvolvimento.

2. Quais são os grandes desafios contemporâneos quando se prepara programação artística? Durante todo este tempo, isto é, até ao presente, encontra alterações naquilo que tem vindo a ser a visão da JF?

Eu já não tenho ligações com a Junta desde 2014, e sendo assim é-me difícil opinar sobre esta questão. Mas, eu acho que existem alguns desafios da cultura, sobretudo do ponto de vista financeiro, por exemplo, em que para se conseguir resultados é preciso ter aqui um projecto de continuidade, que muitas vezes, não se resume, apenas, a quatro anos de mandato. É daquelas áreas que se formos economicistas puros e duros só dá despesa e pouca receita, temos de ver se esta despesa é efectivamente uma despesa ou investimento. Há desafios que se colocam ao nível da diferenciação. Nós estamos numa cidade que tem uma oferta cultural muito grande e diversificada e, portanto, de que forma é que nós conseguimos ser diferenciadores e competir com a oferta cultural que existe no território. Um outro desafio, que no meu ponto de vista, cruza com este, é a questão da identidade, ou seja, há muitas formas de fazer cultura, de podermos dinamizar a cultura, mas de que forma somos

diferentes, portanto um papel diferenciador desta questão em concreto. E há um outro desafio, por outro lado, num território como este que tem uma grande diversidade populacional, ou seja, nós temos casos em que 80% dos habitantes da freguesia residem em bairros municipais e uma outra população da classe média e média alta. Portanto, como se consegue conciliar os diferentes públicos quando estamos a fazer uma programação cultural? Há aqui, vários desafios pelo meio.

3. A informação institucional publicada através dos boletins informativos, amiudamente refere-se à preocupação constante que a JFC tem vindo a assumir relativamente à área da educação. Isso começa a acontecer em 2002, com projectos como o 4X4?

O 4x4 foi dos primeiros projectos artísticos e de formação artística ligando exactamente a cultura à educação. Em que a Junta de Freguesia, nessa altura, não tinha grandes meios nem grandes competências como hoje e decidiu apostar no 4x4. E porquê 4x4? Porque eram quatro estabelecimentos de ensino de primeiro ciclo, e básico, vezes quatro áreas de expressão e, aqui, a ideia era trabalhar com os professores, sobretudo dando formação aos professores, também em contexto de sala de aula, com técnicos especializados nestas diversas áreas e, que a ideia era trabalhar as artes dentro da sala de aula do primeiro ciclo. Mais tarde, isto evoluiu para as actividades de enriquecimento curricular, mas isto fazia parte dos currículos e estava dentro do horário lectivo das crianças em que regularmente ia um técnico especializado de cada área, para dar formação aos professores, para eles poderem desenvolver estas competências com os alunos, terminando no final do ano com uma grande amostra de trabalho da escola. Portanto, não era preparar nada para a festa final de ano ou para aquele acontecimento, mas replicar o que estava a ser feito dentro das salas de aula e depois mostrar à comunidade. Era a lógica de transformar o Jardim da Luz, a zona central da freguesia, durante 4 dias numa verdadeira sala de aula, em que os alunos saiam das salas de aula, iam para o Jardim da Luz e durante esses 4 dias mostravam muito do trabalho que tinham feito deste projecto 4x4. Isso era a Feira de Expressões que ainda hoje dura, apesar de actualmente ter outra dimensão, mas a génese começou por aí.

4. Encontra importância estratégica no sentido de criar maior adesão local, através de estímulos duráveis à criação e criatividade culturais em diferentes espaços sociais, e sob diversas formas?

Sim. Aqui, houve também na altura um conjunto de estratégias para que o usufruir da actividade cultural e o poder de alguma forma de participar como papel activo na área da cultura fosse uma realidade na população. Foi criado um plano de estratégias, desde a criação de equipamentos culturais na freguesia para que pudesse acontecer actividade cultural. O Centro Cultural de Carnide existe propriamente para isso, para alocar um espaço que tem um auditório, salas de espectáculo para poder dar resposta e poder acontecer actividades culturais na freguesia. A Casa do Coreto é outro exemplo. E a par destas infraestruturas que foram sendo criadas, era criar uma dinâmica cultural regular, em que as pessoas sabiam as actividades culturais que iam acontecer. E o terceiro aspecto, em que se atraiu para este território um conjunto de agentes culturais para também eles virem dinamizar actividades culturais, dando pequenos espaços de escritório para que eles pudessem ter a sua actividade e, a partir daí, criar ligações com a comunidade e poderem desenvolver trabalho nessa área. Não é por acaso, que é nessa altura que a Lua Cheia vem para este território, os Contrapalco, os Umbigo, a Tenda, um conjunto de associações que chegam à freguesia nesta estratégia de se fixarem neste território e a partir daqui criarem dinâmicas com a população para poderem criar actividade regular na área da cultura.

5. Que tipo de solicitações recebem e quais são aquelas que estão habilitados a responder?

As principais solicitações tinham, sobretudo, a ver com a necessidade de apoio quer logístico, quer de espaço, quer do ponto de vista financeiro. As limitações orçamentais eram grandes, havia um conjunto de competências que nós tínhamos de assegurar, não havia grandes meios financeiros para esta área da cultura, mas as grandes solicitações eram a este nível. Havia um conjunto de associações, de grupos, de pessoas que pediam, sobretudo, espaço para poderem fazer o seu escritório e a sua actividade e depois, aquelas questões logísticas como material de som, técnicos, etc., era esse tipo de coisas que nos eram solicitadas.

6. Que tipo de estímulos existiam para a criação cultural e artística?

Os estímulos que nós fazíamos eram disponibilizar espaços para atrair grupos para cá e depois era ter criado na Junta de Freguesia uma equipa técnica que de alguma forma pudesse acompanhar esta dinâmica e estes grupos, ou seja, ter alguém especializado nesta área para que pudesse fazer esse acompanhamento. Eu penso que foi um passo importante. Depois foi a constituição de um grupo que apesar de ser informal, que é a Rede da Cultura, que era um grupo que juntava na mesma mesa, todos os meses, todos os intervenientes e agentes culturais neste território, o que obrigava, de alguma forma, as pessoas mensalmente sentarem, conversarem e planearem em conjunto as actividades, partilharem os programas de cada um, para que houvesse uma complementaridade. E que, por exemplo, de alguma forma permitia fazer uma gestão de recursos, ou seja, eu sei que tenho um parceiro que tem luzes e quando preciso de uma peça sei a quem pedir as luzes, sei que aquele parceiro vai estrear uma peça naquele dia e eu vou estar a estreiar noutro, portanto uma tentativa de haver um trabalho de partilha, não perdendo a identidade e independência de cada um dos grupos, mas trabalhar-se efectivamente para um trabalho em rede e em parceria.

7. Relativamente às verbas distribuídas pelas associações de âmbito cultural, havia critérios para a distribuição das mesmas? Eram repensados todos os anos?

Eram repensados todos os anos e a vantagem da existência de uma Rede de Cultura onde todos os parceiros estavam juntos é que a discussão da distribuição de verbas, do tipo de apoios e prioridades eram discutidas em conjunto. Portanto, não eram apenas os elementos da Junta de Freguesia que decidiam, obviamente que em último caso seriam eles a tomar a decisão, mas tudo era discutido previamente com os agentes culturais, ou seja, eram as prioridades, as verbas que existiam, onde é que se priorizavam e que apoios é que se podiam dar às associações. E muitas vezes, mais do que o apoio financeiro, era o tal apoio logístico e de retaguarda, muitas vezes mais importante do que o apoio financeiro. Ter um espaço com água, luz e tudo o resto era muito mais importante.

Existia ainda um reforço financeiro para além do estipulado?

Sim. Mediante a apresentação do projecto haviam apoios regulares às actividades, como era o caso do Teatro de Carnide. E porquê só o Teatro de Carnide? questiono eu... Porque era o único grupo que existia aqui em Carnide na altura com instalações próprias e a forma que nós tínhamos era ajudando-os financeiramente com estes apoios regulares, enquanto que os outros apoiávamos com instalações. Os outros, era mediante a apresentação de projectos, que eram avaliados e concedidos (ou não) apoio para a execução dos mesmos.

8. Quais eram os vossos objectivos a curto, médio e longo prazo?

É difícil passado este tempo recuperar esta questão. Como disse, a longo prazo era isto que se conseguiu, que era de alguma forma diferenciar Carnide do resto do território e afirmar Carnide, nomeadamente, na cidade e na área metropolitana através da cultura. Isto era algo que tive de fazer! Um percurso que foi feito e de afirmação. Daí, Carnide, ser conhecido por isso. A médio prazo, era encontrar e trazer para este território os tais parceiros que o território não tinha e que era preciso trazer para criar dinâmica para chegar a longo prazo à criação de um conjunto de parceiros. A curto prazo, era poder executar um plano de estratégia cultural de imediato com um conjunto de actividades regulares, anuais, que pudessem estimular a população a participar e a envolver-se nessa actividade.

9. A JFC funciona para os vários grupos locais como coordenadora da chamada Rede Cultural de Carnide. Sob algum meio eram discutidos diferentes papéis de actuação pensando à luz da escala local?

A Junta era apenas o pivô, o dinamizador, o facilitador de todo o processo. Não estava no papel de superioridade, ou seja, não éramos nós que decidíamos se aquele grupo fazia mais ou menos actividade, nós estávamos num papel de mediadores e de lançar estímulos para que pudesse acontecer uma actividade mais regular. Por exemplo, quando nós tínhamos a intenção de promover o Dia Mundial do Teatro ou o Natal Comunitário eram pensados estímulos para, de alguma forma, poder envolver a comunidade e as instituições a participar. Mas o nosso papel na Rede de Cultura era estarmos ao mesmo nível do que os restantes parceiros. Era a tentativa de trabalhar em conjunto, cada um com o seu papel. E nós, apenas iríamos intervir quando não

havia ninguém para intervir. O que quero dizer com isto? Não fazia sentido a Junta de Freguesia ser a promotora teatral quando há parceiros que o fazem. Se não existisse, nós aí poderíamos avançar como causa, apenas iríamos colmatar as falhas e as necessidades do território e criar condições para que outros pudessem agarrar nisso. A partir do momento em que nós temos uma associação que consegue e tem perfil para dinamizar o espaço cultural, não tem de ser a Junta de Freguesia a ter que assumir directamente essa gestão, esse espaço cultural. Nós, apenas, estamos ali para completar o trabalho, facilitar e incentivar a realização desse trabalho.

10. Havia na programação cultural uma maior atenção ao público sénior e infantil ou ao público em geral? Essas soluções fazem parte de uma estratégia?

Claro que havia actividades ao longo do ano, umas mais dedicadas a um público, outras mais a outros, mas não com o sentido de priorizar esta ou aquela faixa etária, o que existia era um trabalho também internamente dentro da freguesia em trabalhar em rede, ou seja, a cultura obrigatoriamente trabalhava em parceria com a educação. Portanto, havia coisas como por exemplo o 4x4, em que a cultura e a educação tinham que trabalhar em conjunto. Em simultâneo, a cultura teria de trabalhar em conjunto, por exemplo, com o gabinete da juventude. E, se existia um laço com a juventude, obviamente haveria actividades culturais pelo meio. E se tivesse que cruzar com o gabinete do idoso, tinha por exemplo a academia sénior. Portanto, havia um trabalho interno dentro da Junta de Freguesia na definição da estratégia, da prioridade e do calendário do ano em que estas áreas se cruzavam obrigatoriamente para isso. Nós nunca priorizámos uma faixa etária em detrimento da outra.

11. Considera que se verifica um aumento quantitativo e qualitativo do consumo e das práticas culturais na freguesia de Carnide?

É difícil de avaliar isso, porque nós não trabalhávamos exclusivamente para a população de Carnide. Há umas pessoas que vinham e que vêm usufruir de alguma cultura na freguesia e que nem sequer são da freguesia. É difícil medir se houve um aumento ou não. Agora, o que é certo é que quando se criaram oportunidades e conjuntos de projectos culturais houve público para isso. Quando se abriu o Centro Cultural de Carnide, no primeiro ano, foram milhares de espectadores. Obviamente

que isso trouxe uma outra dinâmica! Eu estou a crer que sim, que houve pessoas da freguesia que passaram a estar mais atentas e a usufruir de uma outra forma da oferta cultural que existia na freguesia. Agora, não tenho dados concretos e objectivos que possam medir esse crescimento.

12. Relativamente ao CCC, de que forma este equipamento cultural veio alterar as dinâmicas cultural e artística na freguesia?

Veio, na altura porque de repente passámos a ter mais um auditório, gerido pela Junta de Freguesia colocado aos agentes culturais a valores muito baixos. E a ter na freguesia, em concreto naquele bairro, uma programação regular e diversificada que até aqui não existia. Passaram a haver peças regulares, exposições, uma programação regular onde foram criadas condições para ter uma equipa técnica a trabalhar em exclusivo e, a partir daí criou-se uma dinâmica que não funcionou apenas dentro do Centro Cultural de Carnide, mas também para além deste equipamento cultural.

13. Havia uma preocupação por equilibrar a programação do CCC por domínio artístico?

Não. Era também um pouco daquilo que fosse aparecendo por parte dos parceiros. E depois íamos completando com aquilo que a gente via que era de programação. Nunca houve esta preocupação de que vamos tentar equilibrar, era o que fosse surgindo, aparecendo, o que fizesse sentido.

14. Encontra alguma lacuna na oferta artística de Carnide?

Sim. Voltando à questão dos recursos financeiros, não era fácil conseguir trazer para este território e para o centro cultural, por exemplo, algumas pessoas que a gente queria, porque sempre com os orçamentos limitados trabalhávamos à bilheteira e nem sempre conseguíamos atrair um ou outro espectáculo que a gente gostasse de ter. Portanto, não foi fácil construir a programação.

Que tipo de espectáculos?

Teatro, todo o tipo de espectáculos. Havia espectáculos que queríamos trazer para o Centro Cultural de Carnide, mas devido aos custos elevados que isso acarretava, nós não conseguíamos lá chegar e eles não aconteciam. Para além de todas as limitações

técnicas! Aquele espaço não foi pensado, por exemplo, para ser uma sala de espectáculos, ele foi adaptado de um auditório para se tornar sala de espectáculos, mas com condicionantes técnicos que não permitia receber determinados espectáculos, pelas características do espaço.

15. Relativamente ao teatro, foi alguma vez medida a percentagem de habitantes de Carnide que assistem a espectáculos?

Não, isso nunca foi visto em concreto, quem era ou não era da freguesia.

16. Existem iniciativas várias para a infância e para a terceira idade. Qual pensa ser o(s) motivo(s) para a fraca participação pela geração adulta?

Eu acho que tem a ver com momentos de vida. O que nós costumamos dizer é que há actividades para a infância que é quase um público comprado, porque se uma escola se envolve para ir ver uma actividade, não foi o aluno A, B ou C, que por sua livre vontade decidiu ir a assistir. Alguém organizou e foi. E portanto é mais fácil, muitas vezes, conseguir fazer actividades para a infância porque tem este «público comprado». Para a terceira idade, é diferente também porque a população está com outra disponibilidade de tempo, para poder participar porque não tem uma vida profissional activa e, portanto, consegue usufruir. Eu acho que isto é como em tudo. Os estereótipos são difíceis: não é todo o adulto que não usufrui de actividade cultural, como não é todo o idoso que usufrui. O que eu acho é que em momentos da vida as pessoas tem mais ou menos disponibilidade para participar. Quer dizer, um casal jovem, recém-casados, que têm um filho pequeno, fica muito mais limitado de usufruir da actividade cultural do que uns idosos que...é difícil de criar aqui estereótipos mas eu acho que a população adulta, não sei se participa menos, participa de outra forma, tem uma outra disponibilidade às vezes menor para participar e se calhar, enquanto que, na infância, não é tanto a criança que decide o que vai ver e onde vai ver. Mas em relação ao adulto a fronteira é maior e, é o mesmo que usufrui aqui que vai também usufruir um espectáculo em Almada. Portanto, eu não sei se a população adulta participa menos ou mais, participa de uma outra forma e a disponibilidade também é outra.

17. Quais as principais funções desempenhadas pela CML junto dos agentes teatrais da freguesia?

Houve momentos e momentos. Nem todos os momentos foram iguais. O que acontece é que no geral não. Porque há uma ideia muito centralista, nomeadamente desta questão cultural em que a periferia da cidade é sempre vista de uma forma diferente. Ou seja, tudo aquilo que se passa da segunda circular para cá, a oferta cultural é menor, a atenção e a disponibilidade é menor. Um exemplo: a CM criou uma empresa municipal, uma empresa na área da cultura, a EGEAC, e que se formos ver se dedica em grande parte, por exemplo nas festas da cidade, onde é que elas acontecem? Não é na zona norte da cidade. Obviamente que a atenção, a preocupação, a estratégia, o apoio que o município dá a esta área é claramente diferente do centro da cidade para a periferia. E isto sempre foi um problema de atractivo, ao ponto de, a determinada altura, haver quem dentro da CM achar que promover actividade cultural nesta zona da cidade, não era trazer dinâmica cultural para dentro dos bairros, para dentro destas freguesias, mas era alugar autocarros e vir buscar as pessoas a estes bairros para irem assistir a espectáculos de teatro no centro da cidade e, isto foram propostas concretas que nos foram apresentadas e nós recusámos na altura, porque achámos que a estratégia cultural não era isto, não era ir aos bairros buscar as pessoas para irem ao Politeama ver peças de teatro. Era criar efectivamente dentro dos bairros, ter e criar condições (como nós entretanto fomos tentando criar) para que efectivamente houvesse dentro dos bairros da freguesia uma dinâmica cultural diferente. E, portanto, o apoio da Câmara nem sempre foi, nem de longe nem de perto, o desejado.

18. Em que medida o programa BIP ZIP foi importante para a freguesia? O projecto Pulsar veio suplantar a sua falta?

O BIP-ZIP não se resumia exclusivamente à área cultural, era um programa mais amplo de intervenção comunitária e que serviu para juntar mais uma vez. Conseguimos durante esses anos ter quatro projectos, todos os anos em quatro territórios diferentes e conseguimos criar aí uma dinâmica interessante não apenas para as associações culturais, mas também para as desportivas, as associações de pais, toda a gente se envolveu em torno disto. Foi um passo importante, acho que reforçou e muito trabalhar em rede e trabalhar verdadeiramente em comunidade, todos.

Disponibilizar recursos para que as associações pudessem fazer algum trabalho. Eu acho que isso foi muito importante. Em relação ao Pulsar não posso dar grande opinião. Eu já não apanhei a fase do Pulsar. Eu acho que o Pulsar veio de alguma forma, perdendo-se a dinâmica do BIP-ZIP, perdendo-se a pujança que aquele projecto estava a ter e perdendo-se o financiamento para esse projecto, tentou-se encontrar aqui uma segunda via que era ter aqui um Pulsar, que é uma versão muito mais ligeira e muito menos participativa, com menos intervenientes, etc., mas penso que tenha sido o possível nessa altura.

19. No âmbito de um dos programas BIP-ZIP em 2014, teve lugar no CCC um colóquio intitulado «Como construir uma comunidade?», quais foram as principais conclusões?

Foi uma forma de juntar, porque toda a gente está em comunidade, toda a gente participa em n projectos, mas há a necessidade de em alguns momentos fazer parar, sentarmo-nos, tentar perceber até onde é que já fomos, para onde é que queremos ir, quais é que são as dificuldades, as potencialidades, quem é o parceiro que está ao lado, que às vezes nós sabemos o nome, mas não sabemos o que é que ele está a fazer. E este encontro serviu sobretudo para ouvir os vários intervenientes, as experiências de cada um, o que é que cada um estava a fazer, as potencialidades, as dificuldades e cruzar, partilhar sobretudo experiências, e perceber que o caminho que estava a ser feito devia continuar a ser este. Que era o de trabalhar em rede e encontrar estratégias para potenciar mais esse trabalho. O objectivo não passava por encontrar propostas em concreto, a ideia era mesmo partilhar informação, partilhar experiências, de como é que as coisas estavam a ser feitas, por exemplo, o BIP-ZIP tinha quatro bairros e permitia que as pessoas de um determinado bairro pudessem ouvir como é que estava a ocorrer a dinâmica e ganhar algumas experiências de como é que nos outros bairros a coisa estava a acontecer. Foi muito mais uma partilha de experiências, do que propriamente encontrar uma estratégia para futuro e que conclusões é que poderíamos ter para mais tarde fazermos.

20. Qual é a importância que a Feira da Luz representa para a freguesia? Que oportunidades traz ao associativismo local? A sua exposição pode representar o formar de novos públicos?

Eu acho que a Feira da Luz está num outro patamar. Durante muitos anos discutiu-se e finalmente em 2014, foi preciso um percurso de quase quinze anos para se conseguir chegar até aqui. O que se sentia sempre é que a Feira da Luz tinha e tem um grande potencial e estávamos a alto nível. Mas, não era pensado dessa forma e portanto não era rentabilizado. A Feira da Luz devia ser algo pensado em primeiro lugar para a área cultural, de dinamização cultural, nós defendíamos isto, mas na câmara não era: quem fazia e organizava a feira era o departamento de abastecimento. Ou seja, quem trata dos mercados. Obviamente que nós sempre dissemos que isso até funcionava bem, agora a dinâmica da Feira da Luz não podia ser apenas o leilão de quem é que ia para determinado sítio, era o que é que daí se podia aproveitar. E o que nós dizíamos sempre é que não fazia sentido organizar-se uma Feira da Luz na freguesia (com estas potencialidades) e a freguesia não ter qualquer envolvimento, nem haver uma programação cultural a decorrer ao mesmo tempo do que a Feira da Luz. E o que acontecia era que a CML vinha cá arrecadar 100.000 € (ou mais) de taxas e não havia retorno para a freguesia. Em 2014, conseguiu-se inverter isto e, pela primeira vez é a JF que assume a organização da feira. A feira estava a morrer: em 2013 já só tinha metade dos feirantes e, conseguiu-se em 2014, dar uma nova dinâmica à Feira da Luz e atrair, e provar, que esta feira tinha potencialidades; que era possível durante um mês ter uma programação cultural. Não cria públicos, transforma é mais uma vez! Atrair pessoas de fora a virem à freguesia e para a própria freguesia poder usufruir de concertos ao ar livre, etc. Mas é mais uma vez, uma forma de afirmação da própria freguesia e de continuar a atrair para cá muita gente que vem a pretexto da Feira da Luz, que vem conhecer a freguesia, vem conhecer a sua dinâmica e o movimento associativo, apesar de a altura não ser sempre a melhor, porque em Setembro está toda a gente a recomeçar etc., mas ainda há associações que utilizam a Feira da Luz quase como montra, para mostrar que existem, quem são, o facto de virem milhares de pessoas aqui a Carnide, poder aproveitar a vinda dessas pessoas para dar a conhecer a associação, os projectos que estão em desenvolvimento.

21. Durante as obras de requalificação da Escola da Luz, aquando se aguardava o consentimento da CML para o arrancar do projecto, falou-se em criar neste espaço algo como um *cluster criativo*. Que tipo de projectos aconteceram?

Houve aqui um período em que a escola ia entrar em obras, em que os alunos foram deslocados no início das obras, e nesse período de tempo fez-se uma experiência interessante, que foi: já que o edifício estava devoluto, foi colocado à disposição de um colectivo artístico, dentro daquelas instalações, onde teria lugar um conjunto de projectos culturais enquanto a escola estava para iniciar as obras.

Que tipo de projectos aconteceram?

Teatro experimental, música alternativa, ateliers para artistas plásticos, eram muito nesta onda.

De âmbito nacional, local?

Local. Ou seja de Lisboa, não só da freguesia.

22. Havia uma preocupação de nacionalização ou internacionalização do trabalho artístico da freguesia?

Não.

23. Fez parte do processo do vosso trabalho identificar as vontades e necessidades da população envolvente?

Não directamente na área da cultura. Mas nós tínhamos a dinâmica da gestão participada e todos os anos por ocasião da elaboração dos orçamentos para o ano seguinte era feito uma auscultação da população daquilo que eles consideravam ser as prioridades para o ano seguinte e aquilo que eles achavam que devia ser priorizado, e aí havia uma auscultação à população.

E normalmente a área cultural não era a opção?

Não era propriamente a opção. Mas não íamos para um orçamento participativo puro e duro, ou seja, em que as pessoas diziam quais eram as áreas que deviam ser priorizadas, era sobretudo discutir as várias áreas e, a partir do momento que nós discutimos as várias áreas, a questão cultural nós também a colocávamos em cima da mesa. E portanto apareciam algumas discussões em torno de prioridades para a área da cultura. Aliás, o CCC aparece também porque a população discutia muito a necessidade de ter um espaço daquele género.

24. Através das publicações consultáveis no sítio electrónico da JFC, os boletins, as agendas culturais e a programação do CCC, e lendo os relatórios de actividades do TC, em paralelo, fiz um levantamento exaustivo do número de sessões teatrais (ao nível dos espectáculos e das formações), que aconteceram por toda a freguesia de Carnide e que de algum modo eram promovidos pela JF. Evidenciei que as tipologias teatrais mais recorrentes eram o teatro (no sentido mais generalista/ para adultos, se quisermos), o infantil, as formações, as leituras e as marionetas, e os menos representativos, o teatro musical, a revista e o teatro de rua. Quais as razões?

Costuma dizer-se que não se fazem omoletes sem ovos, portanto faziam-se as omoletes com os ovos que existiam: era de acordo com os agentes culturais que cá tínhamos na altura. Não é por acaso que aparece um conjunto de actividades na área das marionetas, porque existia uma associação cultural na freguesia, que ainda existe, que só trabalha praticamente nessa área, que é a Lua Cheia. Não havia musical porque não havia nenhum grupo cultural na freguesia que tivesse essa vocação, portanto eu acho que aqui foi um pouco a dinâmica de acordo com os agentes culturais que existiam no momento na freguesia. O Teatro Armando Cortez não tinha, na altura, uma grande dinâmica cultural. Limitava-se a ter o TIL, que ia lá na temporada do natal fazer uma peça, depois o espaço estava muito pouco aproveitado, esse sempre foi o problema: uma sala como aquela dimensão não era fácil de rentabilizar e portanto nunca tinha uma dinâmica cultural muito grande.

25. Quais as vantagens de criar projectos que pressupõem um grande envolvimento da comunidade?

É que não sejam projectos para artistas. Ou seja, a grande diferença do envolvimento da comunidade, é que nós estamos a trabalhar a raiz, não estamos a trabalhar nem a folha, nem o caule. Dá mais trabalho, precisa de mais tempo, mas deixa mais alicerces e outras raízes do que vir aqui apenas exhibir espectáculos sem um envolvimento da comunidade, isso não traz nem garante a continuidade do trabalho.

26. Desde que foi Presidente da Junta pela primeira vez, até ao final de 2017, denota um trabalho de continuidade no que concerne às políticas públicas para a Cultura?

Sim, houve claramente. Os vários executivos nos actos eleitorais foram manifestando essa vontade e os vários executivos que foram constituídos a partir daí foram de continuidade e obviamente adaptando, avaliando, fazendo ajustes, mas foi efectivamente um trabalho de continuidade.

Quais são os exemplos mais significativos comparativamente: numa primeira fase entre 2011-2013 e depois entre 2014-2017?

Feira de Expressões teve continuidade; a cedência dos espaços às associações; o próprio CCC; a rede da cultura continua a existir; portanto, grande parte daquilo que foi criado antes de 2014 teve continuidade.

27. O ano de 2013, apesar de ter sido um ano de eleições autárquicas e sucessão de executivo, foi um ano com muita actividade teatral. Porquê?

Não tenho esses dados que me comprovem que esse foi um ano excepcional, mais do que os outros anos. Simplesmente parece-me que as coisas têm o seu período de maturação e não é com um estalar de dedos que aparece uma dinâmica cultural. Ou seja, precisou de algum tempo para se afirmar como tal. Eu não tenho forma de confirmar esses dados, mas isso deve-se muito à dinâmica que estava a ser criada e se calhar nesta altura as estruturas que tinham sido pensadas, já estavam mais estruturadas e portanto permitiam dar esse salto para a actividade que foi feita neste ano. É a única explicação que eu vejo para isso.

Nesse sentido de ir criando raízes, denota, ainda que de forma pouco medida, que continuamos nesta evolução progressiva?

Na área cultural nos últimos anos perdeu-se grande parte da dinâmica cultural que existia na freguesia.

Nestes últimos anos estamos a falar de 2016, 2017?

Sim. Perdeu-se muito dessa dinâmica, perdeu-se efectivamente essa consciência do que é trabalhar em rede e com todos os parceiros efectivamente envolvidos e são outras prioridades, não digo que sejam melhores ou piores, mas o que se sente é que se perdeu alguma dinâmica cultural que até aqui vinha. O tal processo diferenciador de Carnide em relação aos outros na área cultural, eu acho que se perdeu pelo conjunto

de todas as ofertas que entretanto surgiram, eu acho que o único aspecto diferenciador que possa existir neste momento é a Feira da Luz e a dinâmica que esta feira teve a partir de 2014. Relativamente ao resto eu acho que se perdeu dinâmica.

Quais é que são as prioridades deste executivo?

Não sei. Seguramente haverá outras prioridades e outras opções. Não sei quais são.

28. Considera que é possível para a JFC construir uma comunidade?

Sim, e foi construindo ao longo dos anos. Não é por acaso que esta é uma freguesia de participação e analisando os números, quando chegam por exemplo actos eleitorais a taxa de abstenção neste território é muito inferior à taxa de abstenção no resto da cidade. É porque se criou efectivamente um espírito de comunidade, intervenção, de consciência cívica, etc., muito diferente do resto do território. Não é por acaso que neste território continuam, e passando para além da área cultural, mas eu acho que a cultura também aqui indirectamente toca nisso; não é por acaso que neste território continuam a existir três esquadras de polícia e um posto, por exemplo; não é por acaso que neste território continuam a existir uma estação de correios. Estou a dar estes exemplos porque as pessoas estão efectivamente envolvidas na comunidade, mobilizam-se e quando se diz que vão encerrar dezassete esquadras numa cidade e duas delas só na freguesia de Carnide. As outras quinze fecham, mas as duas de Carnide não fecham porque as pessoas mobilizaram-se, envolveram-se, encontraram criatividade na luta e na forma como intervêm, muito diferente do resto do território e isso deveu-se muito ao papel que uma JF teve no sentido de tornar a população e a comunidade ainda mais interventiva nos vários aspectos.

Anexo 9.8. Entrevista a Rita Martins - Directora de produção, programadora e actriz do TC

1. Poderia falar um pouco da altura em que começou a trabalhar no TC – Teatro de Carnide – Sociedade Dramática e do seu percurso enquanto actriz, produtora e programadora?

São coisas diferentes: aqui no TC comecei a trabalhar em 2010. E depois entrei para a direcção e o teatro estava numa fase um pouco complicada, porque tinha estado nos últimos anos, com uma direcção pouco activa, sem projectos contínuos, sem alguma regularidade. E, portanto, o primeiro trabalho ou objectivo foi o de reconquistar público e colocar outra vez o Teatro de Carnide nos percursos culturais da freguesia e da cidade. Esse foi o primeiro trabalho! E, por isso, começamos a trabalhar com jovens que ainda estavam a terminar o curso da Escola Superior de Teatro e Cinema, alguns acabaram por fazer aqui os projectos finais, ou seja, para as pessoas que estavam em formação, começarem a ouvir falar do TC. Porque os mais velhos conheciam o nome, conheciam e conhecem: era «o teatro do Bento». E havia este reconhecimento do TC e, há muitos anos. Portanto, achámos que devíamos intervir na faixa mais jovem, para eles começarem a vir cá, começarem também a conhecê-lo e desligarmo-nos um pouco do teatro do Bento, que foi o fundador, e do teatro amador. Realmente o TC estava muito ligado a essa actividade voluntária, totalmente voluntária. Actualmente o que acontece é que não há apoio para isso, nós resolvemos criar uma estrutura semi-profissional e fazer uma transição para uma estrutura profissional, que é o que esperamos o mais rapidamente possível, para que tudo isto seja profissionalizado. Enfim, devagarinho vamos criando essa estrutura. Foi assim que eu voltei ao TC e é assim que ainda hoje continuo na direcção de produção. Como actriz comecei aqui como teatro amador, ainda com o João Ricardo em 93, depois estive fora de Lisboa muitos anos, estive sempre ligada ao teatro. Criei uma companhia em Beja, que ainda hoje existe, que é as Lendias D'Encantar, depois tive no Algarve ligada a uma companhia que já existia, que era o Quatro Ventos, isto sempre num registo mais amador (digamos assim), embora a companhia de Beja também se tenha profissionalizado, depois estive no Trindade, aí sim já como actriz profissional, trabalhei lá um ano; posteriormente estive numa companhia em Portel. Portanto eu

fui sempre ligando o teatro à minha profissão de professora, na verdade a minha formação inicial é de professora do secundário. Com estes projectos de criação de companhias, de trabalho em companhias muito pequenas onde todos têm de fazer tudo, fui ganhando esta experiência e este *Know how* de contactos, de fazer produção de fundo; e entretanto fiz um curso de *Cultural Management* e acabei por tomar-lhe o gosto e gostava muito até de investir...Também estive em Évora em Estudos Teatrais, entrei na Licenciatura, quando estava no Alentejo, mas depois como foi no ano que estava a trabalhar no Trindade, também não conseguia assistir às aulas, e na verdade eu entrei nesse curso na perspectiva, como eu já tinha muita experiência de teatro, de ganhar alguma formação académica, algum reconhecimento académico, mas a verdade é que o curso não me estava a trazer nada de novo e, às tantas, até foi uma professora que me disse: «o que é que está aqui a fazer, se já está a trabalhar no Trindade, se já fez uma série de coisas?». Eu sei que realmente não era esse o caminho, talvez uma Pós-Graduação, ou um Mestrado, ou outra coisa.

Mas, neste momento, a sua principal actividade passa mais por ser produtora do que ser actriz provavelmente?

Bom, eu gosto mesmo é de ser actriz! Mas sim, por necessidade também. Porque precisamos de alguém que pense a programação e esteja dentro do meio, e realmente, dentro das pessoas que estão dentro da direcção do TC, eu sou essa pessoa. E faço a programação e a direcção de produção. Tento sempre ter alguém que depois acompanhe os projectos comigo. Por exemplo, no próximo espectáculo eu vou entrar como actriz, portanto estou a tentar passar tudo o que é produção a outro. A programação é da minha responsabilidade. Já fechámos até ao fim de 2019. E convidar os encenadores, tentar definir que projecto é que queremos, isso é da minha responsabilidade.

2. Quais considera serem os grandes desafios contemporâneos quando se prepara programação artística? Encontra alterações naquilo que tem vindo a ser a missão do vosso grupo?

Sim, encontro. Eu acho que neste momento já temos tido um público regular e nesse aspecto já passámos um bocadinho dessa fase. Já recolocámos o TC no panorama

cultural: as pessoas sabem onde é, sabem que existe, sabem que fazemos coisas. Portanto essa fase está ultrapassada. Os grandes desafios são e será até nós recebermos um reconhecimento da DGArtes para nós recebermos um apoio bianual, uma coisa mais regular, que nos permita de facto profissionalizar a estrutura toda, esse é o maior desafio. Por outro lado, como também ganhámos o Orçamento Participativo da Câmara para ter um novo edifício, esse também é um desafio que é pôr esse projecto a andar.

3. E ao nível da programação?

Não, quando faço programação a minha única preocupação é a gestão do orçamento. Não é aquilo que os encenadores querem, é procurar um encenador que eu me identifique, isto é, quando digo eu é a linha que nós procuramos no TC. Gostamos sempre de autores contemporâneos, dramaturgias contemporâneas, mesmo que seja um texto clássico, que tenha uma perspectiva ou uma dramaturgia que seja trabalhada numa estética contemporânea, isso para nós é importante. Portanto, procuro sempre pessoas que vejo que o seu trabalho seja nessa linha, convido-as e depois a minha maior preocupação é gerir o orçamento. Os encenadores são pagos, e depois os custos de produções. Tem tudo de ser mais ou menos previsto, ou pelo menos tentarmos perceber o que irá ao encontro daquilo que o encenador quer, mas também gerir de acordo com aquilo que é financeiramente possível para nós.

4. Quem são os vossos parceiros e como promovem os vossos trabalhos?

Os nossos parceiros são essencialmente a JFC, uma parceira importante, não só a nível financeiro como logístico, como até de divulgação, sim é verdade. Depois temos o Inatel, que também nos apoia em algumas actividades culturais e na divulgação. Parceiros regulares temos esses. Depois temos uma parceria com o Metro, que nos permite ter os cartazes a circular nas carruagens e como contrapartida nós fazemos duas animações anuais, que é a carruagem de Natal e o aniversário do Metro, que acabamos sempre por fazer. Mas é uma parceria que neste momento está a ser reconsiderada, porque sai-nos muito caro e não sentimos o *feedback* do público, o retorno digamos assim.

5. Quem é o proprietário deste edifício onde está sediado o TC? Este espaço já pertenceu aos Condes de Carnide, quanto era a renda na altura? Estamos a falar de que época?

É uma senhora, que eu não sei o nome, porque eu não trato dessas questões administrativas, que é da família dos donos de vários edifícios desta zona, que herdou. Eu penso que serão ainda descendentes do Conde de Carnide, que era dono disto tudo.

É a Junta que paga a renda?

Não, a Junta não paga a renda. A autarquia dá-nos um apoio que nós somos livres de o usarmos como quisermos, mas obviamente a prioridade é pagar a renda e as contas para manter o espaço aberto, essa é a prioridade e de facto o apoio deles garante que nós consigamos assegurar esses custos: a luz, a água, e a renda. Mas isso é uma prioridade nossa, ou seja, a Junta transfere-nos um apoio financeiro e nós usamos como queremos.

6. Qual é o quadro orgânico e funcional do grupo? Carecem de recursos humanos?

Sim, claro que sim! Só que voluntariamente é muito complicado. Hoje em dia é muito difícil, em Lisboa pelo menos, o trabalho voluntário, ou então é muito irregular e nós precisamos aqui efectivamente de uma equipa já estruturada, com algum *know how*. Ou seja, eu para ter aqui alguém de vez em quando dar uma ajuda, eu prefiro não ter, porque eu vou de «perder tempo», sempre a actualizar essa pessoa sobre o que se está a fazer, o que é que se está a passar, e o que é que já se fez, e o que falta fazer. Portanto, eu preciso de uma pessoa em termos de produção e comunicação. Claramente falha-nos, em termos de divulgação não conseguirmos chegar onde devíamos, por isso claro que sim, claro que nos faltam recursos humanos.

7. Qual é a visão e as estratégias delineadas para a prossecução dos vossos objectivos?

Este ano a prioridade é mesmo trabalhar com a Câmara para termos o novo edifício. Quando tivermos o novo edifício como ele está no projecto, será uma fonte por si só, porque terá duas salas, uma mais virada para o trabalho comunitário, mas que traz sempre pessoas, ou seja, será uma sala aberta para projectos mais ligados à

comunidade. E uma outra sala mais vocacionada para a nossa programação e para os acolhimentos. Sendo que dependerá da estrutura que eles precisarem, se precisam da sala principal ou da sala estúdio, digamos assim; mas eu penso que um espaço novo será certamente um grande alívio, para já estarmos tranquilos em relação aos custos. Para manter este espaço que é muito antigo, já não é só a renda, já é tudo. E depois vai-nos permitir chamar outro tipo de companhias, se calhar até de dança, outro tipo de intervenção, porque será um espaço maior, será um espaço localizado, não que este esteja mal localizado - eu até gosto muito de estar aqui no Centro Histórico, no meia das azinhagas - mas à partida será na Avenida do Colégio Militar, terá muito mais visibilidade, a inauguração será certamente um ponto facilitador de comunicação, para as pessoas saberem onde nós estamos, portanto eu acho que isso pode ser um ponto de viragem, e será , acredito que será, um ponto de viragem. Esse é o nosso grande objectivo este ano. É pôr a Câmara a avançar com esse projecto.

Mais alguma coisa que possa adiantar relativamente à visão do grupo?

Em termos da programação não está nos nossos planos termos um encenador residente, como houve em tempos o Bento Martins, como a Cornucópia tinha, como a Comuna tem. O que normalmente acontece com estes encenadores que são muito carismáticos, saem de cena, seja porque motivo for e as companhias acabam por sofrer muito com isso, algumas nem sobrevivem, como no caso da Cornucópia, que é um caso recente e portanto está-nos na mente. E nós não queremos correr esse risco, queremos sempre manter esta forma de convidar encenadores, mesmo que eles se repitam, por exemplo, o Cláudio Hochman já fez mais de um espectáculo connosco, vai fazer outro para o ano e, isso a mim não me incomoda, desde que não se torne um encenador residente, ou não passe a ser o TC muito colado à imagem de um determinado encenador. Para mim vamos sempre continuar nesta linha de convidar encenadores portugueses ou estrangeiros, isso é um salto que eu gostaria de dar - ter encenadores estrangeiros - desde que se identifiquem com a nossa linha estética, que, como já disse tem que ver com abordagens muito contemporâneas.

8. Esse é um dos critérios da vossa programação, existem outros?

Sim, nomeadamente nos acolhimentos. Para este tipo de programação, nós gostamos de seleccionar criadores emergentes, jovens, que de alguma forma não têm onde expôr os seus espectáculos, ou ainda não conseguiram, ou conseguiram só temporariamente. Aí o critério é outro, aí procuramos pessoas mais jovens, ou não, até podem ser pessoas com alguma experiência mas que se lançaram na encenação há pouco tempo, nessa perspectiva chamamos de criadores emergentes, porque ainda estão a surgir. E aí nós temos mais esse critério, ou seja, apoiar projectos sempre nessa perspectiva do contemporâneo, um bocadinho diferentes, isto é, não procuramos projectos muito convencionais, procuramos um lado mais experimental das propostas que nos trazem. Por exemplo, já tivemos aqui muitas propostas de espectáculos para escolas, aqueles textos de escola, em versões muito convencionais, nós não aceitámos. Não tenho nada contra, só acho que realmente não tem nada a ver connosco e não é por aí. E em termos financeiros até podia ser uma mais-valia. Mas de facto não é a nossa linha. Eu prefiro ter aqui um fim-de-semana, ou duas semanas, como já tivemos, um grupo de teatro-dança, que até teve pouquíssimo público, mas o espectáculo era de carácter experimental, eles estavam extremamente felizes de terem onde fazer o espectáculo (e para nós também foi um gosto) e ver que de facto se valoriza este tipo de intervenções, criações que às vezes é mais difícil de colocar num espaço precisamente por esse carácter experimental.

9. Que tipo de estímulos/apoios existem para a criação cultural e artística? Carecem de recursos financeiros?

Existem bastantes. A DGArtes tem algumas possibilidades, a Gulbenkian, a GDA também, o Inatel numa perspectiva de apoio mais à associação do que à criação, estes são assim os mais óbvios; depois a Câmara e a Junta, apoio municipal digamos assim. Em Lisboa, neste momento, é o que mais facilmente se consegue, claro que depois podemos procurar outros apoios, nomeadamente empresariais e particulares, tentar sempre negociar com eles, mas a nossa lei do mecenato não é nada compensatória para as empresas, portanto só se eles tiverem um interesse social, o que às vezes acontece, algumas empresas têm um departamento social, em que tentam de alguma forma fazer um trabalho de intervenção social. Ainda são poucas em Portugal. Não sendo por aí é difícil! Claro que é mais fácil um banco apoiar o Tivoli, ou o Altice Arena,

coisas com mais visibilidade. Acredito que isso também seja para nós mais fácil se tivermos um novo edifício.

10. A JFC tem sido uma mais-valia efectiva para o desenvolvimento do vosso projecto? Desde que se sediaram em Carnide, denota um trabalho de continuidade no que concerne às políticas públicas para a Cultura?

Sim. Neste momento já nem tanto pelo apoio financeiro. Já é uma percentagem relativamente pequena do nosso orçamento global. Mas pelo apoio logístico, pelo destacamento de técnicos, quando temos algumas actividades, como a marcha que é uma coisa muito complicada e nós somos uma estrutura muito pequena. Sim, eles têm uma relação muito próxima com o TC, independentemente do executivo, e penso que eles reconhecem o TC de forma diferente das outras estruturas culturais em Carnide, não que elas não tenham o valor que têm, claro que têm, mas porque realmente a base desta dinâmica cultural nesta freguesia foi o TC e a partir daí gerou-se o teatro aqui à volta. Eu gosto de pensar que temos tanto teatro em Carnide, porque o TC lançou aqui uma pedra, a primeira, e de facto as pessoas ficaram todas com esse bichinho, a comunidade, e assim foi crescendo. Portanto, a JF tem reconhecido sempre que o TC tem um estatuto algo diferente das outras associações. Mais uma vez não desfazendo das outras associações, cujo trabalho eu respeito e admiro bastante. Mas algumas nasceram o ano passado, por exemplo o Resto de Nada; o Teatro do Silêncio está no máximo há dez anos em Carnide, e se calhar já estou a exagerar; a Boutique da Cultura também é muito recente, portanto são mesmo estruturas diferentes.

11. Desde que o vosso grupo se formou, denotam um trabalho de continuidade no que concerne às políticas públicas para a cultura?

Não, no nosso caso não. Nós sabemos que quando o Bento Martins era vivo, ele tinha um apoio enorme da Câmara, por exemplo: ele tinha tudo o que queria da Câmara, ou do Inatel, a Faos, também me lembro de ouvir falar, que eram estruturas de apoio ao desporto e à cultura (misturavam-se muito estes dois conceitos). Pronto, eu sei que nós não temos, nomeadamente um protocolo escrito e formalizado com a Câmara (como algumas estruturas têm) porque de facto não era preciso, porque eles o conheciam, era tudo muito informal. Por um lado havia esse reconhecimento, esse

apoio, por outro como não ficou escrito nós perdemos aqui um barco que, por exemplo, a Comuna teve e por isso têm aquele espaço, apoio regular e etc., mesmo da Câmara. E por isso sim, eu penso que as coisas complicaram-se em termos burocráticos e do acesso aos apoios, neste momento é muito mais complicado, burocrático e administrativo, muito mais difícil, porque deixou de ser pessoal. Nós temos imensas fotografias do Presidente da Câmara aqui com o Bento Martins, aqui a tomar café, ou o que fosse. Não é por serem amigos, que eles não se conheciam. Conheceram-se na situação de erguer aqui uma estrutura a mexer muito culturalmente e portanto, nessa perspectiva, as coisas eram muito mais de proximidade. Neste momento em relação à Câmara não há nenhuma. É muito difícil chegar à vogal da cultura, ao presidente. Manda-se para lá um papel a pedir um apoio, não sabemos para quem, para um e-mail anónimo, para um caixa de correio electrónica *geral@cm*, *apoios@cm*, depois vem uma resposta com uma assinatura que nós não sabemos a quem pertence, quer dizer deixou de haver essa proximidade e portanto as coisas complicaram-se, por outro lado há menos apoio à cultura, me parece, pelo menos da parte da Câmara, em Lisboa; fora de Lisboa não sinto tanto isso, aliás, as Câmaras fazem até pelas estruturas mais pequenas, fazem questão de apoiar as associações mais pequeninas.

12. Quais são as maiores dificuldades com que se deparam no trabalho de criação e programação?

As dificuldades financeiras é uma delas. Em termos de circulação, eu gostava de fazer mais digressões, sair mais do espaço e circular, porque isso também era uma tradição do Teatro de Carnide. Também é difícil, porque não raras vezes vamos à bilheteira e é um pouco inesperado. Isto é, ou vamos com a garantia de que não vamos perder dinheiro, temos de pagar as viagens, os actores, refeições, etc., é difícil ter essa garantia. E isso é pena, porque isso trava-nos um pouco a circulação.

13. Quem são os públicos que assistem aos vossos espectáculos? É possível quantificar e encontrar denominadores comuns, nomeadamente, públicos de outras freguesias, cidades, estrangeiros?

É muito difícil de dizer, porque nós não fizemos esse trabalho de quantificar. O local sim, nós sabemos que vêm, mas não é a maioria. Eu acho que isso depende muito dos elencos, dos encenadores, da equipa que se cria e das sinergias à volta dessas pessoas e daquele grupo específico. Nós temos um público relativamente assíduo, uma percentagem é de Carnide, outra não, que está ligada à nossa estrutura, não sei muito bem porquê, que se foi ligando e ainda bem. Depois a nossa formação acaba por nos trazer também as famílias, acabam sempre por vir ver os nossos espectáculos e muitas não são daqui. Mas na verdade terá a ver com a equipa que se cria para cada espectáculo, porque essa percentagem fixa que ainda nós temos não perfaz o nosso público todo. Depois, também, tem a ver com a falha de comunicação, com os textos, por exemplo, quando faço Shakespeare, eu sei que tenho muito mais gente, curiosamente. Quando faço Stringberg tenho aqui pessoas particulares que gostam de ver os textos desse autor. Varia muito de projecto para projecto.

14. Trabalham para algum tipo de público específico? Faz parte do processo do vosso trabalho verificar as aspirações da população envolvente?

Não, não trabalhamos para nenhum público-alvo específico. O único ponto comum, terá, quase sempre, a ver com a faixa etária. Nós trabalhamos muito pouco para uma faixa etária infantil, trabalhamos sobretudo para maiores de 12 (quando falamos em maiores de 12 é um espectáculo para adultos), com 13, 14 anos já vêm o espectáculo bem. Em relação às expectativas locais também acho que não. Agora, a Junta tem o CCC que faz um pouco esse trabalho. Já foi o trabalho do Teatro de Carnide, já foi muito isso, mas neste momento não nos parece ser esse o nosso lugar na freguesia, dizendo assim.

15. Considera que as acções do TC, nomeadamente aquelas que estão integradas em grandes eventos como a Feira de Expressões Artísticas de Carnide, Feira da Luz, Festival Aplauso, etc., têm sido uma forma eficaz de formar novos públicos?

Não, sinceramente, acho que não. Ou seja, não sinto que venha aqui alguém assistir porque viu na Feira da Luz uma animação, gostou muito, não, não sinto. Que nos traz mais visibilidade sim, porque são eventos que nos trazem pessoas de fora e pessoas que não vêm ao teatro mas sim à Feira da Luz. São milhares de pessoas que de repente

vêm uma t-shirt, um cartaz a dizer Teatro de Carnide e dizem: ai que engraçado há um teatro em Carnide. Dá-nos visibilidade, mas se as pessoas vêm ao teatro, não. Eu penso que são públicos totalmente diferentes, ou seja, os públicos que vêm à Feira da Luz não são aqueles que depois procuram o teatro. Por exemplo, a Feira de Expressões é muito vocacionada para as crianças das escolas e muitas delas já nos conhecem, e é uma vertente mais prática do *workshop* e não propriamente de espectáculo.

16. Quais as vantagens de criar projectos que pressupõem um grande envolvimento da comunidade?

As vantagens são propriamente isso, o envolvimento da comunidade, para nós, é muito importante. Não podemos estar aqui como extraterrestres, nós não estamos em Carnide por acaso, ou se calhar estamos por acaso, mas a partir do momento em que estamos, estamos em Carnide não estamos noutro contexto. Portanto, eles são de facto importantes, para que a comunidade nos reconheça. Porque esse é o ponto de partida, nós não queremos ser uma estrutura que está ali inacessível. Aquela crítica que eu estava a fazer em relação à Câmara, eu não posso e nem quero assumir essa postura. Portanto, eu gosto das relações de proximidade. Mesmo que as pessoas não venham ao Teatro de Carnide, eu gosto que elas saibam que estamos aqui, que temos actividades para crianças e que temos espectáculos. Isto, de facto, é importante porque se nós não estivermos integrados começamos mal. Se nós a nível local não conseguirmos ter impacto, como poderemos depois ter de uma forma mais abrangente? Quando nós fazemos - o projecto mais comunitário que temos é a marcha popular- é muito difícil, também porque são muitas pessoas, muitas delas que no bairro não se dão ou que as famílias dão-se mal e de repente unem-se para um projecto comum. E, eu, gosto de acreditar que isso também se reflecte depois no bairro, ou seja, que eles entram ali meio virados porque está aquele, seja o A, B ou C, e que saem e comemoram todos juntos, mesmo que o resto do ano não se falem outra vez. Eu acredito que possa ser assim e, se não fosse um projecto tão fechado no tempo, que durasse o ano inteiro, poderia mesmo contrariar esses constrangimentos sociais que às vezes existem em determinados bairros e determinados contextos.

17. Há uma preocupação de nacionalização ou internacionalização do vosso trabalho?

Sim. Acho que como já falámos tenho de facto a ambição de convidar encenadores estrangeiros para virem trabalhar connosco, não só nacionais. E tenho também a ambição de circularmos mais, criarmos condições para haver a digressão dos projectos que são apresentados aqui, sim. Como é que isto tudo se operacionaliza? Pois, ainda não sei muito bem! Temos concorrido a festivais e não temos sido seleccionados. Ou então são estes eventos que não suportam os custos de deslocação e estadia, por exemplo. Voltamos sempre ao orçamento, basicamente.

18. Apercebi-me através dos Relatórios de Actividades do TC [fornecidos por vós], que a companhia defende uma política de acolhimento. Pode falar-me um pouco disso?

Tem a ver essencialmente com criadores emergentes, jovens, projectos de alguma forma inovadores, ou pelo menos que tentam sê-lo, com qualidade claro. Tentamos que sejam projectos com algumas referências para nós, nem que seja o exercício final dos alunos da Escola Superior de Teatro de Cinema. Tudo bem, é assumido como um exercício, e eles gostavam de representar noutro espaço, tudo bem. Para além dessa questão dos criadores emergentes, que nós procuramos dar sempre prioridade, por exemplo, íamos agora receber em Setembro uma companhia do Brasil, seria uma forma (também) de lançar essa questão da internacionalização. Eles viriam cá agora e a ideia seria nós depois tentarmos ir lá. Só que eles acabaram por não ter financiamento e portanto não conseguiram vir. Nós vamos agora acolher uma companhia do Brasil, já há dois anos que estamos em conversações com esta companhia, para arranjarmos forma de nós irmos lá ou eles virem cá. Portanto o acolhimento seria uma via para a internacionalização. Recebemos aqui já, em Julho, uma companhia de dança de São Paulo, eles estiveram no Porto e depois vieram aqui. Também mantemos esse contacto. Tornou-se claro para nós que começarmos a receber estas companhias, principalmente do Brasil, que por algum motivo (que eu desconheço) têm procurado muitos contactos em Portugal, não sei se eles têm um apoio específico para virem a Portugal, vêm também pela língua obviamente, para eles será mais fácil virem à Europa e especificamente a Portugal. E esta companhia de dança contemporânea que nós recebemos aqui, era muito jovem também, eles já vinham ao Porto e queriam vir também a Lisboa fazer um espectáculo. Acabámos por

apanhar aqui uma situação que se gerou, que nós estávamos disponíveis e eles queriam vir. A questão do acolhimento, neste caso, de companhias que não são portuguesas pode ser importante para darmos esse salto para a internacionalização, obviamente está tudo ligado, tudo isto é uma rede e toda a actividade se influencia entre si.

19. Também através dessa mesma documentação fiz um levantamento exaustivo do número de sessões que foram produzidas ou co-produzidas, ou que foram simplesmente acolhimentos localizados no TC. 2014 foi um ano muito forte (só em 2014 realizaram-se 25% do valor total de sessões neste espaço temporal – em específico 110 sessões), já em 2016 e 2017, denota-se uma regressão acentuada na programação da vossa companhia. Porquê? (39 sessões em 2016; 42 sessões em 2017)

Bom...2014 é muito simples, porque em 2013 o teatro fez 100 anos. E portanto, houve uma série de iniciativas até ao nível da freguesia, foi um ano de festa para toda a comunidade, digamos assim. Todas as associações juntaram-se a nós, ou para fazer espectáculos, ou para fazer animações, ou para fazer lançamento editorial, enfim, toda a temática de 2014 dentro daquilo que a Junta promove em rede de cultura, foi ligado aos 100 anos do Teatro de Carnide. Portanto 2013 levou assim um grande *input* e recebemos inclusive um apoio financeiro da Câmara, maior (do que de vez em quando recebemos). E isso claro arrastou-se para 2014, com toda essa mobilização que já vinha de 2013, teve repercussão no ano seguinte, sendo que o grande espectáculo foi *Macbeth*. Fomos também ganhar o primeiro prémio do concurso nacional de teatro, em 2014, portanto, tudo isso se reflectiu, eu penso que tem a ver com isso. Apesar do espectáculo ter sido estreado em 2013, o prémio foi recebido em 2014, na verdade era um Shakespeare, lá está, foi a melhor bilheteira que tivemos nesse período de tempo sem dúvida alguma, foi esse espectáculo. E hoje já se sabe como é – sinergias – o grupo começa a movimentar-se e vai por aí fora. Portanto, eu acredito que 2014 tenha sido o reflexo de tudo o que se fez em 2013. Só, que lá está, voltamos a sair da estrutura pequena, que somos, e as sinergias vão passando de umas coisas para as outras. É natural que isso tenha acontecido.

E porquê essa regressão em 2016 e 2017?

Em 2016 e 2017 foram anos um bocadinho complicados em termos de apoios. Enquanto nos anos anteriores tivemos projectos que se financiavam por si só, como o *Coração de Pedra*, que foi um projecto no Castelo de S. Jorge que teve o seu próprio orçamento. Houve imensos projectos que tiveram esse financiamento próprio, o que nos dava uma lufada de ar fresco e um alívio em termos financeiros. Em 2016 e 2017, nós de facto não recebemos nenhum apoio! Nos últimos anos então, em 2017 e 2018, foram mesmo muito pobres em termos de apoios e, portanto, tem a ver com isso.

20. A nível de apoios de poder local, era mais palpável entre 2011 e 2014?

Não, é igual! Mantém-se igual, só que de facto é uma percentagem pequena, neste momento, no nosso orçamento. Portanto, mantém-se e permite-nos ter, e apesar dessa quebra há uma regularidade em termos, por exemplo, de duas produções que fazemos anualmente, pelo menos. E depois em 2014 fizemos obras no espaço que também nos levou alguns recursos financeiros, gastámos aqui muito dinheiro e, no ano a seguir, a partir de 2014 houve, de facto, uma baixa em termos de investimento e programação, porque uma programação nossa sai-nos mais caro do que acolher projectos, por exemplo. Eu penso que tem a ver com isso.

21. Ao nível das vossas criações/produções entre 2011 e 2017, teve o maior número de sessões nos anos 2013 e 2014. E a partir daí 2015, 2016, 2017, os números caíram bastante, porquê?

Lá está, lá voltamos à sinergia de 2013 que se esticou para 2014, ainda com muito impacto em 2014.

22. Por outro lado, virando a atenção especificamente para o eixo Comunitário, tem números mais baixos em 2012 e 2013, e os números mais elevados em 2014 e 2015. Encontra razões?

Não faço ideia porque isso terá acontecido. Imagino que como em 2013, todas as associações culturais se movimentaram muito para este festejo, estamos a falar de associações profissionais ou grupos de teatro profissional, se calhar aí descurámos a parte do trabalho comunitário. Eu penso que esse número de sessões apresentadas é o nosso número regular, apesar de 2014 ter sido uma excepção à regra. Eu penso que todos os outros anos estão mais dentro daquilo que são a nossa realidade.

23. Quanto aos acolhimentos, teve o seu expoente máximo em 2012. Porquê?

Porque quando nós pegámos no Teatro de Carnide ele estava desaparecido do panorama e nós quisemos trazer aqui todas as companhias e todos os projectos que nos foram apresentados. Os quais nós aceitámos porque sabíamos que essas pessoas iam trazer outras pessoas. Portanto, foi uma opção estratégica para voltar a trazer pessoas ao Teatro de Carnide. E temos aqui uma sala, «venham cá, venham conhecer» e mesmo que essas pessoas não tenham voltado (não sei se voltaram ou não), elas ficaram a saber que existíamos e que temos programação. Esse ano foi uma opção estratégica de tentar recolocar o Teatro de Carnide dentro dos percursos culturais e de o colocar na cabeça das pessoas.

24. Também, relativamente aos acolhimentos, podemos constatar que em 2012 e 2013, há uma certa regularidade entre um número de sessões, um número sempre superior a 20 sessões. Já em 2011 e 2014, o número de sessões foi sempre inferior a 10 sessões. E em 2016 e 2017 deixam de existir. Porquê?

Eles não deixam de existir. Há um factor importante: porque contratámos a Sofia Ângelo para directora artística e portanto, a nossa aposta passou a ser mais virada para a nossa programação. E também a falta de recursos, porque neste momento ter um acolhimento implica ter um técnico a acompanhar, nós não temos um técnico residente (já tivemos, mas deixámos de ter), implica ter pessoas a fazer bilheteira, ou seja, a nossa equipa fixa são 3 ou 4 pessoas.

Quem são?

Sou eu, o Pedro, a Sofia Ângelo [que esteve sempre nesse período], e depois alguém que vai sempre variando. Um técnico, que neste momento não é residente, mas durante alguns anos até foi. Esteve connosco a tempo inteiro durante alguns anos. Portanto, esta era a equipa. Depois vamos tendo pessoas que ajudam na produção em termos de assistência de produção, mas os fixos são estes. Eu com a direcção de produção, a Sofia com a direcção artística, o Pedro com a gestão do espaço e coordenação das actividades nas escolas e um técnico. Portanto, cada vez que nós temos de fazer, aqui, uma actividade, nós não temos sempre o espaço aberto, não temos uma segurança que abre a porta, como muitos espaços têm. Se vamos à Comuna

fazer um espectáculo, como até já fomos, eles dão-nos a chave. Mas nós não podemos fazer isso. Nós precisamos sempre de alguém para acompanhar os acolhimentos e é difícil, ou seja, aqui tem a ver com os recursos humanos e com o facto de não termos um técnico que possa estar a acompanhar. Porque depois os grupos chegam, mexem e eu não percebo nada do assunto para saber se eles estão a fazer bem ou mal e por aí fora. Eu acho que tem de a ver com isso. De facto, a Sofia como directora artística, a nossa prioridade passou a ser a nossa programação. A formação também é uma área que para nós é muito importante por questões financeiras. De alguma forma é uma percentagem grande do nosso orçamento. A Sofia também fazia essa parte. E acabávamos de não ter disponibilidade de recursos humanos para acolher projectos, porque senão eles não tinham uma folga durante uma ou duas semanas, e isso é impensável. Ou se estavam de manhã a dar formação, à tarde em ensaios para o espectáculo, não podiam depois vir à noite fazer um acolhimento. Isto é mesmo impensável, porque são sempre as mesmas pessoas. Portanto, começámos a ter esse travão.

25. Ao nível das tipologias, fiz uma recolha do tipo de acções teatrais que acontecia na freguesia e temos: as revistas, os espectáculos de rua, musicais, teatro de marionetas, formações, teatro infantil e leituras. No TC, a produção de espectáculos está mais centrada no Teatro para adultos, em alguma produção de teatro infantil (23%) e na componente formativa [5% - este número não é muito elevado, pelo motivo de que cada formação conta como uma sessão]. Porquê estas escolhas?

A formação é óbvia. Pela formação de público e confluência de pessoas aqui, que às vezes não são público de teatro, o que é engraçado. A opção tem a ver muito comigo e com a Sofia Ângelo. De facto, nós não temos, nem eu nem ela esse gosto pelo teatro infantil, por exemplo. O teatro de marionetas já existia na Lua Cheia, quando nós pegámos no Teatro de Carnide, já elas estavam a trabalhar na freguesia, embora no Bairro Padre Cruz. E também não era uma coisa que nós dominássemos. A revista tem estado muito associada aos grupos amadores que existem no Bairro Padre Cruz. As leituras, para nós, não estão fora de questão. Eventualmente, pode acontecer pontualmente por nos pedirem, claro, já participámos em leituras encenadas em várias circunstâncias. Mas, nós promovermos não! De facto, tradicionalmente, o Teatro de

Carnide é um teatro de grandes textos e de grandes espectáculos. Independentemente do teor ser a comédia ou não, sempre foi essa a cara do Teatro de Carnide. De grandes espectáculos, de grandes figurinos e de grandes cenários como se usavam na altura. E esse era o deslumbramento de como num palco pequeno destes se faziam coisas assim. Eu lembro-me de um espectáculo que entravam duas motas dentro do palco e cruzavam-se. E, eu, hoje olho para o palco e penso: como aquilo se fez? Eu era miúda. De facto, essa era a cara do Teatro de Carnide e nós herdámos essa visão e também nos identificamos mais com ela na verdade.

26. Considera que se verifica um aumento quantitativo e qualitativo do consumo e das práticas culturais na freguesia de Carnide?

No geral, eu acho que sim! Com tantos grupos e tantas associações a juntarem-se aqui, quero acreditar que sim.

27. Considera que a Cultura tem vindo a desenvolver um papel central para o poder local?

Eu acho que sim. E acho que tem sido uma bandeira da freguesia. É esta centralização de associações culturais na freguesia de Carnide que não existem em mais nenhuma freguesia em Lisboa. Toda a gente fica muito espantada com o número de associações culturais que existem aqui. E até, o número de espaços, se pensarmos que temos o Teatro Armando Cortez, o Teatro de Carnide, a Casa do Coreto, o Centro Cultural dos Franciscanos, o Teatro da Luz, e estou só a falar do centro histórico. E uma pessoa fica pensar: Porque é que está centralizado aqui isto tudo? E como é que isto tudo veio aqui parar? A Junta de Freguesia teve um papel importante, também pelo lado político, que se prende muito à cultura, ao desenvolvimento e ligação com a comunidade. Eu creio que para eles também é importante.

28. E projectos como o BIP ZIP ou o Pulsar, em que medida foram importantes?

O Bip-Zip era da Câmara. O Pulsar foi uma versão mais pequena criada pela Junta. Foram muito importantes. Nós temos, por exemplo, a Botique da Cultura que conseguiu ter o espaço que tem, a Incubadora das Artes. Penso que a livraria solidária também está ligada ao Bip-Zip. A nós directamente não. Nunca ganhámos nenhum Bip-Zip, fomos parceiros, mas não fomos promotores. Mas, ao nível da freguesia eu

penso que tem tido um impacto bastante positivo. No Pulsar, nós entramos sempre! O Pulsar é uma coisa mais localizada. Tem o dia do vizinho em que este ano, por exemplo, chamamo-lo *cozinhar histórias* e aí há distinção. Nós só trabalhamos no centro histórico, mas também acontece no Bº Horta Nova e no Bº Padre Cruz, cada associação trabalha onde está sediada. No centro histórico, fazemos várias iniciativas que tem a ver com a comunidade. Por exemplo, no *cozinhar histórias*, fomos buscar cozinheiras aos restaurantes, uma já reformada outra que ainda está activa e pusemo-las a cozinhar na rua, no Largo do Coreto, enquanto havia uma contadora de histórias a contar histórias sobre cozinha, contos tradicionais ligados a esta tradição, que antes havia muito mais ligados à cozinha, à preparação que movimentava quase a família. Com uma animação também feita por nós, havia um palhaço que desmanchava aquilo tudo. É uma coisa muito mais ligada ao nosso centro histórico, aqui no nosso caso. E vamos para a rua e tentamos levar os vizinhos. Fazemos o jantar comunitário, tentamos que os vizinhos participem e levem qualquer coisa. Por exemplo, se o Sr. Manuel é fantástico a fazer moelas, lá conseguimos o Sr. Manuel a levar, ou se toca acordeão vai tocar acordeão. É uma coisa mais de pessoas! Não é uma coisa que requer muitos recursos financeiros e é uma coisa que permite movimentar as pessoas, que estão aqui à nossa volta e estão envelhecidas e muito solitárias, muitas delas, raramente saem de casa, e então, é essa tentativa que eles saiam, que eles venham até ao Largo do Coreto, que levem qualquer coisa para participar ou não, só estando presentes. Aqui sim, são só pessoas de Carnide. Ou seja, eu sei que as pessoas que se sentaram a ver as cozinheiras, a ouvir as histórias, sentadas no Largo do Coreto, são pessoas que moram aqui, no centro histórico.

E para as pessoas acaba por ser um evento gratuito?

Sim, totalmente gratuito, com muito voluntariado à mistura. Lá houve um ou outro restaurante que ofereceu um tabuleiro de comida. Um outro que levou a cozinheira e todos os ingredientes para fazer o comer e os tachos. É um projecto muito de pessoas. Não tem nada a ver com recursos financeiros, no fundo, é mostrar estas pessoas e juntá-las, sobretudo aqui, que é uma população com uma faixa etária já muito avançada. No Horta Nova já é uma população muito jovem e com muitas associações ligadas à juventude. Aqui, particularmente, no centro histórico, é essencial estas

peessoas perceberem que nós sabemos que elas estão cá, que não vimos para aqui feitos extraterrestres, sabemos que eles estão, valorizamos a sua participação e sabemos que eles têm muito para nos dar. É mesmo ir à essência da comunidade.

29. Encontra alguma lacuna na oferta artística de Carnide?

Não, até acho que é demais e até se sobrepõem nalgumas questões.

Mesmo em relação à dança?

Mas há, no espasus 3G eles têm hip hop. O Teatro Armando Cortez, a Casa do Artista têm ballet, hip hop e zumba. Agora, até existe uma escola de dança, que descobri há pouco tempo, na Azinhaga. Em termos de espectáculos de dança, sim existe lacuna. Mas a dança precisa de espaços muito específicos, sobretudo a contemporânea, sem falar da clássica...mas sim lá está uma das coisas que eu gostaria de passarmos a acolher, quando tivermos um novo espaço são espectáculos de dança, assim à sério.

30. A JFC funciona para os vários grupos locais como coordenadora da chamada Rede Cultural de Carnide. Sob algum meio são discutidos diferentes papéis de actuação pensando à luz da escala local?

Não, pelo menos na rede da cultura. Mas está em fase de reestruturação, ou seja, até a própria Junta tem noção que a rede da cultura não está a funcionar como seria desejável. Acabamos por nos juntarmos e articularmo-nos nestas actividades promovidas pela Junta como o Pulsar ou a Feira de Expressões ou o Dia Mundial do Teatro. Mas de resto, acabamos por estar fechados cada um na sua bolha. Portanto, acho que ainda não há esse espaço... mas também ainda estamos à procura.

31. Considera a visão da JFC pertinente?

Sim, considero. Acho que eles próprios ainda estão à procura de uma forma de mobilizar, de rentabilizar ou articular no fundo estas associações todas. E se a Junta não existisse, ainda estaríamos mais fechados, cada um no seu casulo, nem sequer sabíamos da existência de algumas associações que foram nascendo.

32. Quais são os vossos objectivos a curto, médio e longo prazo?

A curto é continuar a garantir a regularidade daquilo que já nos caracteriza, formação e pelo menos duas produções anuais. A médio, gostaria de aumentar os recursos

humanos. E a longo prazo, vale que em 2 ou 4 anos, para mim já é o longo, ter o novo edifício e ganhar outra dimensão dentro da cidade de Lisboa.

33. Considera que é possível para a JFC constituir uma comunidade?

Eu penso que eles têm alguma dificuldade porque são bairros muito diferentes. Temos o centro histórico, com as características específicas com restaurantes e centenas e centenas de pessoas que vêm de fora para comer e vão-se embora. Quando as próprias pessoas do centro histórico não vão a esses restaurantes. É raríssimo! Depois, têm a Quinta da Luz que é um bairro de pessoas de todo o lado que caem ali como caíam em outro bairro de Lisboa. Muitos jovens, muitas crianças, muitos casais jovens. Depois, temos gente de classe média alta, digamos, até dentro da Quinta da Luz, há (até) um nível social bastante alto. E aqui, no centro histórico também já há alguns condomínios escondidos nestas vivendinhas, já é preciso financeiramente serem famílias com algum poder económico alto, mas que não se misturam. Depois têm a Horta Nova e o Padre Cruz, que eram bairros sociais na sua essência e que hoje em dia, felizmente já se fez muito trabalho, apesar de não deixarem de ser bairros complicados e de uma classe muito mais baixa, em termos sociais, com trabalhos com remunerações baixas. Aliás, o Bairro Padre Cruz passou a ter a maior comunidade cigana da Península Ibérica. Depois tiveram de separá-los, porque as famílias não se davam. Portanto, eu acredito que é difícil haver essa comunidade. Porque, por exemplo, eu moro na Quinta da Luz e eu não sinto que as pessoas se sintam carnidenses, porque não são, são de todo o lado e não conhecemos os vizinhos. Aqui, no centro histórico, sim. Eles conhecem-se, são pessoas mais velhas, eles estão aqui há muito tempo. No Bairro Padre Cruz muitos foram realojados ali, vêm não se sabe de onde. A Horta Nova, ainda assim, é a que mantém mais identidade, mas as pessoas não se sentem propriamente carnidenses. Eles são da Horta Nova, eles espalham por aí *graffitis* nos postes: HN, é a Horta Nova. Portanto, a Junta tem um trabalho muito difícil nessa questão. Por esta heterogeneidade que há dentro do mesmo bairro, que é enorme e tem esta dificuldade grande e esta particularidade. Portanto, não sei se eles conseguiram esse sentimento de carnidenses, de comunidade. E depois, temos estas associações novas que também não são de Carnide. É pessoal novo que encontrou

aqui condições para sediar as suas associações, mas que também não são de cá. Isto tudo, tem vantagens e desvantagens.

Anexo 10. Questionário a Gonçalo Ferreira (Coordenador da área cultural da JFC) - respondido por correio electrónico a 18 de Outubro de 2017.

1. A Junta de Freguesia de Carnide apoia a Associação *Armazem Aér[i]o* em recursos humanos e logísticos. O mesmo se passa para a *Companhia da Esquina*, a *Contra Palco Produções*, *Estórias de se tirar o Chapéu*, e a *Lua Cheia -Teatro para Todos*? Ou existem apoios de outra ordem?

Praticamente são todas as Associações com sede em Carnide que a Junta de Freguesia apoia em termos logísticos (divulgação das atividades nos nossos meios de promoção, empréstimo de carrinha, cedência de espaços para ensaios ou espetáculos (por exemplo, o Centro Cultural de Carnide), etc.). Depois existem protocolos com algumas dessas associações: Teatro de Carnide, Lua Cheia, Teatro do Silêncio, Umbigo, Contrapalco, Tenda Produções, Boutique da Cultura. No caso do Teatro de Carnide, é um protocolo de anos (mais ou menos 40), tendo em conta que é a estrutura cultural (em termos de Teatro) mais antiga da freguesia. Todas as outras, o protocolo é através de cedência de espaço físico (uma sala de produção e/ou de espetáculos) em troca de algum trabalho em prol da comunidade.

2. Relativamente ao TIL e à Yellow Star Company, a JFC ajuda na programação? De que forma?

Não. A Junta não ajuda na programação de nenhum grupo ou instituição. Cada uma é uma estrutura autónoma. A não ser que exista co-produção (o que acontece muito pontualmente). No caso do TIL e da Yellow Star Company, até à data apenas as apoiamos como descrevi em cima: divulgação das suas atividades e algum apoio logístico.

3. E finalmente, referente ao Grupo de Teatro de Carnide, a JFC apoia a produção? É portanto a sua principal financiadora e é quem dirige toda a produção executiva e convida equipas criativas? Dado que o Teatro de Carnide tem mais de 100 anos, existe documentação sobre os públicos e as actividades que têm sido desenvolvidas durante todo esse tempo?

A Junta de Freguesia não faz a produção do Teatro de Carnide. Nunca fez. Existiram alguns trabalhos onde existiu co-produção entre o Teatro e a Junta, mas isto foi pontual. A documentação do historial do grupo terá de ser visto com eles. O que temos, é o livro que te ofereci.

Eu comecei o teatro em Carnide, onde estive quase 15 anos. Poderei dar-te alguma informação, mas a parte mais recente, é-me quase totalmente desconhecida.

Anexo 11. Cartografia dos Equipamentos para a realização e formação teatrais

Proponho uma breve história dos espaços com relevância no campo da programação teatral na freguesia de Carnide.

O Teatro Armando Cortez

O teatro situa-se na Estrada da Pontinha, nº7, é gerido pela Apoarte – Casa do Artista, tratando-se de uma associação de apoio aos artistas que juridicamente é uma Instituição de Solidariedade Social (IPSS), abrangida pela Lei do Mecenato. Iniciou a sua actividade em 1999, e tem por missão acolher artistas da terceira idade que se encontram em final de carreira.

O teatro tem dois grupos residentes: a Yellow Star Company, uma empresa com espectáculos dirigidos ao público adulto, maioritariamente *baixas comédias*, e o TIL com espectáculos para o público infantil, em grande parte adaptações de textos clássicos.⁵¹

Teatro da Luz – Teatro D. Luiz Filipe

O teatro situa-se no Largo da Luz, número 2, é propriedade do Colégio Militar, encontra-se sob a gestão da companhia e academia Armazém Aér[i]o desde 2011, a qual convidou mais duas associações para programarem neste equipamento cultural: a Tradballs e a Companhia da Esquina. Entre uma programação centrada no novo circo, têm desenvolvido formações em acrobacias aéreas, hip hop, música jazz, teatro para crianças e adultos.

Casa do Coreto

⁵¹ No âmbito deste trabalho não se considerou pertinente aprofundar as práticas teatrais da Yellow Star Company, e em reunião com Maria João Viera do TIL, foi possível perceber que por motivos financeiros, a direcção considera que apesar de reconhecerem um bom trabalho da autarquia local, não lhes resta tempo para integrarem a Rede de Cultura de Carnide. Mantém ligação à JFC, para divulgação das suas produções, mas o seu trabalho não se limita aos públicos da freguesia. A companhia não beneficia apoio da DGArtes (desde 2009) e tem mantido actividade com os lucros da bilheteira. Apesar de todas as dificuldades, a companhia oferece bilhetes para as escolas da freguesia, para assistirem aos ensaios-gerais e participam em eventos promovidos pela autarquia local de forma muito escassa e pontual, nomeadamente, na Feira da Luz.

A Casa do Coreto situa-se na Rua Neves Costa, número 42, Trata-se de uma antiga serralharia que se encontrava inutilizada e sob proposta da Junta de Freguesia, em 2010, é concedida à associação Lua Cheia - Teatro para todos, para sediar-se no espaço e desenvolver uma programação a participação de diversos parceiros locais.

Efectivamente, essa programação só começa a acontecer (com regularidade a partir de 2015). Este equipamento reúne grande parte do teatro de marionetas que acontece na freguesia, por razões óbvias, mas também acolhe grupos nacionais e internacionais, formações e outras iniciativas de âmbito comunitário, como é exemplo o *Teatro & Comunidade*.⁵²

Lavadouro Público

Este espaço situa-se na Estrada da Correia, número 3. Desde 2011, a convite da JFC, o espaço é dinamizado pelo Teatro do Silêncio, para as suas actividades de ensaios e espectáculos, estando o seu escritório sediado no edifício da própria Junta.

O Teatro do Silêncio é uma associação cultural que surgiu em 2004, que recebe apoio continuado da administração central, DGArtes, paralelamente tem como principal parceiro local a JFC.⁵³ A sua primeira criação teatral foi apresentada no Espaço Bento Martins. Fazem espectáculos sobretudo para maiores de 16 anos e têm feito parte do projecto Pulsar. Têm vindo a realizar visitas ao Lavadouro para crianças, com o projecto «À Descoberta de Carnide» e «caminhadas artísticas».

Espaço Bento Martins

Este espaço situa-se no Largo das Pimenteiras, número 6, integra o edifício sede da JFC. Trata-se de uma antiga cavalaria, foi também uma escola primária, mas a determinada altura foi requalificado assegurando uma programação ao nível das artes plásticas. A partir de 2011 com a criação da BC, transformou-se num lugar com uma programação mais diversificada, dando lugar a outro tipo de eventos, como são exemplo as leituras encenadas.⁵⁴

⁵² Fonte: Entrevista a Maria João Trindade/ programação teatral reflectida nos boletins informativos.

⁵³ Ver em pormenor as notas biográficas de Maria Gil. (Anexo 8, 133)

⁵⁴ Para maior detalhe ler a entrevista a João Borges de Oliveira. (Anexo 9.2, 160)

Biblioteca Natália Correia Carnide

Este é um equipamento cultural situado na Rua Prof. Pais da Silva, número 28, trata-se de uma antiga biblioteca municipal, mas actualmente está sob gestão da JFC. Tem como missão a difusão da literacia, através da promoção do livro e da leitura. A programação é sobretudo direccionada para o público infantil: encontros com escritores, contadores de histórias, leituras encenadas e formações - todas as acções gratuitas.

Este tipo de equipamento acaba também por ter funções formativas no que concerne à utilização de computadores, navegação da internet, sendo o trabalho dos seus funcionários muito pessoal e personalizado.

Espaço Lua Cheia/ Espaço Estórias do Chapéu

Este espaço situa-se na Rua de Barcelona, número 128, c/v – Bairro Padre Cruz. Em 2009, a associação Lua Cheia assina um protocolo de cooperação com a JFC, igualmente prescrevendo a utilização deste espaço. Anos mais tarde esta associação paulatinamente vai transferindo o seu trabalho para a Casa do Coreto e, por sua vez, o espaço começa a ser dinamizado pela associação Estórias de se tirar o chapéu (desde 2011 até à actualidade).